



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Faculdade de Direito

Gabriela Silva de Oliveira Paula

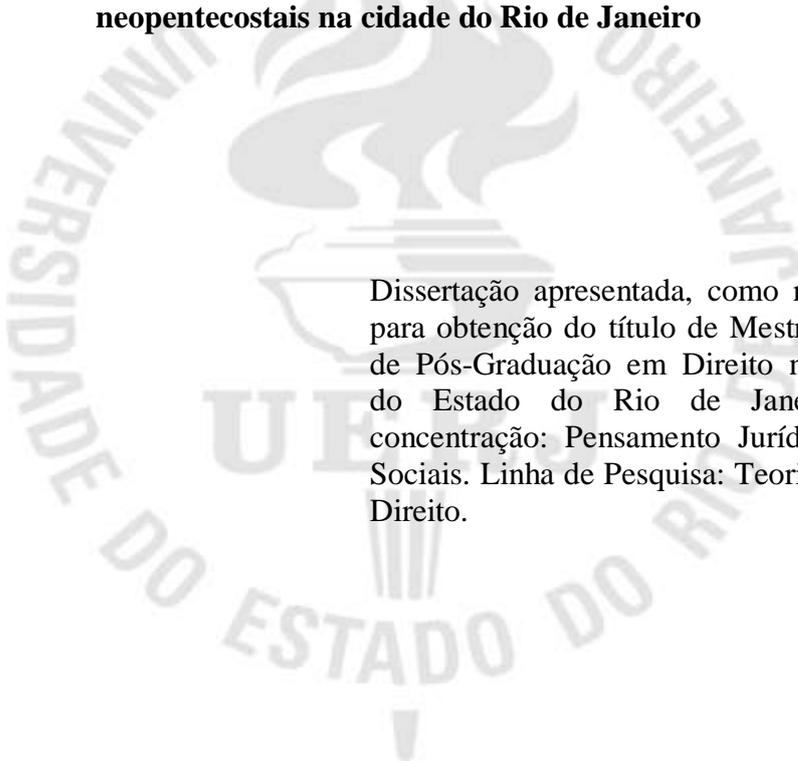
**Religião, política e favela: influências sociopolíticas de igrejas evangélicas
pentecostais e neopentecostais na cidade do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2022

Gabriela Silva de Oliveira Paula

Religião, política e favela: influências sociopolíticas de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na cidade do Rio de Janeiro



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pensamento Jurídico e Relações Sociais. Linha de Pesquisa: Teoria e Filosofia do Direito.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/C

P324

Paula, Gabriela Silva de Oliveira.

Religião, política e favela: influências sociopolíticas de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na cidade do Rio de Janeiro / Gabriela Silva de Oliveira Paula. - 2022.
106 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo.
Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Direito.

1.Favelas - Teses. 2.Religião – Teses. 3.Política – Teses. I.Falbo, Ricardo Nery. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Direito. III. Título.

CDU 37.014.5:2(815.3)

Bibliotecária: Marcela Rodrigues de Souza CRB7/5906

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabriela Silva de Oliveira Paula

Religião, política e favela: influências sociopolíticas de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na cidade do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pensamento Jurídico e Relações Sociais. Linha de Pesquisa: Teoria e Filosofia do Direito.

Aprovada em 26 de maio de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo (Orientador)

Faculdade de Direito – UERJ

Prof. Alexandre Mendes

Faculdade de Direito - UERJ

Profa. Caroline Rocha dos Santos.

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

*“Tudo vale a pena
quando a alma não é pequena”
Fernando Pessoa*

Eu posso até falhar, o que eu não
posso é deixar de tentar com o melhor
de mim.

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil caminhar até aqui, fora os trilhos onde eu sempre soube andar. Mas precisei tentar, e mesmo na insegurança desses caminhos novos, encontrei amparo.

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter sido meu esteio em absolutamente todos os momentos, e, sobretudo, por ter me ensinado a sonhar e acreditar nas minhas potencialidades.

Agradeço à minha família por ter me fornecido todo o apoio de que necessitei para chegar até aqui, e ir além, apesar de qualquer barreira material.

Agradeço, em especial, ao meu pai, por ser meu real exemplo de vida e de fé, e à minha mãe, que compreendeu todas as minhas ausências e não desistiu de cuidar de mim como pôde.

Agradeço ao meu irmão, Gabriel, e à minha cunhada, Stefany, pela paciência, apesar do meu humor pouco atraente nesses tempos.

Agradeço, também, à minha afilhada, Pietra, por seu enorme poder de alegrar meus dias com qualquer brincadeira despreziosa que ela obrigue toda família a participar.

Agradeço todos os meus primos e primas, tias e tios, por terem, mesmo inconscientemente, tornado minha trajetória acadêmica mais leve. Tenho o privilégio de dizer que boa parte dos meus parentes são meus amigos, e que tenho muito orgulho da minha origem. Eles nunca saberão o efeito que uma reunião familiar bem barulhenta e descontraída tem na mente de um estudante cansado.

Agradeço a todos os meus queridos amigos, os de perto e os de longe.

Tratando dos de longe, agradeço, em especial, à Fernanda Botelho, na companhia de quem esse curso de pós-graduação se tornou imensamente mais prazeroso.

Tratando dos de perto, agradeço aos amigos do Batan, que mesmo sem entender muito bem as solenidades jurídicas e acadêmicas pertinentes à esta formação, sempre estiveram na primeira fileira da minha torcida.

Agradeço também às minhas primas e/ou amigas, Thayná, Lariani, Camilla, Thamires, Jennifer, Bianca, Priscila e Jamyle, por terem me sequestrado da mim mesma, e me levado para espalhar em qualquer pracinha perto de casa, todas as vezes em que eu estive exausta de tudo.

Agradeço ao Aldo Levi que, na condição de meu maior entusiasta, acredita muito mais em mim do que eu mesma.

Agradeço à Bruna Elói, que, pela similaridade da história de vida, me incentivou quando eu estive prestes a desistir, e celebrou minhas conquistas como se fossem suas. O

sucesso será um lugar bem desinteressante se ela não estiver comigo. Sua vitória é a minha. Seus sonhos são os meus.

Agradeço à Dra. Adriana Cruz, pelas palavras incansáveis de incentivo e pelos preciosos conselhos de sempre.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Ricardo Nery Falbo, pela paciência e por seu olhar generoso, capaz de enxergar minhas habilidades mesmo quando minhas deficiências estiveram evidentes. Docentes como ele, sem dúvida, fazem da academia um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ pelo fomento à pesquisa prestado a mim durante o curso do mestrado, sem o qual o presente trabalho não seria possível.

Salmo 126

“Quando o SENHOR trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham.

Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cântico; então se dizia entre os gentios: Grandes coisas fez o Senhor a estes. Grandes coisas fez o Senhor por nós, pelas quais estamos alegres.

Traze-nos outra vez, ó Senhor, do cativeiro, como as correntes das águas no sul.

Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria.

Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.”

*“Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta*

*Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre*

*Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida”*

Milton Nascimento

RESUMO

PAULA, Gabriela Silva de Oliveira. *Religião, política e favela: influências sociopolíticas de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na cidade do Rio de Janeiro*. 2022. 106f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este estudo teve como objetivo analisar as múltiplas influências exercidas pelas igrejas evangélicas pentecostais no cenário sociopolítico brasileiro, a partir de seu estabelecimento nas favelas e nas áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro, locais nos quais se difundiram em número e em força. Partiu-se das relações sociais e peculiaridades periféricas que favoreceram o crescimento das pentecostais nestes espaços urbanos. Adiante, analisou-se como a adesão social massificada permitiu a expansão da influência das instituições religiosas para as esferas política e jurídica, já fora das circunscrições das periferias. Em um primeiro momento, tratou-se dos sentidos comuns estabelecidos entre os evangélicos pentecostais, a respeito de aspectos pertinentes à profissão de fé; depois passou-se à análise dos autores que se propuseram e se propõem a explicar as influências das igrejas pesquisadas; por último, foram particularizadas cada âmbito da influência destas igrejas: o social, o político e o jurídico. A metodologia será estritamente qualitativa para que seja possível compreender que o fenômeno pesquisado não decorre de fatores puramente numéricos/quantitativos. Utilizou-se a análise de entrevistas como ferramenta metodológica para a compreensão das concepções religiosas enraizadas na mentalidade dos fiéis e os motivos pelos quais levaram a adesão devocional a elas.

Palavras-chave: Favela. Religião. Política. Influências.

ABSTRACT

PAULA, Gabriela Silva de Oliveira. *Religion, politics and favela: sociopolitical influences of Pentecostal and Neo-Pentecostal evangelical churches in the city of Rio de Janeiro*. 2022. 106f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This study aimed to analyze the multiple influences exerted by Pentecostal evangelical churches in the Brazilian sociopolitical scenario, from their establishment in the favelas and peripheral areas of the city of Rio de Janeiro, places in which they spread in number and strength. It started from social relations and peripheral peculiarities that favored the growth of Pentecostals in these urban spaces. Further on, it was analyzed how the mass social adhesion allowed the expansion of the influence of religious institutions to the political and legal spheres, already outside the circumscriptions of the periphery. At first, it dealt with the common sense established among Pentecostal evangelicals, regarding aspects pertinent to the profession of faith; then the analysis of the authors that proposed and proposes to explain the influences of the researched churches was passed; finally, each sphere of influence of these churches was identified: social, political and legal. The methodology will be strictly qualitative so that it is possible to understand that the phenomenon researched does not result from purely numerical/quantitative factors. The analysis of interviews was used as a methodological tool to understand the religious conceptions rooted in the mentality of the faithful and the reasons why they led to devotional adherence to them.

Keywords: Favela. Religion. Politic. Influences.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCB	Congregação Cristã no Brasil
CESNT	Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra
CONAMAD	Convenção Nacional das Assembleias de Deus de Madureira
CGADB	Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil
ADVEC	Assembleia de Deus Vitória em Cristo
ADUD	Assembleia de Deus dos Últimos Dias
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
IPNV	Igreja Pentecostal de Nova Vida
IRC	Igreja Renascer em Cristo
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 INFLUÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS DAS IGREJAS PERIFÉRICAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SEGUNDO OS PENTECOSTAIS.....	18
1.1 Crescimento pentecostal e aspectos que singularizam as igrejas periféricas.....	18
1.2 A centralidade do testemunho enquanto instrumento de catarse dos fiéis.....	24
1.3 Culto pentecostal, participação religiosa ativa e sentimento de pertença.....	33
1.4 Acolhimento e julgamento: dubiedade no comportamento pentecostal.....	39
2 INFLUÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS SEGUNDO OS TEÓRICOS.....	47
2.1 Uma explicação para a força atrativa das igrejas pentecostais periféricas cariocas.....	49
2.2 Cultura pentecostal na favela e o recorte abasileirado de sua influência.....	57
3 A CONSOLIDAÇÃO MULTIFACETADA DA INFLUÊNCIA EVANGÉLICA PENTECOSTAL CARIOCA.....	65
3.1 Gênese.....	65
3.2 Influências de cunho social.....	68
3.3 Influências de cunho político.....	79
3.4 Influências de cunho jurídico.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	100

ANEXOS

Anexo 1 – Metodologia de pesquisa

Anexo 2 – Modelos de perguntas pré-ordenadas

Anexo 3 – Entrevistas

Anexo 4 – Panfletos de projetos sociais evangélicos

INTRODUÇÃO

Com a finalidade de fornecer parâmetros de compreensão ao leitor, esta introdução se destinará à apresentação histórica da dissertação, tendo como elementos: (i) o processo de pesquisa adotado; (ii) a relação do tema desenvolvido na monografia de graduação com o presente trabalho; (iii) a estrutura dos tópicos e; (iv) os objetivos e categorias adotados.

Quanto ao processo de pesquisa (*i*), a presente dissertação pode ser classificada como pesquisa participante, que é aquela na qual o investigador é integrante do campo investigado, não tendo nenhuma motivação imediata de transformação, apenas de conhecimento (GUSTIN; DIAS, 2006, p. 108).

No caso, a participação decorre do fato de que minha constituição enquanto sujeito foi e é imbricada ao ambiente social sobre o qual me debrucei, agora enfrentando-o e interpretando-o na condição de pesquisadora.

Nascida, criada, e residente até hoje na favela do Batan¹, assim como parte significativa da minha família consanguínea, recebi educação religiosa e integrei, desde a tenra idade, a igreja Assembleia de Deus de Realengo², filiada à Convenção de Madureira – CONAMD, um dos segmentos pentecostais mais tradicionais do Brasil³.

Deste modo, pude testemunhar de maneira ocular a influência que se quer demonstrar: a licença do domínio do tráfico para as incursões evangelísticas, conversões de integrantes das facções armadas, fomento a atos pontuais de intolerância religiosa, instauração de mecanismos eleitoreiros por altas lideranças das convenções, articulação do vocabulário religioso para a formação de currais eleitorais, dentre outras evidências.

Em convivência contínua com igrejas evangélicas pentecostais instituídas no Batan e em outras favelas, com seus fiéis, com suas lideranças eclesiais e pastores, comecei a aguçar meu olhar para influência destas igrejas no quadro sociopolítico das periferias a partir do momento em que, ingressando na graduação, me vi em contato com outros códigos culturais, ideológicos e comportamentais. Desde então, a condição de fiel, também partilhada pelos entrevistados cujos testemunhos serão tratados ao longo do trabalho, deixou de representar apenas uma qualidade derivada do meio para tornar-se preocupação intelectual.

¹ Realengo, Rio de Janeiro / Zona Oeste.

² Igreja situada no interior do Batan.

³ Vide MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014 (pág. 205).

Neste contexto, me chamou a atenção uma experiência específica, ocorrida nos idos de 2014, em que um candidato a deputado federal⁴, membro da CONAMAD, visitou a minha igreja, no Batan, em um culto público de domingo e, na ocasião, recebeu oportunidade para falar a respeito de sua campanha eleitoral. Embora o fato tivesse causado incômodo a grande parte da membresia, inclusive ao pastor da igreja, que cedeu a oportunidade de fala compelido por “pedido” do presidente da convenção, o evento se repetiu por algumas vezes, com outros candidatos (menos conhecidos), sempre em períodos eleitorais.

E à medida que as incursões se repetiam, diminuía o incômodo, antes generalizado, como se os candidatos conseguissem produzir certa identificação com a comunidade dos fiéis.

Já ciente da participação das igrejas pentecostais evangélicas na formação sociocultural das favelas nas quais se inseriam, em razão de toda uma vivência nestes meios, meu olhar agora se dirigia a outro ponto. Diante da percepção a respeito do fortalecimento da bancada evangélica no Congresso Nacional, e da relativa simpatia dos fiéis com estes representantes, tomei como cerne da minha preocupação intelectual também a influência destas igrejas refletida para fora dos espaços periféricos.

Em razão destas observações, pontuei parte do que entendia como influência das igrejas pentecostais periféricas no meu trabalho de conclusão de curso de graduação (*ii*), embora esse não constituísse o seu ponto central.

A monografia, defendida no início de 2019, e orientada por Guilherme Leite Gonçalves, Professor de Sociologia Jurídica da Faculdade de Direito da UERJ, teve como tema *Democracia Representativa Brasileira e a Sofisticação dos Mecanismos de Manipulação e Controle do Eleitorado*. Citei, dentre os mecanismos de manipulação e controle do eleitorado ali tratados, a aproximação superficial de personalidades e candidatos políticos mais conservadores de comunidades religiosas evangélicas, como forma de construir uma retórica demagógica atrelada à fé.

Neste contexto, mencionei ainda, o êxito desse empreendimento político personificado no aumento do número de cadeiras da bancada evangélica, e em sua contribuição para o resultado das eleições presidenciais de 2018.

Como visto acima, esta dissertação trabalhará mais especificamente com a influência das igrejas pentecostais periféricas no escopo cultural das favelas e na conformação de seus

⁴ O ex-deputado federal Eduardo Cunha, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), cujo mandato foi cassado em setembro de 2016, pelo plenário da Câmara dos Deputados.

sujeitos. Todavia, ao passar pelos reflexos desta influência no quadro sociopolítico nacional (fora da periferia, portanto), haverá certa continuidade lógica em relação ao tema tratado na monografia, agora sob outro ângulo.

Passando adiante, a estruturação desse estudo (*iii*) se fará em três capítulos: o primeiro eminentemente empírico; o segundo eminentemente teórico; o terceiro destinado a síntese do empírico com teórico, discriminando as diferentes esferas em que a influência das igrejas evangélicas pentecostais se faz sentir. Veja-se:

Capítulo 1º (EMPÍRICO)

Influências Sociopolíticas das Igrejas Periféricas da Cidade do Rio de Janeiro Segundo os Pentecostais: Utilizando a pesquisa empírica realizada por trabalho de campo⁵, especificamente as entrevistas (de caráter qualitativo) realizadas pessoalmente com fiéis e lideranças eclesiais⁶, neste capítulo serão trabalhados os senso-comuns estabelecidos entre os crentes pentecostais periféricos. Trata-se de uma descrição da estrutura social tida como “pano de fundo” da pesquisa, a partir de falas individualizadas, isto é, da transcrição de perguntas e respostas dos entrevistados. Neste contexto, as respostas serão o objeto da preocupação empírica consubstanciada na pesquisa. Para tanto, serão abordados os seguintes subitens:

- 1.1. *Crescimento Pentecostal e Aspectos que Singularizam as Igrejas Periféricas*: breve referência a dados estatísticos que revelam a franca expansão das igrejas evangélicas pentecostais no Brasil, durante os últimos anos, discorrendo sobre as prováveis razões para tal crescimento;
- 1.2. *A Centralidade do Testemunho Enquanto Instrumento de Catarse dos Fiéis*: utilização de entrevistas representativas da força atrativa do testemunho de conversão para os fiéis pentecostais;
- 1.3. *Culto Pentecostal, Participação Religiosa Ativa e Sentimento de Pertença*: referência ao papel central do culto pentecostal na vida dos fiéis como construção de senso de pertença e acolhimento;
- 1.4. *Acolhimento e Julgamento: A Dubiedade no Comportamento Pentecostal*: dubiedade do papel ocupado pela igreja pentecostal na vida dos fiéis em função de desvios do

⁵ Entrevistas com perguntas e respostas. Vide a classificação das entrevistas, no anexo 1 (metodologia de pesquisa).

⁶ Vide anexos 2 e 3.

comportamento duramente disciplinado pela doutrina. Mecanismos de articulação do discurso na formação de sentidos comuns entre os pentecostais periféricos.

Capítulo 2º (TEÓRICO)

Influências Sociopolíticas das Igrejas Evangélicas Pentecostais Segundo os Teóricos: Neste capítulo, serão abordadas teorias de autores [principalmente brasileiros] que se debruçaram sobre o tema da religiosidade pentecostal, ora construindo teorias para explicar o fenômeno da sua expansão no Brasil, ora referenciando-o a uma outra realidade empírica, diversa, mas similar a das favelas de origem da maior parte dos entrevistados, o Batan e a Selvinha. Após uma brevíssima elucidação sobre as origens do protestantismo, como ele se modificou até originar o pentecostalismo, e sua chegada ao Brasil, os subitens do capítulo serão assim organizados:

- 2.1. *Uma Explicação para a Força Atrativa das Igrejas Pentecostais Periféricas Cariocas:* fornecimento de uma explicação para a força atrativas das igrejas evangélicas pentecostais, sobretudo nas favelas cariocas e regiões periféricas, a partir do trabalho de Antônio Flávio Pierucci;
- 2.2. *Cultura Pentecostal na Favela e o Recorte da Influência Abrasileirada:* descrição da experiência abasileirada do pentecostalismo a partir de Christina Vital da Cunha (marco teórico). Saliente-se que colocação da autora – que trabalha com um teórico referenciado a um empírico (favela de Acari) – no último subitem do capítulo tem a finalidade de retomar a empiria do trabalho e estabelecer uma conexão lógica com o último capítulo, destinado à discriminação da influência exercida pelas igrejas.

Capítulo 3º

A Consolidação Multifacetada da Influência Evangélica Pentecostal Carioca: Este capítulo terá como objetivo conjugar as ideias dos capítulos anteriores (empírico + teórico), sintetizando a influência das igrejas pentecostais periféricas em diferentes esferas. Tratar-se-á, tão logo, das conclusões extraídas a partir das observações e deduções teóricas no empírico trabalhado. O capítulo será composto dos seguintes subitens:

- 3.1. *Gênese:* Suscinta explanação das razões pelas quais as igrejas pentecostais periféricas conseguiram fazer com que sua influência pudesse alcançar outras esferas (social, política, jurídica), alheias à normatividade doutrinária;
- 3.2. *Influências de Cunha Social:* explicação para a abertura singular que a igreja pentecostal evangélica adquiriu junto às facções armadas do tráfico para as suas incursões evangelísticas. Neste subitem tratarei também, de forma mais breve, da

monetização dos ministérios itinerantes, e de sua relação com a teologia da prosperidade (dinheiro como mediador da graça) e a doutrina do triunfalismo;

- 3.3. *Influência de Cunho Político*: o tópico tratará do esforço de líderes religiosos para o adestramento da consciência política dos crentes em prol de interesses grupais, como sendo a adesão a estes interesses parte da profissão de fé (administradores da graça).
- 3.4. *Influências de Cunho Jurídico*: neste subitem tratarei, especificamente, da influência da bancada evangélica no ordenamento jurídico brasileiro.

Além da presente introdução histórica, dos capítulos estruturais discriminados acima, das considerações finais e das referências bibliográficas, 4 (quatro) anexos constituintes da pesquisa empírica acompanharão a dissertação, a saber: Metodologia de pesquisa (ANEXO 01); Modelos de perguntas pré-ordenadas (ANEXO 02); Entrevistas (ANEXO 03); Panfletos de projetos sociais evangélicos (ANEXO 04).

Quanto aos objetivos e às categorias de base (*iv*), inicialmente, importa adotar a concepção trazida no capítulo introdutório de *Concepção Dialética da História*⁷, em que o filósofo clássico Antônio Gramsci enfrenta a tradicional concepção determinista de meio segundo a qual somente uma certa categoria de gente (*intelectuais tradicionais*) seria capaz de conduzir transformações histórico-sociais, em detrimento de outras (*intelectuais orgânicos*) que, desprovidas de conhecimento teórico a respeito de si e do mundo, estariam passivamente submetidas aos rumos ditados pela primeira:

O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua atuação que, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, inclusive, que a sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com o seu agir. É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma, implícita na sua ação, e que realmente o une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente explícita ou verbal, que ele herdou do passado e acolheu sem crítica. (GRAMSCI, 1978, p.20, grifo nosso)

A partir destas categorias idealizadas pelo intelectual italiano (*intelectuais tradicionais* X *intelectuais orgânicos*), serão traçados os objetivos da dissertação, partindo-se da concepção de que grupos sociais de menor expressividade política podem influir com

⁷ GRAMSCI, Antônio. Introdução ao Estudo da Filosofia e do Materialismo Histórico. In: _____. *Concepção Dialética da História*. 3ª ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

preponderância na determinação de certos rumos histórico-sociais (a despeito da análise valorativa que se faça desta influência). Em outras palavras, tomarei como norte a capacidade de intervenção e transformação das classes não inicialmente arregimentadas para fins desta natureza.

Por assim dizer, a proposta essencial do trabalho será, a partir das favelas representativas do Batan e da Selvinha, compreender da influência que as igrejas evangélicas pentecostais exercem na dinâmica social das favelas e periferias urbanas, e, fora delas, no cenário sociopolítico nacional.

Na presente dissertação tratarei, portanto, da expansão das igrejas evangélicas de matriz pentecostal na periferia cariocas, e de sua influência sociopolítica, seja ela interpretada positiva ou negativamente. Nesta conjuntura, a despeito do juízo de valor que se faça respeito, é certo que a atividade religiosa pentecostal, juntamente com outras variantes que se conjugam na composição de uma cultura local, circunscreve um *ethos* próprio manifesto no espaço físico da favela (CUNHA, 2021, p. 81-82).

A demonstração e análise da influência em questão se fará a partir dos reflexos da presença religiosa (*i*) no contexto social das favelas do Batan e da Selvinha⁸, proximamente estudadas na pesquisa empírica e; (*ii*) na vida política nacional, com a formação da consciência (ou inconsciência) política de seus fiéis.

Por fim, importa especificar a categorias conceituais que serão utilizadas ao longo do trabalho, afastando eventuais generalizações na interpretação dos leitores:

- RELIGIÃO: poderá ser lida, especificamente, como a profissão da fé cristã evangélica, de matriz pentecostal. Com exceção das comparações relativas ao crescimento ou à redução de outras vertentes religiosas no Brasil, não há a intenção de fazer de outras religiões [ou de outras matrizes evangélicas] um objeto de investigação.
- IGREJA: o termo será utilizado para designar igrejas protestantes evangélicas pentecostais e neopentecostais. Considerando ser outra a finalidade precípua do trabalho, aqui, não se fará distinção substancial entre pentecostalismo e neopentecostalismo (“pentecostalismo de segunda geração”), ressaltando-se somente o fato de que aquele, representado na figura das igrejas pentecostais

⁸ Serão trabalhadas, também, outras favelas cariocas fronteiriças da Av. Brasil referidas por alguns dos entrevistados como local de nascimento ou residência, ou trazidas indiretamente à discussão pelo trabalho empírico de autores abordados. Trata-se, notadamente, da favela da Vila Vintém e da favela de Acari.

tradicionais, forneceu as premissas doutrinárias sob as quais se estabeleceram as numerosas denominações neopentecostais brasileiras, estando dentre as mais populares a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD).

- **POLÍTICA:** trata-se, aqui, da articulação humana destinada a uma finalidade eleitoreira, de obtenção de espaço decisório estatal, anterior ao arregimento político-partidário (política de partido) e eleições – embora tudo esteja conectado. Portanto, neste trabalho, o termo pode ser compreendido como o modo pelo qual a instituição religiosa influencia os fiéis a participar da vida política, através da votação⁹, sobretudo.
- **FAVELA:** designará, em particular, a realidade social das favelas do Batan e da Selvinha, além daquelas eventualmente citadas pelos entrevistados na pesquisa empírica. A finalidade desta individualização, na hipótese, é afastar-se do dogma descrito no livro *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*, que afirma a favela como um tipo-ideal. Considerando a favela uma realidade múltipla, a ser pensada no plural, tratá-la como objeto de estudo generalizável suprimiria a riqueza da diversidade presente nas diferenças entre elas, e no interior delas.

Nos exatos dizeres de Lícia Valladares:

É verdade que os dados oficiais e os estudos distinguem entre a favela de ocupação antiga ou recente, pequenas, médias ou grandes, consolidadas ou precárias, implantadas em terreno acidentado ou plano, no Centro, Zona Sul, Norte, Oeste ou na periferia da cidade (IPLAN-RIO, 1983^a, 1993). Reconhecem tratar-se de um universo muito variado geográfica e demograficamente. No entanto, de maneira curiosa, negam as suas diferenças de natureza sociológica.

Falar da favela no singular tem implicações importantes, por exemplo a adoção da homogeneidade como pressuposto, e o desinteresse pela diversidade, de tal maneira que as diferenças internas ao mundo das favelas se tornam automaticamente secundárias. Ocultam-se a diversidade, a pluralidade das formas, das relações e das situações sociais. A evocação sistemática de um tipo-ideal ou de um arquétipo é recorrente nos discursos sobre a favela carioca (Preteceille & Valladares, 2000). Assim, “a” favela é obrigatoriamente um morro, uma zona ocupada ilegalmente, fora da lei, um espaço subequipado, lugar de concentração dos pobres na cidade. Numa mesma denominação genérica, a palavra favela unifica situações com características muito diferentes nos planos geográfico, demográfico, urbanístico e social.

Este “dogma” tem consequências metodológicas importantes, por exemplo, o recurso frequente à comparações estatística entre o conjunto de favelas, por um lado, e o restante da cidade, por outro. O estudo da SAGMACS havia inaugurado essa

⁹ Saliente-se que, neste contexto, geralmente os fiéis desconhecem fatores relativos à personalidade política dos candidatos e à legenda partidária à qual se filiam, recebendo apenas informações acerca da comunhão da mesma fé cristã / evangélica.

prática acompanhada, no entanto, por estudos de casos, atentos às diferenças entre favelas. Muitos pesquisadores vêm reproduzindo esse procedimento sem atentar para as diferenças. Comparando o conjunto das favelas ao resto da cidade, não são consideradas diferenças entre favelas, nem aquelas que demarcam diferentes espaços sociais dentro delas quando, na verdade, diferenças inter e entre favelas não podem ser negligenciadas (Preteceille & Valladares, 1999, 2000). Também não consideradas as diferenças internas do “resto da cidade”, ainda que sejam consideráveis, por exemplo, entre os bairros de Copacabana, Ipanema, Leblon, e Barra da Tijuca e os bairros populares da periferia (Preteceille & Ribeiro, 1999; Ribeiro, 2000). – (VALLADARES, 2005, p. 152)

São estes, portanto, os devidos apontamentos necessários acerca do recorte do objeto sobre o qual se debruçara o presente trabalho de dissertação.

1. INFLUÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS DAS IGREJAS PERIFÉRICAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SEGUNDO OS PENTECOSTAIS

A fim de conhecer os senso-comuns estabelecidos entre os crentes pentecostais periféricos, este capítulo descreverá a estrutura sociocultural tida como “pano de fundo” da pesquisa, a partir de falas individualizadas, isto é, as entrevistas pessoais contidas na pesquisa de campo.

1.1. Crescimento Pentecostal e Aspectos que Singularizam as Igrejas Periféricas¹⁰

De acordo com o último censo demográfico do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2010¹¹, desde o recenseamento da década de 1970, a comunidade evangélica brasileira tem demonstrado franca expansão, contrastando com outros segmentos religiosos tradicionais que entraram em queda no mesmo período, como o catolicismo apostólico romano (SANCHIS, 1994, p. 148). Nos resultados do levantamento, consta que em 1970, o conjunto dos evangélicos brasileiros somava 5,2% da população, percentual que subiu para 6,6% em 1980; uma década depois [censo de 1991], os evangélicos passaram a representar 9,0% da população, *com destaque para os evangélicos pentecostais que cresceram de 3,2% para 6,0%*; em 2000, o percentual aumentou novamente, passando a 15,4%; e, finalmente, em 2010, subiu para 22,2% do total da população brasileira, confirmando, dentre outros apontamentos, a tendência de crescimento dos segmentos evangélicos pentecostais em todas as Grandes Regiões do país¹².

Esses percentuais, *de per se*, já seriam suficientes para concluir pela importância da pesquisa acadêmica a respeito desta tendência religiosa no Brasil. Por certo, o fenômeno não é

¹⁰ Segundo boa parte dos estudiosos da religião brasileiros, o traço distintivo entre as igrejas pentecostais e neopentecostais consiste no fato de que o proselitismo pentecostal tradicional manteve o foco na obra de salvação, conduzida unicamente por Cristo, o cordeiros sacrificial; enquanto as lideranças neopentecostais creditaram o potencial de conversão nas suas derivações (dons, curas, milagres, línguas estranhas, bênçãos financeiras e sentimentais, etc.), redirecionando o centro das pregações aos nomeados “*intermediários da graça*”, o que viabilizou a comercialização precificada dos utensílios “mágicos” que supostamente a veiculam (SANCHIS, 1994, p. 159-160). Contudo, sendo diverso o foco do objeto de pesquisa, em regra, este trabalho não se debruçará sobre distinções conceituais, procedimentais e doutrinárias no tocante às igrejas das duas vertentes.

¹¹ Em virtude dos problemas ocasionados pela pandemia da covid-19, o censo demográfico de 2020 foi adiado, segundo notícias da Agência IBGE Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27160-censo-e-adiado-para-2021-coleta-presencial-de-pesquisas-e-suspensa>>. Acesso em: 17 de ago. de 2020.

¹² Vide CD 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência – IBGE, p. 89-91. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 17 de ago. de 2020.

apenas numérico, mas tem implicações sociológicas, culturais, comportamentais (morais), políticas e jurídicas, como ficará demonstrado ao longo deste trabalho.

Embora as vicissitudes do segmento pentecostal tenham revelado, internamente, alguma variação em termos de premissas doutrinárias, ainda se pode pontuar aspectos comuns que singularizam essas igrejas. São esses aspectos comuns que, de alguma forma, fornecem preciosos indícios para explicar a influência que elas exercem em favelas e periferias cariocas, como são os casos do Batan e da Selvinha, favelas de origem da maior parte dos entrevistados cujas falas serão trabalhadas a seguir.

Notadamente pelo avanço retumbante do neopentecostalismo, com o passar dos anos, notou-se o afrouxamento do sisudo ascetismo contracultural até então reinante nas sectárias igrejas pentecostais históricas¹³.

Muito mais simpáticos aos modos da sociedade pós-moderna e à cultura de consumo, as igrejas neopentecostais¹⁴, descendentes das pentecostais históricas, alargaram o campo evangelístico deste segmento protestante para outras esferas sociais até então [quase] inexploradas por suas “mães”. É esta a constatação a partir da qual Ricardo Mariano, em seu livro *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, observou atentamente a expansão do perfil socioeconômico dos pentecostais, a rigor acomodados nas classes mais baixas da sociedade brasileira:

Pois ainda hoje a imagem que comumente se faz dos pentecostais nos meios acadêmicos, e não só neles, parece ser aquela onipresente nos primeiros trabalhos feitos nos anos 60 e 70, nos quais **tanto o sectarismo quanto o ascetismo contracultural desses religiosos eram fortemente acentuados. Embora tal imagem reflita boa parte da realidade doutrinária, axiológica, litúrgica, estética e comportamental ainda em vigor nas igrejas pentecostais formadas nos anos 1910, 50, 60 e início dos 70, não há como negar as transformações pelas quais até mesmo essas denominações mais antigas têm passado. Mudanças que, no caso, abrangem o aburguesamento de pequenas parcelas de sal membresia, o processo de institucionalização denominacional conjugado à rotinização do carisma e à inevitável busca, pelas novas gerações de pastores e fiéis, de reconhecimento social, poder político, respeitabilidade confessional e de formação teológica em seminários e faculdades.**

Mas são as igrejas neopentecostais – tema deste livro –, formadas a partir de meados da década de 70, que realizaram as profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente, estigmatizados. Na verdade,

¹³ Dentre as principais, podem ser citadas a Congregação Cristã no Brasil (CCB), a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) e as Assembleias de Deus (com exceção da ADVEC que, liderada pelo Pr. Silas Malafaia e contemporânea à expansão das neopentecostais, constituiu-se como denominação muito depois das convenções assembleianas tradicionais, CONAMAD e CGADB) – Vide MARIANO, 2014, p. 189.

¹⁴ Dentre as principais, podem ser citadas a Igreja Nova Vida (INV), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) a Igreja Renascer em Cristo (IRC) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) – Vide MARIANO, 2014, p. 51-104.

elas não só aboliram certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, como propuseram novos ritos, crenças e práticas, relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade. E, como se não bastasse, passaram a priorizar a vida aqui e agora, em vez de enfatizar, como insistiam antes seus irmãos de fé, o abrupto fim apocalíptico deste mundo, ao qual prontamente se seguiria a bem-aventurança dos eleitos no Paraíso celestial. (MARIANO, 2014, p. 8, grifo nosso)

Nada obstante a certa constatação do estudioso, continua a ser o estrato social mais baixo da sociedade brasileira o *locus* de acomodação preferencial do protestantismo pentecostal. O fenômeno da receptividade periférica a esse segmento religioso, que se aclimatou definitivamente às favelas cariocas, parece encontrar na precariedade da vida das pessoas que integram as classes sociais subalternas, uma explicação plausível.

Ao que aparenta, a virada neopentecostal antisectária e anti-ascética fomentou a utilização da doutrina de fé para a o enfrentamento das agruras tão típicas da vida periférica. Pela tônica dos louvores, dos sermões e da retórica produzidos hodiernamente pela cultura pentecostal, se confirma que o favor divino prometido aos fiéis já não mais se restringe ao paraíso celestial, mas manifesta-se como *socorro bem presente*¹⁵ aqui e agora.

Daí, talvez, se explique o sucesso quase unânime de doutrinas que se instalaram no pentecostalismo prometendo recompensas palatáveis e [principalmente] materiais em resposta ao sofrimento terreno, à abnegação, à fidelidade, ao “bom comportamento” social e à obediência contínua dos adeptos. É o caso, por exemplo, da doutrina do triunfalismo e da teologia da prosperidade, que serão trabalhadas mais detidamente noutro capítulo.

Nas palavras de Ricardo Mariano:

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, **os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população**, isto é, os mais marginalizados – distantes do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e **abandonados à própria sorte pelos poderes públicos –, têm optado voluntaria e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas, encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material.** (MARIANO. 2014, p. 12, grifo nosso).

¹⁵ Alusão ao Salmo 46: “Deus é nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. Portanto nada temeremos, ainda que a terra trema e os montes afundem no mar, ainda que se encrespem as águas e se lancem com fúria contra os rochedos.” Sl 46, 1 a 3 (BÍBLIA, 2012, p. 689)

Também pela fala de alguns dos entrevistados¹⁶ na pesquisa de campo, se pode constatar que a busca e adesão às igrejas do segmento pentecostal em comunidades periféricas muito decorrem da ânsia das pessoas por socorro terreno e mudança de vida.

De início, temos o exemplo de Jeremias¹⁷, um Sr. de 57 (cinquenta e sete) anos, com ensino médio completo, porteiro de escola, eletricista e técnico de refrigeração, nascido no Complexo do Andaraí, e residente na comunidade de Vila União da Paz (Selvinha). Convertido aos 37 (trinta e sete) anos de idade¹⁸, depois de “viver uma vida errada no tráfico” (palavras do entrevistado)¹⁹, agora Presbítero da Assembleia de Deus de Padre Miguel (Selvinha)²⁰, vinculada ao Ministério de Madureira (CONAMAD), Jeremias presta serviços voluntários em projetos sociais religiosos que visam a evangelização de jovens também “desenganados”, envolvidos com a criminalidade típica das favelas cariocas²¹:

- *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas?*
Sim, com certeza.
- *Em que áreas, assistência, combate à criminalidade?*
Nas áreas sociais. Assistencial (...). **Eu vejo que em todas as áreas**, na área esportiva, na área social, de alimentos, essas coisas (...). (Grifo nosso)
- *E no tocante à criminalidade, você acha que essas igrejas exercem algum tipo de influência?*
Exerce, e eu sou uma das pessoas que faz esse trabalho, procurando tirar as pessoas que estão na criminalidade e levar para o caminho de Cristo. (Grifo nosso)
- *Que foi o que aconteceu com você, basicamente?*
Isso.
- *Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece, sejam eles assistencialistas ou atuantes em outras áreas, como centros de reabilitação?*
Sim, tenho conhecimento.
- *Você sabe a área de atuação destes projetos, assistencialista, centro de reabilitação?*
Centro de reabilitação.
- *Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário ou prestando serviços?*
Sim, participo até hoje, prestando serviços. (Grifo nosso)
- *De forma remunerada ou voluntariamente?*
De forma voluntária. (Grifo nosso)

¹⁶ Como mencionado no Anexo II, foram atribuídos “nomes-fantasia” aos fiéis entrevistados para a preservação de suas identidades verdadeiras, e as entrevistas são todas datadas de novembro de 2020, de modo que as idades mencionadas a seguir têm como referencial o citado ano (2020).

¹⁷ Vide Anexo III, Entrevista IX, perguntas 1 a 5.

¹⁸ Vide Anexo III, Entrevista IX, especificamente a pergunta 37.

¹⁹ Vide Anexo III, Entrevista IX, especificamente as perguntas 17 e 18.

²⁰ Vide Anexo III, Entrevista IX, especificamente as perguntas 6, 7 e 9.

²¹ Transcrição das perguntas e respostas 22 a 32 da Entrevista IX – Anexo III.

- *Qual seria esse serviço?*
Pegar pessoas moradoras de rua, pessoas que estão sem perspectiva de vida, e querem mudar de vida (...). A gente vai em busca dessas pessoas. Vamos em busca de pessoas com a doença da dependência química. (Grifo nosso)
- *E levam pra o centro de reabilitação?*
Levamos para o centro de recuperação, e lá nós fazemos o acompanhamento. **São pessoas que não querem mais viver essa vida e procuram um lugar para se reabilitarem à sociedade novamente.** (Grifo nosso)
- *Que impacto você acha que esses projetos sociais causam nas favelas em que são desenvolvidos?*
Causam um impacto muito grande, porque através desses projetos, pelo que eu vejo aqui na comunidade, você tem muitas pessoas saindo do caminho errado e procurando trilhar um caminho correto através dos ensinamentos (...).

Depois, temos a fala representativa de João²², de 43 (quarenta e três) anos, que estudou até a segunda série primária, nascido e criado na comunidade de Vila União da Paz (Selvinha), sem fonte de renda, formal ou informal.

Quando questionado acerca de como entendia a influência das igrejas evangélicas pentecostais nas favelas em que estão inseridas²³, o Presbítero da Assembleia de Deus de Padre Miguel (Selvinha)²⁴, nascido em *berço evangélico*²⁵, mas *afastado*²⁶ durante a adolescência, aos 16 (dezesesseis) anos²⁷, assim se manifestou²⁸:

- *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência, positiva ou negativa, nas favelas em que estão inseridas?*
Eu creio que sim, positiva. **Tem uma grande influência nas comunidades.** (Grifo nosso)
- *De que modo e por quê? Qual seria o diferencial da igreja?*
É porque as igrejas, principalmente aquelas de comunidade, são um lugar de refúgio que as pessoas têm como referência, para entrar, ser bem recebido e receber o consolo da parte de Deus, através do trabalho que está sendo desenvolvido ali naquele lugar. (Grifo nosso)
- *Considerando que as favelas são comumente associadas a problemas específicos conhecidos, relacionados à desigualdade, à criminalidade, às questões familiares (...), você acha que essas igrejas pentecostais conseguem exercer algum tipo de influência ou são indiferentes no tocante a estes pontos específicos?*
Sim, porque **tem muitas igrejas que têm trabalhos sociais que acolhem as pessoas que estão debilitadas, às vezes até mesmo com necessidade de alimentação. E a igreja tem esse trabalho social de ajuda. Muitas igrejas têm, também, convênio com centros de recuperação. A maioria desses jovens do tráfico, às vezes buscam na igreja um auxílio, um socorro, para que eles possam ter uma transformação de vida, levar uma vida melhor.** Eles são enviados para esses centros de reabilitação para poderem ter uma recuperação de vida. (Grifo nosso)

²² Vide Anexo III, Entrevista VI, especificamente as perguntas 1 a 5.

²³ Vide Anexo III, Entrevista VI, especificamente a pergunta 33.

²⁴ Vide Anexo III, Entrevista VI, especificamente as perguntas 6, 7, 8 e 11.

²⁵ Forma de se referir aos indivíduos cujos pais/responsáveis eram participantes de igrejas evangélicas (ativamente ou de maneira mais distante), ou que receberam educação evangélica desde a infância,

²⁶ Forma de se referir aos indivíduos que, em determinado momento, se retiraram da membresia ou do convívio direto e contínuo de uma comunidade de fé evangélica. A expressão “*desviado (a)*” lhe é sinônima.

²⁷ Vide Anexo III, Entrevista VI, especificamente a pergunta 14.

²⁸ Transcrição das perguntas e respostas 33 a 35, da Entrevista VI – Anexo III.

Por fim, cita-se a fala de Francisco²⁹, Sr. de 48 (quarenta e oito) anos, nascido e criado na comunidade da Mangueira (Zona Norte), com o ensino médio completo, tendo como fonte de renda apenas aquela auferida para o desempenho do ministério eclesiástico³⁰.

O religioso, que recebeu criação evangélica³¹ e converteu-se após envolvimento com o tráfico de drogas na juventude³², passou por diversas igrejas de favela pertencentes a diferentes denominações³³. Então Pastor da filial do ministério independente³⁴ Assembleia de Deus a Palavra é Cristo, na comunidade do Jacaré³⁵ (Zona Norte carioca), Francisco ratificou a visão dos outros entrevistados citados, nos seguintes termos³⁶:

- *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? Por quê?*
Eu considero que sim. A igreja pentecostal, como você está dizendo, ela influencia nas comunidades, porque **eu vivo isso. Eu sou pastor de uma igreja dentro de uma comunidade, e que vejo o quanto que a nossa igreja exerce influência ali no ambiente onde nós vivemos, ministerialmente falando.** (Grifo nosso)
- *Mas você considera que essa influência seja negativa ou positiva?*
Eu considero uma influência muito positiva. **A nossa igreja é como se fosse uma porta aberta de refúgio para pessoas que estão aflitas, angustiadas, entristecidas (...). Muita gente viciada, alcoolizada, drogada, sempre procura refúgio na nossa igreja para receber oração, receber uma palavra de conforto, por conta, talvez, da falta de algum sentido na vida dessas pessoas.** Então a igreja exerce uma influência muito forte e positiva na vida de muitas pessoas. (Grifo nosso)
- *Mas em que áreas, especificamente? Criminalidade, orfandade, assistencial?*
Eu digo que é em todas essas áreas que você está colocando. Criminalidade, os dependentes químicos e dependentes alcóolicos. E não somente essas pessoas, **nós atendemos também pessoas carentes no lado social.** Nossa igreja fornece algumas ajudas em cestas básicas, periodicamente, para pessoas que não possuem nenhum tipo de renda. Então, ela atinge todas essas áreas, não só jovens que estejam ligados ao tráfico, que muitas vezes recebem uma oração, recebem uma palavra, mas a gente atende muitas outras pessoas de outras realidades também, como social, como pessoas dependentes e pessoas carentes, de um modo geral. (Grifo nosso)

De todas as falas reproduzidas e de tudo o que foi visto até então, o que se depreende é que a possibilidade de fruição da promessa de gozo infindo neste mundo palpável, fidelizou ainda mais um público tão desejoso por alívio e reparação imediatos, socorro emocional e material, e a chamada mudança de vida. A retórica pentecostal, autoproclamada portadora do

²⁹ Vide Anexo III, Entrevista XI, especificamente as perguntas 1 a 5.

³⁰ Vide Anexo III, Entrevista XI, especificamente as perguntas 14 e 18 a 21.

³¹ Vide Anexo III, Entrevista XI, especificamente as perguntas 23 a 25.

³² Vide Anexo III, Entrevista XI, especificamente a pergunta 26.

³³ Vide Anexo III, Entrevista XI, especificamente as perguntas 11 a 15.

³⁴ Não vinculado a nenhuma convenção de igrejas.

³⁵ Vide Anexo III, Entrevista XI, especificamente as perguntas 13 e 14, 16 e 17.

³⁶ Transcrição das perguntas e respostas 32 a 34, da Entrevista XI – Anexo III.

socorro divino, constantemente demandada nas periferias cariocas, habituou-se a ofertá-lo para já.

E é neste contexto que o papel do testemunho se centraliza na sistemática evangelística do segmento pentecostal.

1.2. A Centralidade do Testemunho Enquanto Instrumento de Catarse dos Fiéis

O subitem anterior pontuou como a promessa de socorro e auxílio celestial direcionada ao tempo presente, terreno e palpável, potencializou o crescimento das igrejas pentecostais [já percebido em dados percentuais de pesquisas censitárias], notadamente nos espaços periféricos.

Se é no anseio dos crentes periféricos pela providência divina que reside o potencial atrativo das igrejas pentecostais, é na convicção produzida pelo testemunho *dos irmãos*³⁷ que as comunidades de fé obtêm garantia de permanência da membresia.

Durante o processo de conversão, as inflexões estimuladas pela comunidade religiosa iniciam no sujeito uma catarse. Embora esse estado de libertação seja interdependente da disposição do indivíduo para o autoconhecimento de seus impulsos motores, história de vida, personalidade, temperamento e anseios, ele é atribuído pelo discurso neopentecostal [quase unicamente] à atuação transcendental de forças espirituais, postas em guerra declarada durante todo o processo de conversão.

Antes mesmo de poder atestar deliberadamente a tal libertação, o sujeito se torna capaz de refletir acerca de si mesmo e de sua história, apropriando-se de seu testemunho de vida. E uma vez convencido de sua conversão, põe-se como agente propagador da catarse que experimentou, disposto a anunciar a outrem a graça recebida. A ênfase que é dada, pelo sujeito testemunhante, à participação dos anjos e demônios em guerra, e à sua própria contribuição para a mudança, depende da retórica que lhe acompanhou durante o processo experimentado.

No livro *Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive*³⁸, um clássico relativamente recente da sociologia brasileira, organizado pelo professor e pesquisador Jessé de Souza, diversos autores colaboradores, com excepcional maestria, dedicaram-se a descrever as principais

³⁷ “*Irmão (ã)*” é o termo comumente utilizados pelos crentes pentecostais para referirem-se uns aos outros.

³⁸ *Ralé brasileira: quem é e como vive* / Jessé Souza; colaboradores André Grillo ... [et al.] — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

peculiaridades dessa gente que sustenta a base da pirâmide social brasileira. Em um dos capítulos da obra, “O crente e o delinquente”³⁹ (Cap. 10), Emerson Rocha e Roberto Torres tratam da religiosidade da “ralé” a partir do testemunho de Carlos, um jovem que, devido ao envolvimento com drogas, sofreu um encarceramento durante a juventude e, depois se tornou membro Igreja Universal do Reino de Deus – IURD.

O capítulo relata a vida de Carlos desde a tenra idade, com riqueza de detalhes referentes, inclusive, ao seu meio social. A partir da descrição das fases do desenvolvimento de Carlos (infância, adolescência, juventude, etc.), os autores observam como o hedonismo juvenil que marca o estilo de vida do rapaz é associado, na retórica testemunhal, ao que chamaram de “grande ressaca”, que se traduz no episódio no encarceramento (ROCHA, TORRES, 2009, p. 219-221).

Na passagem da “conversão mágica”⁴⁰ de Carlos, que se seguiu à experiência do encarceramento, o livro explica que a contribuição da igreja neopentecostal (IURD) para a metamorfose comportamental do protagonista consistiu em “recurso pelo qual o esforço para mudar a si mesmo pode ser levado adiante como se não fosse propriamente um esforço para mudar o ‘eu’, mas sim uma luta contra forças exógenas que afetariam esse ‘eu’” (ROCHA, TORRES, 2009, p. 222). Na hipótese, é como se a depressão moral e social passadas de Carlos não pudesse ser atribuída às suas atitudes e circunstâncias sociais desfavoráveis, pelo menos não unicamente, já que suas escolhas lógico-rationais anteriores teriam sido dolosamente manipuladas por estas forças exógenas – “demônios”, para usar o termo empregado popularmente. Veja-se:

Na Igreja, toda a força que o vinculava ao caminho do crime, do uso de drogas e do estilo de vida hedonista vai ser percebida como ação inadvertida dos demônios. Expulsando e se protegendo dessa ação maligna, Carlos tenta lutar contra as disposições que adquiriu ao longo de todo um processo de socialização. **Disposições que o haviam tornado “um fracassado na vida”, prestes a se tornar um delinquente perigoso, um inimigo da sociedade.**

O otimismo cândido que Carlos nutre com relação a um futuro que permanece incerto, ou melhor, certamente desfavorável retira sua dose de plausibilidade desse avanço que ele realmente obteve com relação à sua condição passada. A “conversão mágica” que lhe enche de esperanças infundadas com relação ao amanhã o retirou efetivamente de uma situação extremamente arriscada no ontem. Carlos fala desse seu novo otimismo como uma ‘visão maior’ do que a que tinha antes sobre suas expectativas e sua vida financeira. Desde que saiu do tráfico e voltou para a Igreja, ele não tem fonte de renda e é sustentado pela mãe. Mas pode agora viver das esperanças com relação a uma ascensão pela via do trabalho regular ou do

³⁹ ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé (Org.). Ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

⁴⁰ Termo assim empregado pelos autores (ROCHA, TORRES, 2009, p. 222).

empreendimento autônomo. Principalmente o empreendimento autônomo lhe seduz, e por nenhum outro motivo senão o de ser a esperança mais plausível. Como parou de estudar na sétima série do Ensino Fundamental, não lhe parece realmente possível retornar à escola e conseguir a qualificação necessária para a obtenção de um bom emprego. Assim, montar um negócio próprio é inegavelmente a utopia mais plausível para Carlos.

Na procura dessa via de ascensão, Carlos primeiro se preocupa em usar sua fé para enfrentar o que ele vê como uma possível causa do fracasso: a ansiedade e a insegurança. Estes são sentimentos que ele deseja expulsar de seu 'eu' com a ajuda diária da Igreja. **Ele não articula essas disposições como resultado de quem viveu e vive a possibilidade real e insistente do fracasso, mas sim como fruto das investidas de forças sobrenaturais e malfazejas, que podem e devem ser expulsas para não atrapalharem sua busca pela prosperidade. Aliás, é exatamente isso que diz a Igreja: o medo e a ansiedade estão entre os principais sintomas de que uma pessoa é assediada pelos 'encostos', os responsáveis pelos 'caminhos fechados' e por 'nada dar certo' para ela. Aos 26 anos Carlos pode acreditar que a ansiedade, a insegurança e o medo não são efeitos da sua 'personalidade', que têm a ver com uma série de experiências de vida que vem acumulando desde a infância, mas sim da ação dos 'encostos'**

A luta contra tais disposições malignas é constante na vida de Carlos desde que ele passou a frequentar a Igreja Universal. **Quando a experiência do fracasso é mais forte do que a promessa de sucesso é que ele mais precisa da cura espiritual para alimentar a sua narrativa de vitória.** Nesta passagem fica bastante evidente o papel da cura no seu dia a dia: *'O dia que me dá desânimo aí é que eu vô mesmo. Aí é que eu vô mesmo. Se eu tiver animado eu posso até faltar. Mas o dia que me der o desânimo é o dia que eu vou.'*

Como a fuga bem-sucedida da delinquência é o único triunfo efetivo que a conversão mágica lhe garantiu, para manter suas esperanças com relação ao futuro Carlos precisa sustentar para si mesmo que o insucesso e a total falta de ciência sobre qualquer meio pelo qual possa ascender socialmente não são senão frutos da ação inadvertida dos "encostos". Enquanto o fracasso puder ser atribuído ao "mal", poderá permanecer acesa a esperança. E um dos principais momentos nos quais a ação dos "encostos" ganha uma expressão concreta diante dos neopentecostais que, humanos que são, dificilmente sustentam uma crença cega sem um apelo irrefletido à visão é o ritual da possessão demoníaca. (ROCHA, TORRES, 2009, p. 224-225, grifo nosso)

Tal como Carlos, boa parte dos fiéis entrevistados na pesquisa de campo que compõe a parte empírica deste trabalho identificaram na profissão da fé e na adesão à membresia pentecostal uma forma de luta contra a desesperança e o sentimento de fracasso individual, em diversas áreas, como: criminalidade, depressão, vida sentimental, traumas de infância, vida conjugal, etc. Muitos deles, confirmando a observação de Emerson Rocha e Roberto Torres relativa à mágica conversão de Carlos, também atribuem suas experiências à atuação maligna que transcende este mundo físico. A seguir, pontuarei alguns destes exemplos testemunhais⁴¹.

⁴¹ Remeta-se à nota de rodapé nº 16.

Em primeiro lugar, menciono o Presbítero João – já citado acima⁴² – que testemunhou como sua conversão possibilitou a abandono miraculoso do vício em drogas, e da criminalidade⁴³:

- *Você poderia contar, com detalhes, o seu testemunho de conversão e a sua trajetória cristã?*
Como eu fui nascido e criado em “berço evangélico”, quando eu completei (...), jovem, né, você sabe que está ali dentro da igreja, mas vai conhecendo vários amigos, e as coisas como o mundo lhe oferece, e acaba se deixando levar, e foi o que aconteceu comigo. Me deixei levar, e quando eu tinha dezesseis para dezessete anos, me afastei, e comecei a trilhar caminhos que depois eu me arrependi, caminhos que depois passaram a me machucar. E eu me tornei uma pessoa totalmente diferente da que eu era quando era mais jovem, porque eu trilhei caminhos que eu não desejo para ninguém, caminhos tortuosos. **Eu vivi no meio do tráfico, levei uma vida no tráfico de drogas por muito tempo, me viciem em drogas (...), e essa coisa toda que acontece quando a gente está trilhando esse caminho, porque o tráfico só leva para esse caminho.** (Grifo nosso)
- *Você é casado hoje em dia?*
Sim.
- *E você casou, e depois que voltou (para a igreja)?*
Na verdade, eu casei mesmo na igreja depois que eu comecei a caminhar de novo, mas eu conheci a minha esposa no mundo. Aí eu recebi um convite, fui e, graças a Deus, permaneci e estou aí até hoje.
- *E como você retornou, foi esse convite ou foi progressivamente?*
Na verdade, foi algo sobrenatural da parte de Deus. Na verdade, não foi um convite (...). A vida que eu levava, cansado de tanto sofrimento e de tanta dor, eu fui levado, na verdade, pelo Espírito Santo de Deus, porque do jeito que eu me encontrava (...), se eu contar, ninguém acredita que eu fui parar dentro da igreja. Eu estava drogado, eu tinha bebido, e do nada, da noite para o dia, eu falei para a minha esposa que queria largar aquela vida e que queria voltar para a igreja. (Grifo nosso)
- *Então, nessa ocasião que você foi a igreja, você ainda estava nessa vida (tráfico)?*
Na verdade, quando eu fui, eu estava drogado, porque eu estava dentro de casa me drogando. Aí eu fui para a igreja do jeito que eu estava, tanto que minha esposa disse para mim: “você vai sozinho, porque eu não vou com você nesse estado”. Aí eu falei pra ela: “então você fica aí que eu vou”. E fui sozinho, e depois ela chegou lá. (Grifo nosso)
- *Nesse dia você voltou para a igreja e começou a “caminhar”⁴⁴?*
Justamente.
- *Mas você foi abandonando tudo progressivamente ou foi uma ruptura?*
Na verdade, foi algo muito rápido, porque uma pessoa que vive muito tempo no mundo das drogas, viciado em drogas, para largar, é difícil (...). **Mas, foi algo tão da parte de Deus, porque depois que eu retornei, eu não queria mais saber disso. Eu não bebia mais, não usava mais drogas.** (Grifo nosso)
- *Você não frequentou nenhum centro de reabilitação?*
Não, nenhum.

⁴² Vide fl. 17.

⁴³ Transcrição das perguntas e respostas 19 a 26, da Entrevista VI – Anexo III.

⁴⁴ Referência à retomada da participação ativa em uma comunidade de fé evangélica/pentecostal.

Por sua vez, Mari, contou como sua adesão à igreja pentecostal esteve fortemente associada às crises e violências sofridas em seu primeiro relacionamento conjugal, quando foi casada com um traficante da comunidade onde residia.

A copeira de 38 (trinta e oito) anos, com segundo grau completo, nascida em Manguinhos⁴⁵, ex-frequentadora da Igreja Universal do Reino de Deus⁴⁶, vinda de *família não-crente*⁴⁷ e convertida aos 19 (dezenove) anos de idade⁴⁸, hoje regente de louvor do grupo de mulheres e componente da mesa de oração de sua atual igreja, a Assembleia de Deus de Padre Miguel (Selvinha)⁴⁹, assim se manifestou acerca de seu testemunho de conversão⁵⁰:

- *Você poderia contar, com os detalhes que acha pertinentes, seu testemunho de conversão e a sua trajetória cristã?*

Eu era da igreja quando era bem mais nova, quando tinha dezenove anos. Eu frequentava outra igreja, e aconteceram algumas situações na igreja que fizeram com que eu me afastasse. Fiquei afastada longos anos. Na minha conversão, eu vivia uma situação muito complicada (...) **eu era mulher de traficante, então eu sofria algumas violências, e já estava vivendo um momento de depressão. Eu tentava me separar e ele não deixava, não me deixava seguir. E, um belo dia, eu encontrei refúgio dentro da igreja.** Eu comecei a caminhar e me sentir melhor, e foi nessa fase da minha vida que eu me converti verdadeiramente, e me separei dele, graças a Deus. E agora eu estou aqui servindo a Deus. (Grifo nosso)

- *Então, foram problemas conjugais que levaram à sua conversão, quando você se viu deprimida?*

Sim, foi a situação que eu vivia que me levou até a Deus. **Eu achei consolo na igreja, foi a forma que eu achei de me reerguer, porque eu já estava ficando depressiva mesmo.** Eu trabalhava, chegava do trabalho e ficava trancada dentro de casa até chegar o outro dia em que eu teria que trabalhar de novo, não queria ver ninguém, meu filho mais velho cuidava da menor, fazia comida e as coisas em casa, porque eu ficava deitada o tempo todo (...). E, assim, era uma coisa que ninguém percebia, só eu que sabia a maneira que eu me encontrava mesmo. **E, um belo dia, eu me arrumei e fui à igreja, e ali eu comecei a ir e comecei a me sentir melhor. E foi dessa forma que eu me converti.** (Grifo nosso)

- *E como você conseguiu se desvencilhar do seu ex-marido?*

Eu orei a Deus e pedi pra que Deus o tirasse do meu caminho, porque ele não iria embora de casa de jeito nenhum. A gente já morava há um ano na mesma casa sem ter nada um com o outro, ele pra lá e eu pra cá (...). **Eu pedi a Deus que tirasse ele do meu caminho, de uma forma ou de outra, porque ele não ia embora e não deixava eu seguir.** E, assim, eu sempre trabalhei, sempre fui muito independente. Ele tinha a vida errada, eu não. Meu erro era viver junto com ele. Mas eu sempre trabalhei, sempre levei a minha vida direita. Então, chegou um ponto em que eu não queria mais, ele ficou preso durante alguns anos, e durante esse tempo, eu decidi que eu não queria mais aquilo para a minha vida. **Quando ele foi solto eu não quis mais ele, mas ele não entendia isso. Ele ficava lá dentro de casa, mas eu já não queria mais.** Era muita coisa que se falava dele, sempre muita mulher (...), e para todo mundo, eu era mulher dele, já que eu morava na mesma casa com ele. **Eu falei: “Senhor, eu não aceito mais isso.” E aí, um belo dia, eu mandei ele embora e ele foi, graças a Deus, sem briga, sem stress (...).** Ainda tentou me perturbar um pouco, mas depois ele viu que eu não queria mais mesmo, e pelo fato de eu ter mudado meu ritmo de vida,

⁴⁵ Vide Anexo III, Entrevista VII, especificamente as perguntas 1 a 5.

⁴⁶ Vide Anexo III, Entrevista VII, especificamente as perguntas 9 a 11.

⁴⁷ “*Família não-crente*” é o termo comumente utilizados pelos crentes pentecostais para referirem-se aos núcleos familiares que não têm raiz evangélica, ou que têm outras religiões como manifestação de fé, em contraposição ao chamado “berço evangélico”.

⁴⁸ Vide Anexo III, Entrevista VII, especificamente a pergunta 17 a 19.

⁴⁹ Vide Anexo III, Entrevista VII, especificamente as perguntas 6 a 98, e 12 a 16.

⁵⁰ Transcrição das perguntas e respostas 20 a 23, da Entrevista VII – Anexo III.

ele entendeu que não dava mais. **Eu já não saia mais, eu não era de bagunça, ia da igreja para o trabalho, de casa para a igreja.** Então ele deixou eu seguir o meu caminho. (Grifo nosso)

- *E depois que você se mudou de Manguinhos?*
Aí eu me mudei, quis me mudar. **Eu não queria ficar morando lá, porque já tinha passado muita vergonha naquele lugar. Aí eu reencontrei o Paulo Cezar, meu atual esposo.** Eu já havia namorado ele há anos atrás, no passado. **Ele estava na igreja, eu também. Então resolvemos nos casar. Foi quando eu me mudei para cá.** Aí eu vim para essa nova igreja que estou hoje. (Grifo nosso)

Na mesma toada, Francisco, o Pastor pentecostal do ministério independente estabelecido na favela do Jacaré, já referido alhures⁵¹, explica a experiência da sua saída da delinquência testemunhando o *livramento*⁵² miraculoso através do qual Deus lhe preservou a vida⁵³:

- *Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?*
Na verdade, **eu fui nascido e criado no berço evangélico, mas com quatorze para quinze anos de idade, eu me afastei dessa conversão, da minha religião, e retornei a ela com os meus dezessete anos de idade.** Com dezessete para dezoito anos de idade foi quando eu verdadeiramente tive uma conversão ao cristianismo, e estou até hoje dentro dessa caminhada. E o meu tempo de evangelho eu conto a partir desse verdadeiro encontro com Deus, que foi com dezessete anos de idade. Então eu tenho aproximadamente vinte e nove para trinta anos de conversão. (Grifo nosso)
- *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a fé cristã?*
Sim, meu pai, minha mãe, que ainda são vivos, e meus dois irmãos, que são da mesma religião que eu professo.
- *Isso é desde sempre ou foi a partir da sua conversão?*
É desde a nossa existência, desde a nossa infância.
- *Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?*
Sim. Minha mãe e meu pai me influenciaram sempre a caminhar nessa caminhada evangélica. Por conta deles, eu sempre tive esse vínculo, essa ligação ao meio evangélico.
- *Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?*
Na verdade, a minha conversão se deu na minha adolescência. Com dezessete para dezoito anos de idade, quando eu já estava passando para a fase adulta, quando eu já ia para o serviço militar, eu tive a minha conversão. **E a minha conversão foi um milagre, porque, eu como adolescente, tive a curiosidade de conhecer o mundo, conhecer a vida que o mundo (...), as baladas (...), comecei a frequentar os bares, e nos bares eu comecei a me enturmar com certas companhias, que me influenciaram a viver uma vida pregressa. E nessa vida pregressa, eu tive uma experiência um tanto amarga, porque eu conheci um lado obscuro da vida: o lado das drogas, das más companhias, que me influenciaram a fazer coisas erradas na vida.** Eu vivi um período de aproximadamente dois anos e meio a três anos nessa vida pregressa e, nessa vida pregressa eu tive um encontro com Deus, e nesse encontro com Deus, Ele me deu a oportunidade de poder recomeçar do zero. **Eu tive uma experiência com Deus. Eu fui influenciado a fazer coisas erradas, como roubos, assaltos, traficar (...).** E, com essas coisas, eu acabei parando em situações

⁵¹ Vide fl. 18.

⁵² “*Livramento*” é o termo comumente utilizados pelos crentes pentecostais para referirem-se às ocasiões e experiências em que se supõe a atuação interventora e direta de Deus nos acontecimentos mais triviais da vida, para prevenir males, ou impedir resultados danosos à vida e aos planos de seus fiéis.

⁵³ Transcrição das perguntas e respostas 22 a 28, da Entrevista XI – Anexo III.

muito difíceis, em armadilhas, e essas armadilhas me levaram a viver uma experiência de morte, de ser jurado de morte. Mas, graças a Deus, eu tive uma experiência com Deus. Ele não deixou que o tráfico me matasse. Eu tive outra oportunidade, e eu aproveitei essa oportunidade. Com dezessete para dezoito anos de idade, eu tive essa oportunidade de sobreviver, de viver novamente na sociedade, e com essa experiência eu fui amadurecido e tive um real encontro com Deus, e a partir dali é que se deu a minha conversão. (Grifo nosso)

- *Como se deu essa experiência de morte que você citou como sendo o momento marcante da sua conversão?*

Foi esse momento em que eu fui levado para uma casa de execução, porque eu tinha feito algo errado através de um assalto. Esse assalto me levou para uma “furada”, eu fui levado para uma armadilha, fui levado para o “tribunal do tráfico”, vamos dizer assim, por conta desse assalto. Mas eu tive uma oportunidade de sobreviver, porque os mesmos homens que iam me matar resolveram não me matar por conta de se assustarem com a situação que estavam atravessando. **Porque eles dispararam uma arma contra a minha vida, por três vezes, e a arma não funcionou.** E até digo nesse testemunho que **antes disso eu fiz ali um pacto com Deus, que se Deus me desse uma oportunidade de vida ali, eu sairia daquela vida que eu estava vivendo,** e me tornaria um novo homem, uma pessoa melhor. E, por conta desse momento, Deus me deu uma oportunidade. Eu vejo que foi um milagre de Deus para a minha vida. Deus fez tudo aquilo acontecer para que hoje eu tenha uma experiência com Ele. E, por conta disso ali, eu tive uma verdadeira conversão a Deus. (Grifo nosso)

- *E a sua trajetória cristã a partir daí, como se deu?*

A partir daí, se deu o início da minha caminhada. A partir dos meus dezenove anos de idade, eu vi verdadeiramente que eu não tinha outro caminho a seguir a não ser o caminho da presença de Deus. **E desde os meus dezenove anos até o presente momento, fazem já vinte e nove anos que eu estou nessa caminhada.** E posso resumir que foi dali que começou a minha trajetória com Deus, da minha caminhada evangélica, me fazendo chegar hoje aonde eu cheguei, como Pastor. (Grifo nosso)

Por fim, o testemunho de Lúcia ressalta a relação de sua conversão com um complexo de inferioridade engendrado desde a infância, o qual teria levado a jovem esteticista de 34 (trinta e quatro) anos, com ensino médio completo, nascida e criada em Senador Camará⁵⁴, a entrar alguns relacionamentos amorosos que considerou precipitados.

Então componente da mesa de oração da Assembleia de Deus de Padre Miguel (Selvinha)⁵⁵, a entrevistada considera que tenha se convertido com cerca de 29 (vinte e nove) anos de idade⁵⁶. Tendo o primeiro contato com o ambiente pentecostal aos 12 (doze) anos de idade⁵⁷, Lúcia frequentava uma Igreja Batista Pentecostal⁵⁸ escondida da família, por acreditar que a mãe, (inicialmente) de matriz religiosa espírita, a proibiria caso descobrisse. Veja-se⁵⁹:

- *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a fé cristã?*

⁵⁴ Vide Anexo III, Entrevista X, especificamente a pergunta 1 a 5.

⁵⁵ Vide Anexo III, Entrevista X, especificamente a pergunta 14 a 18.

⁵⁶ Vide Anexo III, Entrevista X, especificamente a pergunta 19 a 20.

⁵⁷ Vide Anexo III, Entrevista X, especificamente a pergunta 6 a 10.

⁵⁸ Embora as igrejas evangélicas mais históricas (como Batistas, Presbiterianas, Adventistas do Sétimo Dia, por exemplo), tradicionalmente mantenham suas respectivas doutrinas afastadas do pentecostalismo, há igrejas dessas matrizes que, aderindo a um movimento de renovação carismática, se dizem pentecostais.

⁵⁹ Transcrição das perguntas 22 a 30, da Entrevista X – Anexo III.

Sim, professam atualmente, mas não professaram sempre. **A minha família vem toda do espiritismo, toda ela, da parte de pai e da parte de mãe.** Meus avós, todo mundo veio do espiritismo. **E isso veio se modificando com as novas gerações, que é a minha geração e dos meus irmãos, minhas primas.** (Grifo nosso)

- *Mas isso começou através de você ou foi individual, cada um foi seguindo?*
Começou comigo.
- *Você acha que isso (matriz religiosa da família) teve algum tipo de influência para a sua conversão?*
Não, eu acho que foi uma questão mais de identificação, porque a minha mãe nunca forçou. **Eu sou filha de uma mulher que tem quatro filhos, e ela nunca forçou a sua religião para a gente. Ela nunca impôs que a religião dela deveria ser a nossa. Pelo contrário, ela sempre dizia que a gente podia escolher, podia fazer o que a gente quisesse.** Tanto que quando ela descobriu que eu estava visitando, às vezes, a igreja lá em Camará, na minha infância, quando eles foram na minha casa oferecendo o estudo no lar, ela riu e deixou, liberou. E todos os domingos eles iam lá dar o estudo. E acabaram dando estudo para o meu irmão também. Então a minha mãe sempre tirou isso de boa. **E minha mãe tinha terreiro, minha avó, todo mundo. Mas minha mãe nunca foi uma pessoa que “encrencasse” com isso não.** (Grifo nosso)
- *Então as pessoas da sua família que hoje professam a fé cristã começaram a vir, mas através de você?*
Sim.
- *Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?*
Eu entendi e **abraçei o caminho de Cristo através do complexo de inferioridade, eu tinha um complexo de inferioridade muito grande.** Com isso, eu tinha dificuldade de me comunicar com as pessoas. Eu tinha dificuldade de me comunicar com as minhas irmãs, porque elas eram muito descoladas, arrumavam namorados, e eu me sentia o patinho feio. Eu era a feia da casa. Então, eu dormia muito. Só comia miojo, e deitava e me cobria, ficava coberta da cabeça aos pés. E a minha vida era assim. Eu passei a minha infância toda assim. E minha irmã mais velha encrencava muito comigo por isso, porque ela era “a top”. Ela era a mais bonita da escola, a mais bonita do bairro, todos os meninos a queriam. E eu falava: “eu nunca vou alcançar isso, então, vou ficar aqui na minha cama mesmo”. Então, **eu tinha muita depressão, porque eu perdi meu pai quando tinha cinco anos de idade, e como sentia uma diferença muito grande na criação da minha mãe comigo e os meus irmãos, a falta do meu pai me dava a entender que se ele estivesse, eu seria abraçada, teria essa assistência por parte dele. Então, isso me gerou uma baixa autoestima muito grande. Eu me sentia muito sozinha. E eu comecei a frequentar os cultos. E ia, me sentia bem. Aquela dor interna que eu sentia, eu não sentia quando estava nos cultos.** Então eu entendia que aquilo era bom para mim, e ia, às vezes. Mas como eu sempre tive um temperamento muito forte, eu achava que não ia conseguir ficar. **Além da baixa autoestima, eu reagia aos meus traumas com muita agressividade.** Eu me tornei uma pessoa muito agressiva, tanto nas palavras quanto nas atitudes. No intuito de entender que as pessoas me repeliam e não me queriam, eu já repelia as pessoas antes. Eu passava a não querer as pessoas perto de mim, para que elas não viessem a se desfazer de mim, porque eu tinha isso no meu subconsciente. Então, eu comecei a agir dessa forma. Eu era uma pessoa muito difícil de as pessoas terem acesso, estava sempre desconfiada de alguma coisa, mas ao mesmo tempo eu acabava mendigando a atenção dessas pessoas (...). Um exemplo, a minha irmã mais velha faz aniversário dia 10 de outubro e eu faço dia 7. No aniversário dela, a minha tia que é madrinha dela fazia um bolo para ela, e a minha prima fazia um bolo menor para mim. E eu me incomodava muito com isso, de sempre estar na dependência de alguém: eu nunca tive um bolo para mim, eu tinha um bolo que era da minha irmã, aí ela vinha e fazia um bolo pequeno para mim. Então isso, para mim, era uma mendigação muito grande. **Devido a essa fragilidade nos sentimentos, era uma necessidade muito grande de depender de alguém. Ao mesmo tempo em que eu não sabia lidar com isso, não sabia atrair as pessoas, e ao mesmo tempo eu também queria isso.** Como eu não encontrava isso na minha mãe e nos meus irmãos, comecei a agir truculentamente: eu chegava e batia, discutia (...). Eu não gostava de ser assim, mas era espontâneo, era normal, era automático, quando eu via, já tinha feito.
E conforme o tempo foi passando, e comecei a depositar essa carência, essa dependência, na minha vida sentimental. E foi quando eu conheci o pai do meu filho. Hoje eu entendo dessa forma, devido à maturidade. **Por estar envolvida com Cristo, hoje eu entendo dessa forma, que eu depusitei toda essa carência que eu tinha do meu pai e da minha mãe no pai do meu filho. Foi**

quando eu fique subjugada a ele. E fiquei com ele, e passei tudo o que eu tinha que passar com ele, tive um filho (...). E para mim, quando eu me separei dele, que foi a primeira coisa que se desfez quando um me converti de fato (...), eu costumo dizer que o primeiro Isaque que Deus me pediu para sacrificar⁶⁰ foi o meu casamento, minha relação com o pai do meu filho, porque eu acho que se estivesse com ele até hoje, eu não estaria no evangelho. Porque o evangelho te ensina que você precisa estar dedicada a Cristo, e **o meu cristo era o pai do meu filho, porque ele me dava a assistência que ninguém me dava.** Então, seria muito difícil estar com ele e estar com Cristo, ia ser uma guerra muito grande, porque ele era o cristo da minha vida até então. Foi daí que eu passei a caminhar. **Esse relacionamento deu errado, esse casamento acabou e, a partir disso, eu depusitei essa fragilidade que eu já tinha, e essa minha frustração do casamento, no evangelho.** Foi quando eu aceitei a Jesus. **Meu casamento acabou num dia e no mesmo dia, à noite, eu aceitei a Jesus na igreja cristã pentecostal.** (Grifo nosso)

- *Você foi morar em Belford Roxo quando casou com o pai do seu filho?*
Isso. Eu não cheguei a casar com ele “no papel”, só fui morar junto.
- *Seu filho tem quanto anos hoje?*
Dezesseis.
- *Então você aceitou a Jesus quando terminou o seu relacionamento?*
Não foi bem assim. **Começou a acontecer uma série de coisas no relacionamento. A mãe dele era racista, não gostava da gente, de mim e do meu filho.** (Grifo nosso)
- *Ele era branco (o companheiro)?*
Muito branco. **Quando eu engravidei do meu filho, eu não estava com ele, a gente tinha brigado. Aí nos encontramos de novo e eu engravidei. Quando ela (a sogra) ficou sabendo disso, ela fez as contas e deu um prazo para o Kauã (o filho) nascer.** Ela falou: “esse menino, então, tem até dia 22 de maio para nascer, se ele não nascer até lá não é meu neto, porque eu fiz as contas”. O Kauã nasceu dia 21 de maio, e **mesmo assim ela continuou com essa perseguição, porque eu sou negra.** E na família dela entraram duas pessoas da mesma família. A Vanessa e o meu filho são primos duas vezes, porque a minha irmã mais velha namorava o filho dela mais novo, e eu namorava o mais velho. Mas o preconceito dela era mais comigo, porque eu tenho a pele mais escura e a minha irmã mais velha não. Então, quando vi que aquilo ficou muito desgastante, ficou muito complicado (...), ele começou a trabalhar e ele tinha uma dependência muito grande dela, ele fazia tudo por ela. Eu não via o dinheiro, não via nada, ela que dominava tudo: quando eu via, as compras já chegavam em casa, porque ela já tinha feito as minhas compras. **Então isso tudo foi gerando um transtorno muito grande, até que a gente se separou. E nessa separação, eu depusitei essa carência toda no evangelho.** E foi o suprimento que me supre até hoje e, graças a Deus, eu estou bem. (Grifo nosso)

⁶⁰ Referência à passagem bíblica em que Deus requer do patriarca do povo de Israel, Abraão, o sacrifício de seu filho unigênito, Isaque, em holocausto: “Passados esses acontecimentos, Deus submeteu Abraão a uma prova, convocando-o: ‘Abraão! Abraão!’ Ao que ele redarguiu: ‘Eis-me aqui, Senhor!’ Então Deus lhe ordenou: ‘Toma Isaque, teu filho, teu único filho, a quem tu muito amas, e vai-te à terra de Moriá. Sacrifica-o ali como holocausto, sobre um dos montes, que eu te indicarei!’ Abraão levantou-se bem cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu amado filho Isaque. Ele ainda rachou a lenha para o holocausto e se pôs a caminho rumo ao lugar que Deus havia mostrado. No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar que Deus havia determinado. Abraão ordenou a seus servos: ‘Permaneçam aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós!’ Então Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre os ombros de seu filho Isaque, e eles mesmo levou as brasas para preparar o fogo, e o cutelo. E, enquanto caminhavam os dois juntos, Isaque chamou por seu pai Abraão: ‘Meu pai!’ Ao que ele replicou prontamente Abraão: ‘Sim, meu filho!’ Então Isaque indagou: ‘Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?’ Assegurou-lhe Abraão: ‘Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto’; e continuaram a caminhar ambos juntos. Finalmente, quando chegaram ao lugar que Deus lhe apontara, Abraão construiu o altar dispôs a lenha, depois amarrou o filho e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. Abraão estendeu a mão e apanhou a faca para imolar seu filho. Entretanto, o Anjo do Senhor o chamou do céu: ‘Abraão! Abraão!’ Ao que prontamente lhe respondeu Abraão: ‘Eis-me aqui!’ ‘Não estendas a tua mão contra o rapaz!’ – ordenou o Anjo: ‘Não lhe faças nada! Agora bem sei que temes a Deus, porquanto não me negaste teu amado filho, teu único filho!’” Gn 22, 1-12 (BÍBLIA, 2012, p. 22).

- *Até você foi caminhado autonomamente, a partir disso?*
Sim, exatamente.

O ponto comum dos testemunhos aqui transcritos é o fato de que estes indivíduos, como muitos outros, de maneira consciente ou não, buscam na igreja evangélica pentecostal o estímulo emocional, material ou sentimental que precisam para realizar mudanças em suas trajetórias de vida. Portanto, em espaços tipicamente periféricos, como o de uma favela carioca, quase não se encontra ressalvas à afirmação de que amor de Cristo é a única força milagrosa capaz de viabilizar a catarse almejada, assim chamada *libertação*.

Em questões de diversas naturezas, tão tipicamente presentes na vivência periférica, os favelados, motivados na busca por novas perspectiva de vida, procuram nessas comunidades de fé, acolhimento, apoio fraternal e proteção espiritual para promoverem suas catarses individuais. E o testemunho de fé dos irmãos que asseguram já ter atravessado a difícil experiência da conversão, inculca nos recém-chegados a certeza de que, seja qual for o problema atravessado (criminalidade, vício em drogas, crise conjugal, doenças emocionais e físicas, família, etc.), a *libertação* é garantida pelo *dono da obra*, e maior interessado nela, o próprio Deus.

1.3. Culto Pentecostal, Participação Religiosa Ativa e Sentimento de Pertença

Na esteira do subitem anterior, este tópico tratará da importância do ato cultual para o fomento do sentimento de pertença dos pentecostais e da certeza quanto à disposição presente do socorro divino.

Embora o culto exerça papel central na manifestação de qualquer matriz religiosa, a expressividade emocional dos cultos pentecostais e neopentecostais se ajusta de maneira formidável à experiência periférica, pouco afeiçoada à rigidez formal de outras igrejas evangélicas mais tradicionais. Não por acaso, as periferias urbanas se tornaram o principal celeiro para o crescimento do segmento pentecostal.

O *falar em línguas estranhas* e os demais dons espirituais, o baixo rigor intelectual dos discursos e sermões [se comparados aos de outras denominações evangélicas] e a fluidez dos louvores entoados: todos esse aparato peculiar contribui para que a coletividade periférica se sinta bem acomodada ao culto pentecostal, e tenha condições de dele participar ativamente, construindo a ritualística, não apenas recebendo-a de maneira passiva. Assim observou a

autora Andrea Dip no livro *Em Nome de Quem?: A Bancada Evangélica e seu Projeto de Poder*, citando as palavras do pesquisador Paul Freston:

O sociólogo explica que **a diferença mais importante entre as Igrejas Históricas e as Pentecostais é a crença nos dons do Espírito Santo. “Falar em línguas, curar, exorcizar, profetizar são características das Pentecostais. Por ser uma forma mais entusiasmada de religiosidade, depende menos de um discurso racional, elaborado. Você pode não saber ler ou escrever, pode ser alguém que não ousaria fazer um discurso racional em público, mas sob a influência do Espírito, você fala. Por isso, pode-se dizer que a Igreja Pentecostal também tem esse poder de inverter hierarquias sociais”.** E destaca: “Por ser mais próxima da cultura do espetáculo e menos litúrgica, também é a Igreja Pentecostal a que se dá melhor com as mídias.” (DIP, 2019, p. 69-70, grifo nosso)

É importante pontuar, logo de início, que a ampla abertura à expressividade emocional de um culto tipicamente pentecostal se associa umbilicalmente ao funcionamento das igrejas como espécies de “prontos-socorros” espirituais. O estímulo à participação ativa religiosa, nesta esteira, não se justifica apenas pelo apelo à comunhão entre os irmãos, mas também pela demanda de acolhimento que acaba por ser remanejada para o âmbito divino.

O culto funciona como a oportunidade na qual a “dimensão espiritual” se põe a postos para tratar dos traumas dos fiéis que, intencionalmente, direcionam para a igreja [*pronto-socorro*] qualquer espécie de descontentamento. Por consequência óbvia, consagra-se o culto como ocasião apropriada para a dispensa de atenção a todas as questões seculares, emocionais e sentimentais dos crentes, como uma espécie de terapia espiritual. É o que, mais uma vez de forma certa, observou Ricardo Mariano:

Nos templos e na mídia, Cristo é propagandeado como panacéia para todos os males terrenos. Haja vista que a tarefa primordial desse Deus, razão aliás pela qual o Todo-Poderoso é tão assediado por seus dedicados servos, é a de protegê-los e abençoá-los pronta e abundantemente em todos os campos da vida. **Seus cultos, evangelísticos ou não, praticamente batem só nesta tecla. Funcionam como prontos-socorros espirituais e como tais são procurados. Baseiam-se em promessas e rituais para a cura física e emocional, prosperidade material, libertação de demônios, resolução de problemas afetivos, familiares, de crise individual e de relacionamento interpessoal. (MARIANO, 2014, p.9, grifo nosso).**

Em que pese o assédio à divindade mencionado pelo autor, há que se considerar que o discurso de amor, cuidado e atenção doados pelo próprio Deus, por si só, alivia os pesares dos crentes pentecostais periféricos, que, comumente, mal têm tempo para cuidar de suas questões mais sensíveis. Com efeito, a participação religiosa tona-se uma fonte autônoma de prazer para estes fiéis. O uso reiterado de passagens bíblicas que estimulam a frequência diuturna e voluntariosa dos crentes, ratifica o culto como manifestação do prazer individual. Veja-se:

- *Alegrei-me quando me convidaram: “Vamos à casa do Senhor” – Sl 122, 1 (BÍBLIA, 2012, p. 735);*
- *Um anseio manifestei ao Senhor, e sua realização buscarei: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a glória do Senhor e buscar sua orientação no seu templo – Sl 27, 4 (BÍBLIA, 2012, p. 677);*
- *Ó Deus, que és o nosso Soberano; trata com misericórdia o teu ungido! Pois **um dia em teus átrios vale mais que mil em qualquer outro lugar**; estar recostado à porta da Casa do meu Deus é melhor que morar nas tendas mais ricas dos ímpios – Sl 84, 9-10 (BÍBLIA, 2012, p. 710, grifo nosso);*
- *Assim Salomão terminou a Casa de Yahweh e o palácio real. Realizou com êxito tudo quanto havia projetado fazer no templo do Senhor, bem como o seu próprio palácio. Então aconteceu que o Senhor apareceu a Salomão durante a noite e lhe declarou: **‘Eis que ouvi a tua oração e escolhi este lugar para mim como Casa de Sacrifício!** Se Eu fechar o céu para que não derrame a chuva, ou ainda se ordenar aos gafanhotos que devorem a terra, ou mesmo enviar a praga sobre a minha própria gente; e se esse meu povo, que se chama pelo meu Nome, se humilhar, orar e buscar a minha face, e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdorei o seu pecado e seus erros e curarei a sua terra – 2 Cr 7, 11-14 (BÍBLIA, 2012, p. 541, grifo nosso)*

Como visto, o ato de cultivar, na cultura pentecostal, de fato é, e deve ser, uma fonte autônoma de prazer para os fiéis. É sabido que o pentecostalismo tradicional rejeita com veemência boa parte das atividades seculares de lazer típicas de um estilo de vida pejorativamente entendido como hedonista, associado, por exemplo, à boemia juvenil, ao envolvimento em relacionamentos afetivos casuais, ao consumo regular de bebidas alcóolicas, às danças (em especial as que estimulam algum tipo de sensualidade), etc. Esse ascetismo de rejeição do mundo convida os crentes a conceberem as atividades religiosas, centralizadas na figura do culto, como sua fonte e prazer prioritária [quando não, unitária], combatendo a persuasão da indústria cultural que leva os indivíduos à ocupação do tempo livre com atividades de lazer e entretenimento tidas como perniciosas (MARIANO, 2014, p.193). É o que corrobora o pesquisador da religião, nos seguintes termos:

Além de ocupar o tempo livre disponível, a esfera do lazer (entretenimento e esporte) se opõe abertamente ao projeto pentecostal de vida santificada, ao reforçar o ócio, o gozo espontâneo da vida, estimular a sensualidade, a luxúria, o materialismo, a volúpia consumista. Daí constantes advertências dos pastores aos fiéis, muitas delas num tom bem-humorado, sobre a importância de se dedicar mais tempo às coisas de Deus do que às do mundo.

Por isso e em consonância com o paternalismo das lideranças, **é preciso afastar os crentes desses perigos, ocupando seu tempo livre com as atividades da igreja e restringindo sua vida associativa aos irmãos de fé. Nesse sentido, a vida comunitária constitui peça fundamental para a manutenção da plausibilidade de crenças e hábitos sectários diante do pluralismo religioso** e, como dizia ao “politeísmo de valores”, ou à coexistência de inúmeras e conflitantes fontes de ética para a regulação da vida. Pois, no mundo moderno, como afirma Berger (1983: 209), “somente dentro da comunidade religiosa, *ecclesia*, a conversão pode ser efetivamente mantida como plausível” (MARIANO, 2014, p.194, grifo nosso).

Malgrado essa relação com o gozo individual e o sectarismo pentecostal, é na carência afetiva dos fiéis que se estrutura a alegoria do culto enquanto espaço exclusivo da tão demandada *presença de Deus*. Enfatizado nos louvores e sermões pentecostais, o potencial miraculoso desta presença viva, tem-se como ativado nas reuniões religiosas. Embora em outros ambientes e ocasiões específicas, “a presença” possa ser sensivelmente estimulada, atributos como a adoração⁶¹ e a comunhão⁶² fazem do culto o ambiente ideal para que ela seja tirada de seu estado de latência e lavada ao êxtase.

A última passagem bíblica acima transcrita, muito popularizada na cultura pentecostal, é um dos instrumentos que legitima esta convicção. No diálogo de *Yahweh* com Salomão, ocorrido após a construção e embelezamento do primeiro templo cultural de Israel, a divindade afirma que a oração do rei havia sido ouvida e que, como consequência, o lugar havia sido escolhido como “Casa de Sacrifício”, na qual os ouvidos do Senhor estariam atentos para o clamor de arrependimento e contrição do seu povo.

A canção gospel *Tua presença*⁶³, composta por Samuel Messias e interpretada por Paula Neto, reflete muito bem a ideia. Ainda que o primeiro trecho faça alusão ao *quarto*⁶⁴ em um momento inicial do *encontro com Deus*, é perfeitamente possível enxergar a temática [presença de Deus] associada ao culto religioso:

Entre no quarto e feche a porta: chegou a hora de falar com Deus
 Dobre os joelhos e sinta a presença, que toma todo esse lugar
 Sinta a glória de Deus. Sinta a glória do Pai
Não se detenha se as lágrimas rolarem
E as batidas do seu coração acelerarem
É Ele mexendo no secreto da gente
O lugar que ninguém conhece
Mas Ele viu e sabe curar
Ele viu e sabe o remédio pra curar toda ferida
Jesus, tua presença é o que eu mais quero
Jesus, tua presença é o meu remédio
Jesus, eu não quero ouro nem prata, só quero que cuides de mim

⁶¹ Pode-se entender, sinteticamente, como entoação de louvores, elevação do pensamento, e gestos corporais de devoção.

⁶² Pode-se entender, sinteticamente, como a reunião do corpo de membros em unanimidade de pensamento (adoração conjunta).

⁶³ Letra e interpretação disponíveis em: < <https://www.letras.mus.br/paulo-neto-gospel/tua-presenca/>>. Acesso em: 06 de fev. de 2022.

⁶⁴ Referência à passagem bíblica na qual Jesus, durante o Sermão do Monte, roga aos ouvintes que não sejam como os fariseus (líderes religiosos da época), exibicionistas em suas preces: “E, quando orardes, não sejais como os hipócritas, pois que apreciam orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem admirados pelos outros. Com toda a certeza vos afirmo que eles já receberam o seu galardão. Tu, porém, quando orares, vai para teu quarto e, após ter fechado a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará plenamente.” Mt 6, 5-6 (BÍBLIA, 2012, p. 1108, grifo nosso).

Eita, que presença é essa?
Presença que mexe e confronta com tudo aqui dentro da gente
Que causa arrepio na alma e a gente sente
Jesus, que eu perca dinheiro e perca amigos
Só não quero perder, tua presença
 Tua presença; Tua presença; Tua presença; Tua presença (grifo nosso)

Veja-se, ainda, a letra do louvor *Há um lugar*⁶⁵, de composição da Pra. Mônica e do Pr. Oseas, líderes da igreja neopentecostal Renascer em Cristo (IRC) e integrantes do grupo de louvor Renascer Praise, que interpreta a canção gospel que ostenta a mesma temática:

Há um lugar, onde eu quero ficar, te encontrar e ouvir Tua voz
 Todos os dias, Senhor, sem limites junto a Ti, adorar
 Meu lugar é onde Tu estás
Eu quero ficar, onde eu possa contemplar tua face
Estar em Teus átrios um dia, vale mais do que mil em outro lugar
Onde o aflito encontra paz, alegria e refrigério
Meu lugar é onde Tu estás!
 Todos os dias, Senhor, em tua presença eu quero ficar...
 Todos os dias Senhor, te adorar! (Grifo nosso)

Das duas letras, se depreende, com certa clareza, a importância do ato cultuar e estar em contato direto com o divino, não só para fins de celebração coletiva e gozo fraterno, mas para o aniquilamento de carências individuais, de ordem emocional, sentimental e/ou social, enraizadas nos sujeitos. Daí a excepcional abertura dos cultos pentecostais à expressividade emocional dos fiéis.

Nas entrevistas realizadas como parte da pesquisa de campo, as respostas dos fiéis a uma pergunta especificamente relacionada à importância da igreja evangélica pentecostal e do ambiente religioso em suas vidas confirmaram todos os aspectos da participação religiosa acima referidos.

Júlia, de 51 (cinquenta e um) anos de idade, é porteira de escola pública municipal e membra da Assembleia de Deus de Realengo (CONAMAD⁶⁶), situada na comunidade do Batan, onde reside⁶⁷. Dando especial destaque à sua vivaz participação nos encontros religiosos, ela assim respondeu à pergunta⁶⁸:

➤ *E a igreja evangélica pentecostal, ela tem algum tipo de importância na sua vida? Qual é a importância da igreja depois da sua conversão?*

⁶⁵ Letra e interpretação disponíveis em: < <https://www.letras.mus.br/renascer-praise/1669242/>>. Acesso em: 06 de fev. de 2022.

⁶⁶ Ministério de Madureira.

⁶⁷ Vide Anexo III, Entrevista IV, perguntas 1, 3, 5 e 7.

⁶⁸ Transcrição das perguntas e respostas 24 e 24, da Entrevista IV – Anexo III.

Quando eu vou à igreja adorar (...) porque, tipo assim, **aos domingos eu vou adorar a Cristo, isso me dá força. E quando eu vou a alguma oração, eu vou “me encher”, por causa dos problemas que virão. Então, quando eu vou é pra me dar força. Quando eu glorifico e exalto ao nome do Senhor, com palmas, com pulos, com alegria...** Porque me dá vontade de correr... (Grifo nosso)

- *É como se fosse uma injeção de esperança?*
Exatamente.

Por sua vez, Wiliam, de 25 (vinte e cinco) anos, vendedor de biscoitos residente na favela da Vila Vintém⁶⁹, ressaltou a forma como se sente na igreja, em comparação a outros ambientes. O jovem Diácono, que exerce o ministério itinerante⁷⁰ de pregação, e “nasceu” na Assembleia de Deus da Vila Vintém⁷¹, vinculada à convenção de Madureira (CONAMAD)⁷², assim respondeu ao questionamento⁷³

- *E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um ambiente que você frequenta como qualquer outro ou você considera que seja um lugar especial?*
Não, é um lugar muito diferenciado. Você tem comunhão ali. **Ali eu me sinto bem. Posso não me sentir bem em alguns lugares, por exemplo, praia, praça, essas coisas (...), mas na igreja eu me sinto bem.** (Grifo nosso)

Já Mari, regente de louvor do grupo de mulheres da Assembleia de Deus de Padre Miguel (Selvinha), já mencionada noutro subtópico⁷⁴, expressiu em sua fala a importância da comunidade religiosa enquanto espaço de pertencimento dos fiéis⁷⁵:

- *E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um ambiente que você frequenta como qualquer outro ou você considera que seja um lugar especial?*
Não. A igreja pra mim é um ambiente especial, **onde eu tenho pessoas que eu gosto, que eu amo, pessoas que têm defeitos, iguais a mim, mas que, no final, tudo dá certo, tudo se encaixa.** Então, assim, a igreja é um lugar especial pra mim, **um lugar onde eu gosto de estar.** (Grifo nosso)

⁶⁹ Vide Anexo III, Entrevista V, perguntas 1, 4, 5 e 6.

⁷⁰ O ministério itinerante pode ser conceituado, em síntese, como quaisquer atividades religiosas exercidas por fiéis que, de forma autônoma, circulam em igrejas pelas quais são convidados para desempenhá-las. Comumente, envolve atribuições específicas relacionadas, por exemplo, ao ensino bíblico, pregações de sermões, ministração de louvores, participações em cultos e eventos festivos, etc. As atividades podem ou não ser remuneradas por ofertas entregues, de maneira voluntária, pelas igrejas que convidam. Todavia, o indivíduo que exerce o ministério itinerante pode condicionar “seus serviços” ao pagamento de quantias específicas, prática que, embora tenha se difundido muito na cultura pentecostal, notadamente entre as personalidades mais famosas do meio gospel, permanece malvista pela maior parte dos fiéis. De uma forma ou de outra, o fato é que o ministério itinerante acabou por tornar-se uma fonte de renda para os fiéis que o exercem (fonte complementar para uns, e principal para outros). Sobre o tema, vide Anexo III: Entrevista V, perguntas 12 a 16; Entrevista VIII, perguntas 12 a 15; e Entrevista XII, perguntas 10 a 19.

⁷¹ O entrevistado veio de “berço evangélico”, i. e., recebeu criação religiosa desde a tenra idade. Vide Anexo III, Entrevista V, pergunta 17.

⁷² Vide Anexo III, Entrevista V, perguntas 7 a 16.

⁷³ Transcrição da pergunta e resposta 25, da Entrevista V – Anexo III.

⁷⁴ Vide fl. 23.

⁷⁵ Transcrição da pergunta e respostas 25, da Entrevista VII – Anexo III.

Ratificando a ideia do culto como “pronto-socorro espiritual”, Bruno, membro da Assembleia de Deus de Vila Vintém (CONAMAD⁷⁶), utilizou a alegoria da igreja como um posto de gasolina para fazer alusão à sua constante necessidade de participar das reuniões cultuais. Perguntado a respeito, o jovem de 25 (vinte e cinco) anos que recebeu criação evangélica⁷⁷, assim respondeu⁷⁸:

- *E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um lugar aonde você vai e tem uma coletividade com a qual você se relaciona, como em outros lugares, ou você considera que seja um lugar especial?*

Para mim, é muito importante. **Por exemplo, é como se eu fosse um carro, e minha fonte de gasolina é a igreja. Se eu não sentar na minha igreja, e puser colocar o meu combustível ali, eu não consigo viver os outros dias, eu não tenho esperança.** Claro que existem igrejas que são difíceis. (Grifo nosso)

Por fim, Sandra, de 54 (cinquenta anos), prestadora de serviços diversos (limpeza, organização, administração, atendimentos, etc.), com o ensino médio completo e técnico em contabilidade, nascida nas proximidades da favela da Vila Vintém, e ex-membra de diversas igrejas evangélicas pentecostais periféricas⁷⁹, deu especial ênfase ao potencial reflexivo estimulado pelo ambiente religioso. Então Pastora⁸⁰ do ministério independente Assembleia de Deus a Palavra é Cristo⁸¹, situada na comunidade do Jacaré (Zona Norte carioca), a religiosa respondeu à pergunta nos seguintes termos⁸²:

- *E a igreja, especificamente, (corpo de membros / ambiente), qual é a importância da igreja na sua vida, é um ambiente comum a todos os outros que você frequenta e gosta de estar ou é um lugar especial?*

A igreja na minha vida pra mim é um local diferenciado. Os outros locais são locais de lazer, de prazer, de entretenimento e tantas outras coisas. Mas **a igreja, em si, pra mim, é um local de reflexão, de adoração, para mim entender mais as questões da vida.** Na verdade, é um local muito didático para mim. A igreja é um local muito didático, eu aprendo muito estando na igreja e ouvindo a palavra de Deus. (Grifo nosso)

Portanto, conclui-se que este culto religioso não representa tão somente parte de uma rotina grupal. Trata-se, sobretudo, de uma estrutura imagética, fomentada e internalizada no ideário de cada fiel.

⁷⁶ Ministério de Madureira.

⁷⁷ Vide Anexo III, Entrevista VIII, perguntas 1, 17 e 18.

⁷⁸ Transcrição da pergunta e resposta 22, da Entrevista VIII – Anexo III.

⁷⁹ Vide Anexo III, Entrevista XII, perguntas 1 a 9.

⁸⁰ Esposa do entrevistado Francisco, mencionado nos subtópicos antecedentes.

⁸¹ Vide Anexo III, Entrevista XII, pergunta 10.

⁸² Transcrição da pergunta e respostas 29, da Entrevista XII – Anexo III.

E é neste contexto que o ato cultural se põe como peça central para a construção da sensação de prazer e acolhimento individual, e do sentimento de pertença de grupo, os quais, junto a outros vetores, sedimentam a cultura pentecostal.

1.4. Acolhimento e Julgamento: A Dubiedade no Comportamento Pentecostal

Até o subtópico anterior, tentou-se explicar os motivos pelos quais as igrejas evangélicas pentecostais, na conjuntura das periferias urbanas, particularmente nas favelas cariocas, funcionam como agências de acolhimento espiritual dos fiéis que, majoritariamente integrantes dos setores mais pobres da sociedade, se vêm atravessados pelas agruras cotidianas da vivência proletária.

Não é por acaso que os crentes periféricos, naturalmente prejudicados em termos de atenção emocional, assumem um comportamento tão cioso nos cuidados com a crença religiosa, tanto que, eventualmente incitados por alguma liderança mal-intencionada (e ciente de tamanho zelo), os pentecostais tornam-se suscetíveis à militância por causas que nem bem se associam à sua profissão de fé. Se Deus, sendo infinitamente superior, é único ser que se importa de forma genuína com a minha existência, ralé e desprezível, nada mais justo que eu empreenda meus melhores esforços para satisfazê-lo – essa é a lógica.

Embora a oferta titularizada pelo próprio Deus, seja de amor, cuidado e abrigo, o comportamento dos pentecostais assume certa dubiedade decorrente do imponente conservadorismo dos costumes inerentes à doutrina.

O movimento pentecostal, de raízes puritanas e petistas, herdou o ascetismo de rejeição do mundo que exige da membresia uma conduta marcada por “normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação” (MARIANO, 2014, p.190).

Muito por conta desta postura sectária, os pentecostais habituaram-se a avaliar, segundo seus próprios parâmetros de vida, a conduta quotidiana de outrem. Os fiéis tendem a fazer da igreja um ambiente de vigilância constante, e a expandir para fora dela seus juízos de reprovação, julgando o que seria ou não socialmente aceitável.

Como resultado prático, um quantitativo razoável de indivíduos que, embora educados no contexto religioso, foram sumariamente reprimidos em algum momento da vida por manifestarem comportamentos considerados reprováveis pelo senso comum da comunidade

de fé, se evade da membresia⁸³ e cria repulsa ao ambiente das igrejas pentecostais. Inobstante a manutenção do potencial atrativo das igrejas periféricas em elevado nível de desempenho, faz-se perceptível o fraturamento interno do discurso de cordial acolhimento que funciona como motor propulsor do proselitismo pentecostal. Nas palavras de Ricardo Mariano:

Segundo os próprios crentes, a radicalidade das regras e exigências de conduta gera hipocrisia no relacionamento entre os fiéis. Como recurso de autodefesa, muitos deles ‘*se fazem de santo*’ apenas dentro da igreja ou na companhia de seus irmãos de fé, enquanto noutros contextos e diante de interlocutores presuntivamente hostis ao estilo pentecostal tradicional de ser, omitem ou não assumem sua identidade de crentes, ou, ao contrário. Adotam até mesmo comportamentos diametralmente opostos ao que seria deles esperado.

Nas igrejas mais austeras a temporada de “caça às bruxas” está sempre aberta. Com estímulos fornecidos pelo clima repressor e pela própria auto-repressão do fiel, que por isso mesmo anseia ressentidamente por justiça, os desviantes, muitas vezes, delatados por seus irmãos, são vítimas de admoestações, punições e até de exclusões. (MARIANO, 2014, p.198-199, grifo nosso)

À título ilustrativo, veja-se, ainda, a entrevista de Samantha, ex-membra da Assembleia de Deus de Realengo, vinculada ao Ministério de Madureira (CONAMAD) situada na favela do Batan, onde reside⁸⁴. A jovem de 24 (vinte e quatro) anos, com o ensino médio completo, sem fonte formal ou informal de renda⁸⁵, ressalta sua desaprovação em relação à rigidez do padrão moral e comportamental da comunidade religiosa da qual se retirou⁸⁶:

- *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que você professou?*
Sim.
- *E você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua participação na igreja?*
É claro. Porque é imposto, né. (Grifo nosso)
- *Você poderia contar, com detalhes, como foi esse tempo que você passou na igreja?*
Eu nasci nessa igreja, Assembleia de Deus de Realengo. Eu participei logo do grupo das crianças, porque os meus pais faziam parte da igreja. Logo depois, meu pai se desviou e minha continuou indo para a igreja. Um tempo depois, a gente foi morar em Seropédica, mas eu continuei vindo para cá (Realengo) para participar do grupo dos adolescentes, porque eu gostava da igreja. Aí eu permaneci nessa mesma igreja, e quando nós voltamos a morar no Batan, eu passei para o grupo dos jovens. **Eu saí do grupo dos jovens porque eu casei, e assim que eu casei nós mudamos de igreja. Só que quando nós mudamos de igreja, eu não participei mais de grupo nenhum, eu só ia à igreja mesmo.**
- *Você ainda gostava de ir à igreja, nessa época?*
Não.

⁸³ “Desviado” é o termo empregado, no meio pentecostal, para designar o indivíduo que, uma vez integrante do corpo de membros de determinada igreja evangélica, se retira voluntariamente do convívio religioso e passa assumir um estilo de vida mais secularizado, ainda que continue a visitar a igreja esporadicamente.

⁸⁴ Vide Anexo III, Entrevista I, perguntas 5 a 13.

⁸⁵ Vide Anexo III, Entrevista I, perguntas 1 a 4.

⁸⁶ Transcrição da pergunta e respostas 13 a 24, da Entrevista I – Anexo III.

- *Mas ia por que fazia parte da sua rotina?*
Sim, era rotina. **Só antigamente eu gostava, quando adolescente, e no começo da juventude, porque não era imposto que você tinha que ter uma responsabilidade na igreja.** (Grifo nosso)
- *Qual a importância da igreja evangélica na sua vida, seja ela positiva ou negativa?*
Eu gosto de ir à igreja, me sinto bem em ir à igreja, **mas eu não gosto da religiosidade que a igreja quer que a gente engula. Principalmente quando você tem algum parente dentro da igreja, é mais difícil ainda, porque você tem que seguir o padrão que eles querem, e não pode errar em nada, porque se não você é crucificado.** E eu não acho que igreja deveria ser assim, porque Jesus não é assim. **A igreja impõe um padrão de vida em você, que você tem que viver à risca, se não você é excluído, ou você é crucificado.** Eu não gosto disso. Parece que você tem que viver uma mentira. As pessoas da igreja vivem muita mentira. (Grifo nosso)
- *Como assim, mentira?*
A vida deles não é assim, mas na igreja eles fingem uma coisa e, em casa, vive outra. (Grifo nosso)
- *Mas elas fingem o quê, algum tipo de comportamento?*
Isso, **um comportamento, uma santidade, uma felicidade que não você vê que não é.** (Grifo nosso)
- *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas?*
Eu acho que sim.
- *De que modo? E você entende que essa influência seja negativa ou positiva?*
Em algumas partes, eu acho que é positiva, porque, em termos, a igreja passa uma segurança, uma felicidade, um sentimento de esperança, de que alguma coisa vai mudar. E a parte negativa é que às vezes a igreja crucifica muito os outros, as pessoas que estão fora. (Grifo nosso)
- *Mas isso é aparente para quem está fora?*
Sim. **Ao mesmo tempo que tem gente que abraça as pessoas que estão fora, tem gente que crucifica muito, e joga a pessoa fora.** (Grifo nosso)
- *Por que não se adequam?*
Porque não estão nos padrões da igreja.

Além do descompasso entre o discurso e o comportamento dos crentes mais austeros, a fala de Samantha problematiza a relação entre os pais religiosos e seus filhos. Ao mencionar a imposição parental atinente à participação ativa na comunidade de fé, a entrevistada nos aguça o olhar para os conflitos domésticos suscitados pela expectativa que pais pentecostais depositam em seus filhos.

Predispostos a esperar de sua prole [ou, dependendo do caso, exigir] correspondência aos padrões comportamentais pré-ordenados pela igreja, não é incomum que os pais encontrem problemas quando os filhos, enquanto indivíduos autônomos, não inclinados voluntariamente à devoção genuína, se rebelam contra uma visão de mundo que lhes exigem privações relacionadas às atividades de lazer e entretenimento mais normalizadas na vida secular (MARIANO, 2014, p.200).

Por assim dizer, o juízo moral rígido imputado por parte dos fiéis aos indivíduos que, com seu comportamento social, abertamente demonstram hostilidade ou indiferença à doutrina pentecostal sacralizante, faz que o discurso de acolhimento pareça mera falácia persuasiva. No caso dos herdeiros da criação religiosa (*berço evangélico*) que não se mostram dispostos à profissão de fé voluntária, com suas implicações morais, tal juízo é manifesto também na esfera doméstica, pela pressão parental por adequação.

A dubiedade de que trata este tópico também transparece na fala de outra entrevistada que conta como, na adolescência, o início da vida sexual motivou o afastamento da comunidade religiosa e, depois, o episódio da contração de uma doença sexualmente transmissível, no início de sua juventude, engatilhou o retorno que culminou na experiência de conversão. Residente na favela do Batan, Evangeline, Professora de educação infantil de 28 (vinte e oito) anos, graduanda em Pedagogia e membra de da Assembleia de Deus de Realengo, vinculada ao Ministério de Madureira (CONAMAD), assim se expressou⁸⁷:

- *Como e com quantos anos você se converteu ao evangelho, se considera que teve uma experiência de conversão?*
Eu tive um encontro com Deus quando eu peguei uma DST (Doença Sexualmente Transmissível). Mas, mesmo assim eu continuei fora da igreja. Eu me converti quando eu tinha vinte e cinco anos. (Grifo nosso)
- *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a cristã como você professa?*
Sim.
- *E você acha que isso teve algum tipo de influência para a conversão? Por quê?*
Não. Eu tive um encontro com Deus, eu mesma. (Grifo nosso)
- *Você integra o corpo de membros de uma igreja atualmente?*
Sim, eu sou membra hoje. Eu me afastei quando eu tinha quinze anos e voltei quando tinha vinte e dois. (Grifo nosso)
- *Você poderia contar, com detalhes, como foi seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?*
Eu tive o meu primeiro encontro, quando eu vi que Deus está na minha vida, quando eu peguei essa doença. Aí eu me entreguei para Cristo, mas mesmo assim eu continuei fora da igreja. Aí eu tive um sonho em que eu brincava fora (...), tinha um balcão, e dentro desse balcão estava tendo um culto jovem, e eu estava fora do balcão, lá atrás, aí eu escutava alguém me gritando, me chamando, aí eu entrava no balcão e ganhava oportunidade. **Aí eu fui conversar com uma amiga minha sobre esse sonho e ela falou que era o momento de eu levar a sério a vida cristã, levar Cristo a sério, que tinha acabado o meu momento de brincar.** Aí em 2017, quando foi o congresso, foi que eu peguei a responsabilidade, foi que eu busquei mais a Cristo, fiz jejum a respeito da minha vida, tanto que eu parei comer carne por três meses antes do congresso, tive minha primeira batalha espiritual (...). Eu acho que foi aí, foi em 2017, que eu me converti realmente e vi que Jesus Cristo está na minha vida. **Mas foi com dezesseis anos que eu peguei a doença, mas já estou curada.** (Grifo nosso).
- *E sua trajetória cristã, você considera que cresceu, mas não havia tido um “encontro com Deus”?*
Sim, eu fui nascida e criada no “berço evangélico”, mas eu não tinha tido um encontro com Deus não, eu só fui ter realmente em 2017. **Tanto que eu saí aos quatorze anos porque eu vi que a igreja não era bagunça, eu queria curtir um pouquinho o mundo, aí foi quando eu saí da igreja e fui curtir**

⁸⁷ Transcrição da pergunta e respostas 14 a 21, da Entrevista III – Anexo III.

o mundo, quando eu comecei a fazer sexo. Eu vi que também tem a doutrina lá da igreja, e não pode. Aí eu vi que era errado e saí da igreja. (Grifo nosso).

- *Mas era só sexo ou você queria fazer outras coisas que a igreja não permitia?*
Não, o que me levou realmente a sair da igreja foi isso, **eu vi que eu não ia parar de fazer sexo. Eu vi que eu queria curtir o mundo e vi que a igreja não é bagunça. Aí eu resolvi sair, resolvi passear pelo mundo e deixar a igreja de lado,** aos quinze anos. (Grifo nosso)
- *Durante esse tempo você não participou do corpo de membros?*
Não participei de nada, nada, nada. Eu só curtia. Só de vez em quando que eu ia pra igreja aos domingos, mas eu não tomava santa ceia, não era membra, não tinha responsabilidade, não era nada. Eu só ia por visita. Eu estava realmente curtindo o mundo, entendeu. Aí com vinte e dois eu retornei, e em 2017, quando eu tinha cerca de vinte e quatro, vinte e cinco, que eu realmente tive um encontro com Deus. (Grifo nosso)

Como se infere do testemunho de Evangeline, que voluntariamente se retirou da igreja ao iniciar sua vida sexual, um dos alvos prioritários da patrulha da santidade indiretamente ordenada na vivência das comunidades pentecostais é a esfera da sexualidade. Embora a auto repressão de Evangeline tenha evitado embates diretos com o “sistema de vigilância” comportamental, sua saída da membresia revela como sexualidade é uma questão central para a correspondência às expectativas da igreja, já que, realizada na profissão da fé cristã de matriz evangélica, a entrevistada não manifestou sequer sombra de descontentamento com a doutrina da instituição religiosa. A esse respeito, Ricardo Mariano pontuou:

Quando o discurso pentecostal enfoca o sexo é para ressaltar sua negatividade, ou ameaça que representa à salvação da alma. **Para os pentecostais, submetidos a normas morais e dogmas rígidos, ascéticos e repressivos, a esfera sexual constitui perigoso terreno de tentações, provocações e privações. Algo ainda mais premente no caso dos adolescentes e jovens solteiros, já que o pentecostalismo, em todas as variantes, restringe o ato sexual aos limites da vida conjugal.** Circunscrito ao casamento monogâmico e heterossexual, a sexualidade do crente não se limita apenas à procriação (conforme o mandamento divino “crescei e multiplicai-vos”). Mas é cercada por pudores e desestimulada de quaisquer ousadias ou arroubos eróticos. (MARIANO, 2014, p.192, grifo nosso)

Em sentido similar, Júlia comentou sobre seu afastamento do convívio religioso. Contou a entrevistada que o fim de seu casamento, aliado à aproximação de um ciclo de amizades de rotina mais boêmia, a levaram a habituar-se com um estilo de vida menos regrado, de tendência hedonista, aberto a atividades de entretenimento avessas à doutrina pentecostal de rejeição do mundo.

Tal como Evangeline, Júlia mostrou-se voluntariamente inclinada à devoção religiosa, mas, também por conta de mudança de vida contrária à doutrina pentecostal, se retirou da comunhão congregacional aos 27 (vinte e sete) anos⁸⁸

⁸⁸ Vide Anexo III, Entrevista IV, perguntas 14.

Hoje membra da Assembleia de Deus de Realengo (CONAMAD), situada na comunidade do Batan, onde reside⁸⁹, Júlia, de 51 (cinquenta e um) anos, com a oitava série do ensino fundamental completa, porteira e escola municipal⁹⁰, afirmou⁹¹:

- *Você poderia contar, com detalhes, como foi seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã, desde o início?*

Eu não nasci em um lar cristão. Aos meus dezessete anos, minhas vizinhas que nasceram em um lar cristão, me convidaram para um retiro de jovens. Eu fui e achei aquilo legal, aqueles jovens todos, gincana, festa, comida (...), aí eu falei comigo: “poxa, eu quero ficar aqui”. Fui indo e indo (...). **O que fez eu me afastar foi o período do meu casamento, que estava conturbado, meu marido foi embora, eu fiquei meio que perdida devido àquela situação toda, e eu me afastei. Fui viver a minha vida, fiquei lá fora, conheci o que era (...).** Mesmo não sendo de berço evangélico, eu ainda não participava de discoteca de bailes, de bebida, pagode, essas coisas todas. E foi nesse período que eu me afastei e conheci tudo isso. Mas, também nesse período que eu me afastei, eu visitava sempre a Universal⁹². (Grifo nosso)

- *Você frequentava, mas não fazia parte do corpo de membros?*

Não, eu só ia lá orar e entregar a minha vida a Deus: “Jesus, guarda a minha vida, não deixa me acontecer nada”. Porque eu estava afastada, então eu sabia que estava errada. Eu ia sempre na catedral, porque eu trabalhava lá perto, então ia sempre lá orar. E **quando eu conheci umas outras amigas que também não eram da igreja, aí mesmo que eu conheci (...).** Nossa! Como eu ia para os pagodes da vida (...), eu não gostava, mas ia porque achava legal para esquecer os problemas, estar bem (...). E foi em uma dessas idas no Rei do *Bacalhau*⁹³, foi quando Jesus falou comigo. Nossa, foi tremendo! Meu Deus! O vocalista do Katinguelê⁹⁴, **antes de começar o show, ele falou (parecia que só estava eu ele): “Você que é afastado do caminho do Senhor, está fazendo o que no mundo? O mundo não tem nada para te oferecer. Volta que o Pai está aí, para te dar, para te abraçar, para te dar vida, para te dar alegria. Volta, volta correndo!”** Eu sentei e falei: “Meus Deus, tu falou comigo. E agora? E agora, o que eu vou fazer?”

E dali pra cá, Jesus começou a trabalhar na minha vida. **Todos os eventos em que eu ia, que eram de pagode e essas coisas, Jesus falava comigo.** Em outra ocasião, nós fomos para a feira de São Cristóvão, porque lá tem um forró (...), só é forró naquele lugar ali. E no dia que nos fomos, parecia que a feira fechou porque eu estava ali. Não tinha um forró. E todo mundo sabe que ali tem sempre forró. E naquele dia não tinha: “vamos pra ali, vamos pra lá...”. Entramos no carro e fomos para Marechal Hermes, porque tinha forró. Viemos parar em Marechal, no forró. Uma chuva que começou a cair nesse dia, em Marechal! E eu olhando aquilo e pensando: “gente, vamos embora, já que não tem forró”. Viemos embora.

E era assim, sequência. Tipo: “vamos ficar dois sábados em casa e vamos nesse sábado pra balada”. Nesse último sábado, fomos para o Parque de Madureira, porque as escolas de samba estariam lá ensaiando: Portela, Império, etc. **Quando chegou lá, eu coloquei o pé na Império e, meu Deus! O meu corpo doía e doía.** E lembro que foi uma galera boa, e a gente ia levar a mãe da minha amiga pra conhecer, porque ela não conhecia Madureira. E ela era uma senhora que tinha idade para ser minha mãe, e começou a mandar a gente ir para o médico. E aí a galera todinha se juntou para me levar para o Albert⁹⁵. **Quando chegou aqui em Deodoro, já não tinha dor. Aí elas ainda brincaram: “a Julia que não queria ficar”, e eu expliquei que estava doendo mesmo.** Aí descemos aqui no Batan e fomos comer pastel de madrugada, no moço que vendia aqui. **De lá pra cá, eu falei: “meu Deus, eis-me aqui, me ajuda, eu preciso voltar”. Aí eu fui para uma igreja lá em Piabetá, e parecia (...).**

⁸⁹ Vide Anexo III, Entrevista IV, perguntas 5 a 7, e 21.

⁹⁰ Vide Anexo III, Entrevista IV, perguntas 1 a 4.

⁹¹ Transcrição da pergunta e respostas 19 a 21, da Entrevista IV – Anexo III.

⁹² Referência à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

⁹³ Bar, restaurante e casa de shows situada na Rod. Washington Luís, 2154 - Parque Duque, Duque de Caxias – RJ, 25085-009.

⁹⁴ Grupo musical de pagode.

⁹⁵ Referência ao Hospital Municipal Albert Schweitzer, situado na Rua Nilópolis, 239 – Realengo, Rio de Janeiro - RJ, 21720-04

parecia não, era Deus falando comigo... E a garota foi pregando, e aí eu voltei para Jesus, e falei: “Senhor, eu quero viver o melhor de ti”. E estou aqui. (Grifo nosso)

- *Então você integra, hoje, o corpo de membros de uma igreja?*
Integro.

O caso de Júlia também não denota um embate explícito com as diretrizes morais doutrinárias da instituição religiosa. Ao perceber a incompatibilidade de seu comportamento cotidiano, a própria entrevistada decidiu pelo afastamento. O exemplo, contudo, sinaliza a adesão indireta ao standard segundo o qual a conversão autêntica só é perfeita com a adesão às “normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação” (MARIANO, 2014, p.190).

Com a saída voluntária da igreja, em circunstâncias determinadas, Júlia e Evangeline afirmam que suas *vidas de pecado* não correspondem ao sacrifício de amor exigido por Cristo de seus discípulos, qual seja: morte para o mundo e vida em santidade⁹⁶. Trata-se de fruto do senso comum evangélico segundo o qual o mundanismo, concebido como estimulante da natureza humana pecaminosa e, portanto, causa de sofrimento e muitos males, não deve ser somente rejeitado, mas combatido.

Daí que o combate declarado e aguerrido ao mundanismo pecaminoso seja considerado pelos fiéis como um serviço ao próprio Deus, o qual, desse modo, não precisaria se restringir às balizas do bom-sendo, da empatia, ou mesmo, da vida privada dos crentes que assim acreditam.

⁹⁶ Nesse sentido: “E aquele que não toma a sua cruz e não me segue, também não é digno de mim. Quem encontra a sua vida a perderá. Mas quem perde a vida por minha causa a achará.” Mt 10, 38-39 (BÍBLIA, 2012, p. 1114, grifo nosso). Vide também: “E mais, se morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos! Pois sabemos que, havendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer novamente; ou seja, a morte não tem mais qualquer poder sobre Ele. Porque, ao morrer para o pecado, morreu de uma vez por todas para o pecado, todavia, quanto ao viver, vive para Deus. Assim, dessa mesma maneira, considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Portanto, não permitais que o pecado domine vosso corpo mortal, forçando-vos a obedecerdes às suas vontades.” Rm 6, 8-12 (BÍBLIA, 2012, p. 1310, grifo nosso).

2. INFLUÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS SEGUNDO OS TEÓRICOS

Este capítulo se debruçará sobre os trabalhos de autores [principalmente brasileiros] que abordaram o tema da religiosidade pentecostal, ora construindo teorias para explicar o fenômeno da sua expansão no Brasil, ora referenciando-o a uma outra realidade empírica, diversa e singularizada, mas similar às das favelas do Batan e da Selvinha.

Embora a predisposição essencial do trabalho seja uma tentativa de compreensão dos múltiplos reflexos que as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais⁹⁷ imprimem na dinâmica social das favelas, e na vida de seus indivíduos – a partir da análise representativa

⁹⁷ Como mencionado alhures, levando em conta o propósito central do trabalho, não será feita distinção conceitual entre pentecostais e neopentecostais. Portanto, a participação das igrejas de ambas as vertentes religiosas na formação sociocultural das favelas será considerada conjuntamente para fins de interpretação da influência por elas exercida.

do Batan⁹⁸ e da Selvinha⁹⁹, favelas da Zona Oeste carioca, fronteiriças da Av. Brasil – importa regredir muito brevemente alguns aspectos históricos da religião protestante.

Dentre os assuntos abordados pelo clássico sociólogo Max Weber está a temática da religião. Notadamente nas obras *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*¹⁰⁰ e *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções*¹⁰¹, o autor avalia a influência do protestantismo na estruturação do Espírito do Capitalismo e das relações econômicas dele decorrentes, sem deixar de observar a existência de variações ligadas às classes que se encorpavam a esta ética religiosa:

A situação na qual as camadas decisivas para o desenvolvimento de uma religião atuaram na vida prática foi inteiramente diferente. Quando foram heróis guerreiros cavaleirescos, funcionários políticos, classes economicamente aquisitivas, ou, finalmente, quando uma hierocracia organizada dominou a religião, os resultados foram diversos dos observados quando os intelectuais requintados tiveram importância decisiva (WEBER, 1946, p.326, grifo nosso).

As diferenças citadas pelo autor aguçam a percepção para o fato de que, embora as questões de classe não constituam o aspecto determinante na consolidação de uma vertente doutrinária protestante, elas a conformam em alguma medida.

Na conjuntura social pesquisada pelo sociólogo, a moralidade cristã, funcionou como um certificado de qualificação moral que validava a reputação e [sobretudo] a atividade comercial dos indivíduos que seriam considerados aptos à empreitada da vida de negócios (WEBER, 1946, p. 350). Deste modo, a participação na *seita* protestante funcionava como veículo de ascensão social, que operava um recorte de classe, já que a adesão ficava veladamente restrita aos integrantes das classes médias (WEBER, 1946, p. 354).

Disso se depreende que, embora a ética protestante não disciplinasse formalmente [em minúcias] todos os aspectos da vida pública e doméstica na sociedade em que se delinearam os traços rudimentares do espírito do capitalismo, desde então ela já se mostrava capaz de intervir, de forma muito eloquente, em diversos aspectos sociais – impondo determinada orientação política, econômica e comportamental.

Dotada desta capacidade de interferência direta na construção da sociabilidade, a ética protestante se expandiu mundo afora, já inteiramente amalgamada ao espírito do capitalismo,

⁹⁸ Favela da Zona Oeste carioca, situadas nos entornos da Av. Brasil, na altura de Realengo.

⁹⁹ Favela da Zona Oeste carioca, situadas nos entornos da Av. Brasil, na altura de Padre Miguel.

¹⁰⁰ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁰¹ WEBER, Max. *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções In: _____*. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

mas agora corporificada em diversas matrizes (calvinismo, pietismo, anabatismo, etc.). Na América, as Treze Colônias constituíram o principal portfólio da religião protestante, tal como concebida no Velho Mundo. Herdeiros do legado protestante, os Estados Unidos da América foram o laboratório de surgimento pentecostalismo moderno.

É dado, entretanto, que os arranjos sociais [europeus] em que se desenvolveram e consolidaram as matrizes protestantes tradicionais divergem acentuadamente daqueles que serviram como pano de fundo para o surgimento do pentecostalismo.

A repulsa destas matrizes tradicionais à integração generalizada do povo, motivada no risco de vulgarização da teologia protestante, foi justamente o impulso propulsor da reação que popularizou o segmento religioso, lançando as bases do pentecostalismo:

A denominação que invoca o “Rei dos Reis”, “dono de toda a prata e todo o ouro”, nasceu negra, periférica e um tanto subversiva. No livro *Decepcionados com a graça*, o pastor e doutor em Ciência da Religião Paulo Romeiro explica que o movimento Pentecostal, tal como é conhecido hoje, surgiu Topeka, uma cidade do estado do Kansa, nos Estados Unidos, por volta de 1900, por meio de um pregador chamado Charles Fox Parham. Mas foi um de seus alunos, William Seymour, que fez o movimento crescer, em um fenômeno que ficaria conhecido como o ‘reavivamento da rua Azusa’ – em referência ao local onde Seymour pregou durante algum tempo.

Como Paulo Romeiro descreve, Seymour foi convidado a pregar em Los Angeles e seus encontros começaram a atrair muita gente: “Seymour era filho de ex-escravos e, apesar do contexto social extremamente hostil aos negros, ele continuou a ensinar. Apesar das constantes humilhações, desenvolveu uma espiritualidade que resultou em 1906, num avivamento em Los Angeles [...] **Bispos brancos e trabalhadores negros, homens e mulheres, asiáticos e mexicanos, professores brancos e lavadeiras negras, todos eram iguais.**”

Romeiro indica também que **a imprensa acompanhava o fenômeno de perto e, sem entender o que estava acontecendo, ridicularizava e atacava o religioso: “pode vir algo bom de um autodenominado profeta negro? As principais denominações também criticaram o emergente movimento Pentecostal, desprezando seus seguidores devido à origem negra e humilde.**” (DIP, 2019, p. 120-121, grifo nosso).

Portanto, nascido no início do século XX, como movimento urbano e inter-racial sediado na Rua Azusa, nº. 312, na cidade de Los Angeles, e liderado pelo chamado “apóstolo negro”, J. W. Seymour, filho de escravos libertos, o dito *pentecostalismo marginal* emergia como opção popular às tradicionais vertentes protestantes, cultas, de linhagem europeia, cordialmente elitizadas e, por conseguinte, de membresia majoritariamente branca (ALENCAR, 2010, p. 29).

Gedeon Alencar conta que os remanescentes do movimento, impelidos pelo projeto missionário pentecostal, se espalharam pelo mundo, apesar da reação dos tradicionais:

Sendo um fenômeno moderno urbano, evidentemente, este fato ajudou em sua propagação com mais facilidade. Los Angeles recebia muitos imigrantes europeus que se encarregaram de anunciar a novidade. Segundo Corten (1995:58), o pentecostalismo é um “fenômeno transnacionalizado”. **O fato de que diversos grupos, independentemente de seus rótulos denominacionais, terem sido atingidos pelo fenômeno, ajudou a na propagação. E, entre disputas de espaço e entusiasmo com a novidade, o movimento espalhou-se rapidamente.** Mas essa possibilidade quantitativa lhe trouxe uma fragmentação irreversível, a ponto de não conseguir estabelecer um referencial doutrinário único. Há algumas características genéricas que podem ser atribuídas ao movimento, mas sua principal marca é a pluralidade ou, para os não-pentecostais, a “confusão doutrinária” (ALENCAR, 2010, p. 31, grifo nosso).

Como representantes deste proselitismo até então inédito no território brasileiro, aportaram em Belém, capital do Estado do Pará, Daniel Berg (ALENCAR, 2010, p. 54-56) e Gunnar Vingren (ALENCAR, 2010, p. 56-59), em 19 de novembro de 1910. Seguindo a moda Azuza de se fazer missões, os suecos chegaram ao Brasil desprovidos de recursos financeiros, sem qualquer tipo agenciamento missionário e completamente desconhecedores da cultura nacional (ALENCAR, 2010, p. 54). E, compondo este rol de pioneiros, Frida Vingren, Samuel Nystron e Nels Nelson (ALENCAR, 2010, p. 59-60) fundaram as igrejas evangélicas que deram origem às grandes denominações pentecostais brasileiras [tradicionais] hodiernas.

2.1. Uma Explicação para a Força Atrativa das Igrejas Pentecostais Periféricas Cariocas

Segundo a tese defendida por Antônio Flávio Pierruci, em contraposição à sociologia da religião de Émile Durkheim (religião como religação do indivíduo com a sociedade a que pertence), e a partir de contribuições de Max Weber, “a força social da religião está na capacidade de dissolver antigas pertencas e linhagens religiosas estabelecidas” (PIERUCCI, 2006, p. 111). No artigo escrito a partir aula ministrada em 2006 como prova de erudição no concurso para professor titular em Sociologia da Religião da USP, *A religião como solvente – uma aula*, o professor explica que a chamada *religião universal de salvação individual*¹⁰² seria o solvente capaz de desligar pessoas de seus contextos culturais originários.

¹⁰² O termo classificatório será explicado no desenvolver do item, a partir das reflexões do autor.

Antes de iniciar sua investigação social, o autor faz referência à classificação funcionalista¹⁰³ cunhada por Cândido Procopio Ferreira Camargo¹⁰⁴, segundo a qual as religiões se dividiriam entre *religiões étnicas*, cuja predisposição primacial seria a preservação de subculturas étnicas enquanto patrimônio de grupo, e *religiões universais*, abertas a todo e qualquer indivíduo, independente de pertencas étnicas, nacionais ou tribais (CAMARGO, 1973, p. 23 *apud* PIERUCCI, 2006, p. 114).

O ponto de partida da investigação social objeto do artigo consiste no fato de que “as alterações de função no interior do campo religioso brasileiro têm se dado sempre e invariavelmente na mesma direção: de religião étnica para religião universal” (PIERUCCI, 2006, p. 117). Como dado empírico, Pierucci menciona a migração de considerável contingente populacional das religiões étnicas de matriz africana, notadamente da umbanda¹⁰⁵, para igrejas pentecostais classificáveis como religiões de caráter universal (PIERUCCI, 2006, p. 116):

Desde a publicação em 2002 da tabulação avançada do Censo 2000 sobre o quesito religião que não me sai da cabeça a fragilização da umbanda, componente depressivo a mais na projeção imagética de uma atmosfera cultural de “*bye, bye, Brasil*”¹⁰⁶, é ou não é? **Encabulado com o declínio censitário da umbanda, o “Brasil brasileiro” indo para o ralo também desse ponto de vista, comecei naquele momento a matutar seriamente: quanto mais se amplia no Brasil a diversidade religiosa livre das amarras de um Estado confessional, multiplicando para os brasileiros as possibilidades objetivas de livre escolha em face de maior estoque de religiões em oferta, aumenta para o sociólogo da religião a exigência de se perguntar “que forma de religião” acaba se saindo melhor nesse processo predatório de “seleção cultural” a olho nu que aqui se instalou desde as últimas décadas do século XX.** (PIERUCCI, 2006, 113, grifo nosso)

O crescimento aparentemente irrefreável das conversões às igrejas pentecostais e neopentecostais de raiz protestante está aí para mostrar que hoje no Brasil (e de alto a baixo na América Latina) vivenciar uma religião implica muitas vezes, para um número crescente de pessoas, romper com o próprio passado religioso. Nessas rupturas proliferantes com mundos religiosos que antes pareciam bastar, mas de repente não mais, os adeuses são muitos. Entre eles, o adeus ao sincretismo umbandista que se supunha aderido com homóloga perfeição à identidade cultural brasileira. (PIERUCCI, 2006, p.114, grifo nosso)

¹⁰³ Toma como referência aspectos funcionais de cada item presente no quadro classificatório.

¹⁰⁴ CAMARGO, Candido Procopio F. de et al. Católicos, protestantes, espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973.

¹⁰⁵ Ressalto, neste passo, que o autor considera o Candomblé e o Xangô como religiões étnicas, enquanto classifica a Umbanda e o Espiritismo Kardecista como religiões universais, vez que tradicionalmente abertas a todos independentemente de identidade étnico-cultural. Não obstante, considerando esta abertura universal simultânea à preservação da identidade étnica, o autor considera a Umbanda e religião mais umbilicalmente apropriada à configuração sociocultural brasileira (PIERUCCI, 2006, p. 112-113).

¹⁰⁶ PIERUCCI, Flávio. “*Bye, bye, Brasil*”: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos Avançados, n° 52, vol. 18, set.-dez. 2004, p. 17-28. pp. 17-28

Esmiuçando os dados estatísticos, o autor também observou que, na passagem do século XX para o XXI, a proporção de indivíduos convertidos aos diversos grupos evangélicos, com preponderância para o segmento pentecostal, é maior entre os negros que entre os pardos e brancos. Afirmou, por conseguinte, haver mais negros evangélicos do que negros de qualquer outra matriz religiosa à época.

Verificou, ainda, que a taxa de negros (14,2%) seria maior que a de brancos (9,1%), amarelos (6,3%) e pardos (11%) dentre os declaradamente pentecostais. Recorrendo aos números absolutos retirados da tabela do Censo, ele cita que “para mais esta espantosa constatação: no ano de 2000, havia no Brasil 1.675.680 negros evangélicos, praticamente 1 milhão e 700 mil, perto de 2 milhões de negros evangélicos contra menos de 100 mil negros (95.521) declarando-se adeptos dos cultos afro-brasileiros (66.398 na umbanda e 29.123 no candomblé). Muita diferença!” (PIERUCCI, 2006, p. 118-119). E, saliente-se, a julgar pelas estatísticas do último Censo realizado no país (2010)¹⁰⁷, a discrepância só aumentou desde então.

A resposta fornecida pelo autor para a constatação tão escrachadamente imposta à realidade brasileira foi o caráter individual do projeto de conversão protestante. Explica-se: na ótica protestante, a herança religiosa ou *linhagem na fé* importa menos para a validação da crença do que o “novo nascimento”¹⁰⁸. Nas exatas palavras do sociólogo: “produzir indivíduos por dissociação é a condição *sine qua non* para correr desimpedida a difusão de uma religião que se pretende universal. Há que ser individualizadora a religião, se quiser converter fora do grupo de origem do profeta, já que ninguém é profeta em sua terra.” (PIERUCCI, 2006, p. 120).

É como se a religião universal de salvação individual possuísse um instinto predador disruptivo capaz de operar a extração sistemática de indivíduos das coletividades em que se constituíram como sujeitos. No afã proselitista da conversão, ela “desataria nós e despedaçaria relações sociais herdadas” (PIERUCCI, 2006, p. 122), para depois congregar os *irmãos de fé*

¹⁰⁷ Vide página 8.

¹⁰⁸ Alegoria que, segundo a doutrina pentecostal, faz alusão ao arrependimento e transformação de vida referidos no seguinte texto bíblico: “*Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, membro do supremo tribunal dos judeus. Ele, de noite, procurou a Jesus e lhe disse, ‘Rabi, sabemos que é Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer esses sinais que estás realizando, se Deus não estiver com ele.’ Jesus respondeu-lhe, declarando: ‘Em verdade, em verdade te asseguro que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus’. Nicodemos questionou-o: ‘Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, todavia, entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer novamente?’ Arrazoou Jesus: ‘Em verdade, em verdade te asseguro: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; mas o que nasce do Espírito é espírito. (...)’” Jo 3, 1-6 (BÍBLIA, 2012, p. 1226-1227).*

à nova comunidade religiosa que se mantém por laços especificamente religiosos (PIERUCCI, 2006, p. 123).

Embora o raciocínio de Pierucci seja extremamente coerente do ponto de vista objetivo, o autor desconsidera a variante de classe que fez com que a difusão do pentecostalismo alcançasse seu apogeu quando em contato com as camadas mais subalternas da sociedade.

Escapou ao autor, o dado identitário atrelado ao avanço protestantismo em meio periférico. Na experiência brasileira, foram justamente as vicissitudes inerentes à cultura periférica que potencializarem a adesão à evangelização protestante.

A ressalva que se faz a Pierucci é de que não foi a metodologia doutrinária o fator determinante para o “fluxo migratório” contraposto à pertença étnica. A explicação social mais adequada para tamanha evasão direcionada parece ser autoidentificação com o anseio – de classe – por uma promessa de realização tanto presente quanto transcendente.

Emerson Rocha e Roberto Torres, no capítulo específico que trata da religiosidade da “ralé”¹⁰⁹ (“O crente e o delinquente”), a partir do testemunho de conversão de Carlos e seu ingresso na Igreja universal do Reino de Deus - IURD, relatam bem como a adesão à promessa de realização presente e transcendente se inicia pela espiritualização – em específico, pela atribuição a forças espirituais malignas – de todas as determinantes que eventualmente levam o sujeito a um sentimento de frustração.

Os autores demonstram como a sensação de fracasso na vida secular, a completa incerteza com relação ao futuro, o desenfreamento hedonista supostamente atribuído à ação maligna do diabo, junto ao ressentimento em relação a um passado de delinquência, empurram o sujeito (no caso, Carlos) para a adoção de uma fé que lhe viabilize uma perspectiva esperança sobrenatural de esperança futura (ROCHA, TORRES, 2009, p. 229-230).

Ao mencionar o esforço empenhado por Carlos para resistir ao desejo de repetir maus hábitos do passado, os autores explicam como a doutrina pentecostal instrumentaliza em seu favor a estigmatização do hedonismo periférico, transcrevendo-o, senão como estímulo diabólico ao aproveitamento de prazer mundanos que conduzem à morte e ao fracasso, como predisposição individual à boemia infrutífera – devendo ambos serem combatidos a partir desta ótica religiosa (ROCHA, TORRES, 2009, p. 222-223).

¹⁰⁹ ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé (Org.). Ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

No caso, a transcrição vem completamente dissociada da falta do treinamento psicossocial trabalhado nos indivíduos das classes mais favorecidas desde a tenra idade para assegurar-lhes a fruição do hedonismo compatibilizado a uma postura responsável e prospectiva ao futuro. Desconsidera-se o fato de que o hedonismo, nas classes subalternas, se torna desenfreado justamente pela falta de acesso ao *dado do futuro*. O futuro é visto (acessado), mas não é programado – porque não se programa uma coisa da qual não se espera nada (ROCHA, TORRES, 2009, p. 231).

É, por conseguinte, a partir da promessa de bençãos (recompensatórias) para ao futuro, vindouro [certamente], mas também o desta vida, que a fé pentecostal se torna resignada.

Sem dúvida, o esvaziamento de religiões étnicas de matriz africana (para usar a classificação de Pierucci) sinaliza uma forma de solvência de pertenças culturais e traços identitário, mas a atribuição deste fato ao método de proselitismo adotado pela religião para a qual migraram os sujeitos é um notável equívoco. Se assim fosse, outras denominações evangélicas igualmente classificáveis como *religião universal de salvação individual* teriam registrado nas estatísticas dos censos brasileiros o mesmo notável crescimento das pentecostais. Eis um dos argumentos utilizados por Emerson Rocha e Roberto Torres para refutar a tese de Pierucci:

Esse malabarismo dos números tira o foco de um dado que põe em xeque essa credence liberal sobre o anacronismo histórico da religiosidade mágica em sociedades modernas periféricas, tida como “tolice” do passado, e cuja demanda desapareceria junto com a dissolução das “pertenças étnicas” de outrora: **trata-se do considerável esvaziamento das “igrejas protestantes históricas”, como a Igreja Batista, cujas doutrinas, promessas e caminhos de salvação não puderam evitar que seus crentes também migrassem para o socorro espiritual das igrejas neopentecostais. Se a busca individual pela salvação da alma é a demanda que explica o crescimento evangélico atual, porque essas “igrejas protestantes”, tradicionalmente ligadas à busca por meio da conversão do comportamento do crente segundo mandamentos éticos, encolheram tanto nos últimos 20 anos? Porque o “universalismo religioso” dessas igrejas, que anuncia a todos a “boa-nova” da salvação cristã, sem discriminação explícita baseada na “pertença étnica”, não foi capaz, como foi a Igreja Universal, de esvaziar as “religiões afro-brasileiras”?** (ROCHA, TORRES, 2009, p. 234, grifo nosso)

Logo a seguir, os autores respondem aos questionamentos ressaltando que o professor sociólogo não se atentou para o relevantíssimo fato de que as pertenças étnicas não se substituem às condições sociais e aos modos de vida que criam demandas – individuais e coletivas – “sanáveis”, por exemplo, pelo otimismo neopentecostal na prosperidade:

O autor não compreende que o que há de inovador no neopentecostalismo é precisamente uma configuração rigorosamente moderna de pensamento mágico: uma forma de magia que toma o corpo como ambiente mágico no sentido de exercer sobre o “eu” uma influência disciplinadora, ou seja, **uma magia que assume como**

meta os imperativos funcionais do capitalismo e que dá provas da sua eficácia simbólica (ROCHA, TORRES, 2009, p. 234, grifo nosso)

(...)

O “poder carismático” da Igreja Universal não está a serviço de um racionalismo ético-religioso que dissolve e transcende as demandas “deste mundo”, e sim de um “racionalismo adaptativo”, de caráter secular, que afirma a inexorabilidade dessas demandas e da forma de competir por elas. A conversão mágica nunca subverte valores e bens mundanos como o sucesso econômico na busca de um “novo” sentido para a vida do convertido¹¹⁰. (ROCHA, TORRES, 2009, p. 235, grifo nosso)

É, por assim dizer, a esperança no presente e no porvir como socorro aos cansados e abatidos, apresentada no bojo de uma retórica fortemente apelativa [pregação] que centraliza a ação miraculosa de Deus nas vidas humanas, a potencialidade atrativa da religião evangélica pentecostal no espectro das favelas cariocas e regiões periféricas.

Conquanto o discurso tradicional do cristianismo sempre tenha recorrido à existência e intervenção metafísica de um ser Todo-poderoso, sensível às questões humanas, individuais e coletivas, a tônica pentecostal pareceu traduzir para o vocabulário das classes subalternas que povoam as favelas e regiões periféricas cariocas, a chamada *esperança do porvir*. E esta anunciação, com o passar dos anos, tem sido alvo de exitosa acolhida. Os números corroboram o perceptível crescimento dos pentecostais (dados comparativos dos Censos Demográficos de 2000 e 2010), notadamente em áreas de periferia (CUNHA, 2021, p. 84-88).

É como se a alfabeto pentecostal tivesse removido do cânon cristão qualquer construção metodológica rebuscada [há muito estabelecida pelos intelectuais que sistematizaram o arcabouço teórico protestante], que indiretamente embarreirava a assimilação e aceitação da doutrina pela massa periférica.

A instauração do pentecostalismo periférico, tal como apresentado hoje, parece ser o resultado de uma carência desesperada pelo descanso das agruras que marcam toda a trajetória de vida dessa gente. Não se pode perquirir as razões pelas quais o interlocutor se sente tão cativado pela pregação do “vinde a mim todos os cansados abatidos, e eu vos aliviarei” – Mt 11, 28 (BÍBLIA, 2012, p. 1116) – sem levar em consideração as condições de vida do favelado, que tem uma identificação pessoal quase perfeita com o “cansado e abatido” do discurso de Cristo (ROCHA, TORRES, 2009, p. 213).

O caminho para a compreensão desse acolhimento apaixonado passa, necessariamente, pela análise das condições de vida das regiões periféricas, que têm na favela seu epicentro

¹¹⁰ Vide o slogan pronunciado pelos fiéis ao final de relatos que testemunham transformações de vida – notadamente nas áreas financeira e familiar – quando veiculados nas programações televisivas da igreja: “*EU SOU A UNIVERSAL*”.

sociocultural. Neste contexto, por mais simplórios que sejam os recursos de convencimento empregados pelos locutores, até mesmo sujeitos não auto identificados como crentes nutrem alguma afinidade pessoal pela retórica pentecostal (CUNHA, 2021, p. 100-101), veiculada em pregações que, geralmente, falam a respeito de:

- Coragem: *Sei bem o que é passar necessidade e sei o que é andar com fartura. Aprendi o mistério de viver feliz em todo lugar e em qualquer situação, esteja bem alimentado, ou mesmo com fome, possuindo fartura, ou passando privações. Tudo posso naquele que me fortalece* – Fp 4, 12 e 13 (BÍBLIA, 2012, p. 1369);
- Amor e doação divina: *Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho Unigênito, para todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.* – Jo 3, 16 (BÍBLIA, 2012, p. 1227);
- Perdão e acolhimento: *Porque insistiram na pergunta, Ele se levantou e lhe disse: aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.* – Jo 8, 7b (BÍBLIA, 2012, p. 1236);
- Motivação: *Ora, não te ordenei Eu? Sê forte e corajoso! Não temas e não te apavores, porquanto Yaweh, o Senhor teu Deus, está contigo por onde quer que andes.* – Js 1, 9 (BÍBLIA, 2012, p. 263);
- Esperança: *Os que em lágrimas semeiam, sem júbilo ceifarão! Aquele que parte chorando, enquanto lança a semente, retornará entoando cânticos de louvor, trazendo seus feixes.* – Sl 126, 5 e 6 (BÍBLIA, 2012, p. 736);
- Ansiedade e provisão divina: *Portanto, vos afirmo: não andeis preocupados com a vossa própria vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as roupas? Contemplai as aves do céu: não semeiam, não colhem, não armazenam em celeiros; contudo, vosso Pai celestial as sustenta. Não tendes vós muito mais valor que as aves? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar algum tempo à jornada da sua vida? E por que andeis preocupados quanto ao que vestir? Observai como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Eu, contudo, vos asseguro que nem Salomão, em todo o esplendor de sua glória, vestiu-se como um deles. Então, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos preocupeis, dizendo: que iremos comer? Que iremos beber? Ou ainda: com que nos vestiremos? Pois são os pagãos que tratam de obter tudo isso; mas vosso Pai celestial sabe que necessitais de todas essas coisas.* – Mt 6, 25-32 (BÍBLIA, 2012, p. 1109)

Notadamente com relação à temática desta última citação bíblica, diante de um cotidiano marcado por corriqueiras situações de falta de recursos humanos, é comum que os crentes periféricos recorram à fé na ação miraculosa de Deus para o suprimento de suas necessidades mais básicas, como alimentação, vestimenta, saúde física, emprego, etc (ROCHA, TORRES, 2009, p. 223).

O descontentamento com instituições destinadas ao auxílio da população mais empobrecida faz com que essa massa tenha muito mais confiança na atuação metafísica do seu Deus que em ações prestacionais do Estado (CUNHA, 2021, p. 101). Ademais, as

frustrações [conscientes e inconscientes] decorrentes da falta de oportunidades e de uma rejeição social velada ao estereótipo favelado impulsiona tais sujeitos a transportarem para a dimensão religiosa a sua fonte de satisfação pessoal (ROCHA, TORRES, 2009, p. 225).

E esta dimensão religiosa torna-se o “lugar” em que o crente favelado se sente merecedor de consideração e estima [a teor do padrão das pregações mencionadas alhures], levando-o a pôr em segundo plano, ou considerar como de menor importância, os dissabores amargados em outras áreas de sua vida (profissional, familiar, sentimental, dentre outras).

A tendência é, inclusive, enunciada por canções evangélicas que se popularizaram e passaram a compor a trilha sonora das favelas ao lado de outros ritmos tradicionalmente típicos das periferias cariocas, como o pagode e o funk¹¹¹. É este o caso do louvor *Raridade*¹¹², composto e interpretado por Anderson Freire:

Não consigo ir além do teu olhar, tudo o que eu consigo é imaginar
A riqueza que existe dentro de você
O ouro eu consigo só admirar, mas te olhando eu posso a Deus adorar
Sua alma é um bem que nunca envelhecerá

O pecado não consegue esconder a marca de Jesus que existe em você
O que você fez ou deixou de fazer não mudou o início, Deus escolheu você
Sua raridade não está naquilo que você possui ou que sabe fazer
Isso é mistério de Deus com você

Você é um espelho que reflete a imagem do Senhor
Não chore se o mundo ainda não notou
Já é o bastante Deus reconhecer o seu valor
Você é precioso, mais raro que o ouro puro de ofir
Se você desistiu, Deus não vai desistir
Ele está aqui, pra te levantar se o mundo te fizer cair. (Grifo nosso)

Como resultado, temos que a experiência abrasileirada do pentecostalismo carrega traços típicos das periferias urbanas, e engendra nas favelas os seus preceitos fundamentais, adaptados às peculiaridades da vivência cotidiana destas (CUNHA, 2021, p. 96).

Por derradeiro, pontue-se que o entendimento da socióloga da religião Christina Vital da Cunha também não aparenta ser completamente ajustado ao de Pierucci, embora a autora não deixe de recorrer à sua valiosa contribuição (CUNHA, 2021, p. 98). Ocorre que, em *Oração de Traficante, uma Etnografia*, obra originada da pesquisa empírica realizada nos

¹¹¹ Em que pese a aparente oposição entre os domínios citados (canções evangélicas de fundo religioso e outros ritmos seculares), a vivência da favela não apresenta qualquer aversão a esta miscelânea, eis que os sujeitos que compõem a coletividade encontram identificação com todos os seus componentes (CUNHA, 2021, p. 93-98).

¹¹² Letra e interpretação disponíveis em: < <https://www.letas.mus.br/anderson-freire/raridade/#:~:text=Composi%C3%A7%C3%A3o%3A%20Anderson%20Freire.> > Acesso em: 7 de ago. de 2021.

idos de 1996¹¹³, na favela de Acari¹¹⁴, para a sua tese doutoramento (CUNHA, 2015, p. 13), a professora enumera a igreja evangélica pentecostal como um dos laços e redes de proteção que marcam a vivências das favelas e periferias – junto com família e movimento social –, ressaltando, portanto, não uma herança étnica, mas uma evidente pertença socio-identitária (CUNHA, 2015, 185-284).

2.2. Cultura Pentecostal na Favela e o Recorte Abrasileirado de sua Influência

Até este ponto da explanação, já é possível identificar com clareza que o objetivo prioritário do trabalho é o fornecimento de uma análise das multifacetadas influências que os evangélicos pentecostais periféricos, enquanto grupo, exercem na construção da cultura das favelas e periferias cariocas, bem como dos efeitos espalhados para outros âmbitos da sociabilidade.

A fim de orientar a compreensão do leitor a respeito dos temas filosóficos abordados em um de seus escritos mais célebres, *Concepção Dialética da História*¹¹⁵, o intelectual italiano Antônio Gramsci desconstrói a crença sedimentada no ideário comum de que o protagonismo na condução das transformações sociais deva ser atribuído a grupos de intelectuais dotados de um conhecimento teórico/teórico supostamente necessário à condução dos destinos históricos:

Deve-se destruir o preconceito, muito difundido de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. **Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea” peculiar a “todo mundo”, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom-senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por “folclore”** (GRAMSCI, 1978, p.11, grifo nosso).

No trecho, o Gramsci enumera a religião popular, dentre os campos que manifestam de maneira mais clarividente essa *filosofia espontânea* inerente à existência de todo o homem.

¹¹³ Especificadamente, nas décadas de 1990 e 2000 (CUNHA, 2014, p.2).

¹¹⁴ Favela da Zona Norte carioca, também situada nos entornos da Av. Brasil, na altura de Irajá.

¹¹⁵ GRAMSCI, Antônio. Introdução ao Estudo da Filosofia e do Materialismo Histórico. *In*: _____. *Concepção Dialética da História*. 3ª ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

A partir das pesquisas de Christina Vital da Cunha, o presente trabalho mostrará como esta constatação é carregada de sentida ainda hodiernamente.

Como visto, a socióloga da religião toma como campo de pesquisa a favela de Acari, de 1980 a 2000 (CUNHA, 2014, p.2). Observando a mudança das pinturas apostas nos muros da favela no transcurso deste lapso temporal, e a partir de entrevistas feitas com moradores, líderes comunitários, e traficantes, a autora descreve e alteração do paradigma religioso na comunidade, e tenta pontuar suas causas e reflexos.

Vital conta que, nos idos de 1980 e 1990, a identidade visual da favela de Acari era marcada por símbolos, pinturas, estatuas e referências às religiões afro-brasileira, majoritariamente professadas pelos traficantes de drogas de então (os quais, inclusive, ostentavam o orgulho religioso em seus corpos, através de tatuagens alusivas aos orixás). Segundo a autora, eram comuns à época os grandes eventos promovidos pelos terreiros de Umbanda e Candomblé, a realização festas comunitárias em datas comemorativas destinadas à celebração dos orixás santos católicos (notadamente o guerreiro São Jorge, a Escrava Anastácia, e os médicos São Cosme e São Damião), referências ao “corpo fechado” de chefes do tráfico, que além de armamentos bélicos, desfilavam suas guias e outros objetos sagrados (CUNHA, 2021, p. 6-10).

Contudo, na entrada dos anos 1990, com o início do projeto de pacificação das favelas cariocas (consubstanciado nas chamadas Unidades de Polícia Pacificadoras – UPP’s), a fachada de Acari começou a se alterar. A partir da pesquisa realizada por Marcos Alvito na mesma região, Vital afirma que os policiais ingressantes com a missão de neutralizar a delinquência se estabelecer permanentemente na região, iniciaram o processo de alteração da identidade visual da favela, não só para o apagamento dos dizeres alusivos ao domínio de determinada facção do tráfico:

Para marcar quais seriam os novos "donos da rua" anunciando, assim, o que seria (ou deveria ser) a nova ordem local, **os policiais não só foram os primeiros e principais responsáveis pela destruição das pinturas e altares de santos/entidades na favela, como também usaram os mesmos meios do tráfico - os muros da favela - para se comunicarem. Além disso, destruiriam imagens de entidades ligadas às religiões de matriz africana e em seus lugares colocaram imagens de Jesus Cristo.** (ALVITO¹¹⁶, 2001 *apud* CUNHA, 2014, p. 10, grifo nosso)
 (...)

Essas destruições promovidas por policiais pareciam comunicar que o domínio armado exercido nos limites daquela favela passara dos traficantes de drogas aos policiais, ao Estado e, conforme sugeriam os novos símbolos impostos pelos policiais, a Jesus. Sendo assim, foi possível observar que parte da estratégia do

¹¹⁶ ALVITO, Marcos. (2001), *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV.

Estado de retirar os bandidos (e Exu e as demais entidades afro) e colocar os policiais (e Jesus) na favela, deu certo. **Digo "parte" porque os bandidos voltaram ao controle ostensivo do território, a ocupação policial acabou, mas Jesus ficou.** (CUNHA, 2014, p. 11, grifo nosso).

Como cediço, o projeto de pacificação das favelas cariocas não foi de todo exitoso, tendo viabilizado o retorno das facções armadas do tráfico – em algumas favelas (como foi o caso de Acari), antes mesmo da retirada formal das UPP's. Todavia, como bem salientado pela socióloga, ele deixou (ao menos em Acari) um legado alheio ao projeto de política pública propriamente dito. Embora Vital não atribua à ação policial o papel determinante na alteração do paradigma religioso de Acari, a autora ressalta a relevância psicológica impregnada na sucessão simbólica (CUNHA, 2014, p. 11) como prova de legitimação estatal da nova vertente religiosa.

De fato, foi a nova geração de traficantes a responsável pela abertura evangélica que se sucedeu em Acari, incorporando rapidamente a religião aos hábitos locais “através da presença em espaços públicos, mediante a colocação de faixas e cartazes, pela proliferação de igrejas, pelas músicas e pontos de oração fazendo valer sua voz a qualquer hora do dia na favela” (CUNHA, 2014, p. 11).

No caso particular de Acari, Christina relata que a transformação do *ethos* social da favela contou com o exemplo axiomático de Jeremias: um importante traficante do Terceiro Comando que chefiou a favela em 2001/2002, mas, por motivos de segurança pessoal, saiu de Acari em 2001 e se converteu na Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD) que passou a frequentar a igreja na localidade onde se refugiou (CUNHA, 2014, p. 13).

Nada obstante a conversão, Jeremias teria retornado à chefia do tráfico em Acari, mas agora conduzindo-a por uma lógica marcada pelo desvio de confrontos bélicos com a polícia, vedação a mortes sumárias desnecessárias (execuções exemplares), programação financeira (oposta à ostensão demonstrativa de poder), controle de impulsos violentos, etc (CUNHA, 2014, p. 13-20).

Após uma prisão em 2014, Jeremias teria se desligado definitivamente do comando direto do tráfico pois, depois de liberto, ele não retornaria a residir em Acari (CUNHA, 2014, p. 14). Todavia, segundo o relato de Vital, seu legado influenciou o funcionamento do tráfico em Acari nas gerações seguintes:

De alguma forma, segundo os traficantes entrevistados, é a presença evangélica que altera a dinâmica do local pela impregnação da sua doutrina entre os mais variados atores sociais. Sendo assim, **Jeremias, após sua conversão, teria sido responsável**

por implantar uma "doutrina de tranquilidade" na favela. (CUNHA, 2014, p. 22, grifo nosso)

(...)

Jeremias teria sido influenciado por essa "política" do tráfico (também partilhada por outros traficantes históricos como Celsinho da Vila Vintém e demais lideranças do antigo TC¹¹⁷), **mas, a partir da sua conversão, deu um novo sentido e autoria a essa lógica de ação. O quadro de referência de suas práticas, quadro que anunciava para os demais traficantes e moradores, não era composto (unicamente) pelos "bandidos formados" de outrora**, como diria Zaluar (1985)¹¹⁸. Sua inspiração viria de Deus. Sobre o mito de referência do comportamento criminal de Jeremias há uma versão narrada por diferentes traficantes e moradores sobre uma revelação que teria sido feita por uma liderança evangélica a ele afirmando que ele só conseguiria se libertar da "influência satânica", como declarou um morador, se reduzisse o número de mortes na favela. (CUNHA, 2014, p. 23, grifo nosso)

(...)

A mudança na perspectiva de atuação no tráfico estava pautada numa mensagem divina que viria a fazê-los (a Jeremias e aos demais traficantes locais) enxergar a atividade criminosa apenas como uma fonte de renda e, de preferência, provisória (até para fazer a "fila da firma andar"¹¹⁹). (CUNHA, 2014, p. 23).

A partir destes relatos, fica evidente que o projeto de evangelização das igrejas pentecostais e neopentecostais tiveram nas favelas seu palco de atuação. E, tamanho o sucesso do espetáculo produzido, calculável era que as organizações institucionais pentecostais, até mesmo fora dos limites periféricos, adquirissem um futuro promissor em qualquer empreendimento político que adotassem.

O fato de que a gênese desta relação igreja X periferia tenha como laboratório um âmbito social determinado não torna seus efeitos restritos aos limites físicos da favela. Muito pelo contrário, o potencial agregador que o protestantismo desenvolveu dentro das favelas, refletiu e transbordou o espectro de influência para inúmeros outros meios sociais, inclusive para o Congresso Nacional, como se pretende demonstrar adiante.

Evidente que esse alargamento do protagonismo protestante não se deu de maneira desagregada e involuntária. Houve, com o passar dos anos, um esforço de construção da autoridade de lideranças evangélicas cada vez mais aprimorado. E, nas maiores convenções de igrejas evangélicas pentecostais brasileiras (CONAMAD, CGADB, ADVEC, IURD, etc.¹²⁰), à medida que esta autoridade ia se estabelecendo, foi-se trabalhando a afirmação de que os interesses das lideranças não eram, e nem deveriam ser, restritos a aspectos eclesiais

¹¹⁷ Referência à facção "Terceiro Comando". O termo "antigo" é empregado em razão do "racha" que posteriormente deu origem a outras duas novas facções, os "Amigos dos Amigos" (ADA), chefiada pelo assim chamado Celsinho da Vila Vintém, e o "Terceiro Comando Puro" (TCP).

¹¹⁸ ALUAR, Alba. (1985), A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense.

¹¹⁹ A autora menciona, em nota, a existência de uma de esfera para ingresso no tráfico. À medida que uns saem, os interessados seriam chamados à assumir o posto desocupado.

¹²⁰ Vide "LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS" – p. 02.

e/ou doutrinários da igreja. E é com o êxito no trabalho de formação das lideranças religiosas encarregadas de organizar o crescimento da igreja e massificar a doutrinação dos fiéis, que se viabilizou a expansão do movimento pentecostal para fora das periferias onde se estabeleceram de forma definitiva.

Não que a presença de lideranças dotadas de autoridade sobre a massa religiosa tivesse aumentado a credibilidade externa das igrejas de maneira automática, mas a gradativa submissão dos fiéis aos até então desconhecidos objetivos “da igreja” catapultou o pentecostalismo outrora considerado marginal e minoritário para outros meios sociais em que foi adquirindo notoriedade.

A massa amorfa dos fiéis atraídos pela carência do consolo espiritual supremo, e pela identificação com o testemunho de sujeitos cujas trajetórias de vida lhe tocavam pela similaridade com a sua própria, foi tomando forma. Os indivíduos que outrora integravam o universo religioso pentecostal com interesses restritos ao desenvolvimento de uma determinada forma de espiritualidade, foram sendo conduzidos pela mentoria intelectual das igrejas a partilhar de determinada concepção de mundo.

E, cada vez mais comprometidos com essa determinada concepção de mundo, passaram a adotar os interesses das instituições religiosas [igrejas] como próprios, supondo que estes seriam também interesses do Deus-Pai que, tão amorosamente lhes estendeu a mão quando ninguém mais se importava com as suas questões.

Assim, como que uma espécie de dever de retribuição, os milhares de fiéis dessas igrejas foram se posicionando, em seus círculos pessoais, como pequenos soldados aos quais também era atribuída a responsabilidade de lutar pelas causas “da igreja”:

Agenciamentos políticos se organizam em relação à crescente base evangélica na sociedade. **Se a classe C corresponde a mais de 50% do eleitorado nacional e os evangélicos estão majoritariamente nesta classe social, a mobilização de narrativas e estéticas evangélicas pelos candidatos pode ser em parte assim justificada.** Nas eleições gerais de 2018, por exemplo, a maior parte dos candidatos vitoriosos mobilizou sentimentos de oposição, conflito, guerra de um suposto bem em relação a um suposto mal recorrendo, em muitos casos, diretamente a uma gramática da “batalha espiritual”, escatológica, assim como a uma retórica da perda. (CUNHA. 2021, p. 100, grifo nosso).

Era previsível que, como resultado, tivéssemos personalidades proeminentes do universo pentecostal (cantores, pregadores, pastores, dentre outros)¹²¹ sendo alçadas a

¹²¹ Cite-se, como principais exemplos: o Deputado Federal Marco Feliciano (pastor), do Republicanos; a Deputada Federal Lauriete (cantora evangélica), do Partido Social Cristão; a ex-Deputada Federal Flordelis (pastora e cantora evangélica), filiada ao Partido Social Democrático à época da última posse (2019); o ex-

posições de poder por meio da aquisição de cargos decisivos no cenário nacional. Dispondo de um exército de fiéis dispostos a militar, irrestritamente, por todo e qualquer interesse que se supõe contingente dos propósitos divinos para o “corpo de Cristo”¹²², a igreja construiu caminhos – ideológicos (*subjetivos*) e institucionais (*objetivos*) – para a ocupação destes espaços.

E, paulatinamente, interesses que recebiam olhares de estranheza dos fiéis passaram a ser encarados como conquistas. Isso como fruto de um esforço de convencimento operado no bojo dos ensinamentos doutrinários, e atrelados à necessidade de estabelecimento e manutenção de princípios cristãos no mundo e, em particular, no Brasil (SANCHIS, 1994, p. 165-166).

No caso, o sujeito intimamente devotado à crença religiosa, cristaliza no seu existir a profissão da fé convicta (SANCHIS, 1994, p. 156). E, como dito, em relação ao pentecostalismo periférico carioca, é comum que esta devoção se opere pelo convencimento acerca do amparo espiritual singular que a fé proporcionará ao sujeito (*Cristo como única saída*).

Efetivado esse processo íntimo de *conversão*, a profissão da fé não fica restrita ao proceder do sujeito em sociedade, mas submete todos os aspectos da sua vivência, inclusive, definindo os “limites seguros” de suas incursões intelectuais (SANCHIS, 1994, p. 164-165). Deste modo, uma vez convencido da oposição entre a fé proferida e alguma instituição social, política, modo, costume, acontecimento ou fator do mundo externo, ainda que não disponha de subsídios lógico-rationais para afastar o opositor, no seu íntimo, o fiel o descredibilizará sumariamente (por convicções espirituais, não lógico-dedutivas).

Com efeito, a interrelação criada entre o dogma religioso e os padrões morais, comportamentais e ideológicos, ao obter o êxito pretendido pelo locutor da ministração, arrebanhará os fiéis tanto quanto [ou mais que] os próprios ensinamentos sacralizados da fé. Na consciência do crente submetido a este esforço de convencimento, não se tratará de acréscimo indevido, mas de derivação natural do preceito doutrinário.

Deputado Federal Irmão Lázaro (cantor evangélico), filiado ao Partido Social Cristão à época da última posse (2015) e falecido em 19/03/2021; o ex-Senador Arolde de Oliveira (fundador da MK Music, uma das maiores gravadoras de música gospel do país), filiado ao Partido Social Democrático à época da última posse (2018) falecido em 21/10/2020; e diversos outros integrantes da bancada evangélica.

¹²² Alegoria que faz alusão à Igreja enquanto conjunto de fiéis. A este respeito: “Ora, vós sois o Corpo de Cristo, e cada pessoa entre vós, individualmente, é membro desse Corpo. Assim, na Igreja, Deus estabeleceu alguns primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro, mestres; em seguida, os que realizam milagres, os que têm dons de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam diversas línguas.” 1Co 12, 27 e 28 (BÍBLIA, 2012, p. 1335).

Assim, se constrói uma militância religiosa peculiar, não necessariamente combativa, ao menos não pela maioria dos integrantes da membresia. Enquanto alguns são alçados às posições que viabilizam a proteção social e política mais ampla “da igreja”, outros são chamados tão somente a não retroceder na defesa individual dos interesses comungados pelo grupo religioso, sequer considerando argumentos divergentes.

E esta militância se consubstancia no convívio religioso (comunhão) enquanto fonte de satisfação pessoal dos crentes pentecostais periféricos – que embora eventualmente preteridos em outros meios sociais em que circula, na igreja, se sentem parte importante e indispensável, eis que integrante de *um só corpo, o corpo de Cristo* (igreja).

É no engajamento nos trabalhos, eventos, festas e compromissos religiosos que parte considerável da membresia de igrejas pentecostais presentes nessas favelas se realiza como sujeito, ao passo que encontra na igreja o espaço de pertencimento de grupo não encontrado diretamente na sociedade (SANCHIS, 1994, p. 166). Embasados em textos bíblicos que orientam a prevalência das preocupações espirituais sobre os interesses temporais desta vida (vide Bíblia Sagrada: Mt 6, 19-21¹²³; Mt 6, 33 e 34¹²⁴; Mt 16, 24 e 25¹²⁵), alguns dos membros mais assíduos empenham todos os seus melhores esforços para obter êxito pessoal e reconhecimento na comunidade religiosa de que fazem parte. Nesse sentido, Ricardo Mariano afirma:

Tal comportamento distintivo, antes de simbolizar desejo de ascensão social, visa a construir uma imagem de dignidade e respeitabilidade, algo de difícil acesso aos estratos mais pobres (Mariz, 1996: 175,176). **A elaboração dessa nova identidade religiosa, a partir de comportamentos ascéticos e de uma disciplina em si, constitui, portanto, estratégia individual para fortalecer a própria auto-estima.** Tanto mais quando se pensa no significado contido no ato de trajar terno e gravata no caso de indivíduos pobres, moradores de bairros periféricos com altos índices de criminalidade, empregados em trabalhos manuais ou de baixa qualificação. O mesmo vale para as mulheres pentecostais, muitas delas donas de casa e domésticas, que nos cultos trajam suas melhores roupas: vestidos longos e sapatos de salto alto. Tamanho esmero pessoal, que paradoxalmente não deve revelar qualquer sinal de vaidade, cumpre a função de reverenciar a Deus no ato de adoração, ao se dirigir a Ele com aparência supostamente de Seu agrado. (MARIANO, 2014, p.196, grifo nosso).

¹²³ “Não acumuleis para vós outros tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam para roubar. Mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde a traça nem a ferrugem podem destruir, onde os ladrões não arrombam nem roubam. Porque, onde estiver o teu tesouro, aí também estará o teu coração”. Mt 6, 19-21 (BÍBLIA, 2012, p. 1109)

¹²⁴ “Buscai, assim, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará suas próprias preocupações. É suficiente o mal que cada dia traz em si mesmo”. Mt 6, 33 e 34 (BÍBLIA, 2012, p. 1109)

¹²⁵ “Então Jesus declarou aos seus discípulos: ‘Se alguém deseja seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me acompanhe. Porquanto quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, encontrará a verdadeira vida’”. Mt 16, 24 e 25 (BÍBLIA, 2012, p. 1124)

Prova disso é que, nada obstante o apreço bíblico pela genuína pela unidade congregacional¹²⁶, o cotidiano religioso destas igrejas é marcado por aguerridas disputas internas pelos cargos de liderança e posições de proeminência (ainda que, segundo o costume tradicional, todo o trabalho empreñado pelos sujeitos a quem são delegados esses cargos seja desempenhado de maneira inteiramente gratuita).

Diferente de outros domínios sociais, que exigiram do sujeito qualificação técnico-profissional, ou de outra ordem, na igreja, as exigências poderão satisfeitas pela dedicação irrestrita à obra de Deus¹²⁷ ou pela notoriedade da vocação do indivíduo para o exercício de determinado *chamado*. Em última análise, isso faz da igreja, notadamente do culto pentecostal, o *locus* de afirmação pessoal onde os indivíduos têm genuíno interesse em disputar espaço (SANCHIS, 1994, p. 168).

Por exemplo, muitos dos ministros¹²⁸ de igrejas pentecostais mais antigas e tradicionais das favelas, tendo reconhecido pelo senso comum da comunidade o seu grau de influência e *intimidade com Deus*¹²⁹ se evadem para ministérios autônomos, liderados por eles próprios. E, no caso destes, quanto mais estigmatizado é o histórico de vida pregressa do indivíduo – envolvimento com tráfico, drogas, alcoolismo, delinquência, prostituição, boemia, traição, e mesmo, miséria – maior é o grau de credibilidade alcançado, eis que mais fidedigno se revela o testemunho de conversão e mudança de vida promovido por Deus.

Em linhas de conclusivas, tentou-se demonstrar neste capítulo, a partir de contribuições de sociólogos da religião e autores selecionados, como as igrejas evangélicas pentecostais determinam e são determinadas pela *ethos* social das favelas cariocas e periferias nas quais foram instituídas e se desenvolveram.

A partir de então, tentarei demonstrar como as conclusões aqui obtidas se replicam na realidade empírica pesquisada neste trabalho de dissertação.

¹²⁶ A este respeito, vide o texto bíblico da oração de Jesus por seus discípulos: “*Não oro somente por estes discípulos, mas igualmente por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como Tu estás em mim e Eu em Ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. Eu lhes tenho transferido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos: Eu neles e Tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.*” Jo 17, 21-23 (BÍBLIA, 2012, p. 1251)

¹²⁷ E, aqui, do ponto de vista empírico, a referência se apropria mais ao funcionamento regular das rotinas de cultos e eventos da igreja que aos projetos sociais eventualmente promovidos por estas.

¹²⁸ Entenda, se, pelo termo, pessoas que detêm algum ministério ou cargo eclesiástico.

¹²⁹ Termo utilizado para explicar a causa sobrenatural do êxito que o ministério de determinado sujeito (seja pastoral, profético ou na área do louvor) demonstra no meio religioso.

3. A CONSOLIDAÇÃO MULTIFACETADA DA INFLUÊNCIA EVANGÉLICA PENTECOSTAL CARIOCA

Este capítulo terá como objetivo conjugar as ideias dos capítulos anteriores (empírico e teórico), sintetizando a influência das igrejas pentecostais periféricas nas diferentes esferas da sociabilidade. Tratar-se-á, por assim dizer, de conclusões extraídas a partir da observação das deduções teóricas no empírico trabalhado.

3.1. Gênese

A pesquisa de opinião *Nós e as desigualdades: percepções sobre desigualdades no Brasil*, realizada pela Oxfam Brasil em conjunto com o Instituto Datafolha, publicada em abril de 2019¹³⁰, revelou que cerca de dois em cada três brasileiros consideram a fé religiosa uma prioridade para se alcançar uma vida melhor. Embora o dado ateste que a religiosidade é um traço típico da população brasileira, é cediço que ela não se manifesta de maneira uniforme no corpo social.

Seja pela miscelânea de religiões e formas de culto que se sedimentaram à cultura nacional – reconfigurando-a e sendo por ela reconfigurada –, seja porque parte expressiva destas manifestações religiosas assumem feições distintas a depender do nicho social em que se tornam predominantes, é possível afirmar que o fenômeno da religiosidade no Brasil adquiriu um *ethos* próprio, não necessariamente correspondente às premissas originais de cada uma das religiões (tradicionalis ou não) que aqui se estabeleceram.

Tal assertiva ganha um peso ainda maior quando se trata nichos sociais cujas condições de vida são determinadas mais por capacidade de renda do que por valores de classe e convicções de índole moral/comportamental, aqueles cuja idiosincrasia é particularmente consolidada pela variante socioeconômica, que sobrepuja as demais influências.

É esse o caso das manifestações religiosas desenvolvidas nas favelas. Se é certo que as favelas são peças singulares nas cidades brasileira, que remodelaram parâmetros tradicionais

¹³⁰ Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/pesquisa-nos-e-as-desigualdades/pesquisa-nos-e-as-desigualdades-2019/?_ga=2.29480121.701523663.1597364847-1056647252.1595946517&_gac=1.117173876.1595946600.CjwKCAjwmf_4BRABEiwAGhDfSa5nvfnQyO448zIDbDTjwWZZRxFUvokmqZ2vx4_4QnH2s81adnSviRoCRDIQAvD_BwE>. Acesso em 13 de ago. de 2020.

de sociabilidade urbana, a religiosidade desenvolvida no seu interior, independente da matriz, também revela esta singularidade.

A percepção de que determinadas vertentes de uma mesma orientação religiosa se difundiram de maneira muito mais exitosa que outras nestes espaços, já fornece indícios importantes para a leitura do fenômeno.

O que de pronto se pode afirmar a esse respeito é que a acolhida do pentecostalismo nas favelas parece ter obtido melhor sorte que outras denominações cristãs, não necessariamente pelo aspecto doutrinário, cujo cerne também é o protestantismo reformista. Determinante para esta disparidade foram os atributos constituintes da própria favela enquanto fenômeno social, e de seus componentes políticos.

Ocorre que a complexidade das relações sociais travadas nos espaços das favelas não permite que Estado, embora principal ator legitimado para a regulação social, desempenhe seu papel com exclusividade. Em larga medida, os próprios atores sociais ali presentes legitimam igrejas pentecostais – e outros atores sociais – a ditarem padrões comportamentais, interferindo com franca autonomia na dinâmica cotidiana destes espaços.

Disso decorre o poder de interferência social das instituições religiosas. Independente do juízo de valor que se faça a esse respeito, em muitos aspectos, aquilo que escapa ao raio influência da regulação estatal permanece ao alcance do domínio das igrejas.

Um claro exemplo disso é abertura que as igrejas pentecostais construíram ao longo dos anos com o poder paralelo de facções armadas do tráfico – predominante na maior parte das favelas urbanas cariocas – para a reabilitação de indivíduos interessados em se desvincular de tais organizações (o que, em regra, não configura mera deliberação posta à escolha do sujeito). Prova disto é que inúmeros pequenos centros de reabilitação para dependentes químicos, geralmente situados no interior de periferias do Estado do Rio de Janeiro, são sustentados por igrejas evangélicas pentecostais e administrados por suas autoridades eclesiais¹³¹.

Muitos dirigentes de ONGs e projetos sociais assistencialistas, que fazem as vezes do Estado em favelas, possuem ou já possuíram alguma ligação pessoal com igrejas pentecostais, conforme corroborado pelos entrevistados mencionados no capítulo primeiro. O protagonismo das instituições religiosas nos espaços periféricos fica evidenciado sobretudo nas falas reproduzidas no subtópico “*Crescimento pentecostal e aspectos que singularizam as igrejas*

¹³¹ Vide panfletos do Anexo VI.

periféricas” (1.1)¹³², em que os Presbíteros Jeremias e João¹³³ e o Partor Francisco¹³⁴ fazem afirmações a respeito da influência destas igrejas nas favelas em que estão inseridas.

Naturalmente, esta conjuntura auxilia no projeto evangelístico das igrejas, levando os indivíduos diretamente beneficiados pelos projetos sociais a professar a fé cristã de maneira muito aguerrida, relacionando tal assistência ao socorro providencial de Deus. Em última análise, isso faz com que todo o senso cívico de cidadania, dignidade e sociabilidade formado em indivíduos historicamente desconectados da atuação estatal regular (com exceção da força bélica, sempre presente nas favelas, direta ou simbolicamente) se desenvolva amalgamado ao ideário religioso que, não raro, e a depender das inclinações das lideranças, degenera-se em fanatismo.

De alguma forma, a presença deficitária do estado social contrastada com a presença massiva (e, muitas vezes, exclusiva) destas instituições te a potencialidade de contribuir para a fortificação da intolerância religiosa, perigo que acompanha a par e passo a construção de uma fé religiosa convicta. Isto porque a força que constrói a sociabilidade destes indivíduos – sobretudo dos egressos do tráfico ilícito de entorpecentes – acaba não sendo a igualdade cívica, mas o acolhimento e o trabalho voluntário de fundo religioso (DIP, 2019. p. 128)

Dizendo de outra forma: favelados que nunca usufruíram de uma experiência concreta de sociabilidade que o tratasse como igual – nem mesmo no seio familiar, em alguns casos – se sentem acolhidos e integrados por estas igrejas pentecostais, intermediadas por um projeto social ou por membros proeminentes neste sentido [evangelistas, mentores espirituais, líderes de jovens e adolescentes, etc.]:

“Sobre o viés da inclusão e da subjetividade, o professor e psicanalista Marco Fernandes, que se desenvolveu algumas pesquisas a respeito dessa relação, acrescenta: **‘O Pentecostalismo surge na favela e já nasce com uma tecnologia religiosa que funciona para as classes populares.** As pessoas encontram ali um pronto-socorro de saúde mental. Quantas vezes eu ouvi ‘Ah, eu estava mal, entrei na igreja da esquina e melhorei!’ [Na sociedade atual,] Você não tem espaço para ser acolhido, para ter um suporte, escuta, alegria beleza. E mais: a vida está tão caótica, precarizada, que é impossível as pessoas não terem desejo de ter uma ordem na vida. algo que centralize, que organize, que ordene. Evidentemente, com isso vem um pacote de conservadorismos. Mas eu costumo dizer que essas igrejas instituem um ‘micro-Estado precário de bem-estar social’” (DIP, 2019, p. 122, grifo nosso)
(...)

¹³² Remeta-se às páginas 21 a 24.

¹³³ Ambos da Assembleia de Deus de Padre Miguel, situada na comunidade de Vila União da Paz (Selvinha) e vinculada ao Ministério de Madureira (CONAMAD).

¹³⁴ Líder da filial da Assembleia de Deus a Palavra é Cristo (ministério independente), na comunidade do Jacaré, Zona Norte carioca.

“Para o professor, além de tudo isso, há uma parte importante: a congregação: ‘Você chega e se sente especial. Ninguém te faz se sentir especial nessa vida. É como o programinha da Universal, *Fala Que Eu Te Escuto*. Quem é que escuta alguém hoje em dia? E, em meio a casas com tijolo aparente, as igrejas são lindas, pintadas, coloridas; você já imagina o mutirão de domingo para pintar a igreja, para construir, para limpar; junta o povo, organiza, congrega. Um lugar que não tem nada para fazer, só boteco – e o boteco é para os homens –, e no fim de semana tem uma festa com música, com gente, com um pastor que te ouve. Se você estiver mal pode bater na casa dele ou ele vai à sua casa, vai te aconselhar, você vai se sentir confortado, aliviado. Faz todo o sentido do mundo.’

Para finalizar o raciocínio, **Marco Fernandes cita o marxista Mike Davis, para quem o Pentecostalismo trata-se do ‘maior movimento auto-organizado dos pobres urbanos no planeta’ e da ‘reação cultural isolada mais importante à urbanização explosiva e traumática’. Isso ocorre porque o Pentecostalismo cria ‘uma relação eficiente com a necessidade de sobrevivência da classe trabalhadora informal** (organizando redes de autoajuda para as mulheres pobres, oferecendo a cura espiritual como paramedicina, auxiliando a recuperação de alcólatras e dependentes de drogas, protegendo até crianças das tentações das ruas [...])” (DIP, 2019, p. 123-124, grifo nosso)

É, por assim dizer, como se a privação do convívio social sadio amargado por essas pessoas, em razão de condições de miserabilidade extrema ou estigmas decorrentes de encarceramento, criminalidade, prostituição, dependência química, etc., criasse uma lacuna afetiva de sociabilidade que, uma vez preenchida inteiramente pelo sagrado, suprime o espaço de outros aspectos que deveriam se justapor na construção da individualidade dos sujeitos.

Como consequência, acaba-se tendo um sentimento de fraternidade religiosa muito bem sedimentado, mas acompanhado de uma adesão acrítica àquilo que se põe como objetivos divinamente propostos para a igreja.

Portanto, é importante que ter-se em mente, o perfil destes indivíduos [construtor e] cooptado pela influência das igrejas pentecostais nos espaços periféricos. Por certo, os desdobramentos desta experiência social percebidos nas esferas política e jurídica, não são engendrados por todos os sujeitos envolvidos em tal conjuntura.

Como afirmado acima, pode-se dizer que existe um traço comum de classe entre as pessoas que consubstanciam a base humana destas igrejas. Todavia, a construção de demandas institucionais e objetivos políticos abraçados pelas instituições religiosas contam com o refinamento destas relações sociais, e com a presença de outros personagens que muito bem compreendem a realidade social, os anseios e mentalidade da membresia pentecostal.

Para que se tenha uma compreensão exata de como se opera esse refinamento, os subitens seguintes se destinarão a pormenorizar os diferentes aspectos da influência pentecostal na construção da sociabilidade carioca.

3.2. Influências de Cunho Social

Como dito alhures, este trabalho tem como escopo primordial discutir a influência de igrejas evangélicas pentecostais no Rio de Janeiro, a partir do papel que desempenham na construção da sociabilidade das favelas cariocas e dos reflexos que as ultrapassam.

No âmbito social, o testemunho mais cabal da dita influência é a abertura singular que pequenos [e médios] líderes pentecostais têm com instâncias de comando das facções armadas do crime organizado para. Comumente, estes líderes recebem autorização destas facções para, a partir da conversão, promover o desligamento de indivíduos anteriormente recrutados por elas, e, quando necessário, trabalhar na reabilitação destes egressos.

A relevância desta relação consiste no fato de que o afastamento de um “soldado” do tráfico raríssimamente ocorre de maneira indene e consentida por aqueles incumbidos da organização e gerenciamento das facções. Em regra, o membro, acusado de traição ou interessado na saída, precisa passar por uma espécie de processo presidido pelo chamado “Tribunal do Tráfico”, o que envolve a negociação de dívidas¹³⁵, quebra de juramentos, acordos a respeito da manutenção do sigilo de informações confidenciais, etc (...).

Enfim, o fato é que, com relativa frequência, o procedimento pode resultar na execução sumária destes sujeitos, a menos que haja alguma espécie de intervenção externa. Nesse sentido, observou o Presbítero Jeremias, da Assembleia de Deus em Padre Miguel (Selvinha), também egresso do tráfico¹³⁶. Vide o trecho de sua entrevista¹³⁷:

- *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*
Eu me lembro de um fato que aconteceu aqui mesmo na nossa comunidade: **vieram parar aqui dentro da igreja dois jovens que iriam ser mortos, assassinados. Mas Deus nos usou e nós os pegamos e os trouxemos para dentro da igreja, e eles não foram mortos por isso.** E a igreja abraçou eles. (grifo nosso)
- *E as pessoas que iriam executá-los respeitaram o fato de eles estarem dentro da igreja?*
Respeitaram os irmãos da igreja que foram lá fazer o pedido para que não fizessem aquilo com eles. Respeitaram e respeitam.
- *Então isso exemplifica a influência dessas igrejas por que ela consegue interferir nesse tipo de situação?*
Sim, porque ela consegue interferir nesse tipo de coisa.
- *Mais alguma experiência desse tipo?*

¹³⁵ Além do eventual consumo de drogas (menos comum, pois não é interessante para a organização criminosa que um funcionário se vicia no produto que ele próprio comercializa), os prejuízos causados pelos indivíduos “em serviço” se transformam em dívidas que, a rigor, são quitadas mediante o progressivo exercício da função delegada

¹³⁶ Remeta-se à nota de rodapé nº 19.

¹³⁷ Transcrição das perguntas e respostas 41 a 48 da Entrevista IX – Anexo III.

Tenho várias, muitas. Tem uma experiência que eu mesmo vivi aqui dentro das nossas redondezas (...), de eu chegar e um casal de jovens pronto para ser executado, e nós chegamos ali, conversamos com eles e eles nos respeitaram. E ali eles falaram conosco que era pra nós tirarmos eles dali e levá-los para um centro de recuperação. (Grifo nosso)

- *Por que se não eles iriam morrer?*
Sim, se não eles iriam morrer. Não deu nem tempo de trazermos eles para a igreja, só deu tempo de a gente pegar eles, colocar no carro e levar para o centro de reabilitação. Deixar eles lá e fazer o acompanhamento com eles. E um deles é pastor da igreja.
- *E isso não tem nenhum tipo de retaliação por parte das pessoas que ordenam essas execuções, ameaça de morte a quem livrou os jurados de execução?*
Não tem, porque a influência da igreja aqui é muito grande com relação a isso.
- *Os chefes que ordenam essas execuções respeitam?*
Respeitam. E a maioria deles são tudo afastados, já conhecedores da palavra de Deus. (Grifo nosso).
- *Então a igreja consegue travar esses mandamentos de execução?*
Com certeza.

Dentre as possíveis razões para a construção deste intercâmbio informal [que, pontue-se, muito dificilmente poderia ser alcançado com instituições da sociedade civil voltadas à finalidade reabilitatória] está o fato de que o testemunho de vida de uma quantidade expressiva de pastores e membros destas igrejas pentecostais contém histórias de abandono do “*mundo do crime*”. Neste contexto, persuade-se através da narrativa de construção de uma nova vida através da intervenção redentora e milagrosa do Deus todo-poderoso que, diferente da sociedade, tem amor e genuíno interesse na felicidade do indivíduo, a despeito de qualquer estigma social (SANCHIS, 1994, p. 157).

Estes fiéis, por ocuparem o mesmo lugar de fala do sujeito que, embora descontente, não consegue [por razões diversas] se desvencilhar de uma vida marginal marcada da prática reiterada de crimes, criam uma capacidade de compreensão íntima, psicológica e emocional que os tornam promissores na evangelização de traficantes, até mesmo daqueles que ocupam cargos importantes na estrutura do crime organizados articulado nas favelas. Assim pontuou Andrea Dip, citando o professor e psicanalista Marco Fernandes:

“Para Marco Fernandes, outro motivo para que traficantes sejam atraídos para as Igrejas Pentecostais é o apelo de pastores ‘ex-vida loka’: ‘Tem muito pastos que já foi ‘vida loka’, que já roubos, traficou; tem ex-presidiário. Aí um cara desses senta na frente de um traficante, olha dentro da bolinha do olho do sujeito e diz: ‘Eu sei o que você está passando, sei que é muita pressão, que você no fundo está sofrendo, eu já passei por isso, vem cá.’ Que identificação um traficante vai ter com um padre que nunca teve um relacionamento, nunca fumou, bebeu, não tem família? Fora que esse cara vai ser aceito na Igreja Evangélica porque ele é uma potencial liderança. O perfil de personalidade de um traficante, de um pastor e de uma liderança de movimento popular são muito próximos: tem carisma, liderança, sabe organizar e sabe que tem uma missão ali. São caminhos

diferentes, obviamente, mas o perfil é parecido”’. (DIP, 2019, p. 125-126, grifo nosso)

Como consequência direta, a tônica desta aproximação empírica se faz perceptível nos sermões e louvores ministrados nos cultos das pequenas igrejas pentecostais periféricas. Proliferam em seus púlpitos pregações centralizando curas divinas, quebra de maus legados familiares e, sobretudo, transformações miraculosas de vidas, sob o standard: “*mas onde abundou o pecado, superabundou a graça*” – Rm 5, 20 (BÍBLIA, 2012, p. 1309).

A letra do louvor “*Página em Branco*”¹³⁸, de composição de Anderson Freire e interpretação da cantora gospel Elaine Martins exprime bem isso:

“Não entendo o porquê a vida insiste em me levar
Por caminhos que só me trazem sofrimento, dor e agonia,
Caminhos esses que eu não escolhi traçar,
Caminhos esses que só me fazem chorar.

Minha vida é assim, é tão difícil suportar.
Vivo nos becos das favelas portando pistolas e fuzis,
Há quanto tempo que eu não sei o que é dormir.
Escravo da droga, tendo que fugir para viver,
E que me esconder pra não morrer, minha vida é assim.
Não suporto mais ver minha mãe chorando em desespero,
Aguardando a qualquer momento a notícia que eu morri.
Preenche o vazio que existe no meu coração,
Arrebenta as grades da prisão,
Me tira daqui.

Uma página em branco, Deus, é o que eu quero ser.
Reescreve minha história me ajuda a vencer.
Deus, estende a tua mão e me levanta desse chão,
E escreve a minha vida outra vez

**Apenas um jovem tendo que suportar tamanho preconceito,
A sociedade diz que já não tem mais jeito pra mim.
Eu não tenho paz, não tenho alegria,
A palavra tristeza resume minha vida.
Onde deixei o meu coração?
Minha esperança foi levada pelo vento,
E com ela foram juntos os meus sentimentos,
Eu preciso de alguém que me estenda à mão.
Guerreiro do tráfico, pra muitos eu não passo de um viciado.
Sei que roubo, sei que às vezes até durmo armado,
Mas sei que Deus tem outra opção.
O sonho da minha vida é poder um dia construir uma família,
E poder andar de cabeça erguida,
Ser tratado como um cidadão.” (Grifo nosso)**

¹³⁸ Letra e interpretação disponíveis em: <<https://www.lettras.mus.br/elaine-martins/pagina-em-branco/>>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

Até mesmo em relação aos confrontos armados peculiares da dinâmica das facções do tráfico cariocas, a expressiva retórica do universo pentecostal marca presença, notadamente através das preces por proteção divina aos próprios traficantes e aos moradores das comunidades, também sujeitos às consequências trágicas da guerra urbana. Christina Vital retrata com maestria esta evidência na obra “*Oração de traficante*”, citada em sua literalidade por Andrea Dip:

“O título *Oração de traficante* faz referência a uma prece que, segundo Christina, um traficante pronunciava e retransmitia para mais de 500 radinhos, por volta das cinco e meia da manhã. No artigo ‘Traficantes evangélicos: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas’, publicado na revista *Plural* em 2008, a pesquisadora descreve a oração:

Senhor: fazei com que a vida torta que eu vivo sirva para ajudar as pessoas a viver uma vida melhor e direita. Eu te peço, Senhor, que neste dia, nesta manhã, como em todos os dias, proteja os trabalhadores que saem agora para o trabalho. Proteja as crianças que saem para a escola.

Senhor, eu te peço proteção para os líderes comunitários.

Que o Senhor ilumine sua cabeça e toque seu coração e os livre da ganância e do egoísmo, e [que eles] olhem para o bem, que busquem o melhor para nossos moradores sofridos e pisados pelos governantes poderosos.

Senhor, eu Lhe peço proteção não para mim, mas para meus amigos.

Que os livre da morte, Senhor, que eles não sejam mortos covardemente e que não matem nenhum policial ou inimigo que venha atacar nossa favela.

Em nome de Ti, Senhor, é só o que eu peço.

Agora, vamos orar uma oração que todos conhecem e que serve para todas as religiões: ‘Pai nosso que estais no céu...’”. (DIP, 2019, p. 125)

Outrossim, nos últimos anos, alguns exemplos emblemáticos desta relação se tornaram popularmente conhecidos. É o caso do líder da Assembleia de Deus dos Últimos Dias – ADUD¹³⁹, Pr. Marcos Pereira¹⁴⁰, que popularizou sua atuação em bailes de favelas cariocas e penitenciárias [o que inclui a mediação de conflitos para pôr fim a rebeliões de presos] a partir da divulgação de suas incursões evangelísticas, iniciadas na década de 1990, em páginas oficiais e redes sociais da igreja. O exemplo do referido pastor revelou-se especialmente problemático em razão da acusação pelo Ministério Público estadual de estupro e coação de fiéis nas dependências da igreja por ele presidida, nos idos de 2006, o que levou à sua prisão em 8 de maio de 2013, e posterior condenação criminal – o líder religioso foi condenado a quinze anos de reclusão pela 2ª Vara Criminal de São João de Meriti, Baixada Fluminense¹⁴¹.

¹³⁹ Matriz Nacional sediada em São João de Meriti, no Rio de Janeiro (Av. Dr. Délio Guaraná, 353 – Éden, São João de Meriti – RJ, CEP 25545-100).

¹⁴⁰ Relato biográfico na página oficial da igreja, disponível em: < <https://adud.com.br/pr-marcos-pereira/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

¹⁴¹ Vide matéria jornalística disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/pastor-marcos-pereira-ganha-habeas-corpus-no-rio-na-vespera-do-natal.html>>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

Ademais, no mesmo ano da condenação, o Ministério Público apresentou nova denúncia, desta vez acusando Pr. Marcos Pereira por associação para o tráfico, pela suposta intermediação da comunicação entre os chefes do tráfico presos e seus os agentes atuantes nas comunidades (“*pombo-correio*”)¹⁴².

Outro caso, de menor notoriedade, é o do Pr. Francisco Ferreira da Mota [“*Fanta*”, como é conhecido], o líder da Igreja Pentecostal Muralha de Fogo, que teve um braço decepado em um acerto de contas decorrente de seu envolvimento com drogas, à época¹⁴³.

O pastor realiza sua missão evangelística na cidade de Cruzeiro do Sul, nas proximidades da fronteira do Acre com a Bolívia, uma das principais rotas de passagem para o tráfico internacional de entorpecentes. A importância do trabalho decorre do fato de que [com exceção da execução sumária] a única alternativa de que dispõem os membros das facções do tráfico atuantes na região para a saída pacífica do crime organizado é a gravação de um vídeo ao lado do pastor se desculpando e afirmando que “*está se deligando para ir para a benção*”¹⁴⁴. Cumprindo esta condição, e estando com todas as pendências [dívidas] quitadas, o ex-membro é monitorado tanto pelo líder religioso quanto pela antiga facção, até que o desligamento seja ultimado¹⁴⁵.

Estes exemplos auxiliam na compreensão da força de uma liderança carismática dentro da lógica pentecostal, força esta que, a depender do modo como é conduzida, pode propulsionar atos de intolerância religiosa.

A chancela e, mais que isso, o apreço de determinados líderes por comportamentos desta natureza autoriza os fiéis a praticarem atos abertamente repressores contra templos, instrumentos de culto e indivíduos que professem outra forma de fé religiosa. Maximamente as religiões de matriz africana, de onde [ironicamente] descende boa parte da membresia das igrejas pentecostais evangélicas periféricas¹⁴⁶, são alvos da repulsa (SANHCHIS, 1994, p. 161) incitada [de forma velada ou não] por estes líderes.

¹⁴² Vide matéria jornalística disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/mp-denuncia-marcinho-vp-e-pastor-marcos-por-associacao-para-o-trafico.html>>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

¹⁴³ Vide matéria jornalística disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/05/ouvi-voz-do-espírito-santo-diz-ex-traficante-que-virou-pastor-no-ac.html>>. Acesso em: 22 de ago. de 2020.

¹⁴⁴ Vide matéria jornalística disponível em: <<https://epoca.globo.com/aline-ribeiro/coluna-o-pastor-que-tira-jovens-das-faccoes-23779034>>. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

¹⁴⁵ Vide reportagem televisiva do *Fantástico*, disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6783531/>> [do instante 07:47 ao 09:22]. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

¹⁴⁶ Existem estudos destinados a analisar resquícios da ritualística das religiões de matriz africana nos cultos pentecostais evangélicos. A este respeito, vide artigo que discute aspectos particulares de uma forma de musicalidade própria dos cultos pentecostais (“corinhos de reteté”), disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992016000400132>. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

É sabido que a ritualística pentecostal tradicional, embora não negue a existência metafísica dos orixás da Umbanda e do Candomblé, os associa a ações e propósitos demoníacos a serem combatidos com rigor e veemência (CUNHA, 2021, p. 98).

Como consequência disso, são usuais relatos de ataques de fiéis mais revoltosos – ou de meros simpatizantes [traficantes, não raro] – a terreiros de candomblé em diversos pontos da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Um dos mais notórios episódios noticiados desta saga foi a prisão de 8 (oito) integrantes do chamado “bonde de Jesus”, um grupo de traficantes acusado de praticar ataques reiterados a terreiros de candomblé na comunidade Parque Paulista, em Duque de Caxias, baixada fluminense. Ao que parece, os ataques do grupo, que frequentava determinada igreja evangélica pentecostal da região, teria sido motivado unicamente por intolerância religiosa¹⁴⁷.

Outro aspecto preponderante da penetração social das igrejas pentecostais na vivência das comunidades periféricas cariocas é a forma alternativa de sustento que elas oferecem aos membros, a partir do exercício de ministérios itinerantes.

Trata-se de uma prática tradicional segundo a qual, membros e líderes que desempenham funções típicas do culto evangélico de forma itinerante [isto é, em outras congregações que não a sua, mediante convite], são abençoados com ofertas voluntárias, das igrejas convidantes ou individualmente de outros membros, pela disponibilidade pessoal e para a manutenção do ministério confiado ao sujeito.

Seja na área do louvor, do ensino ou da palavra (explicações mais vívidas de sermões bíblicos), é possível que o sujeito tenha no ministério itinerante uma fonte de sustento pessoal e familiar, notadamente quando há dedicação integral do itinerante. Há, ainda, casos em que a falta de qualificação específica para o mercado de trabalho – que dificulta a ocupação de postos formais de emprego – aliada ao contentamento com o desempenho das atividades religiosas, impele os sujeitos a desenvolverem e aprimorarem um ministério itinerante, ou a dedicarem-se exclusivamente a ele.

Com efeito, os ministérios itinerantes se acomodaram perfeitamente ao universo pentecostal, unindo de maneira perspicaz a militância religiosa, o sentimento de satisfação pessoal dos crentes [ao passo que os membros assim engajados podem se tornar conhecidos e adquirir notoriedade no meio evangélico], e uma fonte alternativa de sobrevivência de pessoas acostumadas com a escassez e a hostilidade advindas da posição social que ocupam.

¹⁴⁷ Vide matéria jornalística disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/policia-prende-8-traficantes-do-bonde-de-jesus-que-atacava-terreiros-no-rio.shtml>>. Acesso em: 24 de ago. de 2020.

Dentre os entrevistados que participaram do trabalho de campo, na pesquisa empírica, Bruno e William afirmaram exercer alguma forma de ministério itinerante.

Bruno é nascido e residente na favela da Vila Vintém, trabalha informalmente como cuidador de crianças, e possui o ensino médio completo¹⁴⁸. O jovem [de 25 anos] já citado noutro tópico¹⁴⁹, é membro da Assembleia de Deus de Vila Vintém (CONAMAD) e exerce ministério na área do louvor¹⁵⁰, auferindo alguma renda da itinerância apenas eventualmente¹⁵¹:

- *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante? Se sim, qual?*
Não possuo cargo eclesiástico, **só ministério itinerante na área do louvor.** (Grifo nosso)
- *Esse ministério itinerante exige de você dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?*
Não. **Prende, mas não é uma dedicação exclusiva.** (Grifo nosso)
- *Você aufera algum tipo de renda com o desempenho desse ministério, por mais que não seja de maneira direta (salário pago pela igreja)?*
Às vezes sim, às vezes não. (Grifo nosso)
- *Então não constitui sua fonte de renda principal?*
Exatamente. Isso não é o meu hobby. **Não é fixo, mas pode acontecer.** (Grifo nosso)

William, por sua vez, trabalha informalmente como vendedor de biscoitos¹⁵². Também com o ensino médio completo e congregante na Assembleia de Deus de Vila Vintém (CONAMAD), o jovem Diácono de 25 anos de idade¹⁵³ exerce ministério na área da palavra¹⁵⁴:

- *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante? Se sim, qual?*
Sim, o de diácono.
- *Você exerce algum ministério itinerante?*
Sim, **eu prego.** (Grifo nosso)
- *Esse ministério itinerante ou o cargo eclesiástico te exigem dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?*
Não.
- *Você aufera algum tipo de renda com o desempenho do cargo ou ministério?*

¹⁴⁸ Vide Anexo III, Entrevista VIII, perguntas 2 a 5.

¹⁴⁹ Remeta-se à página 38.

¹⁵⁰ Vide Anexo III, Entrevista VIII, perguntas 9 a 12.

¹⁵¹ Transcrição das perguntas e respostas 12 a 15, da Entrevista VIII – Anexo III.

¹⁵² Vide Anexo III, Entrevista V, pergunta 4.

¹⁵³ Vide Anexo III, Entrevista V, pergunta 1, 2, 3, 7 e 8.

¹⁵⁴ Transcrição das perguntas e respostas 12 a 16, da Entrevista V – Anexo III.

Até recebo, mas não é diretamente vinculado à igreja. Não é obrigatório e não é uma coisa certa.
(Grifo nosso)

- *Mas é oriunda do cargo eclesiástico ou do ministério [itinerante]?*
Do ministério.

No cenário pentecostal nacional, à medida que as ofertas voluntárias passaram a ser exigidas e/ou estipuladas em patamares menos modestos por alguns itinerantes, o exercício do ministério foi atraindo olhares mais ambiciosos da comunidade evangélica, ao passo que se revelava um negócio promissor.

Com o êxito lucrativo desta itinerância lucrativa [já distinta daquela original, voluntária e não necessariamente atrelada ao aspecto financeiro], reforçou-se ainda mais o discurso da *teologia da prosperidade*, muito bem analisada por Ricardo Mariano nas seguintes palavras:

A despeito de serem majoritariamente pobres, os pentecostais nunca fizeram elogios nem atribuíram significado redentor à pobreza (Matriz, 1994a: 158,159). **Não a reconheciam necessariamente como uma virtude cristã. Antes, ansiavam superá-la no Paraíso, já que viam este mundo como um vale de tormentos e sofrimentos. Também não se consideravam, pelo simples fato de serem pobres, herdeiros preferenciais do Reino dos céus. Por outro lado, não associavam a posse de bens terrenos à detenção de maior espiritualidade. Na realidade, resignados no ascético “caminho estreito”, sempre desvalorizaram a busca de riquezas e alegrias deste mundo.** Nos EUA, houve até líderes pentecostais, como os pioneiros Charles Parham e Frank Bartleman, que se opuseram frontalmente ao capitalismo (Horn, 1989: 71).

A Teologia da Prosperidade subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. Seus defensores dizem que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque deseja curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não tem respaldo nem sentido bíblico. **Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais.** (MARIANO, 2014, p.158-159, grifo nosso)

No ponto, é importante salientar que a teologia da prosperidade, muito associada à *lei da semeadura*¹⁵⁵ e à voluntariedade em ofertar materialmente na *obra de Deus*, não pode ser

¹⁵⁵ Passagem bíblica referencial: **“Lembraí-vos: ‘aquele que pouco semeia, igualmente, colherá pouco, mas aquele que semeia com generosidade, da mesma forma colherá com fartura. Cada pessoa coopere conforme tiver proposto em seu coração, não com pesar ou por constrangimento, pois Deus ama o doador que contribui com alegria. Certos de que Deus é poderoso para fazer que toda a graça vos seja acrescentada, a fim de que em todas as áreas da vida, em todo o tempo, tendo todas as vossas necessidades satisfeitas, transbordeis em toda boa obra. Como está escrito: ‘Distribuiu, doou dos seus bens aos necessitados; a sua fidelidade será eternamente reconhecida’. Aquele que oferta a semente ao que semeia, e pão ao que tem fome, também vos suprirá e multiplicará a semente e fará desenvolver os frutos da vossa fidelidade. Sereis enriquecidos em todas as áreas de vossas vidas, a fim de que possais ser generosos em qualquer ocasião e, por nosso**

tida como uma decorrência direta da itinerância monetizada. Mas o rápido enriquecimento de itinerantes antes socialmente estigmatizados, de histórico familiar empobrecido e sem muita instrução escolar, de fato confere um elevado poder de persuasão à retórica pentecostal construída em torno do dinheiro como mediador da graça. Como resultado, cantores e pregadores evangélicos que, por implicação direta ou indireta da profissão de fé, puderam experimentar prosperidade material sem precedentes em seus meios sociais, passaram a militar a tese do chamado *triumfalismo*, otimamente elucidado na letra do louvor *Sabor de Mel*, de autoria de Agailton Silva e interpretação da cantora gospel Damares¹⁵⁶:

O agir de Deus é lindo na vida de quem é fiel
No começo tem provas amargas, mas no fim tem o sabor do mel

Eu nunca vi um escolhido sem resposta, porque em tudo Deus lhe mostra uma
solução
Até nas cinzas ele clama e Deus atende
Lhe protege, lhe defende, com as Suas fortes mãos

Você é um escolhido e a tua história não acaba aqui
Você pode estar chorando agora, mas amanhã você irá sorrir

Deus vai te levantar das cinzas e do pó
Deus vai cumprir tudo que tem te prometido
Você vai ver a mão de Deus te exaltar
Quem te ver há de falar: Ele é mesmo escolhido

Vão dizer que você nasceu pra vencer,
Que já sabiam, porque você tinha mesmo cara de vencedor
E que se Deus quer agir, ninguém pode impedir
Então você verá cumprir cada palavra que o Senhor falou

Quem te viu passar na prova e não te ajudou
Quando ver você na bênção, vão se arrepender
Vai estar entre a plateia e você no palco
Vai olhar e ver Jesus brilhando em você

Quem sabe no teu pensamento você vai dizer
Meu Deus, como vale a pena a gente ser fiel
Na verdade, a minha prova tinha um gosto amargo
Mas minha vitória hoje tem sabor de mel

Tem sabor de mel, tem sabor de mel
A minha vitória hoje tem sabor de mel
Tem sabor de mel, tem sabor de mel

intermédio, a vossa boa vontade resulte em ações de graças a Deus. Porquanto, ao ministrar essa assistência, não apenas estais suprindo as necessidades dos santos, mas semelhantemente promovendo o transbordamento de variadas expressões de louvor e gratidão a Deus. Por intermédio dessa prova de verdadeiro serviço ministerial, muitos outros louvarão a Deus pela obediência que acompanha a vossa confissão do Evangelho de Cristo e pela generosidade do vosso coração em compartilhar vossos bens com eles e com todos os outros.” II Co 9, 6-13 (BÍBLIA, 2012, p. 1349, grifo nosso).

¹⁵⁶ Letra e interpretação disponíveis em: < <https://www.lettras.mus.br/damares/1222709/>>. Acesso em: 24 de abr. de 2022.

A minha vitória hoje tem sabor de mel

Tem sabor de mel, tem sabor de mel
A minha vitória hoje tem sabor de mel

Minha vitória hoje tem sabor de mel
Minha vitória hoje tem sabor de mel
Sabor de mel (Grifo nosso)

Destarte, na linha do que assentou Ricardo Mariano, a renúncia ascética das riquezas deste mundo e a esperança de redenção [da pobreza, inclusive] somente no Paraíso vindouro foi cedendo lugar ao anseio por exaltação pública e ocupação de posições proeminentes, estatais (i. e., em cargos públicos e eletivos) ou privadas (de cunho empreendedor).

A evidência da salvação, por conseguinte, já não se poderia ser manifestada somente no consolo divino posto à disponibilidade fiel, a teologia da prosperidade reclama a exposição da mudança de situação de vida daquele que ousa realizar os atos de fé [e doação] que ela incita.

Neste contexto, o triunfalismo se põe como “prova real” da eficácia da teologia da prosperidade. Independentemente das condições materiais, quem acredita na mudança de vida que esta mensagem teológica pode produzir, deve cumprir ações sacrificiais de demonstração de fé convicta e [sobretudo] ousada, e, segundo seus entusiastas, assim procedendo, o fiel necessariamente triunfará. Nesse sentido, Andrea Dip ratifica:

O fiel que quer ser abençoado precisa demonstrar sua fé fazendo “ofertas de sacrifício” a Deus, algo que lhe custe muito. É frequente que os pastores usem nas pregações de dízimos e ofertas dois exemplos: o de Abraão, que, por amor a Deus, se prontificou a sacrificar o próprio filho Isaque (curiosamente é omitida a parte em que Deus não permite o sacrifício); e o da viúva Sarefá, que preparou para o profeta Elias a única porção de comida que guardava para ela e seu filho – depois dessa, com o tempo morreriam de fome –, e, em retribuição, Deus nunca mais deixou que faltassem azeite e farinha.

Em seu artigo “Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade”, o sociólogo Ricardo Mariano escreveu: “O crente que almeja receber grandes bençãos de Deus precisa ser radical na demonstração de sua fé. Deve fazer doações que do ponto de vista do ‘homem natural’ e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de coragem. Deve assumir riscos, doando à Igreja algo valioso, como salário, carro, casa, poupança, herança, joias, caminhão, etc., com a certeza de que reaverá, multiplicado, o que ofereceu. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, como admoestam os pastores, ‘a dúvida é do Diabo’. Bastante estimulada, tal demonstração de fé é denominada de ‘provar’ ou ‘desafiar’ a Deus. [...] Evidentemente, garantem os pregadores, Deus se compraz muitíssimo com os fiéis que ousam desafiá-lo em tão audazes e arriscadas exhibições de fé.’

O pastor Caio Fábio diz que a Teologia da Prosperidade “cai como uma luva no complexo de inferioridade evangélica, que sempre foi uma comunidade de pobres”. E acrescenta: ‘Isso é muito poderoso. Os textos de Paulo sobre reinar em vida com Cristo, que são sobre ter poder espiritual sobre a baixaria, maldade, escolhas vis, que é adquirir essa consciência superior de ser gente em Deus e na vida, tudo isso foi transformado em ter uma empresa poderosa, em mandar em muita

gente, ter um carro escrito ‘Deus é fiel’. Isso é ‘reinar com Cristo’ em glória, em Mercedes, em Audis, em Porsches. Se você tem esse carro velho é porque não teve fé.”

Ricardo Mariano, em seu artigo, definiu: “Ao prometer saúde perfeita, prosperidade material, sucesso nos empreendimentos terrenos, felicidade e vitória sobre o Diabo e os males causados por ele, a Teologia da Prosperidade relega a segundo plano tradicionais crenças e valores pentecostais. [...] **A pobreza material passa a significar falta de fé e insubmissão dos desígnios divinos.**” E afirma ainda: “Defendendo que os cristãos, como sócios de Deus ou financiadores da obra divina, estão destinados a ser prósperos, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos, esta teologia, oriunda dos EUA, derruba por terra o velho ascetismo pentecostal, prejudica a imagem deste grupo religioso e concorre para pôr em xeque a tese que vê afinidades entre o pentecostalismo e o ‘espírito do capitalismo.’” (DIP, 2019, p. 82-83, grifo nosso)

Feitas estas considerações acerca do aspecto social da influência das igrejas pentecostais nas favelas e periferias cariocas, importa que se passe à análise de mutação desta influência quando se refletem para fora destes espaços.

3.3. Influências de Cunho Político

Neste subitem, serão analisados os reflexos políticos da influência das igrejas pentecostais, numerosamente presentes nas favelas e comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro.

Em primeiro lugar, importa pontuar que a membresia destas instituições religiosas, ainda que dotada de perfil individualizado, logicamente compõe uma coletividade periférica maior, que tem seu cotidiano, seus traços socioeconômicos e suas condições de vida determinados desde antes por variantes de outra ordem.

Conjugadas no mesmo espaço, tais variantes influenciam na formação de manifestações culturais originais, de modos e costumes de grupo, e de um estilo de sociabilidade próprio (CUNHA, 2021, p. 80),

Neste estilo típico de sociabilidade, está englobada a consciência política das periferias, cujo contingente populacional é naturalmente muito mais desgastado por ocupações rotineiras e atividades laborativas (subalternas e/ou braçais) que outras classes sociais, que têm seu tempo e disposição demandados em intensidade muito menor.

A falta de familiaridade da periferia com a linguagem política (tradicionalmente truncada e elitizada); o distanciamento proposital dos representantes eleitos e o desinteresse em estimular a participação popular nas decisões públicas; a falta de noção referente às premissas básicas de uma democracia representativa, à tripartição de poderes e à organização

federativa do Estado; a escassez de tempo vago que retira a busca por informação e a necessidade de conhecimento político da pauta de prioridades da classe trabalhadora; [...] são algumas das evidências que retroalimentam o problema crônico do analfabetismo político presente – não só, mas principalmente – nas classes mais baixa de nossa sociedade, que povoam as favelas cariocas¹⁵⁷ e as de todo o país.

Estas e outras evidências denunciam que o aparente desinteresse de determinados grupos pela vida política nacional acaba não sendo de cunho volitivo, mais circunstancial.

Como consequência direta deste analfabetismo encomendado, os candidatos cargos eletivos se veem na necessidade de criar espaços de diálogo acessíveis e simpáticos ao povo quando a atenção da massa populacional é demandada.

Para os fiéis pentecostais, esse espaço de diálogo está no universo religioso, cujo palco são as igrejas; as quais, como dito alhures, podem eventualmente ter seus objetivos [morais e institucionais] adotados por parte da membresia de forma acrítica.

Cientes dessa propensão, candidatos – integrantes do rol de membros das igrejas, simpatizantes ou apenas políticos – constroem plataformas políticas se aliançando com lideranças eclesiais das principais convenções nacionais evangélicas e obtendo a licença destas para utilizarem igrejas pentecostais espraiadas pelas periferias urbanas como palanque. Nesta conjuntura, são recorrentes as visitas de candidatos – muitas vezes completamente desconhecidos dos fiéis – a templos durante a ministração de cultos, ordenadas por convenções ou lideranças autônomas.

No afã de fazer dos fiéis um curral eleitoral sob novo recorte, estes sujeitos, mesmo quando estranhos à comunidade religiosa local, recebem espaço de fala e tentam forçar uma proximidade não só com a membresia, mas com as crenças por ela professadas – como se comungassem da mesma fé.

Este empenho de aproximação forçada prova que a afeição da comunidade evangélica brasileira – que cresceu exponencialmente nas últimas décadas – por determinado candidato ou partido pode ser fundamental para a o sucesso de uma candidatura.

No caso do Brasil, o êxito destas empreitadas é tamanho que o Congresso Nacional possui um numeroso segmento cuja marca preponderante não é uma ideologia política ou

¹⁵⁷ Embora aqui se fale em um panorama geral como pano de fundo, não desconsidero os palpáveis avanços relacionados à conscientização política das favelas, protagonizada por novas gerações de favelados que não só participa ativamente da vida política nacional (seja veiculando arte de contestação ou se qualificando para a ocupação de postos de decisão nas esferas de governo) como fomentam esse interesse na comunidade periférica.

econômica definida, mas a similaridade da fé professada pelos membros: a bancada evangélica.

A existência da bancada evangélica ratifica que a influência das igrejas evangélicas [e suas lideranças] não se circunscreve aos limites físicos das favelas, ou à vida de cidadãos que mantém contato direto com o universo religioso. O crescimento das igrejas do seguimento pentecostal, em número e em força, é atestado de forma patente pela presença evangélica sedimentada em domínios sociais diversos, inclusive no da representação política. Andrea Dip, ao comentar tamanho crescimento, afirmou:

O número de evangélicos no Parlamento brasileiro cresceu acompanhando o aumento da quantidade de fiéis. Segundo dados do último Censo Demográfico do país, realizado pelo IBGE em 2010, houve um aumento de 61,45% em 10 anos no Brasil. Em 2000, cerca de 26,2 milhões de pessoas se declaravam evangélicas, 15,4% da população. Em 2010, o número passou a 42,3 milhões, 22,2% dos brasileiros. Já no fim de 2016, segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha, 29% dos brasileiros se afirmavam evangélicos – 3 em cada 10 pessoas com mais de 16 anos.

O Datafolha mostrou também que a maioria frequenta Igrejas Pentecostais, como a Assembleia de Deus (em primeiro lugar, 34%), Iurd, Congregação Cristã e Quadrangular do Reino de Deus.

Outra pesquisa realizada pelo Pew Research Center, publicada em 2014, apontou que o Brasil é o país com maior número proporcional de protestantes da América Latina.

No Congresso Nacional brasileiro, a tendência seguiu esse aumento: a antropóloga da UFF Christina Vital diz que existem hoje entre oitenta e noventa parlamentares evangélicos vinculados à FPE158 (o número varia devido aos suplentes), mais do que o dobro de quando foi criada, em 2003. O número de pastores candidatos também cresceu: “Nós tivemos uma situação singular nesse pleito, com 40% mais pastores se candidatando em 2014”, aponta. (DIP, 2019, p. 26-27).

Corroborando esse o crescimento o fato de que a Frente Parlamentar Evangélica¹⁵⁹, mencionada pela autora, figura como uma das três grandes frentes do Congresso Nacional que diretamente ostentam temática religiosa, sendo formalmente integrada por 196 (cento e noventa e seis)¹⁶⁰ dos 513 (quinhentos e treze) deputados federais em exercício na Câmara dos Deputados, e 8 (oito) dos 81 (oitenta e um) senadores em exercício no Senado Federal.

E uma grande evidência do protagonismo da bancada evangélica no Congresso Nacional foi o fortalecimento político provocado pela eleição do atual Presidente de

¹⁵⁸ Abreviatura de: “Frente Parlamentar Evangélica”.

¹⁵⁹ Composição disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>>, acesso em: 28 de abr. de 2022. Além desta, há a “Frente Parlamentar para a Liberdade Religiosa do Congresso” (composição disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54092>>) e a “Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana” (composição disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54077>>).

¹⁶⁰ Foram 195 (cento e noventa e cinco) os deputados federais signatários, embora 7 (sete) destes estejam atualmente fora do exercício.

República, Jair Messias Bolsonaro. No caso, tratou-se de uma associação demasiado proveitosa para ambas as partes, considerando que a vitória do então candidato contou com a militância obstinada de algumas das principais lideranças evangélicas do país, que, através da organização em convenções, expandiram esse apoio para as inúmeras igrejas filiais espalhadas pelas periferias dos centros urbanos. A contrapartida prestada ao seguimento pentecostal parece ter sido a eleição em massa de parlamentares oriundos das igrejas Assembleias de Deus (cerca de trinta e três cadeiras) e Universal do Reino de Deus (cerca de dezoito cadeiras)¹⁶¹.

O ponto que se questiona, no caso, não é possibilidade de que a fé religiosa venha a interferir em alguma medida na opção política dos pentecostais por um outro candidato a cargo eletivo. De fato, todos os eleitores têm de fazer, de forma individual, uma escolha política, e é compreensível que o façam levando em consideração o conjunto de suas convicções, sejam elas religiosas, filosóficas, liberais, conservadoras, progressistas, libertárias, marxistas, anarquistas, capitalistas, burguesas, socialistas, socialdemocratas, etc. Trata-se de implicação inerente à democracia, que a pluralidade e convivência harmônica, inclusive, de opiniões e visões de mundo [na medida do possível].

O que se critica nesta conjuntura, de outro lado, é o adestramento e indução das convicções de fé por suas lideranças religiosas, que empenham seus melhores esforços para convencer os fiéis de que a eleição dos candidatos por eles apontados é a manifestação de uma vontade divina, a qual, por sua natureza, não deve ser contrariada em nenhuma hipótese – ainda que não haja plena concordância com os discursos e posições destes candidatos. À vista disso, observou Ricardo Mariano:

A escassez de estudos e informações ocorre a despeito da presença e visibilidade – sem precedentes na história desse país de colonização e tradição católicas – cada vez maiores dos evangélicos na sociedade. Algo que, sem dúvida, é difícil de justificar. Pois, por mais esforços que se faça, não há como não notá-los, mesmo na política partidária, terreno do qual até há pouco, por sectarismo, mantinham-se deliberadamente afastados. **Ao substituírem a velha máxima ‘crente não se mete em política’ por projetos eclesiásticos corporativistas radicados no slogan ‘irmão vota em irmão’ – título de livro de um pastor assembleiano (Sylvestre, 1986) –, entraram de ‘corpo e alma’ no jogo político. Avidamente cortejados e assediados por partidos e candidatos, vários desses ‘irmãos’ passaram a trocar voto e apoio eleitoral por cargos, recursos, favores e concessões – sempre públicos – de toda espécie** (MARIANO, 2014, p. 15-16, grifo nosso).

¹⁶¹ Vide tabela demonstrativa disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

Justamente em razão dos resultados práticos deste aliciamento devocional [muito bem-sucedido], o Tribunal Superior Eleitoral discutiu a possibilidade de reconhecimento do chamado *abuso de poder religioso*, conforme noticiado em publicação do dia 25 de junho de 2020, no sítio eletrônico da Corte¹⁶².

A finalidade do eventual precedente da Corte seria minorar a domesticação do exercício da fé por aqueles que, dispondo de autoridade eclesiástica para a ministração de uma doutrina religiosa, se colocam na condição de detentores da graça, assim administrada para compelir o fiel a adotar determinados comportamentos político-partidários. Repita-se, no caso, o alvo não é autonomia de pensamento de grupos religiosos, naturalmente mais conservadores que outros segmentos sociais. O ato objurgado é, em termos simples, o assédio deliberado para que o fiel se adeque à convicção política apontada por seus líderes religiosos, com condição para a comunhão legítima e para o merecimento das bençãos espirituais ministradas por aquela crença.

Neste contexto, a menos que o sujeito, de forma voluntária e autônoma, determinasse suas escolhas políticas pela convicção de fé, haveria abuso de poder religioso. O óbice seria a superposição do ordens eclesiásticas às preferências políticas individuais, que, se dissonantes, pudessem se desdobrar em atos (individuais ou coletivos) de depreciação do fiel.

Embora se possa afirmar que os segmentos religiosos sejam em essência mais conservadores que outros, não parece razoável afirmar que este conservadorismo constitua, sozinho, uma ideologia política. Quando isso ocorre, candidatos à carreira política se veem desincumbidos de adotar uma linha ideológica adequada às suas concepções morais e éticas (...), o próprio discurso religioso se torna uma possível plataforma política. Características inerentes ao universo pentecostal, como ideário metafísico ligado à vontade divina interveniente nos acontecimentos mundanos, fazem com que o segmento flerte vez ou outra com esta possibilidade de instrumentalização da fé – o que já vem se tornando um hábito.

Neste ponto, é importante pontuar que, pelas falas dos entrevistados no trabalho de campo, não há, hoje, unanimidade no tocante à forma de enxergar a aproximação da igreja com a vida política nacional.

Michele, de 48 (quarenta e oito) anos, com ensino médio completo, nascida na favela da Vila Vintém e residente na favela do Batan, Diaconisa e dirigente da mesa de oração da

¹⁶² Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Junho/tse-inicia-debate-sobre-a-possibilidade-de-reconhecer-abuso-de-poder-religioso>>. Acesso em: 5 de ago. de 2020.

Assembleia de Deus de Realengo (CONAMAD)¹⁶³, afirmou que o envolvimento dos cristãos na política se deu pela necessidade de defesa de valores que vinham sendo prejudicados¹⁶⁴:

- *Você considera que a igreja pentecostal das favelas exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país e leis aprovadas?*

Atualmente, eu acredito que sim. Teve um bom tempo que os cristãos não se envolviam na política, porque não queriam, de certa forma, se contaminar. **Mas acabou havendo a necessidade de nós nos envolvermos para defendermos os valores cristãos que estavam sendo prejudicados. Hoje em dia sim, têm candidatos evangélicos, têm pessoas que são apoiadores, que ajudam, de certa forma, a obra de Deus. Hoje em dia, sim, com certeza.** (Grifo nosso)

Já Lúcia, cuja entrevista já foi mencionada noutro tópico (*A Centralidade do Testemunho Enquanto Instrumento de Catarse dos Fiéis*)¹⁶⁵, ressaltou a aproximação como sendo positiva em razão da evolução da mentalidade pentecostal no que se refere à participação política ativa. Ressaltou, ainda, que a repulsa social aos evangélicos é fruto do preconceito criado em torno de uma suposta tendência ditatorial, que na verdade é uma reação às medidas políticas tendentes a prejudicar a livre manifestação da fé (como a proibição de evangelização em transportes públicos). Residente na favela do Batan, a jovem membra, componente da mesa de oração da Assembleia de Deus de Padre Miguel (Selvinha), assim se colocou¹⁶⁶:

- *Você considera que as igrejas pentecostais exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Acho que hoje, sim. **Acho que o cristão está começando a entender que ele tem responsabilidade sobre isso também, que nós somos, como diz a Bíblia, filhos de Deus, mas nós somos seres humanos, e temos responsabilidade humanas que são independentes da fé, da religião. Eu preciso entender como está sendo conduzido o meu país, para que eu possa ajudar da melhor forma diretamente como pessoa. Porque eu posso influenciar o meu país com relação à minha religião, mas também posso influenciar o meu país com relação à minha pessoa.** Eu preciso saber como lidar, como pessoa, com o meu país. E eu acho que o evangelho hoje está amadurecendo nesse sentido, eles estão entendendo que precisam ter a mente mais aberta, precisam entender que têm que estar cientes das coisas, conhecer do assunto, se aprofundar no conhecimento, para dar algum tipo de palpite, para falar alguma coisa, para influenciar de alguma forma, de maneira positiva. Para influenciar, você precisa conhecer. Não como influenciar se você não conhece. (Grifo nosso)

- *Não só os cristãos individualmente, mas as igrejas pentecostais enquanto grupo/segmento, exercem algum tipo de influência na vida política nacional?*

Sim.

- *E o contrário? A vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais? Por quê?*

¹⁶³ Vide Anexo III, Entrevista II, perguntas 1 a 6, e 9.

¹⁶⁴ Transcrição da pergunta e resposta 30, da Entrevista II – Anexo III.

¹⁶⁵ Remeta-se às páginas 30-32.

¹⁶⁶ Transcrição das perguntas e respostas 46 a 54, da Entrevista X – Anexo III

Muita. Pelo preconceito. Porque **foi gerado um preconceito com relação ao evangelho. Devido a essa visão distorcida do que é evangelho, se gerou um preconceito. E esse preconceito fez com que os evangélicos pareçam os ditadores. Parece que os evangélicos são pessoas que não respeitam a opinião dos outros, e não é isso o que a Bíblia diz, não é isso que os evangélicos esclarecidos que estudam e que leem praticam. Então influencia muito sim, porque eles começam a criar leis que vai nos impedir de fazer coisas que são necessárias, como evangelização nos ônibus, nos trens (...).** É algo que tem um impacto muito grande na vida das pessoas. Como eu vim da depressão, do complexo de inferioridade, para mim, ouvir falar de um Cristo que ama, ouvir alguém falar de um Cristo que tem poder para curar todas as feridas, dentro de uma condução, me aliava bastante. E quando a política tira isso, ela está atrapalhando, está influenciando de uma forma negativa no papel da igreja e do evangelho na sociedade.

- *Você enxerga essa influência mútua, as igrejas pentecostais na vida política nacional, e vice-versa, positivamente ou negativamente?*
Com bons olhos, porque assim como política precisa entender e aprender o que é o evangelho, o evangelho também precisa aprender e entender o que é política. Isso faz com que um procure entender melhor o outro, e faz com que a gente se revele mais, estando mais prontos para poder explicar. Como está sendo a entrevista agora, você dá uma liberdade do evangelho se explicar, e você dá a liberdade de qualquer pessoa da área da política venha, também, a ter esse contato, a liberdade de expor as suas opiniões.
- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada à aproximação de candidatos políticos da membresia ou de ambiente de culto? Se sim, como aconteceu?*
Sim. Teve um político que pediu a oportunidade, o Pr. Presidente na época, concedeu a oportunidade para ele, e ele falou dos projetos, daquilo que ele tinha como proposta na plataforma dele, para a sociedade, e aquilo que também poder ser benéfico para a sociedade cristã. E aquela parte do culto, cerca de uma hora e meia, se não me engano, foi reservada para isso.
- *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*
Sim, esse ano.
- *E você fez? Por quê?*
Não. Eu não “senti firmeza”. O que ele me apresentou, eu achei que não tinha nada a ver com a igreja em si. As propostas dele não me agradavam. E, se não me agrada, eu não vou oferecer algo que não me agrada.
- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?*
Devido a ele professar a fé cristã influencia muito. (Grifo nosso)
- *Então você já se sentiu mais confortável pelo fato de o candidato professar a fé cristã, mas não pelo fato de ele ter promovido algum tipo de aproximação?*
Isso. Mais pela fé cristã mesmo. **Hoje a gente vê que tem esse embate, essa coisa de as pessoas não entenderem muito do evangelho e a gente sentir a necessidade de ter alguém que nos represente lá.** (Grifo nosso).

O jovem Bruno, membro da Assembleia de Deus da Vila Vintém citado acima¹⁶⁷, relatou a ocasião em participava de celebração de um culto que foi interrompido [obviamente, com o consentimento da liderança eclesiástica] para que um candidato falasse a respeito de sua candidatura na igreja¹⁶⁸:

¹⁶⁷ Remeta-se às páginas 38-39, e 75.

¹⁶⁸ Transcrição das perguntas e respostas 32 a 36, da Entrevista VIII – Anexo III

- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*
Sim, de parar um culto para falar sobre política. (Grifo nosso)
- *Como ocorreu?*
Foi no culto, em uma igreja em Madureira. **Estava tendo o culto, normal. E aí, do nada, o candidato Cezar Maia subiu no púlpito, perguntou se poderia falar algo, e aí começou a falar sobre a candidatura dele. Depois desceu e foi embora.** (Grifo nosso)
- *E foi falado somente sobre a candidatura, questões políticas, ou ele também fez pregação?*
Não. **Foi política, só isso.** (Grifo nosso)

Experiência similar foi relatada pela entrevistada Evangeline¹⁶⁹, mencionada noutro tópico. Embora arrependida, a professora de educação infantil e membra da Assembleia de Deus de Realengo admite já ter votado em determinado candidato unicamente por ele ter se afirmado evangélico. Devido à frustração com o resultado de sua escolha, Evangeline passou a adotar posicionamento desconfiado em relação à associação igreja-política¹⁷⁰:

- *Você considera que as igrejas pentecostais das favelas exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional?*
Sim. **Eu acho que a igreja não devia se meter nisso, mas existe isso.** (Grifo nosso)
- *E o contrário? Você acha que a vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*
Existe, também.
- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*
Sim. **Eu já vi na minha igreja.** (Grifo nosso)
- *Já aconteceu em outra igreja que você foi visitar?*
Não, em outra igreja eu nunca vi, mas na minha já. Ele subiu no púlpito e quase todo mundo foi indo embora.
- *Você se lembra quem foi?*
Foi o Eduardo Cunha que foi no culto. Aí depois veio o Pastor Celso e veio pregando, falando que “aqui quem manda é Jesus, não é político não”, aí todo mundo deu glória a Deus.
- *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*
Não.
- *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva ou negativa? Por quê?*
Negativa. Porque, por exemplo, o Eduardo Cunha subiu aqui no púlpito, falou “arco-íris e flores”, mas mostrou que era “chuva e trovão”. E isso foi um péssimo exemplo. Por isso que eu acho que não tem nada a ver política e religião. (Grifo nosso)
- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação?*
Não, tanto que eu nem votei no Eduardo Cunha.

¹⁶⁹ Remeta-se às páginas 42-44.

¹⁷⁰ Transcrição das perguntas e respostas 36 a 44, da Entrevista III – Anexo III

- *E pelo fato de ele professar a fé cristã?*

Eu me arrependi disso. Eu votei num “péla saco” aí, porque ele é evangélico, e ele mostrou quem ele é. Aí eu fiquei arrependida, não me senti confortável não. (Grifo nosso)

No mesmo sentido, Sandra, transcrita alhures¹⁷¹, impõe algumas restrições à associação igreja – política ministério, na qualidade de Pastora do ministério independente Assembleia de Deus a Palavra é Cristo, situado na comunidade do Jacaré (Zona Norte). Ainda que enxergue benefícios na aproximação, ressalva a autonomia de pensamentos dos fiéis e da comunidade pentecostal como um todo¹⁷²:

- *Você considera que as igrejas pentecostais periféricas e das favelas exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*
Até exerce, porque hoje tem muito cristão na política, e há uma necessidade muito grande, porque nós precisamos também defender os nossos direitos como igreja, porque temos uma massa muito grande de evangélicos nesse país. Para poder a coisa andar organizada, não desenfreada, a igreja precisa ter os seus representantes para exercer uma influência na área da política, mas não uma influência negativa com exigências e com cobranças, ou a influência negativa de que só nós estamos certos (...), a influência de gritar pelos nossos direitos, porque nós sabemos que temos direitos e temos deveres também. Mas, chegar ao nosso conhecimento quais são os nossos deveres, e gritarem ou levantarem a bandeira dos nossos direitos.
- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada isso, como por exemplo, aproximação de candidatos a cargos políticos, ou candidatos a cargos políticos já integrantes do corpo de membros de que você fez parte, aproximação da membresia ou de ambiente de culto?*
Já, já tive pessoas da nossa igreja que se candidataram, e até exerciam uma certa influência na igreja. Mas a igreja também tem as suas normas, a igreja também tem a sua visão. E a norma da igreja, pelo menos da minha igreja, é que candidato ou a pessoa que se candidata a questões políticas não pode obrigar uma massa a acompanhá-lo, que ele seja isolado na decisão dele.
- *Você já foi procurada pessoalmente para promover esse tipo de aproximação?*
Sim, já fui sim, mas não fui levada por isso não. Não promovi essa aproximação, e ainda acho errada essa proximidade. Cada um tem que saber a sua área de trabalho, e a sua área de trabalho não é a igreja, porque a igreja não pode exercer um vínculo político, ela exerce somente a confissão da fé.
- *Você enxerga esse tipo de aproximação/influência da vida política nacional nas igrejas e vice-versa como sendo positiva ou negativa? Por quê?*
Tem uma parte positiva e uma parte negativa. A positiva é que há algumas coisas que a gente precisa saber para poder se posicionar. A parte negativa é que nós não podemos ser cabresto de ninguém. A parte negativa é que o voto e a influência política não podem ser com alienação, nós não podemos ser alienados.
- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a fé cristã?*
Ele professando a fé cristã, as decisões dele podem ser boas como podem ser ruins. Eu me sinto mais confortável em analisar qual é a proposta política dele. Só me sinto confortável analisando a proposta política dele.

¹⁷¹ Remeta-se à página 39.

¹⁷² Transcrição das perguntas e respostas 41 a 45, da Entrevista XII – Anexo III

Franciso entende, diferentemente, ser válida a utilização do aparato religioso para prestar apoio aos candidatos que acenem a intenção de se associarem à igreja. O atual Pastor da congregação da Assembleia de Deus a Palavra é Cristo (ministério independente) na comunidade do Jacaré (Zona Norte), já citado acima¹⁷³, menciona, inclusive, ocasiões em que promoveu pessoalmente tal associação¹⁷⁴:

- *Você considera que as igrejas pentecostais têm algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*
Sim, tem. Tem, porque hoje, quando nós falamos de política, nós vemos que a política tem uma representação muito forte no que diz respeito aos evangélicos, existe a bancada dos evangélicos dentro da Câmara, dentro do Senado, dentro do Congresso em geral. Então, eu creio que exerce uma influência muito forte.
- *Você entende que essa influência como sendo positiva ou negativa? Por quê?*
Eu considero positiva, porque é algo construtivo para a sociedade: as ideias. Nós protegemos, muitas vezes, a tradição, que é a família, que é os legados que foram impressos desde os nossos antepassados. E eu vejo os evangélicos, nesse momento, protegendo essa área da vida e da política também. (Grifo nosso)
- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada isso, como por exemplo, aproximação de candidatos a cargos políticos, ou candidatos a cargos políticos já integrantes do corpo de membros de que você fez parte, aproximação da membresia ou de ambiente de culto? Se sim, como aconteceu?*
Sim. A minha experiência é que **a nossa igreja era um referencial dentro da comunidade, de modo que nos momentos de campanha eleitoral, muitos políticos nos procuravam para que a nossa referência como igreja e como indicação (...), ou melhor, eles procuravam o nosso apoio. E, com isso, nós como igreja, nós conseguimos, por exemplo, eleger um prefeito no município de Japeri,** conseguimos eleger vereadores, que vieram através da nossa influência, do nosso apoio, da nossa indicação dentro da nossa comunidade, em Engenheiro Pedreira. (Grifo nosso)
- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?*
Sim, **pelos dois motivos, por ele nos procurar, procurar o nosso apoio, e por ser um representante.** Por exemplo: o candidato era um pastor. Então, por conta de fazer parte da mesma fé cristã, e por ser um companheiro de ministério, nós demos nosso apoio. (Grifo nosso).

Cláudia, Diaconisa que trabalha na parte social da Assembleia de Deus de Realengo (CONAMAD), nascida no Ceará e atualmente residente no Batan¹⁷⁵, também enxerga o engajamento político da igreja como algo positivo, embora não se disponha a promover pessoalmente uma aproximação, como o Pr. Francisco. Com 66 (sessenta e seis) anos, a quinta série primária completa¹⁷⁶, a ex-líder do grupo infantil da igreja e líder comunitária (ex-presidente da associação de moradores do Batan)¹⁷⁷, afirmou¹⁷⁸:

¹⁷³ Remeta-se às páginas 23 e 29.

¹⁷⁴ Transcrição das perguntas e respostas 47 a 50, da Entrevista XI – Anexo III

¹⁷⁵ Vide Anexo III, Entrevista XIII, pergunta 5 a 9.

¹⁷⁶ Vide Anexo III, Entrevista XIII, perguntas 1 e 2.

¹⁷⁷ Vide Anexo III, Entrevista XIII, perguntas 25 e 42.

¹⁷⁸ Transcrição das perguntas e respostas 35 a 41, da Entrevista XIII – Anexo III

- *Você considera que as igrejas pentecostais periféricas e das favelas exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*
Eu creio que sim, sabe por quê? Porque a nossa vida, dentro da nossa casa, é uma política. Eu creio que sim porque tudo gira em torno de política. Você tem que se reunir com sua família, discutir as ações que você vai fazer (...). Eu creio que todos dependem da política. Até Jesus, quando andou no mundo, tinha uma política.
- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada isso, como por exemplo, aproximação de candidatos a cargos políticos, ou candidatos a cargos políticos já integrantes do corpo de membros de que você fez parte, aproximação da membresia ou de ambiente de culto? Se sim, como aconteceu?*
Já. O político chegou e pediu para falar na igreja, foi até um deputado que eu acho que já morreu. Bom, ele poderia até ir, mas não para falar de política. Na verdade, ele já fazia um trabalho social aqui dentro da igreja. Foi até no dia do aniversário do Pr. Aleluia. Aí eu conversei com o Pr. Aleluia, que foi lá conhecer ele, até porque ele já trabalhava na área social daqui da comunidade, e ajudava o Batan em peso. Inclusive a água (sistema de água encanada), foi ele quem botou aqui dentro. Aí, nesse dia, eu falei com o Pr. Aleluia, que ele falou: “não, pode vir, ele só não pode falar de política”. Ele foi na igreja, foi lá em cima, parabenizou o Pr. Aleluia, deu um presente a ele de aniversário. Aí o povo ficou conhecendo, porque ele já trabalhava, já fazia um trabalho na comunidade.
- *Ele não falou de campanha, de política, de nada?*
Não, até porque **a igreja naquele tempo do Pr. Aleluia, não se podia fazer campanha política dentro da igreja, e o político respeitava. Essa experiência eu tive com o deputado André Luiz, que na época foi a pessoa mais votada aqui dentro do Batan. Ou seja, a nossa vida é uma política, no meu ponto de vista.** (Grifo nosso)
- *Você já foi procurada pessoalmente para promover esse tipo de aproximação?*
Já.
- *Você enxerga esse tipo de aproximação/influência da vida política nacional nas igrejas e vice-versa como sendo positiva ou negativa? Por quê?*
Bom, eu acho positiva, porque infelizmente hoje tudo é através do conhecimento, se você não tiver um político que seja um político honesto, que tenha conhecimento lá fora, o que você precisa e necessita dentro da comunidade, você não vai ter. Eu tenho um exemplo: quando a água (sistema de água encanada) entrou aqui dentro, eu tive que fazer uma aliança com o André Luiz, com a Laura Carneiro e com o Paulo Conde, que era o prefeito na época, e também com o governador. Então eu tive que fazer uma aliança partidária em três esferas do governo para a água (sistema de água encanada) entrar dentro do Batan.
- *Mas você considera que essas pessoas terem algum tipo de ligação com a igreja, especificamente, ou virem da igreja ou estarem na igreja, é um fato positivo ou negativo?*
Positivo, eu acho positivo, tanto que beneficiou a todo mundo.
- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a fé cristã?*
Não. Depende das ações dele. Independente de ser cristão ou não, se ele for uma pessoa que não for crente, mas tiver boas ações e for bem intencionado com a população, e você ver isso nas ações dele, é nesse que eu voto. Não sei se eu estou errada, mas é nele que eu voto.

Como visto, em relação à associação que ultimamente vem sendo construída entre o as instâncias políticas estatais e a comunidade evangélica, há fiéis que a enxergam com olhos negativos, há fiéis que enxergam de maneira positiva por influência de lideranças, e há fiéis que a enxergam de maneira positiva por motivos outros. No diversificado universo dos entrevistados, tal variação restou evidente.

3.4. Influências de Cunho Jurídico

Em primeiro lugar, importa consignar que os pontos tratados no tópico anterior adiantam boa parte da discussão atinente aos desdobramentos jurídicos da relação criada em esferas do poder religioso pentecostal e instituições/personalidades políticas. Desta forma, dentre as inúmeras implicações jurídicas que poderiam ser explanadas neste item, foram selecionadas apenas duas específicas: uma de natureza subjetiva, ao passo que operada apenas na esfera pessoal dos fiéis pentecostais; e outra de natureza objetiva, já que seus reflexos alcançam a sociedade brasileira como um todo.

Passo, então, a tratar da implicação jurídica de índole subjetiva.

No universo jurídico, é de conhecimento geral que a Constituição da República prevê, a partir de seu artigo 5º, um rol não exaustivo de direitos e garantias fundamentais do indivíduo. É sabido, também, que esses direitos podem ser categorizados segundo a natureza em direito de primeira dimensão (associados ao valor liberdade), direitos de segunda dimensão (associados ao valor igualdade), direitos de terceira dimensão (associados ao valor fraternidade), etc.

Considerando que o objetivo, no ponto, não é elucidar as diferenças entre cada grupo de direito, e sua respectiva natureza, passaremos a tratar apenas dos direitos de primeira e segunda dimensões.

Em linhas gerais, pode-se dizer que os direitos de primeira dimensão (CRFB/88, art. 5º), conhecidos como *direitos individuais*, comportam as chamadas liberdades negativas, na medida em que impõem ao Estado deveres de abstenção face ao indivíduo, a fim de que este possa autodeterminar-se de forma livre, desde que, assim procedendo, não ofenda à coletividade e a autonomia de outrem. Por sua vez, os direitos de segunda dimensão (CRFB, arts. 6º ao 11), assim chamados *direitos sociais*, consubstanciam prestações positivas, haja vista que impõem o dever de atuação positiva do Estado, compelindo-o a conferir aos cidadãos condições dignas [ainda que mínimas] de existência.

Dessa diferença prática (ação X abstenção), decorre que, ao menos do ponto de vista material, o Estado enfrenta dificuldades muito maiores para prestar direitos sociais do que para se abster-se de interferir na autodeterminação dos particulares. Por assim dizer, juridicamente, as prestações estatais positivas sujeitam-se ao princípio da reserva do possível. Orientando-se pela lógica de que os recursos são finitos e as demandas humanas infinitas, o

dever do Estado de conferir existência digna aos administrados é relativizado a depender da extensão de seus recursos, que precisam ser geridos para atender a um sem-número de pendências, se todas as naturezas.

Não é preciso nenhum estudo teórico aprofundado para que se possa afirmar, com certeza, que a sociedade brasileira é castigada por uma profunda desigualdade, o que, infelizmente, faz parecer utópicos [para não dizer, risíveis] inúmeros dos direitos e garantias inscritos em nossa Carta Política. Esse fato notório escancara que a dignidade, tal como assegurada em termos constitucionais, ainda é privilégio de um pequeno contingente da população brasileira.

O resultado prático da conjuntura acaba sendo o desequilíbrio de atenção dispensada a determinados direitos, em detrimento de outros, até mesmo pela massa populacional. Embora do ponto de vista jurídico, não haja hierarquia entre os direitos e garantias fundamentais individuais, sejam eles de primeira, segunda, terceira ou de qualquer dimensão [...], as necessidades da vida real impõem prioridades existências que não respeitam as balizas do direito.

É intuitivo, que os grupos sociais mais pobres da sociedade, constantemente premidos por circunstâncias de escassez, demandem do Estado de forma mais ávida a prestação de seus direitos sociais, priorizando-os em detrimento de outras atribuições estatais de natureza diversa. Por exemplo, popularmente é corriqueira a busca por serviços de saúde pública, ao mesmo tempo em que soa estanho para alguns grupos conceber atividades de cultura e lazer como atribuições estatais, embora ambos sejam direitos sociais que reclamam a atuação positiva do Estado. Trata-se de uma tendência de que a precarização da vida da massa trabalhadora, patrocinada pela atuação estatal deficitária que superdimensiona virtualmente a importância de alguns direitos, minorando o anseio por outros.

Nesta conjuntura, todavia, a influência que as igrejas pentecostais exercem sobre os fiéis, tem a potencialidade de, pelo menos para estes grupos mais pobres, subverter sutilmente tal tendência.

Explico: a depender dos interesses das instituições religiosas em jogo, e de quem estiver ocupando os postos de interesse da igreja, cria-se toda uma retórica de possível supressão de liberdades de crença, estigmatização da fé e ameaça a conquistas históricas. que alarma a membresia para a necessidade [encomendada] de defesa desses direitos ligados à abstenção estatal, ainda que isso eventualmente implique em perdas sociais. No caso, sob o suposto perigo da ameaça, valerá elevar ao poder qualquer pessoa que “cumpra os desígnios

divinos” para afastar o mal premente, ainda que a orientação política do sujeito escancaradamente não desenvolva projetos de melhoria social voltados aos mais pobres.

No fim das constas, o que se tem é a priorização de outras demandas ligadas à liberdade de culto e crença em detrimento de prestações estatais positivas, das quais depende grande parte da massa pentecostal, majoritariamente pobre.

Engajados no extermínio da ameaça do mal, os pentecostais são convocados a depositar sua confiança e seu voto naquele que for indicado como escolhido de Deus para a missão, sem sequer questionar-se sobre o nível de correspondência deste à suas necessidades materiais. Neste sentido, ao tratar do projeto de poder religioso evangélico em seu livro¹⁷⁹, a autora Dáfini Monteiro afirmou que “a transmutação do processo eleitoral em uma luta do bem contra o mal, na qual os escolhidos de Deus precisam se empenhar a vencer para concretizar o grande projeto de poder elaborado por Deus para Seu povo sacraliza o momento democrático e empenha os eleitores-fiéis em uma cruzada do voto.” (MONTEIRO, 2019, p. 11).

Portanto, seguindo essa lógica, a profissão da fé evangélica se bastaria em si. Até porque, a doutrina bíblica, dependendo da maneira como é pregada, pode incutir no sujeito que se “é Deus quem provê o sustento”¹⁸⁰, Ele não carece do auxílio de homens nem do direcionamento de instituições humanas nesse sentido. Assim observou Ronilso Pacheco em coluna disponibilizada sítio eletrônico da Intercept Brasil, sob o título “*Um mergulho na pregação de Silas Malafaia contra o PT e a favor de Bolsonaro numa rádio evangélica*”¹⁸¹. Segundo o estudioso, esta estratégia foi um dos principais recursos utilizados garantir apoio evangélico a Bolsonaro nas eleições de 2018. Observe o trecho da coluna publicada em 26/10/2018, durante o período pré-eleitoral:

No dia seguinte, dia 4, o tema foi “O Brasil que você quer para o futuro? Domingo pode começar”. Na bancada, estavam três pastores: Paulo Roberto de Oliveira Ramos, Oziel Nascimento e Silas Malafaia, líder do ministério Vitória em Cristo, ligado à Assembleia de Deus. Aqui, em vez de discutir sobre um Brasil em busca de melhor qualidade na educação, saúde, trabalho, moradia, saneamento ou algo semelhante, grande parte das falas foram para atacar o marxismo, a esquerda e, mais uma vez, a ideologia de gênero. Nas palavras do pastor Paulo Ramos: “*Qual é a atitude hoje do marxismo no Brasil: ele quer destruir a nossa cultura judaico-cristã. Ele quer desconstruir a família*”.

¹⁷⁹ MONTEIRO, Dáfini. A influência da bancada evangélica no ordenamento jurídico brasileiro: do processo legislativo ao projeto de poder religioso. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

¹⁸⁰ Referência Bíblica: Mt 6, 25-32 (citada à página 55, sob o título “*ansiedade e provisão divina*”).

¹⁸¹ Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/26/pastores-intimidacao-malafaia-bolsonaro/>>. Acesso em: 26 de abr. de 2022.

Malafaia, figura mais famosa entre o trio, começou sua fala apelando ao que ele sabe que repercute como poder de intimidação no grande público evangélico: “Conhecereis a verdade, e ela vos libertará (...). Quando somos ignorantes, damos poder ao diabo. A ignorância é o maior fator para satanás agir”.

Vale dizer que a sentença sobre ‘conhecer a verdade’ é encontrada no Evangelho de João e se tornou o slogan de Jair Bolsonaro. Malafaia descreveu uma série de pautas que, segundo ele, o PT e o PSOL apoiam, como ‘aborto’ e ‘mudança de sexo em crianças sem o consentimento dos pais’, para terminar perguntando aos ouvintes evangélicos: **“Vocês têm a mente de Cristo e vão votar nessa gente que faz o jogo de satanás?”**

Em tom sempre enérgico, Malafaia fez uma curiosa afirmação para chamar atenção dos evangélicos pobres que possam ter qualquer gratidão ao programa Bolsa Família, o que seria uma gratidão ao governo do PT:

“Quem é o nosso supridor? Jeová ou uma bolsa de compra que um governo dá? Se você está negando a sua fé por causa de uma Bolsa Família, você está pior que os corruptos dessa nação”. (Grifo nosso)

No mesmo sentido, atenta às particularidades do caso brasileiro nesse jogo político x religioso resumido à máxima: *irmão vota em irmão*, Andrea Dip arrematou com os dizeres dissonantes do pastor Ariovaldo Ramos:

Em entrevista, o pastor Ariovaldo Ramos, ex-presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB) e um dos fundadores da Frente de Evangélicos Pelo Estado de Direito foi mais longe ao afirmar que os partidos de direita, mais conservadores em geral, se aproveitaram do crescimento evangélico e da proximidade das Igrejas com os temas morais para formar alianças: **“Tudo o que a direita precisou fazer foi entregar para os pastores quem era o culpado, qual era o foco da perda de moral do Estado. E foram bem-sucedidos em caracterizar o PT como o grande vilão da imoralidade, da promiscuidade. Esse foi o mote, porque os pastores não teriam nenhum interesse na perda do Bolsa Família, na Reforma da Previdência e na Reforma Trabalhista [medidas-base do governo Temer]. O seu povo é basicamente constituído de gente que usufruiu esses direitos.** O problema é que eles foram engodados, porque acreditavam que o PT era o partido por trás da corrupção e por trás do esgarçamento do tecido social pela perda da família nuclear. **Eles foram enganados e agora serão prejudicados, porque a Igreja é, em sua maioria, feminina, pobre e preta.** É um grupo que foi usado, abusado, botou o povo na rua com o pessoal da direita e da extrema direita e agora serão os maiores lesados pelo Golpe em curso e pela estupidez da elite branca brasileira”. (DIP, 2019, p. 57, grifo nosso)

Embora não se possa assegurar que os pentecostais votaram a em bloco em 2018, é evidente que a adesão evangélica ao *lobby* da moralidade e da família foi determinante para a vitória bolsonarista em 2022. De maneira certa, Dafini Monteiro cita Paul Freston para explicar que a politização projetada nestes termos remonta os idos de 1986:

É a partir de 1986 que Paul Freston aponta a transformação da atuação política dos protestantes, com a eleição dos candidatos oficiais de igrejas pentecostais, em especial a Assembleia de Deus. E aponta três razões que justificam essa politização: (a) **o interesse dos sacerdotes**, principais beneficiários, pois a força política fortaleceria suas posições e organizações; (b) a concorrência com o catolicismo, com o lema da **liberdade religiosa ameaçada**; e (c) a reação dos líderes pentecostais às mudanças no ambiente social, sob o lema da **ameaça à família**. Da posse da

Constituinte em 1987 até meados de 1992, Freston aponta que 88 evangélicos foram eleitos para o Congresso Nacional. (MONTEIRO, 2019, p. 102, grifo nosso)

Dito isto, o que se pode observar é que o costume com a indiferença e o descaso estatais aliado à centralidade de profissão de fé na vida desses fiéis mais pobres, os leva a dispensar grande atenção a discursos envolvendo pautas morais e as supostas ameaças a direitos de liberdade de crença. Com efeito, as menções a políticos “amigos da igreja” presentes no bojo destes discursos carismáticos fomentam o afeto pentecostal por determinados candidatos, ainda que estes deliberadamente não tenham como pauta prioritária a redução das desigualdades sociais e a melhoria das condições de vida das classes mais empobrecidas.

De outro lado, a implicação jurídica de cunho objetivo pontuada acima relaciona-se diretamente com a atuação da bancada evangélica no Congresso Nacional, corporificada na Frente Parlamentar Evangélica. Seja pela tentativa de implementação de um projeto de moralidade específico, seja por atos tendentes à relativização da laicidade estatal, a influência dos parlamentares pentecostais repercute na sociedade brasileira como um todo.

O Estatuto reproduzido no requerimento de registro da Frente Parlamentar Evangélica (Requerimento nº 1.051 de 2019)¹⁸² prevê como uma de suas finalidades precípuas “procurar, de modo contínuo, a inovação da legislação necessária à promoção de políticas públicas, sociais e econômicas eficazes, influenciando no processo legislativo a partir das comissões temáticas existentes nas Casas do Congresso Nacional, segundo seus objetivos, combinados com os propósitos de Deus, e conforme Sua Palavra” (Art. 2º, inciso III).

Para penetrar especificamente no assunto da *influência da Bancada Evangélica no Ordenamento Jurídico Brasileiro*, Dáfini Monteiro analisa as proposições apresentadas pela Frente Parlamentar Evangélica na ^a55 Legislatura (2015-2019), filtrando-as por pertinência temática para tratar das que melhor correspondem aos objetivos da associação, resumidos na finalidade supratranscrita. Como resultado, a autora apresentou:

Os temas relevantes daí aferidos podem ser, então, agrupados da seguinte forma: (a) concepção e liberdade sexual – aborto, estupro e nascituro; (b) proteção contra a sexualização precoce o comércio sexual – pornografia, pedofilia e prostituição; (c) relações familiares – adoção, arranjos familiares e direitos congêneres; (d) gênero e orientação sexual: gênero, ideologia de gênero e homoafetividade; (e) ensino – isenção ideológica, disciplinas e material didático; (f) manifestação religiosa – liberdade de crença, datas comemorativas e Jerusalém; (g) práticas ilícitas de

¹⁸² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/54010-integra.pdf>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

satisfação pessoal – consumo de drogas e jogos de azar; e (h) população indígena e suas práticas tradicionais. (MONTEIRO, 2019, p. 37)

Sem adentrar especificamente ao mérito dessas matérias preferenciais de atuação da frente, uma primeira observação que se pode trazer é o fato de que a imensa maioria dos temas são afetos a discussões morais e éticas. Ainda que se possa afirmar que a frente trabalhe com outras temáticas que lhe sejam caras, é evidente que seu alvo prioritário é exercer influência sobre este aspecto particular da vida: o aspecto moral.

A fim de que tal influência seja bem-sucedida em todos os seus objetivos, sobrepondo o campo da tentativa, cunhou-se um projeto de poder religioso que intenta fixar ponteiros fidelizados à sua causa em todos as esferas públicas de poder. Se antes priorizava-se o aumento numérico de congressistas evangélicos, para dar volume e força à atuação da frente, hoje a meta é expandida para todos os Poderes da República. Ressalta Dáfini Monteiro que “resultados eleitorais recentes demonstram que a atuação de organização não mais se limita a mandatos parlamentares e aprimoramento da legislação federal, externando interesse também por cargos de comando no Executivo” (MONTEIRO, 2019, p. 99).

A chamada Teologia do Domínio, neste contexto, funciona como a meta de extensão da influência evangélica para os mais variados campos da vida social pós-moderna, inclusive o campo político. Num cenário maniqueísta de “luta do bem contra o mal”, a profissão de fé é provada mediante a adesão irrestrita ao lado daqueles que se dizem escolhidos de Deus (MONTEIRO, 2019, p. 102-103). É como se os desígnios divinos já não coubessem na esfera de determinação pessoal dos fiéis, precisando ser validados também mediante conquista de espaço nas esferas de públicas por autoridades religiosas. Para tanto, as lideranças conclamam o engajamento da membresia, e contam numericamente com cada um de seus fiéis:

A afixação de cartazes e faixas indicando o escolhido a ser seguido, expressos pedidos de votos ou realização de eventos religiosos com distribuição de comidas e bebidas são práticas que já foram objeto de deliberação pelo Tribunal Superior Eleitoral, com o reconhecimento de que a influência religiosa vinha sendo exercida de forma indevida com o intuito de desequilibrar o pleito eleitoral ao inserir o componente da autoridade religiosa.

Esse fenômeno tem sido chamado de *voto de cajado*, **quando pastores e líderes religiosos, em utilização ou exploração de sua ascensão reverencial sobre os fiéis** – já que são vistos não apenas como uma autoridade religiosa, mas como um conselheiro a quem o seguidor procura em momentos de dificuldades e importantes decisões da vida – **utilizam o seu carisma e prestígio como figura respeitada pelo seu rebanho para indicar quem deve ser merecedor do voto.**

Se o fiel já tem por hábito seguir as palavras e conselhos do pastor em diversas áreas de sua vida privada, em questões que vão desde assuntos profissionais a problemas no relacionamento conjugal e familiar, não haveria qualquer obstáculo para que o guia também apresente o caminho a ser seguido pelo voto, que não representa uma preocupação relevante da população brasileira, em grande parte descrente da política e desprovida de um sentimento de legitimidade dos eleitos, no que vem sendo

chamado de crise de representação – ocasião *propícia para eleição de um irmão, que conhece nossas dificuldades e, ele sim, se importará com os nossos interesses.* (MONTEIRO, 2019, p. 113-114, grifo nosso).

Uma vez ocupado este espaço político, autoridades governamentais e parlamentares evangélicas passam a realizar manifestações públicas de cunho religioso em espaços político, em solenidades do Estado, em momentos separados para a tomada de decisões afetas a toda a coletividade [...] enfim, em qualquer que seja a ocasião, qualquer que seja o público ouvinte.

Sob o argumento de que o Estado brasileiro é laico, e não laicista (i.e., avesso à intervenção religiosa em organizações políticas e sociais), os representantes alçados ao poder pela força do *voto de cajado* empenham seus melhores esforços para dar contornos legais a um projeto de moralidade que, embora muito bem atenda ao público cristão em geral, contraria o direito a autodeterminação de segmentos sociais inteiros.

Dentre as principais medidas dos parlamentares federais que exemplificam a intenção de instituir a moralidade cristã por atos normativos gerais e abstratos, podem ser citados:

- (i) O Voto em Separado e Substitutivo ao Projeto de Lei nº 6022/2013, destinado à regulamentação da profissão de doula (espécie de auxiliar de parto). O voto, apresentado pelo Deputado Flavinho, dispõe que “apenas poderiam ser ministrados procedimentos e medicação não abortiva com eficácia precoce para prevenir gravidez em caso de estupro” (MONTEIRO, 2019, p. 40), em oposição à disposição do art. 128 do Código Penal¹⁸³;
- (ii) O Projeto de Lei nº 1454/2015, de autoria de Deputado Roberto Alves, que se destina à instituição da *Semana Nacional de Combate à Sexualização de Crianças e Adolescentes*, que faz menção à benção divina em sua justificação (MONTEIRO, 2019, p. 48);
- (iii) O Projeto de Lei nº 620/2015, proposto pela Deputada Júlia Marinho, com o intuito de impedir a adoção de conjunta por casais homoafetivos (MONTEIRO, 2019, p. 51-52);
- (iv) O Projeto de Lei nº 6583/2013, do Deputado Anderson Ferreira, destinado à instituição do Estatuto da Família como sendo “o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, além da comunidade monoparental e seus descendentes” (MONTEIRO, 2019, p. 52);

¹⁸³ “Art. 128 - Não se pune o aborto praticado por médico:

(...)

II - se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.”

- (v) O Projeto de Lei nº 2387/2015, do Deputado Pastor Franklin, destinado a enquadrar a violação a deveres conjugais como ato causador de danos morais indenizáveis (MONTEIRO, 2019, p. 55);
- (vi) O Projeto de Decreto Legislativo de Sustação de Atos Normativos do Poder Executivo nº 395/2016, criado por integrantes da Frente Parlamentar Evangélica, para derrubar o Decreto nº 8727/2016, que instituiu o direito ao uso do nome social (MONTEIRO, 2019, p. 61);
- (vii) O Projeto de Lei nº 867/2015, de autoria do Deputado Izalci Lucas, destinado a instituir o *Programa Escola sem Partido* como parte das diretrizes e bases da educação nacional (MONTEIRO, 2019, p. 67);
- (viii) O Projeto de Lei nº 9164/2017, de autoria do Deputado Cabo Daciolo, criando para fazer com os currículos dos ensinos fundamental e médio fossem compostos pela disciplina obrigatória do ensino da Bíblia Sagrada (MONTEIRO, 2019, p. 72).

Além destes atos oficiais, praticados mediante formalidades específicas, manifestações individuais publicizadas intencionalmente para tornar imponente a cosmovisão adotada por autoridades evangélicas, corroboram a aproximação da coisa pública com a religiosidade destes que foram eleitos para administrá-la.

Tais ações, formais ou informais, criam reticências cada vez maiores à laicidade estatal. Neste sentido, Dáfini Monteiro:

Tais discursos, proferidos por autoridades públicas de posições estratégicas na República, legitimam e fazem eco à inconstitucionalidade que vem sendo repetida na esfera pública governamental: *o Estado é laico, mas...* Como se a criar diversas hipóteses de excludentes da aplicação do princípio constitucional da laicidade estatal, como se em vez da aplicação de tal mandamento em sua máxima efetividade, perseguissem o aumento de suas hipóteses de não incidência. (MONTEIRO, 2019, p. 133)

Diante do que foi exposto, tem-se que a implicação jurídica objetiva resultante da associação entre o poder religioso pentecostal e instâncias do poder político se desdobra (i) na tentativa de implementação nacional de um projeto de moralidade cristã e (ii) na criação de ressalvas intencionais princípio da laicidade estatal que orienta o Estado Democrático de Direito brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de qualquer coisa, deve-se pontuar que a relevância do tema pesquisado justifica-se pelos multifacetados influxos que, direta ou indiretamente, as igrejas evangélicas pentecostais em foco imprimem na sociedade brasileira, em especial na conformação das favelas, de sua população e de sua dinâmica social. Conforme explanado ao longo do trabalho, tais reflexos guardam relação direta com temas ligados ao universo [sócio] jurídico, como criminalidade e reabilitação, intolerância religiosa, mecanismos eleitoreiros, laicidade estatal etc. (CUNHA, 2021, p. 80-81).

Importante pontuar, ainda, que tal influências religiosa se inicia na base da estrutura social, pelas camadas mais pobres, e uma vez estabelecida, adquire desdobramentos de cunho político e jurídicos, através da ocupação de cargos públicos de relevância pelas lideranças religiosas, seja na esfera política ou jurídica. Por assim dizer, é certo que as influências política e jurídica ocorrem de maneira embricada e operam sempre juntas, sendo uma indispensável à outra, e ambas subsidiadas pela dinâmica social que viabiliza o crescimento das igrejas pentecostais prioritariamente em áreas de periferia urbana, elas razões já explicitadas nos tópicos próprios.

Para fins didáticos, o trabalho foi apresentado de forma que, inicialmente, ficassem separadas a parte empírica (Capítulo 1) e a parte teórica (Capítulo 2). Depois explanadas separadamente as implicações pertinentes a cada parte, estas foram relacionadas (Capítulo 3), para a apresentação das conclusões do trabalho.

Concluiu-se, portanto, que a realidade empírica sobre a qual o trabalho se debruçou se mostra mais rica e complexa seus estudos teóricos, embora confirmada pelos autores que formaram suas convicções teóricas a partir de outras realidades empíricas. Como se viu a partir do segundo capítulo, nem todas as explicações para as condições que viabilizaram a influência de longo alcance das igrejas pentecostais brasileiras, pode se dar por equações teóricas.

Há conclusões teóricas perfeitamente racionais e lógicas que se mostram falhas quando defrontadas com a realidade empírica pesquisada (como foi o caso da proposição teórica formulada por Antônio Pierucci). Igualmente, pelas entrevistas reproduzidas ao longo do trabalho, conforme o recorte temático dos itens, percebe-se que não há unanimidades refletidas nas opiniões dos pentecostais, embora todos os fiéis sejam produtos e alvos das influências das igrejas.

Com efeito, é importante ratificar que a presente pesquisa é apresentada como uma tentativa de análise do substrato empírico pesquisado. Assim sendo, embora comporte conclusões, não é suficiente para oferecer respostas generalizáveis sobre o tema. Até mesmo porque, a realidade prática da vida tem existência autônoma, diferente de qualquer produção teórica, que não subsiste se descolada em absoluto do empírico.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus** – origem, implantação e militância (1991-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (orgs.). **Um Século de Favela**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ASSEMBLEIA DE DEUS DOS ÚLTIMOS DIAS. **ADUD**, 2020. Pr. Marcos Pereira. Disponível em: <<https://adud.com.br/pr-marcos-pereira/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. Tradução e revisão permanente do Comitê Internacional de Tradução da Bíblia King James para a língua portuguesa, dirigida pela Sociedade Bíblica Ibero-Americana & Abba Press no Brasil. São Paulo: Abba Press, 2012.

BIRMAN, Patrícia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 55-69, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000300004>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

BUSTAMANTE, Luísa. “Em nome de Jesus”, bandidos destroem terreiro no Rio. **Veja**, São Paulo, 8 de out. de 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/em-nome-de-jesus-bandidos-destroem-terreiro-no-rio/>>. Acesso em: 24 de ago. de 2020.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Portal da Câmara dos Deputados**, 2020. Frentes Parlamentares da 56ª Legislatura. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frentes.asp>>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: **IBGE**, 1940. Decenal. ISSN 0104-3145 Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7744>>. Acesso em: 17 de ago. de 2020.

CUNHA, Christina Vital da. **Oração de traficante: uma etnografia**. 1ª. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

_____. Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 61-93, jun. de 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872014000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 29 de ago. de 2020.

_____. Cultura pentecostal em periferias cariocas: grafites e agenciamentos políticos nacionais. **Plural**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 80-108, 2021. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2021.188462. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/188462>>. Acesso em 17 ago. 2021.

CUNHA, João Flores da. A ascensão da cultura pentecostal nas periferias brasileiras e a influência dos evangélicos na política. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, Rio Grande do Sul, 5 de abr. de 2017. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/566480-a-ascensao-da-cultura-pentecostal-nas-periferias-brasileiras-e-a-influencia-dos-evangelicos-na-politica>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo, Boitempo, 2006.

DIP, Andrea. **Em nome de quem?: a bancada evangélica e seu projeto de poder**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FACHIN, Patricia. A religiosidade dos pobres e a esquerda – os preconceitos intelectuais e a indisposição para aprender com o outro. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, Rio Grande do Sul, 23 de nov. de 2016. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/?id=562634>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

FANTÁSTICO. **Globoplay**, 3 de jun. de 2018. No Acre, Brasil está perdendo controle da fronteira com o Peru e a Bolívia. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6783531/>>. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª ed. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Tópicos)

FREIRE, Anderson. **Raridade**. Rio de Janeiro: MK Music, 2013. Disponível em: <

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. 307f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279821>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

GARCIA, Antônia dos Santos. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais**: Salvador, Cidade d'Oxum e Rio de Janeiro. 2006. 403f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro.

GIORGI, Alessandro de. **A miséria governada através do sistema penal**. Rio de Janeiro: Revan: ICC, 2006.

GONÇALVES, Juliana. Ataques a religiões de matriz africana fazem parte da nova dinâmica do tráfico no Rio. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de set. de 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/09/20/ataques-a-religoes-de-matriz-africana-fazem-parte-da-nova-dinamica-do-trafico-no-rio/>>. Acesso em: 24 de ago. de 2020.

GRAMSCI, Antônio. **Introdução ao Estudo do Filosofia e do Materialismo Histórico**. In: _____. **Concepção Dialética da História**. 3ª ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRYNSXPAN, Mario; PANDOLFI, Dulce. **Poder público e favelas: uma relação delicada.** In: OLIVEIRA, Lippi Lúcia (Org.). **Cidade: história e desafios** (Parte III: Rio de Janeiro: história e desafios). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; DIAS, Maria Tereza Fonseca. **(Re)pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática.** 2ª ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** 1ª ed. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MAGALHÃES, Alex Ferreira. **O direito da favela no contexto pós-Programa Favela-Bairro: uma recolocação do debate a respeito do 'Direito de Pasárgada'.** 2010. 2v. 594f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro.

MARINI, Luisa; DE CARVALHO, Ana Luisa. Renovada, bancada evangélica chega com mais força no próximo Congresso. **UOL – Congresso em foco: respeitamos as diferenças.** Brasília, 17 de out. de 2018. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTINS, Elaine. **Página em Branco.** Rio de Janeiro: MK Music, 2020. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/elaine-martins/pagina-em-branco/>>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

MONTEIRO, Dáfini. **A influência da bancada evangélica no ordenamento jurídico brasileiro**: do processo legislativo ao projeto de poder religioso. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

MP denuncia Marcinho VP e pastor Marcos por associação para o tráfico. **G1**, Rio de Janeiro, 3 de set. de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/mp-denuncia-marcinho-vp-e-pastor-marcos-por-associacao-para-o-traffic.html>>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

NEDER, Álvaro. Música, religião e produção social de espaço em uma cidade operária - o caso da igreja da pastora Ana Lúcia em Belford Roxo, Rio de Janeiro. **Per musi** [online], Belo Horizonte, n. 34, p. 132-176, ago. 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/permusi20163406>>. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

NERY, Vanísia. ‘Ouvi a voz do Espírito Santo’, diz ex-trafficante que virou pastor no AC. **G1**, Acre, 19 de mai. de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/05/ouvi-voz-do-espírito-santo-diz-ex-trafficante-que-vice-pastor-no-ac.html>>. Acesso em: 22 de ago. de 2020.

PACHECO, Ronilso. Um Mergulho na Pregação de Silas Malafaia contra o PT e a Favor de Bolsonaro numa Rádio Evangélica. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de out. de 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/26/pastores-intimidacao-malafaia-bolsonaro/>>. Acesso em: 04 de ago. de 2021.

PASTOR Marcos Pereira é colocado em liberdade no Rio na véspera do Natal. **G1**, Rio de Janeiro, 24 de dez. de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/pastor-marcos-pereira-ganha-habeas-corpus-no-rio-na-vespera-do-natal.html>>. Acesso em: 21 de ago. de 2020.

PESQUISA Nós e as desigualdades, 2019. Brasil, **Oxfam Brasil**, 2014. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/pesquisa-nos-e-as-desigualdades/pesquisa-nos-e-as-desigualdades-2019/?_ga=2.29480121.701523663.1597364847-1056647252.1595946517&_gac=1.117173876.1595946600.CjwKCAjwmf_4BRABEiwAGh>

DfSa5nvnfnQyO448zIDbDTjwWZZRxFUvokmqZ2vx4 4QnH2s81adnSviRoCRDIQAvD_BwE>. Acesso em: 13 de ago. de 2020.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Revista Contraponto**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 1, p. 68-89, jun. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741/37775>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como solvente** — uma aula. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 75, p.111-127, jul. 2006.

POLÍCIA prende 8 traficantes do ‘Bonde de Jesus’, que atacava terreiros no Rio. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 14 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/policia-prende-8-trafficantes-do-bonde-de-jesus-que-atacava-terreiros-no-rio.shtml>>. Acesso em: 24 de ago. de 2020.

RIBEIRO, Aline. Coluna | O Pastor que tira jovens das facções. **Epoca**, 2 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/aline-ribeiro/coluna-o-pastor-que-tira-jovens-das-faccoes-23779034>>. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. **O crente e o delinquente**. In: SOUZA, Jessé (Org.). **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SANCHIS, Pierre. O Repto Pentecostal à “Cultura Católico-Brasileira”. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 37, p. 145-81, 1994. Disponível: em <<http://www.jstor.org/stable/41616142>>. Acesso em 17 de ago. de 2021.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. **A continuidade do “problema favela”**. In: OLIVEIRA, Lippi Lúcia (Org.). **Cidade: história e desafios** (Parte III: Rio de Janeiro: história e desafios). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

TSE inicia debate sobre a possibilidade de reconhecer abuso de poder religioso. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2020. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Junho/tse-inicia-debate-sobre-a-possibilidade-de-reconhecer-abuso-de-poder-religioso>>. Acesso em: 5 de ago. de 2020.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. As Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo. *In:*_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções. *In:*_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

ANEXOS

Anexo 1: Metodologia de Pesquisa

1. MARCO TEÓRICO

Pois bem, a predisposição essencial do trabalho consiste em uma tentativa de compreensão dos múltiplos reflexos que a presença das igrejas evangélicas pentecostais imprime na dinâmica social das favelas e na vida dos indivíduos que nela habitam. Embora se faça necessário o recurso a aspectos doutrinários e históricos da religião protestante – o que será feito em momento oportuno –, o conseqüente lógico da pesquisa está centrado na figura dos pentecostais periféricos cariocas como grupo determinante e determinado pela coletividade em que está inserido.

Buscou-se, portanto, um marco teórico que trabalhasse questões similares, em relação aos efeitos da presença deste grupo em regiões periféricas, ainda que outras. Ao que parece, o trabalho da professora¹⁸⁴ Christina Vital da Cunha atende satisfatoriamente a este fim. A farta pesquisa realizada pela socióloga na favela de Acari¹⁸⁵, abordou a evolução da variante religiosa na passagem da década de 1990 para 2000, sua relação com as facções armadas do tráfico presentes na região, e os reflexos impressos na comunidade a partir de mudanças nesta relação. Em alguns de seus artigos, Vital descreve como o pentecostalismo “ao invés de impor uma nova ordem cultural orientada pelos valores ascéticos que guiaram as denominações surgidas no início do evangelismo no país, como era a expectativa, foi se adaptando, negociando perspectivas e práticas, sucumbindo ao ‘jeitinho brasileiro’” (CUNHA, 2014, p. 3).

Tomando como referencial empírico a linguagem simbólica consubstanciada nas pinturas e grafites dos muros de Acari, Vital descreve a transformação na vida e no cotidiano da favela, conduzida pela alteração do paradigma religioso ocorrido durante o recorte temporal estudado:

Mais ainda, no contexto de favelas, cujos territórios são dominados por grupos armados, os objetos e símbolos exercem efeito direto não somente sobre os que

¹⁸⁴ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Rio (PPGSA/IFCS) e doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é também professora Associada do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal Fluminense.

¹⁸⁵ Favela da Zona Norte carioca, situada nos entornos da Av. Brasil (na altura de Irajá), tal como o Batan (Zona Oeste, Realengo) e a Selvinha (Zona Oeste, Padre Miguel), que são as favelas de onde foram selecionados os entrevistados na pesquisa empírica.

nele acreditam por comungarem de seu significado propriamente religioso. Eles afetam também aqueles que, mesmo não aderindo ao significado propriamente sagrado que emanam, passam a respeitar os símbolos expostos por se identificarem à facções ou lideranças do crime que buscam associar os objetos e símbolos a sua imagem. Sendo assim, o efeito exercido pela presença de objetos e símbolos sagrados está para além do transcendental. Ele é também político e relativo à integração à criminalidade local, levando em conta que quem demanda e financia a construção e exposição desses objetos e símbolos religiosos são os traficantes. (CUNHA, 2014, p. 5) – Grifou-se

A autora construiu uma etnografia da favela referenciada pela forma como a migração de uma matriz religiosa para outra alterou toda uma vivência periférica, sendo o acontecimento devidamente observado a partir da alteração das pinturas nos muros de Acari.

A partir desta premissa básica, o presente trabalho de dissertação empregará o método comparativo para analisar como os evangélicos pentecostais contribuem para a construção da sociabilidade em outras favelas cariocas, e os efeitos que extrapolam os limites físicos da periferia, fazendo-se sentir nos âmbitos político e econômico.

O emprego deste método permitirá a avaliação dos pontos positivos e negativos do protagonismo deste grupo na construção político-social da cidade, bem como das semelhanças e diferenças em relação às demais influências (não religiosas) conformadoras da sociedade.

Ocorre que a especialidade do método comparativo reside justamente em sua capacidade de verificar similitudes e explicar divergências através de “comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 107). A proposta da pesquisa em apreço consistirá, destarte, numa contribuição de compreensão do comportamento humano manifesto na conjugação das variantes cultura-religião-sociedade-política.

2. HIPÓTESE

Tendo como assertiva que as igrejas evangélicas pentecostais periféricas exercem sobre as favelas uma influência capaz de conformar, junto a outros atores, sua dinâmica social e extrapolar seus limites físicos [tema], questiona-se qual a natureza dos reflexos decorrentes desta influência [problema].

A hipótese que se põe ao referido questionamento é a de que esta influência se desdobra em reflexos multifacetados, os quais, embora originados de uma conjuntura social singular, se estendem para os outros campos, como o jurídico e o político. Para fins elucidativos, citarei os reflexos mais evidentes para cada um destes campos:

- O reflexo [sócio] jurídico mais direto desta influência é o fato de que, juntamente com outros atores sociais dotados de similar domínio dentro das favelas, as igrejas pentecostais periféricas, em determinada medida, fazem as vezes do Estado enquanto entidade de regulação social incumbido da gestão de comportamentos [individuais ou coletivos] considerados desejados e/ou indesejados. Tal autoridade lhes é reconhecida, quer pela aceitação indireta de parcela da população periférica [simpatizantes], quer pelo assentimento carismático por parte dos grupos que exercem o poder – da força – nas comunidades (facções armadas do tráfico);
- O reflexo político imediato consiste na instrumentalização do discurso religioso para a eleição de personalidades do universo gospel [sobretudo pentecostal] a cargos políticos notáveis, municipais, estaduais e federais dos poderes Executivo e Legislativo;
- Os reflexos sociais mais patentes são o potencial persuasivo destas instituições religiosas para o desligamento [e reabilitação social] de indivíduos envolvidos com as facções armadas do tráfico que dominam os territórios das favelas, e a marca da intolerância religiosa incitada por uma quantidade considerável de líderes.

Saliente-se que tal hipótese fundamentou-se notadamente em intuições derivadas do senso comum que “podem levar a correlações entre fenômenos notados e ao desejo de verificar a real correspondência entre eles” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 132); na observação e correlação de fatos pessoalmente vivenciados; e na experiência pessoal, que é “a maneira particular pela qual o indivíduo reage aos fatos, à cultura em que vive, à ciência, ao quadro de referência de outras ciências e às observações” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 135).

3. RECORTE METODOLÓGICO

3.1. Métodos e Técnicas

Em primeiro lugar importa pontuar que a vertente metodológica empregada nesta pesquisa será a jurídico-sociológica, que se propõe a entender o fenômeno jurídico no ambiente social mais amplo e tem como preocupação central a facticidade do direito e as relações contraditórias que este estabelece com outras áreas do conhecimento. Nesta linha

que “trabalha com as noções de eficiência, eficácia e de efetividade das relações Direito-sociedade” (GUSTIN; DIAS, 2006, p. 22), o direito é enxergado como *variante dependente da sociedade*.

A metodologia procedimental – MÉTODO DE PROCEDIMENTO – se fará com emprego do método comparativo, conforme explicitado noutra tópico acima, uma vez que ele permite, a partir da análise de determinado dado concreto, a dedução de elementos mais abstratos e gerais (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 107). O raciocínio aplicado – MÉTODO DE ABORDAGEM – será o indutivo, assim caracterizado por Miracy Barbosa de Sousa Gustin e Maria Tereza Fonseca Dias:

O raciocínio indutivo é um processo mental que parte de dados particulares e localizados e se dirige a constatações gerais. Assim, as conclusões do processo indutivo de raciocínio são sempre mais amplas do que os dados ou premissas dos quais derivaram. É o caminho do particular para o geral. São três as fases do processo indutivo de conhecimento: a observação dos fatos ou fenômenos, a procura da relação entre eles e o processo de generalização dos achados nas primeiras duas fases. (GUSTIN; DIAS, 2006, p. 22-23)

Por fim, ressalve-se que a forma de indução escolhida é a chamada indução *incompleta ou científica* (além desta, existe somente aquela denominada *completa ou formal*), que “fundamenta-se na causa ou na lei que rege o fenômeno ou fato, constatada em um número significativo de casos (um ou mais) mas não em todos” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 89).

3.2. Dados da Pesquisa (empírica)

3.2.1. Técnicas

Considerando se tratar de uma pesquisa de campo exploratória, a forma de coleta de dados aplicada será aquela fundada em observação direta intensiva (documentação direta), que tem como técnicas principais a observação e a entrevista, detalhadamente classificadas a seguir:

- a) **OBSERVAÇÃO** (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 192)
 - **Sistemática:** é planejada e direcionada à resposta de questionamentos pré-definidos. A coleta de dados e observação de fenômenos têm objetivos certos e, portanto, o pesquisador-observador a realiza sob condições determinadas.
 - **Participante (natural):** o pesquisador compõe efetivamente a comunidade ou grupo pesquisado, confundindo-se com ele. Aqui, a participação efetiva

do pesquisador é fruto de uma condição preexistente, não motivada pela finalidade investigativa¹⁸⁶.

- **Individual:** a técnica de observação é desempenhada por um único pesquisador.
- **Efetuada na vida real (trabalho de campo):** é aquela em que as observações são registradas e armazenadas sem o rigor técnico de uma pesquisa laboratorial, à medida que vão ocorrendo no ambiente real.

b) ENTREVISTAS (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 195)

- **Tipo de entrevista:** padronizada ou estruturada. Excepcionalmente, poderá haver modificações ou formulação de perguntas adicionais, seguindo a forma de *entrevista focalizada*, que se enquadra no tipo despersonalizado ou não estruturado (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197).

Informações adicionais acerca das entrevistas serão prestadas no Anexo II, que trará os modelos de perguntas pré-ordenadas utilizadas nas entrevistas e informações complementares.

3.2.2. Tipo de Amostragem

A existência deste tópico já enuncia, a priori, que a pesquisa em apreço não será censitária, isto é, não abrangerá a totalidade dos componentes do universo (população). Sendo a amostragem a “uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 223), a coleta de dados será realizada mediante a escolha uma parcela (amostra) da população, o mais representativa possível, de modo que os resultados da pesquisa possam ser generalizáveis a todo o universo do objeto pesquisado (GUSTIN; DIAS, 2006, p. 93).

Para fins classificatórios, é interessante mencionar que amostragem será não-probabilística intencional, uma vez que a pesquisa é qualitativa e que a parcela da população a ser investigada (amostra) será intencionalmente selecionada segundo critérios que interessam ao pesquisador.

Finalmente, os dados consubstanciados na amostra assim classificada consistirão, basicamente em:

¹⁸⁶ Vide tópico 3.3: “Classificação da pesquisa”.

- ✓ Entrevistas de membros, líderes e detentores de cargos eclesiásticos de igrejas evangélicas pentecostais periféricas da cidade do Rio de Janeiro e líderes comunitários das favelas correspondentes (10 indivíduos, aproximadamente);
- ✓ Recolhimento de material panfletário de centros de reabilitação evangélicos custeados e administrados por igrejas pentecostais periféricas (3 panfletos, ao menos);
- ✓ Análise da letra e da temática de louvores comumente ministrados nas respectivas igrejas;
- ✓ Outras providências que, ao logo da coleta destes dados, julgar necessárias à elucidação da pesquisa.

3.3. Classificações da Pesquisa

Uma vez que algumas classificações já foram adiantadas em seções anteriores, neste tópico, eventualmente alguns aspectos classificatórios da pesquisa podem ser retomados.

Quanto à natureza dos dados, a pesquisa será exploratória, reunindo dados primários (entrevistas e dados estatísticos) e dados secundários (livros de toda espécie e artigos de revistas e jornais).

Quanto ao grau de generalização dos resultados, a investigação será realizada por amostragem intencional (subconjunto do universo), caracterizando, assim, uma pesquisa qualitativa, cujos resultados não necessariamente dependem de tratamento estatístico.

Anexo 2: Modelos de Perguntas Pré-ordenadas

1. INFORMAÇÕES ADICIONAIS REFERENTES ÀS ENTREVISTAS

❖ *Tipo de entrevista*

Será adotada a entrevista padronizada ou estruturada, que é aquela que obedece a um roteiro previamente estabelecido, com perguntas pré-determinadas e, por vezes, entrevistados selecionados de acordo com um plano, a fim de possibilitar a avaliação de consensos a partir do confronto de respostas.

Embora as entrevistas, a rigor, devam ser realizadas de acordo com o padrão apontado, excepcionalmente, poderá haver modificações ou formulação de perguntas adicionais caso o entrevistador se veja na necessidade de fazê-lo, seguindo a forma de *entrevista focalizada*, que se enquadra no tipo despersonalizado ou não estruturado (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197).

❖ *Formato das entrevistas*

É sabido que a atividade de entrevistar, a rigor, se realiza em diversas etapas (geralmente três, no mínimo) que formam um histórico de entrevistas dotado de organização interna. As entrevistas realizadas em momentos diferentes parcelam tipos específicos de perguntas: o primeiro momento se compõe de perguntas muito genéricas, como uma forma de aproximação e criação de condições de confiança que possibilitem a continuidade dos encontros; os momentos subsequentes, por sua vez, abordam questões cada vez mais específicas.

Nada obstante, as condições de realização da pesquisa empírica tornaram-se desfavoráveis a este procedimento temporalmente gradativo, em razão do advento da Covid-19. Os desdobramentos conhecidos da pandemia, que exigiram o remodelamento do convívio social a nível mundial, impossibilitaram a realização de encontros múltiplos com cada entrevistado.

Diante do infortúnio, elaborei um número expressivo de perguntas a serem realizadas em um momento único, englobando todo o histórico de entrevistas. Destarte, ao invés de realizar as perguntas em etapas espaçadas no tempo, os diversos momentos possíveis e desejáveis das entrevistas serão fundidos em um único encontro, sem prejuízo do emprego de uma metodologia que caminha do genérico ao específico, do mais objetivo ao mais subjetivo.

❖ *Sobre os entrevistados*

O traço comum aos entrevistados constitui a profissão da fé cristã e a participação no corpo de membros de igrejas evangélicas periféricas de matriz pentecostal. Alguns entrevistados são detentores de cargos eclesiásticos na estrutura destas igrejas, outros ostentam tão somente a condição de membros, ou ex-membros.

O acesso aos entrevistados se deu pela relação preexistente que eu, afora a qualidade de pesquisadora, mantinha com estas pessoas em decorrência do convívio religioso que fez parte da minha trajetória de vida. Por assim dizer, a via de acesso aos entrevistados, sejam eles detentores de cargos eclesiásticos, membros ou ex-membros, foi a relação pessoal e anterior (ainda que distante) mantida com estas pessoas. Os encontros, portanto, foram marcados mediante contato direto (corpo a corpo, contato telefônico, WhatsApp, etc.) com os entrevistados, aos quais tive acesso facilitado em função do convívio pessoal.

❖ *Identificação dos entrevistados*

A fim de preservar as identidades dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por “*nomes-fantasia*”. Considerando tratar-se de uma pesquisa por amostragem, não abrangente da totalidade dos componentes do universo (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 223), o ocultamento dos nomes e identidades dos entrevistados não prejudica a representatividade da parcela (amostra) da população entrevistada, tampouco a generalização dos resultados da pesquisa a todo o universo do objeto pesquisado (GUSTIN; DIAS, 2006, p. 93).

Por último, observe-se, para fins de contextualização, que as entrevistas (13, ao todo) são datadas, tendo sido todas realizadas no mês de novembro de 2020.

2. MODELO DE PERGUNTAS PRÉ-ORDENADAS DAS ENTREVISTAS (padrão não taxativo)

- ❖ Quantos anos você tem e qual é o seu grau de escolaridade?
- ❖ Você exerce atividade profissional remunerada? Se sim, qual?
- ❖ Você possui outra fonte de renda? Se sim, qual?
- ❖ Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca? Qual(is) favela(s)? Durante quanto tempo?
- ❖ Você participa ou já participou diretamente de igreja evangélica pentecostal nessa(s) localidade(s)? Durante quanto tempo? A igreja é vinculada a alguma convenção ou é ministério independente? A que denominação a igreja pertence?
- ❖ Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)? Se sim, durante quanto tempo?
- ❖ Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante? Se sim, qual?
- ❖ Este ministério ou cargo eclesiástico exige dedicação integral? Você auferiu algum tipo de renda com o desempenho deste cargo ou ministério? Se sim, esta constitui sua fonte de renda principal ou complementar?
- ❖ Com quantos anos você se converteu e quantos anos “de evangelho” você possui atualmente?
- ❖ Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que você?
- ❖ Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?

- ❖ Você poderia contar, com detalhes, seu testemunho de conversão, e sua trajetória cristã?
- ❖ Como você dimensiona a importância da fé cristã na sua vida? Você considera que ela constitua um segmento específico da sua vida ou engloba todas as outras áreas (sentimental, profissional, etc.)?
- ❖ E a igreja, especificamente, você considera que seja um ambiente comum a todos os outros que frequenta ou entende que seja um lugar especial para você?
- ❖ Em sua visão, as igrejas pentecostais evangélicas exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? Se sim, você entende que essa influência seja negativa ou positiva? Por quê?
- ❖ Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece? Estes projetos são de que tipo (área de atuação social)?
- ❖ Você já participou de algum projeto desta espécie, como beneficiário ou prestando seus serviços? Caso tenha participado prestando serviços, o fez de forma voluntária ou remunerada?
- ❖ Você acha que esses projetos sociais imprimem algum impacto nas localidades periféricas e favelas em que são desenvolvidos, mudando a visão das pessoas a respeito da igreja, por exemplo?
- ❖ Como enxerga as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? Você considera que a mudança se deveu a orientações doutrinárias recebidas de autoridades eclesiais (lideranças) ou à sua própria visão de mundo?
- ❖ Você considera que a igreja pentecostal exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que concerne às campanhas eleitorais, às políticas sociais desenvolvidas no país e/ou às leis aprovadas?

- ❖ Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, ver a candidatura de pessoas pertencente à membresia da igreja, aproximação de candidatos a cargos políticos da igreja em eventos de culto ou dos próprios membros? Se sim, como ocorreu?
- ❖ Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação? Se sim, de que forma?
- ❖ Você enxerga essa aproximação como positiva ou negativa? Por quê?
- ❖ Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar cristã como você?
- ❖ Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?

Anexo 3: Entrevistas

1. SUMÁRIO DE ENTREVISTADOS

I. Samantha [Ex-membra]	120
II. Michele [Diáconisa e componente da mesa de oração].....	125
III. Evangeline [Membra].....	131
IV. Julia [Membra]	138
V. William [Diácono que exerce ministério itinerante]	146
VI. João [Presbítero]	152
VII. Mari [Membra, regente das mulheres e componente da mesa de oração].....	159
VIII. Bruno [Membro que exerce ministério itinerante]	165
IX. Jeremias [Presbítero]	170
X. Lucia [Membra e componente da mesa de oração].....	176
XI. Francisco [Pastor]	189
XII. Sandra [Pastora]	200
XIII. Cláudia [Diáconisa, ex-lídero de grupo infantil e ex-líder comunitária]	207

2. TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

I. SAMANTHA (parda);

Cargo ou ocupação: Ex-membra;

Local: Residência da entrevistada, na comunidade do Batan, em Realengo;

Data: Sexta-feira, dia 06/11/2020;

Duração: De 16 horas e 40 minutos às 17 horas.

1) *Quantos anos você tem?*

Vinte e quatro anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino médio completo.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada?*

Não.

4) *Você possui outra fonte de renda?*

Só o auxílio emergencial.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Sim, no Batan, durante a minha vida toda. Eu morei um tempo, oito anos, em Seropédica, e depois voltei.

6) *Em Seropédica, onde você morou, era uma favela ou um bairro normal?*

Um bairro normal.

7) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessa localidade? Se sim, qual?*

Sim, da Assembleia de Deus de Realengo.

8) *Durante quanto tempo você participou dessa igreja?*

Foram dezenove anos, direto, desde que nasci.

9) *Essas igrejas são vinculadas a alguma convenção ou são ministérios independentes?*

É vinculada à convenção de Madureira - CONAMAD.

10) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante?*

Não.

11) *Participou de algum grupo da igreja? Se sim, quais?*

Sim. Do grupo infantil, do grupo dos adolescentes, e depois, do grupo dos jovens.

12) *Você considera que teve alguma experiência de conversão, ou você somente cresceu na igreja?*

Cresci na igreja. Não tive nenhuma experiência, tipo: “oh meu Deus...quis aceitar a Jesus”.

13) *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que você professou?*

Sim.

14) *E você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua participação na igreja?*

Eu, claro. Porque é imposto, né.

15) *Você poderia contar, com detalhes, como foi esse tempo que você passou na igreja?*

Eu nasci nessa igreja, Assembleia de Deus de Realengo. Eu participei logo do grupo das crianças, porque os meus pais faziam parte da igreja. Logo depois, meu pai se desviou e minha continuou indo para a igreja. Um tempo depois, a gente foi morar em Seropédica, mas eu continuei vindo para cá (Realengo) para participar do grupo dos adolescentes, porque eu gostava da igreja. Aí eu permaneci nessa mesma igreja, e quando nós voltamos a morar no Batan, eu passei para o grupo dos jovens. Eu saí do grupo dos jovens porque eu casei, e assim que eu casei nós mudamos de igreja. Só que quando nós mudamos de igreja, eu não participei mais de grupo nenhum, eu só ia à igreja mesmo.

16) *Você ainda gostava de ir à igreja, nessa época?*

Não.

17) Mas ia por que fazia parte da sua rotina?

Sim, era rotina. Só antigamente eu gostava, quando adolescente, e no começo da juventude, porque não era imposto que você tinha que ter uma responsabilidade na igreja.

18) Qual a importância da igreja evangélica na sua vida, seja ela positiva ou negativa?

Eu gosto de ir à igreja, me sinto bem em ir à igreja, mas eu não gosto da religiosidade que a igreja quer que a gente engula. Principalmente quando você tem algum parente dentro da igreja, é mais difícil ainda, porque você tem que seguir o padrão que eles querem, e não pode errar em nada, porque se não você é crucificado. E eu não acho que igreja deveria ser assim, porque Jesus não é assim. A igreja impõe um padrão de vida em você, que você tem que viver à risca, se não você é excluído, ou você é crucificado. Eu não gosto disso. Parece que você tem que viver uma mentira. As pessoas da igreja vivem muita mentira.

19) Como assim, mentira?

A vida deles não é assim, mas na igreja eles fingem uma coisa e, em casa, vive outra.

20) Mas elas fingem o quê, algum tipo de comportamento?

Isso, um comportamento, uma santidade, uma felicidade que não você vê que não é.

21) Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas?

Eu acho que sim.

22) De que modo? E você entende que essa influência seja negativa ou positiva?

Em algumas partes, eu acho que é positiva, porque, em termos, a igreja passa uma segurança, uma felicidade, um sentimento de esperança, de que alguma coisa vai mudar. E a parte negativa é que às vezes a igreja crucifica muito os outros, as pessoas que estão fora.

23) Mas isso é aparente para quem está fora?

Sim. Ao mesmo tempo que tem gente que abraça as pessoas que estão fora, tem gente que crucifica muito, e joga a pessoa fora.

24) Por que não se adequam?

Porque não estão nos padrões da igreja.

25) *Você conhece projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais de que fez parte ou de outras?*

Sim, conheço.

26) *Você sabe a área de atuação destes projetos?*

Não. Eu só conheço o projeto da igreja da minha tia, que distribui cestas básicas.

27) *Você já soube de algum projeto que não se encontra mais em funcionamento hoje, de outras áreas, como criminalidade, por exemplo?*

Quando eu era jovem, os jovens das igrejas da comunidade tinham um projeto chamado “pescadores de almas”. A gente ia para as ruas doar comida aos moradores de rua.

28) *Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiária?*

Não.

29) *E quando você participou prestando seus serviços, o fez de forma voluntária ou remunerada?*

Voluntária.

30) *Que tipo de impacto você acha que esses projetos imprimem nas favelas em que são desenvolvidos, se, por exemplo, eles atraem ou fazem com que as pessoas tenham determinada visão da igreja?*

Eu acho que faz com que as pessoas tenham uma boa visão da igreja. Mas não atrai, porque tem muita gente que participa do projeto e não vai para a igreja.

31) *Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra), positivamente, negativamente, ou de forma indiferente?*

Para mim é indiferente, não fazendo nada contra mim.

32) *Isso mudou depois que você saiu da igreja?*

Eu acho que quando era mais nova eu tinha uma visão muito: “oh meu Deus, quem é do candomblé ou da umbanda não vai para o céu”. Mas hoje em dia eu acho que é indiferente, porque depende da personalidade da pessoa, da bondade que a pessoa tem no coração. Porque

tem muita gente boa na umbanda, tem gente boa no candomblé, assim como tem muita gente ruim dentro da igreja.

33) *Essa mudança de opinião, você acha que se deveu às orientações recebidas de líderes na igreja ou à sua própria visão de mundo?*

Eu acho que foi da minha própria visão de mundo.

34) *Você considera que a igreja pentecostal das favelas exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante à campanhas políticas, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Sim.

35) *E o contrário? Você acha que a vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas?*

Acho que até agora não teve muita interferência não.

36) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Sempre acontece. Quando chegam as eleições, todos os políticos são da igreja, todos os políticos vão à igreja e querem impor que nós temos que votar neles porque eles são evangélicos. E a igreja impõe que a gente só pode votar em político que diz que é evangélico.

37) *Você já foi procurado para promover esse tipo de aproximação?*

Não.

38) *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva ou negativa? Por quê?*

Eu acho nada a ver, porque não é todo político que se diz evangélico que é bom. Chega lá na frente, você só vê os políticos envergonhado o nome do Senhor. Igual o Eduardo Cunha, dizia que era evangélico, quando chegou lá na frente só envergonhou.

39) *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a fé cristã?*

Sim.

40) *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*

Não.

* * *

II. MICHELE (negra);

Cargo ou ocupação: Diaconisa e componente da mesa de oração¹⁸⁷;

Local: Residência da entrevistada, na comunidade do Batan, em Realengo;

Data: Sexta-feira, dia 06/11/2020;

Duração: De 17 horas e 10 minutos às 17 horas 40 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Quarenta e oito anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino médio completo.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada?*

No momento, não.

4) *Você possui outra fonte de renda?*

Não.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

¹⁸⁷ “Mesa de oração” é a designação utilizada para se referir ao grupo (geralmente composto unicamente por mulheres) encarregado de presidir as reuniões de oração nas igrejas evangélicas de matriz pentecostal.

Nasci, frequento e resido. Nasci na favela de Vila Vintém, morei lá até os vinte e um anos, mas não frequento mais. Aí casei e vim morar no Batan, e agora frequento aqui. Teve uma época que eu morei em Seropédica, por seis anos, aí depois voltei.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades? Se sim, qual?*

Sim. Uma Assembleia de Deus na Vila Vintém, uma Assembleia de Deus em Seropédica e uma Assembleia de Deus em Realengo, todas vinculadas à Convenção de Madureira - CONAMAD.

7) *Você já participou diretamente de igrejas evangélicas de matriz não pentecostal (batista / presbiteriana / adventista)?*

Sim, quando criança, durante dois anos mais ou menos.

8) *Houve um motivo específico que te fez migrar de igreja?*

É porque eu era criança e quem me levava era meu irmão, e como ele saiu, eu automaticamente saí também.

9) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico, exerce algum tipo de ministério itinerante ou função nessa igreja atual?*

Cargo eclesiástico é diaconisa e a função é que eu integro o “círculo de oração”.

10) *Nas outras igrejas de que participou você exerceu alguma função?*

Não, nas outras não.

11) *Essa oração consiste em quê?*

É um culto do círculo de oração.

12) *Essa função que você exerce te exige dedicação integral?*

Não.

13) *Você auferê algum tipo de renda com o desempenho dela?*

Não.

14) Com quantos anos você se converteu ao evangelho?

Eu conhecia a igreja com dez anos, mas me converti mesmo lá para os quinze anos. Com dez anos eu já ia com o meu irmão.

15) Quantos “anos de evangelho” você possui atualmente?

Tenho trinta e oito anos de conversão.

16) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a cristã como você professa?

Sim.

17) E você acha que isso teve algum tipo de influência para a conversão? Por quê?

Sim, porque eles me levaram e me evangelizaram. E, também, porque eu gostei do caminho a seguir.

18) Você poderia contar, com detalhes, como foi seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?

Assim, eu não tenho nenhum testemunho que seja uma coisa (...), como as pessoas têm, de às vezes você desviar e viver uma vida (...), eu não tenho esse tipo de testemunho. Mas eu acredito que foi por amor, a gente começou a ter o entendimento pela palavra¹⁸⁸, que esse era o melhor caminho. E você vive experiências com Deus, que realmente é uma realidade para a sua vida. E a cada dia a gente vai conhecendo melhor e vendo que Bíblia é real, que a palavra é real, e isso vai nos confrontando. Mas eu não tenho um testemunho de conversão, porque eu fui desde nova pra igreja, gostei e fui ficando. Eu vi que aquele era o melhor caminho para mim.

19) Qual a importância da fé cristã e da igreja na sua vida, depois da conversão? Representam uma parte da sua vida ou você leva isso para outras áreas delas? A igreja, você trata como um ambiente que frequenta como todos os outros ou considera mais importante?

A fé cristã é importante para todas as áreas da minha vida. Mas a igreja é só um local que a gente tem para estar em comunhão com os irmãos. A fé cristã está em todas as áreas, a todo o momento a gente exercita a fé cristã. Já a igreja é um ambiente de comunhão, para estarmos

¹⁸⁸ Referência que faz alusão à Bíblia Sagrada.

com os irmãos, mas isso não é o essencial. O essencial é você ter uma vida pautada na palavra, todo o tempo da sua vida.

20) Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas?

Sim.

21) De que modo? Você entende que essa influência seja negativa ou positiva?

Positiva, porque muitas pessoas são transformadas através da palavra e das igrejas. E também o trabalho social que a igreja faz leva muitas vidas a uma transformação. Muitos, às vezes, nem seguem a igreja, mas já tem um entendimento, já tem um conhecimento do que a palavra diz. E isso já torna a comunidade diferente. Apesar de muitos não seguirem, a maioria tem um respeito com as igrejas e com a palavra de Deus, pelo menos aqui no Brasil.

22) Mas a transformação que você diz é em que área, no seu entendimento?

Muitas pessoas que ficavam à margem da sociedade, vivendo uma vida de outra forma, na prostituição, ou em outras áreas, mesmo que não tenham um conhecimento (...) famílias que são destruídas (...), e a igreja vem nesse pilar de ajudar essas famílias a restituírem as suas vidas, e as famílias também a serem restauradas, em todas as áreas.

23) Você conhece projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais de que fez parte ou de outras?

No momento, da minha igreja não. O trabalho social que tem é de alimentos para os membros mesmo. Mas têm muitas igrejas aí que a gente sabe que fazem trabalhos sociais de recuperar pessoas (...). É a igreja como um todo né, porque, tem pessoas que fazem individualmente esse trabalho de recuperar pessoas da droga. Mas tem igrejas que têm centro de recuperação para a reabilitação de pessoas que vivem nas drogas, tanto homens como mulheres. Tem igrejas que têm orfanato. Tem igrejas que têm um trabalho social de ir às favelas dar um alimento, acompanhar as famílias, e outros mais. Até mesmo hospitais, tem igrejas que têm, a igreja adventista, por exemplo, tem hospitais e muito trabalho social. Mas, no caso, a nossa igreja, no momento, não está muito voltada para isso.

24) Mas igrejas pentecostais, especificamente, tipo Assembleias? Nessas igrejas, você já teve conhecimento de algum tipo de trabalho social?

Mais centro de recuperação de drogado, a maioria faz mais esse trabalho.

25) *Você já participou de algum desses projetos, como beneficiária?*

Não.

26) *E prestando serviços? Se si, de forma voluntaria ou remunerada?*

Sim, de forma voluntária.

27) *Que tipo de impacto você acha que esses projetos imprimem nas favelas em que são desenvolvidos?*

O impacto e sempre para melhorar, para vidas serem transformadas e pessoas reconhecerem o seu erro e a Jesus como seu salvador. Esse é o intuito maior, porque as igrejas não trabalham somente com a vida social, mas a tendência é trazer o conhecimento da vida eterna após a morte para as pessoas que estão perdidas, que estão em um momento de precisão.

28) *Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra), positivamente, negativamente, ou de forma indiferente? E essa visão mudou após a sua conversão ao evangelho?*

Tem muitas pessoas que estão ali mais para fazer o bem, entre aspas. Assim, em minha opinião, eles estão um pouco iludidos, não tiveram a escolha certa. Mas muita gente faz um trabalho social legal, faz o bem, procura ajudar. Mas tem muita gente que, entre aspas, procura também fazer o mal, se vingar de outras pessoas, e esse lado é que não é muito bom, porque é mal visto por muita gente, pela sociedade. Mas, no meu ver, é um engano.

29) *E você acha que essa visão se deveu à sua própria orientação, à sua própria trajetória de fé, à sua própria visão de mundo, ou a alguma liderança, alguma orientação de terceiros?*

Não, isso é pautado na bíblia. A bíblia é que nos orienta dessa forma, que nós temos um Deus, e que muita das vezes a gente não conhece e vai buscar em outras religiões. Tanto que muitas dessas religiões utilizam a bíblia, seguem alguns parâmetros da bíblia, mas nem todos. E nós entendemos que a bíblia, ela tem que ser seguida em todo o seu conteúdo, não só alguns versículos, porque Jesus é amor, mas também é fogo consumidor. E Ele não tolera muitas coisas, e a gente às vezes quer só seguir aquilo que a gente acha que é bom. Mas, na verdade, as coisas ruins da bíblia a gente também não quer aceitar. E a bíblia tem que ser seguida num todo. Que não seja a nossa interpretação, mas a interpretação correta a respeito da palavra.

30) *Você considera que a igreja pentecostal das favelas exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país e leis aprovadas?*

Atualmente, eu acredito que sim. Teve um bom tempo que os cristãos não se envolviam na política, porque não queriam, de certa forma, se contaminar. Mas acabou havendo a necessidade de nós nos envolvermos para defendermos os valores cristãos que estavam sendo prejudicados. Hoje em dia sim, têm candidatos evangélicos, têm pessoas que são apoiadores, que ajudam, de certa forma, a obra de Deus. Hoje em dia, sim, com certeza.

31) *E o contrário? Você acha que a vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*

Em muitas, sim. A igreja tenta “ir na contramão”, mas muitas vezes algumas igrejas acabam se adequando às leis. E muitas leis são favoráveis, são boas, mas algumas coisas acabam indo contra a palavra de Deus.

32) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Sim. Isso é um ponto negativo para nós, candidatos que foram na igreja, subiram nos púlpitos e falavam que iam fazer tal coisa, e, na verdade, eram corruptos. Um que eu conheço foi até preso. E subiu no púlpito da igreja. Isso fez com que a igreja tomasse uma nova decisão a esse respeito.

33) *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*

Não, eu pessoalmente não.

34) *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva ou negativa? Por quê?*

Tem um lado bom, porque a igreja sempre precisa de apoiadores na política. Mas tem muita gente que vai ali somente para conseguir o seu objetivo, e fala que vai fazer tal coisa e, de repente, quando é eleito, não cumpre nada daquilo, e vai totalmente contra as coisas de Deus. Depois a gente fica sabendo que aprovam projetos que são totalmente contra os objetivos dos evangélicos. Mas, alguns são muito importantes mesmo, porque são apoiadores, lutam pelo

bem-estar da igreja, pelas leis que favorecem a igreja. E nós precisamos, né. Nos dias atuais, sempre precisamos mesmo.

35) Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação, pelo fato de ele professar a fé cristã ou se mostrar amistoso à ela?

Sim, já. A gente sempre procura que seja mais voltado para isso, mas isso não é uma garantia de que eles estejam falando a verdade. Porque no meio político eles acabam ocultando algumas coisas que a gente só vai saber depois que são eleitos.

36) Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?

Eu acho que igreja hoje em dia está muito fechada entre quatro paredes, devido a algumas coisas que acontecem, o individualismo né. A gente deixou um pouco de sair a campo, de fazer esse trabalho social, o evangelismo nos presídios, nos hospitais, pessoas que estão necessitadas (...). Que isso as igrejas evangélicas faziam muito mais, e hoje em dia estamos perdendo a nossa essência. Mas, de um modo geral, a gente continua caminhando. Hoje em dia as denominações cresceram muito. E assim, quem servir a Deus tem espaço em todo lugar. Tem muita gente que vai pra igreja, mas por muitos errarem, que estão lá na liderança, acabam se perdendo e olhando, e fazendo julgamento para esses tais.

37) Então você acha que a influência das igrejas nas favelas diminuiu um pouco por causa da diminuição desse trabalho social de campo, mas que ainda exerce influência?

Sim.

* * *

III. EVANGELINE (negra);

Cargo ou ocupação: Membra;

Local: Residência da entrevistada, na comunidade do Batan, em Realengo;

Data: Sexta-feira, dia 06/11/2020;

Duração: De 18 horas às 18 horas e 30 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Vinte e oito anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino superior em curso. Curso de pedagogia.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada?*

Sim, sou professora de educação infantil.

4) *Você possui outra fonte de renda?*

Não.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Sim. Nasci no Jardim Batan. Mas já morei em Cordovil com a minha mãe, por dois anos; depois fomos morar do outro lado de Realengo, em Jardim Novo, por um ano; depois morei na Rua Capitão Teixeira por mais um ano; e depois que a minha avó faleceu, nós viemos morar na casa dela, que ficou para os herdeiros.

6) *E esses lugares onde você morou eram favelas?*

Só Jardim Novo.

7) *Mais ou menos com quantos anos você saiu daqui?*

Saí com doze anos e voltei com dezesseis para o Batan.

8) *Você participa ou já participou, diretamente ou indiretamente, de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades? Se sim, qual?*

Só no Batan. A Assembleia de Deus de Realengo, que é vinculada à Convenção de Madureira – CONAMAD.

9) *Congregou dessa igreja durante quanto tempo?*

Fui nascida e criada nessa igreja, até meus quatorze anos. Aí, antes de completar quinze, eu perdi minha virgindade e vi que eu queria curtir o mundo, aí saí da igreja. Saí da igreja com

quinze anos, e só fui voltar para essa igreja, a Assembleia de Deus de Realengo, com vinte e dois anos.

10) Você já participou diretamente de igrejas evangélicas de matriz não pentecostal (batista / presbiteriana / adventista)?

Não, só frequentei Assembleia.

11) Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério nessa igreja atual?

Não.

12) Você exerce ou já exerceu alguma função nessa igreja?

Eu só fiquei responsável em 2017 pelo almoço, pelo dinheiro que ia dar para os pregadores. Na época era congresso de jovens.

13) Você já fez parte de algum grupo? Se sim, quais?

Sim. Eu já fui das crianças (Grupo Lírio dos Vales), dos adolescentes (Grupo Rosa de Saron), e agora eu estou na Mocidade Brilho Celeste, o grupo dos jovens.

14) Como e com quantos anos você se converteu ao evangelho, se considera que teve uma experiência de conversão?

Eu tive um encontro com Deus quando eu peguei uma DST (Doença Sexualmente Transmissível). Mas, mesmo assim eu continuei fora da igreja. Eu me converti quando eu tinha vinte e cinco anos.

15) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a cristã como você professa?

Sim.

16) E você acha que isso teve algum tipo de influência para a conversão? Por quê?

Não. Eu tive um encontro com Deus, eu mesma.

17) Você integra o corpo de membros de uma igreja atualmente?

Sim, eu sou membra hoje. Eu me afastei quando eu tinha quinze anos e voltei quando tinha vinte e dois.

18) Você poderia contar, com detalhes, como foi seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?

Eu tive o meu primeiro encontro, quando eu vi que Deus está na minha vida, quando eu peguei essa doença. Aí eu me entreguei para Cristo, mas mesmo assim eu continuei fora da igreja. Aí eu tive um sonho em que eu brincava fora (...), tinha um balcão, e dentro desse balcão estava tendo um culto jovem, e eu estava fora do balcão, lá atrás, aí eu escutava alguém me gritando, me chamando, aí eu entrava no balcão e ganhava oportunidade. Aí eu fui conversar com uma amiga minha sobre esse sonho e ela falou que era o momento de eu levar a sério a vida cristã, levar Cristo a sério, que tinha acabado o meu momento de brincar. Aí em 2017, quando foi o congresso, foi que eu peguei a responsabilidade, foi que eu busquei mais a Cristo, fiz jejum a respeito da minha vida, tanto que eu parei comer carne por três meses antes do congresso, tive minha primeira batalha espiritual (...). Eu acho que foi aí, foi em 2017, que eu me converti realmente e vi que Jesus Cristo está na minha vida. Mas foi com dezesseis anos que eu peguei a doença, mas já estou curada.

19) E sua trajetória cristã, você considera que cresceu, mas não havia tido um “encontro com Deus”?

Sim, eu fui nascida e criada no “berço evangélico”, mas eu não tinha tido um encontro com Deus não, eu só fui ter realmente em 2017. Tanto que eu saí aos quatorze anos porque eu vi que a igreja não era bagunça, eu queria curtir um pouquinho o mundo, aí foi quando eu saí da igreja e fui curtir o mundo, quando eu comecei a fazer sexo. Eu vi que também tem a doutrina lá da igreja, e não pode. Aí eu vi que era errado e saí da igreja.

20) Mas era só sexo ou você queria fazer outras coisas que a igreja não permitia?

Não, o que me levou realmente a sair da igreja foi isso, eu vi que eu não ia parar de fazer sexo. Eu vi que eu queria curtir o mundo e vi que a igreja não é bagunça. Aí eu resolvi sair, resolvi passear pelo mundo e deixar a igreja de lado, aos quinze anos.

21) Durante esse tempo você não participou do corpo de membros?

Não participei de nada, nada, nada. Eu só curtia. Só de vez em quando que eu ia pra igreja aos domingos, mas eu não tomava santa ceia, não era membra, não tinha responsabilidade, não

era nada. Eu só ia por visita. Eu estava realmente curtindo o mundo, entendeu. Aí com vinte e dois eu retornei, e em 2017, quando eu tinha cerca de vinte e quatro, vinte e cinco, que eu realmente tive um encontro com Deus.

22) Qual a importância da fé cristã na sua vida, depois da conversão? Representa uma parte da sua vida ou ela envolve todas as outras áreas delas?

Ela é muito importante, envolve tudo.

23) E qual a importância da igreja, especificamente, depois da sua conversão? Você trata como um ambiente que frequenta como todos os outros ou considera mais importante?

Eu abri os meus olhos, porque antigamente eu ficava pelas pessoas. Eu fui criada ali, então eu não tive um encontro com Deus na época. Então eu pensava que era por causa das pessoas. Mas depois que eu tive um encontro com Deus, o meu alvo é Cristo. Também é bom ter a igreja ali, para termos a comunhão, convívio com outras pessoas. Mas a fé, na minha vida é tudo, é muito importante.

24) Mas antes era o que você achava que tinha que cumprir ou o que as pessoas falavam?

É. Hoje não. Tanto que aos quinze anos eu vi que o sexo antes do casamento era coisa errada, e que eu não podia ficar na igreja e fazendo bagunça. Aí eu preferi sair da igreja para ficar fazendo bagunça, e depois eu voltei.

25) Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? De que modo? Você entende que essa influência seja negativa ou positiva?

Algumas são positivas e outras negativas. Exemplo: eu acho que tipo, se uma prostituta chegar em uma igreja pentecostal, lógico que a igreja vai ajudar, mas eu acho que se em algum momento essa prostituta vacilar, a igreja julga. Mas a igreja tem um lado positivo, porque a pessoa conhece Cristo, conhece a palavra, às vezes até tem um encontro realmente com Cristo. Mas tem outras que, se essa pessoa vacilar, a primeira a julgar vai ser a igreja.

26) Então esse aspecto condenatório é a parte negativa, e a influência positiva que você entende que essas igrejas exercem nas favelas?

Ela ajuda a abrir os olhos do ser humano para ver outras coisas. Ajuda gente que pode acabar passando fome, ajuda também na alimentação.

27) E em relação às ações sociais na área da criminalidade?

Assim, se um bandido aceita a Cristo, a igreja vai ajudar. Mas, em minha opinião, se esse bandido não teve realmente um encontro com Cristo, a qualquer momento ele vai sair, porque ele vai estar ali por causa das pessoas. Porque se ele realmente tiver um encontro com Cristo, ele vai ficar na igreja por causa de Cristo. Mas, exemplo, se alguém vacilar com ele lá dentro da igreja, ele é o primeiro a sair da igreja. Mas a igreja, por outro lado, vai ajudar ele e conhecer a palavra, ajudar ele a abrir os olhos para arrumar um emprego, pra ver que aquela vida de tráfico não é legal. Mas se ele não tiver um encontro realmente com Deus e se uma pessoa vacilar com ele, ele será o primeiro a sair da igreja, com certeza. Eu acho que tem muitos bandidos de favela que foi assim, que foi para Cristo, aceitou a Jesus, mas não teve um encontro com Deus, aí saiu e voltou para o tráfico.

28) Você conhece projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais de que fez parte ou de outras?

Não.

29) Mas já teve conhecimento de algum projeto social, de qualquer área?

Já, os “Pescadores de Almas”. Foi um projeto em que alguns amigos meus, de cada igreja, se juntaram para ajudar os moradores de rua.

30) Então você participou desse projeto prestando serviços?

Isso.

31) De forma voluntaria ou remunerada?

Voluntária. Ninguém recebia, a gente ajudava por ajudar.

32) Que tipo de impacto você acha que esses projetos imprimem nas favelas em que são desenvolvidos? Você acha que muda a visão que as pessoas têm da igreja ou que ajuda de alguma forma?

Eu acho que ajuda.

33) Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra), positivamente, negativamente, ou de forma indiferente?

Normal. Tipo, elas fazem mal lá quando elas estão lá dentro do templo fazendo as coisas deles. É eles, mas tem pessoas que são legais. Eu não vejo diferença não. São seres humanos.

34) *E isso mudou depois da sua conversão ao evangelho?*

Não, eu sempre enxerguei assim. Até porque, a família do meu pai, da minha avó, uns são evangélicos e outros são macumbeiros.

35) *E você acha que existe algum tipo de orientação para que você veja dessa forma ou é a sua visão de mundo que determina isso?*

A minha visão.

36) *Você considera que as igrejas pentecostais das favelas exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional?*

Sim. Eu acho que a igreja não devia se meter nisso, mas existe isso.

37) *E o contrário? Você acha que a vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*

Existe, também.

38) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Sim. Eu já vi na minha igreja.

39) *Já aconteceu em outra igreja que você foi visitar?*

Não, em outra igreja eu nunca vi, mas na minha já. Ele subiu no púlpito e quase todo mundo foi indo embora.

40) *Você se lembra quem foi?*

Foi o Eduardo Cunha que foi no culto. Aí depois veio o Pastor Celso e veio pregando, falando que “aqui quem manda é Jesus, não é político não”, aí todo mundo deu glória a Deus.

41) *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*

Não.

42) *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva ou negativa? Por quê?*

Negativa. Porque, por exemplo, o Eduardo Cunha subiu aqui no púlpito, falou “arco-íris e flores”, mas mostrou que era “chuva e trovão”. E isso foi um péssimo exemplo. Por isso que eu acho que não tem nada a ver política e religião.

43) *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação?*

Não, tanto que eu nem votei no Eduardo Cunha.

44) *E pelo fato de ele professar a fé cristã?*

Eu me arrependi disso. Eu votei num “*pela saco*” aí, porque ele é evangélico, e ele mostrou quem ele é. Aí eu fiquei arrependida, não me senti confortável não.

45) *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*

Não.

* * *

IV. JULIA (negra);

Cargo ou ocupação: Membra;

Local: Residência da entrevistada, na comunidade do Batan, em Realengo;

Data: Sexta-feira, dia 06/11/2020;

Duração: De 19 horas e 20 minutos às 19 horas e 50 minutos.

➤ *Quantos anos você tem?*

Cinquenta e um anos.

➤ *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Estudei até a oitava série do ensino fundamental.

➤ *Você exerce atividade profissional remunerada?*

Sim. Eu sou porteira em escola municipal.

- *Você possui outra fonte de renda?*

De vez em quando aparece uns bicos, tipo faxina, arrumar guarda-roupas (...), trabalho informal.

- *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca? Se sim, qual?*

Nasci na favela em que eu moro até hoje, a favela do Batan.

- *Nunca morou em outro lugar? Se sim, qual(is)?*

Já morei em Cordovil, que não era favela, durante mais ou menos um ano e três meses. Morei do outro lado de Realengo, também, que era favela, mas não era tanto, mas não fiquei tanto tempo, só meses.

- *Você participa ou já participou, diretamente ou indiretamente, de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades? Se sim, qual?*

Frequento a Assembleia de Deus de Realengo, do Batan, vinculada à Convenção de Madureira – CONAMAD.

- *Participou dessa igreja durante quanto tempo?*

Particpei dessa igreja na minha adolescência. Me converti aos dezessete anos, depois eu sai quando eu tinha vinte e sete anos, fiquei esse tempo todo afastada, e voltei agora faz bem pouquinho tempo, tem seis ou sete anos.

- *Tudo isso na mesma igreja?*

Mesma igreja.

- *Você já participou diretamente de igrejas evangélicas de matriz não pentecostal (batista / presbiteriana / adventista)?*

Não, sempre Assembleia.

- *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério na igreja?*

Não.

- *Você exerce ou já exerceu alguma função nessa igreja?*
Nada, só membra. Mas já participei do jogral, e eu junto com umas amigas comecei a visitar lares, eu como “cabeça”, mas também foi por pouco tempo.

- *Você já fez parte de algum grupo? Se sim, quais?*
Sim, participo do grupo da CIBE, das irmãs.

- *Como e com quantos anos você se converteu ao evangelho, se considera que teve uma experiência de conversão?*
Na verdade, eu aceitei a Jesus aos dezessete anos, me afastei com vinte e sete anos, e depois que eu voltei, agora que eu realmente conheci o poder de Deus e me converti. Foi nesses seis anos que eu realmente me converti.

- *Até então, você era mais de frequentar igreja?*
Eu ia e vinha, ia e vinha, mas não conhecia.

- *Era mais religião?*
Exatamente.

- *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professavam a cristã como você professa?*
Minhas irmãs e minha mãe.

- *E você acha que isso teve algum tipo de influência para a conversão ou foi por você mesma?*
Não, foi por mim mesma.

- *Você poderia contar, com detalhes, como foi seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã, desde o início?*
Eu não nasci em um lar cristão. Aos meus dezessete anos, minhas vizinhas que nasceram em um lar cristão, me convidaram para um retiro de jovens. Eu fui e achei aquilo legal, aqueles jovens todos, gincana, festa, comida (...), aí eu falei comigo: “poxa, eu quero ficar aqui”. Fui indo e indo (...). O que fez eu me afastar foi o período do meu casamento, que estava conturbado, meu marido foi embora, eu fiquei meio que perdida devido àquela situação toda, e eu me afastei. Fui viver a minha vida, fiquei lá fora, conheci o que era (...). Mesmo não

sendo de berço evangélico, eu ainda não participava de discoteca de bailes, de bebida, pagode, essas coisas todas. E foi nesse período que eu me afastei e conheci tudo isso. Mas, também nesse período que eu me afastei, eu visitava sempre a Universal.

➤ *Você frequentava, mas não fazia parte do corpo de membros?*

Não, eu só ia lá orar e entregar a minha vida a Deus: “Jesus, guarda a minha vida, não deixa me acontecer nada”. Porque eu estava afastada, então eu sabia que estava errada. Eu ia sempre na catedral, porque eu trabalhava lá perto, então ia sempre lá orar. E quando eu conheci umas outras amigas que também não eram da igreja, aí mesmo que eu conheci (...). Nossa! Como eu ia para os pagodes da vida (...), eu não gostava, mas ia porque achava legal para esquecer os problemas, estar bem (...). E foi em uma dessas idas no “Rei do Bacalhau”¹⁸⁹, foi quando Jesus falou comigo. Nossa, foi tremendo! Meu Deus! O vocalista do Katinguelê¹⁹⁰, antes de começar o show, ele falou (parecia que só estava eu ele): “Você que é afastado do caminho do Senhor, está fazendo o que no mundo? O mundo não tem nada para te oferecer. Volta que o Pai está aí, para te dar, para te abraçar, para te dar vida, para te dar alegria. Volta, volta correndo!”. Eu sentei e falei: “Meus Deus, tu falou comigo. E agora? E agora, o que eu vou fazer?”.

E dali pra cá, Jesus começou a trabalhar na minha vida. Todos os eventos em que eu ia, que eram de pagode e essas coisas, Jesus falava comigo. Em outra ocasião, nós fomos para a feira de São Cristóvão, porque lá tem um forró (...), só é forró naquele lugar ali. E no dia que nos fomos, parecia que a feira fechou porque eu estava ali. Não tinha um forró. E todo mundo sabe que ali tem sempre forró. E naquele dia não tinha: “vamos pra ali, vamos pra lá...”. Entramos no carro e fomos para Marechal Hermes, porque tinha forró. Viemos parar em Marechal, no forró. Uma chuva que começou a cair nesse dia, em Marechal! E eu olhando aquilo e pensando: “gente, vamos embora, já que não tem forró”. Viemos embora.

E era assim, sequência. Tipo: “vamos ficar dois sábados em casa e vamos nesse sábado pra balada”. Nesse último sábado, fomos para o Parque de Madureira, porque as escolas de samba estariam lá ensaiando: Portela, Império, etc. Quando chegou lá, eu coloquei o pé na Império e, meu Deus! O meu corpo doía e doía. E lembro que foi uma galera boa, e a gente ia levar a mãe da minha amiga pra conhecer, porque ela não conhecia Madureira. E ela era uma senhora que tinha idade para ser minha mãe, e começou a mandar a gente ir para o médico. E aí a

¹⁸⁹ Bar, restaurante e casa de shows situada na Rod. Washington Luís, 2154 - Parque Duque, Duque de Caxias - RJ, 25085-009.

¹⁹⁰ Grupo musical de pagode.

galera todinha se juntou para me levar para o Albert¹⁹¹. Quando chegou aqui em Deodoro, já não tinha dor. Aí elas ainda brincaram: “a Julia que não queria ficar”, e eu expliquei que estava doendo mesmo. Aí descemos aqui no Batan e fomos comer pastel de madrugada, no moço que vendia aqui. De lá pra cá, eu falei: “meu Deus, eis-me aqui, me ajuda, eu preciso voltar”. Aí eu fui para uma igreja lá em Piabetá, e parecia (...), parecia não, era Deus falando comigo... E a garota foi pregando, e aí eu voltei para Jesus, e falei: “Senhor, eu quero viver o melhor de ti”. E estou aqui.

- *Então você integra, hoje, o corpo de membros de uma igreja?*

Integro.

- *Qual a importância da fé cristã na sua vida? Representa um segmento da sua vida ou envolve todas as outras áreas delas?*

A fé que eu tenho envolve toda a minha vida, porque nesse período de seis anos que eu voltei (...), Deus é tão lindo e tão tremendo que tudo o que eu tenho feito eu pergunto: “Jesus, posso?”. E Jesus fala: “pode”. E é uma coisa tão maravilhosa essa fé que às vezes eu penso em fazer, aí acaba acontecendo. É uma fé que eu nunca tive.

- *Então está em todas as áreas, não tem separação entre a sua vida religiosa, a sua vida sentimental e outras áreas?*

Está em todas as áreas. Sentimental, semana passada mesmo eu estava falando com Deus. Eu estava dentro do ônibus, antes de completar meus cinquenta e um anos. Eu falei: “poxa Jesus, eu vou fazer cinquenta e um e não tenho um namorado, um marido, que isso!”. E dentro do ônibus, eu baixei a cabeça. Deus foi tão lindo na minha vida que tinha uma criança do outro lado sentada com os pais, uma criança que tinha dois anos, no máximo dois e meio (...), ela começou a cantar olhando para a minha cara: “calma, quem te prometeu garante, calma!”¹⁹². E eu olhava para ela e ela continuava cantando. E as lágrimas começaram a cair, e eu comecei a agradecer ao Senhor, porque eu só pensei. E foi Jesus falando pra mim que tinha me prometido. Em todas as áreas da minha vida. Então eu estou calma, estou de boa, porque Ele me prometeu. Mais uma vez Ele falou pra mim: “Calma, eu te prometi, eu te garanto!”.

¹⁹¹ Referência ao Hospital Municipal Albert Schweitzer, situado na Rua Nilópolis, 239 – Realengo, Rio de Janeiro - RJ, 21720-04

¹⁹² Referência à música gospel “Descansa”, de interpretação de Stelilla Laura. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=EN5aSA6riaM> >. Acesso em: 16 de nov. de 2020.

- *E a igreja evangélica pentecostal, ela tem algum tipo de importância na sua vida? Qual é a importância da igreja depois da sua conversão?*

Quando eu vou à igreja adorar (...) porque, tipo assim, aos domingos eu vou adorar a Cristo, isso me dá força. E quando eu vou a alguma oração, eu vou “me encher”, por causa dos problemas que virão. Então, quando eu vou é pra me dar força. Quando eu glorifico e exalto ao nome do Senhor, com palmas, com pulos, com alegria (porque me dá vontade de correr)...

- *É como se fosse uma injeção de esperança?*

Exatamente.

- *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? De que modo, em que pessoas, em que áreas?*

Pelo meu ponto de vista, a maioria é no sentido de ajuda de alimentação, algumas em roupas, mas na maioria das igrejas evangélicas, é na alimentação. Muitas pessoas vão em prol de uma cesta básica, e realmente ajuda.

- *É só nessa área da alimentação ou você acredita que exercem também algum tipo de influência, positiva ou negativa, na vida das pessoas.*

Positiva. Você está falando “o todo da igreja?”, porque tem muitas irmãs que visitam essas pessoas que não são da igreja, e viram umas psicólogas da vida. Elas viram não, elas são psicólogas da comunidade.

- *Então é nesse sentido da esperança?*

É nesse sentido da esperança, da alegria. Quando elas vão, elas transmitem uma fortaleza. A maioria são mulheres, claro que têm alguns homens, mas a maioria são mulheres. Elas transmitem força: “vai que tu vai vencer”. Se for na área sentimental: “calma, Deus vai dar força. Deus dá força. Ele vai ajudar”.

- *Você conhece projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais de que fez parte, sejam eles de quaisquer áreas?*

Então, algumas igrejas promovem assistência social, fazem ação social. Eu conheço várias, não só pentecostais como [igrejas] tradicionais que também se envolvem nisso.

- *Você sabe mais ou menos as áreas de atuação desses projetos, se são só assistencialistas ou envolvem também questões familiares, criminalidade, etc.?*

Sempre tem um advogado que orienta essas pessoas, um oftalmologista, um médico, etc.

- *Você já participou de algum desses projetos como beneficiário?*

Já, como beneficiário. Inclusive, foi numa dessas ações sociais que eu vi que eu não enxergava direito, aí eu passei a usar óculos.

- *E prestando serviços?*

Não.

- *Que tipo de impacto você acha que esses projetos sociais imprimem nas favelas em que são desenvolvidos? Você acha que muda a visão que as pessoas têm da igreja ou que ajuda de alguma forma?*

Tem uma influência boa. As pessoas olham com bom olhar. Eu conheço muitas pessoas que não são da igreja e, quando tem uma ação social dessa, agradecem muito.

- *Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra), positivamente, negativamente, ou de forma indiferente?*

É uma pessoa normal, só que praticante de uma religião diferente. Eu a trato do mesmo jeito, amo (...), mas é uma religião diferente.

- *Isso mudou depois da sua conversão? E se mudou, você acha que sua visão de mundo que mudou ou foi por influência da orientação de alguma liderança?*

Eu acho que eu tenho até que amá-la mais. Inclusive, eu estou agora com uma amizade com uma pessoa que é devota do Jorge, e a gente tem se falado (...), a gente não fala de religião. Mas ela sabe que eu sou de uma igreja evangélica e me respeita, a gente se respeita. É uma amizade boa que está começando, sabe.

- *Então, não mudou?*

Não.

- *Você considera que as igrejas pentecostais, de uma forma geral, exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, referente a campanha eleitoral, política social, leis aprovadas, etc.?*

Eu acho que a igrejas agora, inclusive nós, as pentecostais, estão viradas muito nesse negócio de política. Eu acho que não era para ser assim. Mas estão envolvidas demais. Eu acho que estão até se atrapalhado, porque estão colocando a política lá dentro da religião, e está virando uma salada.

- *E o contrário? Você acha que a vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*

Em algumas sim.

- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Teve um deputado que está até preso. Ele visitou a igreja falando que ia fazer e acontecer, porque ele “o cara” (...). E eu acho que ele não ficou nenhum um ano, e foi preso. E o cara era da igreja. E ele veio ao ambiente de culto. Gente! Uma salada! Eu acho que não deve, acho que não deveria.

- *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*

Não.

- *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva ou negativa? Por quê?*

Negativa. Porque é muito claro para todo mundo, até para quem é leigo no assunto: eles vão se corromper, vão se corromper, e vão se corromper. Até o certo, quando está certo, vai entrar lá e vai se corromper.

- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou por ele professar a mesma fé religiosa?*

Não.

- *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*

A experiência que eu tenho, que eu achei super legal(...), já aconteceu com duas pessoas bem próximas, devido à igreja evangélica de pegar pessoas que são, inclusive da minha família, dependentes químicos. Eu achei bem legal a atitude da igreja evangélica de pegar pessoas que são dependentes químicos.

➤ *É o quê centro de recuperação?*

Centro de recuperação.

➤ *As pessoas eram só dependentes químicos ou eram vinculadas ao tráfico?*

Só dependentes químicos, os dois. E o povo da igreja abraçou, e levou para o centro de recuperação. E a igreja evangélica estava ali junto com eles. Gente! Eu acho indo. Quando tenho algum dinheiro sobrando e entra um desses meninos no ônibus falando que são do centro de recuperação, eu sempre ajudo. Porque eu sei, porque a pessoa da minha família fazia isso: ia para o CEASA de madrugada, junto com os pastores, ia lá, pedia, e vinha (...). Então, eu acho isso muito legal. É um exemplo maravilhoso da influência das igrejas evangélicas.

* * *

V. WILLIAM (pardo);

Cargo ou ocupação: Diácono que exerce ministério itinerante;

Local: Igreja Assembleia de Deus de Padre Miguel, na comunidade da Vila União da Paz (o entrevistado foi cumprir uma agenda¹⁹³);

Data: Sexta-feira, dia 06/11/2020;

Duração: De 22 horas e 30 minutos às 22 horas e 50 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Vinte e cinco anos.

¹⁹³ Referência aos compromissos assumidos com determinada igreja pelas pessoas que exercem ministério itinerante. Na oportunidade, o entrevistado pregou (trouxe o sermão da noite) no culto de libertação da aludida igreja.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino médio completo.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

No momento, não.

4) *Você possui outra fonte de renda? Se sim, qual?*

Sim. Vendedor de biscoitos.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Não. Eu não moro em favela, mas a minha igreja é dentro de favela.

6) *Qual favela?*

Vila Vintém.

7) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessa localidade? Se sim, qual?*

Sim, da Assembleia de Vila Vintém.

8) *Ela é vinculada a alguma convenção ou é ministério independentes?*

Vinculadas à convenção de Madureira - CONAMAD.

9) *Durante quanto tempo você pertenceu a essa igreja?*

Desde que nasci.

10) *Já saiu e voltou para ela ou não?*

Não.

11) *Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)?*

Não, nunca.

12) Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante? Se sim, qual?

Sim, o de diácono.

13) Você exerce algum ministério itinerante?

Sim, eu prego.

14) Esse ministério itinerante ou o cargo eclesiástico te exigem dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?

Não.

15) Você auferê algum tipo de renda com o desempenho do cargo ou ministério?

Até recebo, mas não é diretamente vinculado à igreja¹⁹⁴. Não é obrigatório e não é uma coisa certa.

16) Mas é oriunda do cargo eclesiástico ou do ministério [itinerante]?

Do ministério.

17) Você nasceu “na igreja”?

Sim, nasci.

18) Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?

A partir do batismo¹⁹⁵.

19) Você se batizou com quantos anos?

Com doze anos.

20) Quanto tempo “de evangelho” você tem?

A vida inteira.

¹⁹⁴ O entrevistado refere-se aos vínculos mais estáveis que a igreja firma, por exemplo, com líderes religiosos (pastores) que são diretamente assalariados por elas.

¹⁹⁵ Referência ao batismo nas águas.

21) *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que a sua?*

Sim.

22) *Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?*

Teve muita.

23) *Você poderia contar, com detalhes, o seu testemunho de conversão e a sua trajetória cristã?*

Foi tudo na igreja, eu aprendi tudo na igreja. Foi a minha vida toda. Minha trajetória cristã é minha vida toda.

24) *Qual a importância que a fé cristã na sua vida, ela representa um segmento específico ou engloba todas as áreas (sentimental, profissional, etc.)? Como você dimensiona essa fé?*

Ela envolve todas as áreas da minha vida.

25) *E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um ambiente que você frequenta como qualquer outro ou você considera que seja um lugar especial?*

Não, é um lugar muito diferenciado. Você tem comunhão ali. Ali eu me sinto bem. Posso não me sentir bem em alguns lugares, por exemplo, praia, praça, essas coisas (...), mas na igreja eu me sinto bem.

26) *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência, positiva ou negativa, nas favelas em que estão inseridas?*

A igreja, em si, ela influencia muito na área da oração pelos filhos, dos meninos que andam pela comunidade. A igreja também influencia em questões familiares, porque uma igreja de comunidade consegue entrar nessas áreas mais complicadas. Então, eu vejo que a igreja na comunidade, ela influencia muito na família.

27) *Considerando que as favelas são comumente associadas a problemas específicos conhecidos, relacionados à desigualdade, à criminalidade, às questões familiares (...), você acha que essas igrejas pentecostais conseguem exercer algum tipo de influência nestes pontos específicos?*

Sim, com certeza. Mas, sempre lembrando o seguinte: nem todos os lugares são os mesmos. Na minha comunidade, onde eu frequento, a igreja influencia muito nas famílias, ajuda em

questões de casamento, coisas internas dentro da família. A igreja consegue resolver, mediante, é claro, a conversa com alguém.

28) Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece, de quaisquer áreas?

Sim, tem muitos.

29) Você sabe a área de atuação destes projetos? São só assistencialistas ou atuam também na área da criminalidade?

Mexe com todas as áreas. Tem na área da estética, tem os que lidam com as pessoas viciadas em drogas, tem a área psicológica.

30) Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário ou prestando seus serviços?

Não, só trabalhando.

31) E o seu trabalho foi voluntário ou remunerado?

Voluntário.

32) Que tipo de impacto você acha que esses projetos sociais imprimem nas favelas em que são desenvolvidos? Tem algum efeito prático na vida das pessoas ou se ajuda a mudar a visão delas a respeito das igrejas?

Eles mudam o conceito que as pessoas têm sobre a igreja e também valorizam muito o ser humano.

33) Como enxerga as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra) positivamente, negativamente, ou de forma indiferente?

Eu acredito que do mesmo jeito que eles exigem respeito, eu também exijo respeito. São apenas praticantes de outra religião.

34) Você acha que essa visão mudou depois da sua conversão ou evangelho ou é a sua visão de mundo que a determina?

É a minha visão mesmo.

35) *Você considera que a igreja pentecostal das favelas exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a candidaturas, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas, etc.?*

Em algumas igrejas, exerce. Na minha, eu nunca vi. Então eu digo que não, não influencia em nada.

36) *E o contrário? Você acha que a vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*

Em algumas igrejas, sim. Em outras não, porque tem igrejas que são muito conservadoras.

37) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Sim, com certeza. E muito.

38) *Isso ocorreu na sua igreja, especificamente ou nas igrejas que você visita?*

Em várias igrejas.

39) *Como ocorreu?*

É tipo, a gente está lá no culto (...), alguns avisam que vão chegar, outros não avisam, simplesmente chegam. Alguns querem oportunidade (de fala), tem igrejas que cedem e igrejas que não cedem.

40) *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*

Não aconteceu de nenhum deles vir falar direto comigo, mas já aconteceu de secretários deles vierem me procurar com essa finalidade.

41) *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva, negativa ou indiferente?*

Na minha opinião, não é bom, mas também não é ruim. O bom é que se entende que existem algumas coisas que só podem ser resolvidas mediante uma ligação com a igreja. E o ruim é porque essa aproximação está agora. E depois, como é que fica?

42) *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?*

Eu avalio independente disso, porque nem todos são o que dizem.

43) *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*

Não.

* * *

VI. JOÃO (pardo);

Cargo ou ocupação: Presbítero;

Local: Igreja Assembleia de Deus de Padre Miguel, na comunidade da Vila União da Paz (igreja do entrevistado);

Data: Sábado, dia 07/11/2020;

Duração: De 13 horas às 13 horas e 15 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Quarenta e três anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Segunda série (primária).

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

Não.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal?*

Não.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Sim, nasci aqui na comunidade de Vila União da paz, onde sempre morei.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessa localidade? Se sim, qual?*

Sim, da Assembleia de Vila União da Paz.

7) *E essa é a sua igreja atual?*

Não, a atual é a Assembleia de Deus de Padre Miguel.

8) *Essas igrejas são vinculadas a alguma convenção ou são ministérios independentes?*

São vinculadas à convenção de Madureira - CONAMAD.

9) *Durante quanto tempo você permaneceu em cada uma dessas igrejas?*

Na Vila União da Paz foi onde eu cresci, vivi ali até os dezesseis anos e depois me afastei. Aí eu retornei em uma Assembleia de Deus lá em Padre Miguel, fiquei lá por sete anos, aí eu me mudei para essa, onde estou há três anos.

10) *Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)?*

Não, nem frequentei.

11) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante? Se sim, qual?*

Sim, o presbitério.

12) *Esse cargo eclesiástico exige de você dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?*

Não.

13) *Você aufera algum tipo de renda com o desempenho desse ministério?*

Nenhuma.

14) *Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?*

Eu nasci no “berço evangélico”, minha mãe era cristã, então desde pequeno ela me levava, e quando eu tinha dezesseis para dezessete anos, eu me afastei.

15) *Quantos “anos de evangelho” você possui atualmente?*

Agora, eu tenho mais ou menos sete anos.

16) *Mas sua experiência de conversão, você considera que aconteceu quando você voltou?*

Sim.

17) *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que a sua?*

Sim, além da minha mãe tem outras pessoas que sempre professaram a fé cristã.

18) *Você acha que o fato de essas pessoas professarem a fé cristã teve algum tipo de influência para a sua conversão?*

Eu creio que sim.

19) *Você poderia contar, com detalhes, o seu testemunho de conversão e a sua trajetória cristã?*

Como eu fui nascido e criado em “berço evangélico”, quando eu completei (...), jovem, né, você sabe que está ali dentro da igreja, mas vai conhecendo vários amigos, e as coisas como o mundo lhe oferece, e acaba se deixando levar, e foi o que aconteceu comigo. Me deixei levar, e quando eu tinha dezesseis para dezessete anos, me afastei, e comecei a trilhar caminhos que depois eu me arrependi, caminhos que depois passaram a me machucar. E eu me tornei uma pessoa totalmente diferente da que eu era quando era mais jovem, porque eu trilhei caminhos que eu não desejo para ninguém, caminhos tortuosos. Eu vivi no meio do tráfico, levei uma vida no tráfico de drogas por muito tempo, me viciiei em drogas (...), e essa coisa toda que acontece quando a gente está trilhando esse caminho, porque o tráfico só leva para esse caminho.

20) *Você é casado hoje em dia?*

Sim.

21) *E você casou depois que voltou?*

Na verdade, eu casei mesmo na igreja depois que eu comecei a caminhar de novo, mas eu conheci a minha esposa no mundo. Aí eu recebi um convite, fui e, graças a Deus, permaneci e estou aí até hoje.

22) *E como você retornou, foi esse convite ou foi progressivamente?*

Na verdade, foi algo sobrenatural da parte de Deus. Na verdade, não foi um convite (...). A vida que eu levava, cansado de tanto sofrimento e de tanta dor, eu fui levado, na verdade, pelo Espírito Santo de Deus, porque do jeito que eu me encontrava (...), se eu contar, ninguém acredita que eu fui parar dentro da igreja. Eu estava drogada, eu tinha bebido, e do nada, da noite para o dia, eu falei para a minha esposa que queria largar aquela vida e que queria voltar para a igreja.

23) Então, nessa ocasião que você foi a igreja, você ainda estava nessa vida (tráfico)?

Na verdade, quando eu fui, eu estava drogado, porque eu estava dentro de casa me drogando. Aí eu fui para a igreja do jeito que eu estava, tanto que minha esposa disse para mim: “você vai sozinho, porque eu não vou com você nesse estado”. Aí eu falei pra ela: “então você fica aí que eu vou”. E fui sozinho, e depois ela chegou lá.

24) Nesse dia você voltou para a igreja e começou a “caminhar”?

Justamente.

25) Mas você foi abandonando tudo progressivamente ou foi uma ruptura?

Na verdade, foi algo muito rápido, porque uma pessoa que vive muito tempo no mundo das drogas, viciado em drogas, para largar, é difícil (...). Mas, foi algo tão da parte de Deus, porque depois que eu retornei, eu não queria mais saber disso. Eu não bebia mais, não usava mais drogas.

26) Você não frequentou nenhum centro de reabilitação?

Não, nenhum.

27) Foi nessa igreja da Vila Vintém que você retornou, então?

Justamente.

28) Tinha mais ou menos quantos anos, nessa época?

Já tinha uns vinte e poucos anos, quase trinta.

29) Você não era casado, mas já estava em um relacionamento com a sua atual esposa?

Já. Nos conhecemos em um carnaval. Ali eu conheci ela e a gente já está aí há dezoito anos juntos.

30) *Então você estava no tráfico, teve esse encontro e começou a ir?*

Sim, fui do jeito que eu estava. Às vezes, eu contando, as pessoas nem acreditam, porque eu estava drogado. Eu estava me drogado, e do nada deu um estalo na minha mente, aí eu falei que ia pra igreja e fui do jeito que eu estava.

31) *Qual é a importância da fé cristã na sua vida? Ela representa um segmento específico da sua vida ou engloba todas as outras áreas (sentimental, profissional, etc.)?*

Engloba todas as áreas, porque a fé em Cristo é o que nos mantém de pé, é o que nos sustenta. Nossa fé em Cristo Jesus envolve tudo, na verdade, trabalho (...), todas as áreas.

32) *E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um lugar aonde você vai e tem uma coletividade com a qual você se relaciona, como em outros lugares, ou você considera que seja um lugar especial?*

Na verdade, o templo é um lugar aonde a gente vem para adorar ao Senhor, onde a gente está em comunhão com os irmãos. E representa tudo também, porque a mesma pessoa que somos dentro da igreja, temos que ser do lado de fora da igreja. Não adianta na igreja eu ser uma pessoa, e fora da igreja outra pessoa. Então, o tratamento é o mesmo. O mesmo tratamento que eu tenho com as pessoas dentro da igreja, eu tenho com as pessoas fora da igreja.

33) *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência, positiva ou negativa, nas favelas em que estão inseridas?*

Eu creio que sim, positiva. Tem uma grande influência nas comunidades.

34) *De que modo e por quê? Qual seria o diferencial da igreja?*

É porque as igrejas, principalmente aquelas de comunidade, são um lugar de refúgio que as pessoas têm como referência, para entrar, ser bem recebido e receber o consolo da parte de Deus, através do trabalho que está sendo desenvolvido ali naquele lugar.

35) *Considerando que as favelas são comumente associadas a problemas específicos conhecidos, relacionados à desigualdade, à criminalidade, às questões familiares (...), você acha que essas igrejas pentecostais conseguem exercer algum tipo de influência ou são indiferentes no tocante a estes pontos específicos?*

Sim, porque tem muitas igrejas que têm trabalhos sociais que acolhem as pessoas que estão debilitadas, às vezes até mesmo com necessidade de alimentação. E a igreja tem esse trabalho social de ajuda. Muitas igrejas têm, também, convênio com centros de recuperação. A maioria desses jovens do tráfico, às vezes buscam na igreja um auxílio, um socorro, para que eles possam ter uma transformação de vida, levar uma vida melhor. Eles são enviados para esses centros de reabilitação para poderem ter uma recuperação de vida.

36) Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece, sejam eles assistencialistas ou atuantes em outras áreas, como centros de reabilitação?

Sim.

37) Você sabe a área de atuação destes projetos?

Todas as áreas, na verdade.

38) Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário ou prestando seus serviços?

Não.

39) Você acha que esses projetos sociais imprimem algum tipo de impacto nas favelas em que são desenvolvidos, mudando a visão das pessoas a respeito das igrejas, ou reduz algum índice de desigualdade, por exemplo?

Ajuda as pessoas.

40) Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra) positivamente, negativamente, ou de forma indiferente? E a visão que você tem dessas pessoas mudou ou permaneceu inalterada depois da sua conversão?

Na verdade, mesmo quando eu não era cristão, eu nunca fui muito ligado a essas coisas de espiritismo, de candomblé. Mas, também, eu não critico ninguém, cada um na sua religião. São pessoas normais, seres humanos iguais a mim. Eu professo a minha fé, na religião que eu acho que é certa, e eles professam a fé deles, na religião que eles acham que é certa. Sem discriminação. Pra mim, independente se é espírita, se é do candomblé, é um ser humano como eu.

41) *Você considera que a igreja pentecostal das favelas exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante à candidaturas, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Eu não sou muito ligado em questão de política, porque não me desperta interesse. Mas eu conheço igrejas que têm esse tipo de convênio com político, que apoia alguns políticos.

42) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Assim de chegar e ter oportunidade na hora, não, mas já teve alguns políticos que se aproximaram para tentar alguma coisa.

43) *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*

Não.

44) *Você enxerga esse tipo de aproximação como positiva, negativa ou indiferente?*

Eu não concordo com esse tipo de mistura. Eu acho que a igreja não deveria (...), porque hoje em dia tem tanta coisa no mundo, tantas pessoas que começam na igreja e daqui a pouco mudam para o lado da política e acabam se perdendo por causa dos benefícios que a política traz para eles. Acabam se perdendo. Então, eu não vejo com bons olhos.

45) *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?*

Não. A gente avalia, dá uma pesquisada para ver a vida, a conduta da pessoa. Porque se não você põe uma pessoa ali que a vida e a conduta dela não condiz com aquilo que ela fala.

46) *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*

Não.

VII. MARI (negra);

Cargo ou ocupação: Membra regente de louvor do grupo de mulheres e componente da mesa de oração;

Local: Igreja Assembleia de Deus de Padre Miguel, na comunidade da Vila União da Paz (igreja da entrevistada);

Data: Sábado, dia 07/11/2020;

Duração: De 13 horas e 20 minutos às 13 horas 50 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Trinta e oito anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Segundo grau completo.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada?*

Sim, sou copeira.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal?*

Não.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Nasci em Manguinhos, onde vivi quase a minha vida toda, até os trinta e cinco anos, e há três anos eu moro aqui em Vila União da Paz.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades? Se sim, qual?*

Sim. Lá eu participei da Assembleia de Deus Ministério Rua Adonai, e aqui Assembleia de Deus em Padre Miguel.

7) *Estas igrejas são vinculadas a alguma convenção ou são ministérios independentes?*

São vinculadas a convenção. A de Manguinhos é convencionada em Bangu¹⁹⁶ (igreja pertencente ao ministério de Madureira – CONAMAD), e a daqui também é vinculada à Convenção de Madureira – CONAMAD (congregação da sede de Realengo).

8) *Durante quanto tempo você participou de cada uma dessas igrejas?*

Lá eu congreguei por três anos, quando eu tinha dezenove anos, quando eu comecei lá. E aqui eu congrego há quatro anos.

9) *Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)?*

Já, a Igreja Universal do Reino de Deus¹⁹⁷ de Manguinhos.

10) *Durante quanto tempo você frequentou a Universal?*

Durante dois anos.

11) *Você frequentou, mas participou?*

Não.

12) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante atualmente?*

Não.

13) *Possui alguma função?*

Eu sou regente da CIBE, o grupo de mulheres da igreja, e faço parte do círculo de oração.

14) *O círculo de oração são reuniões de oração?*

Sim, isso.

15) *Essas funções que você exerce te exige dedicação integral?*

Não.

¹⁹⁶ Que é vinculada à convenção da Madureira – CONAMAD.

¹⁹⁷ Embora a entrevistada tenha respondido positivamente, trata-se de uma igreja também considerada de matriz pentecostal.

16) Você auferia algum tipo de renda com o desempenho dessas funções?

Não.

17) Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?

Eu me converti aos dezenove anos, mas aí me afastei por um tempo e só retornei há cinco anos.

18) Quantos anos de evangelho você possui atualmente?

Atualmente, cinco anos.

19) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que a sua? E acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?

Não possuo parentes próximos que professem a fé cristã.

20) Você poderia contar, com os detalhes que acha pertinentes, seu testemunho de conversão e a sua trajetória cristã?

Eu era da igreja quando era bem mais nova, quando tinha dezenove anos. Eu frequentava outra igreja, e aconteceram algumas situações na igreja que fizeram com que eu me afastasse. Fiquei afastada longos anos. Na minha conversão, eu vivia uma situação muito complicada (...) eu era mulher de traficante, então eu sofria algumas violências, e já estava vivendo um momento de depressão. Eu tentava me separar e ele não deixava, não me deixava seguir. E, um belo dia, eu encontrei refúgio dentro da igreja. Eu comecei a caminhar e me sentir melhor, e foi nessa fase da minha vida que eu me converti verdadeiramente, e me separei dele, graças a Deus. E agora eu estou aqui servindo a Deus.

21) Então, foram problemas conjugais que levaram à sua conversão, quando você se viu deprimida?

Sim, foi a situação que eu vivia que me levou até a Deus. Eu achei consolo na igreja, foi a forma que eu achei de me reerguer, porque eu já estava ficando depressiva mesmo. Eu trabalhava, chegava do trabalho e ficava trancada dentro de casa até chegar o outro dia em que eu teria que trabalhar de novo, não queria ver ninguém, meu filho mais velho cuidava da menor, fazia comida e as coisas em casa, porque eu ficava deitada o tempo todo (...). E, assim, era uma coisa que ninguém percebia, só eu que sabia a maneira que eu me encontrava mesmo.

E, um belo dia, eu me arrumei e fui à igreja, e ali eu comecei a ir e comecei a me sentir melhor. E foi dessa forma que eu me converti.

22) E como você conseguiu se desvencilhar do seu ex-marido?

Eu orei a Deus e pedi pra que Deus o tirasse do meu caminho, porque ele não iria embora de casa de jeito nenhum. A gente já morava há um ano na mesma casa sem ter nada um com o outro, ele pra lá e eu pra cá (...). Eu pedi a Deus que tirasse ele do meu caminho, de uma forma ou de outra, porque ele não ia embora e não deixava eu seguir. E, assim, eu sempre trabalhei, sempre fui muito independente. Ele tinha a vida errada, eu não. Meu erro era viver junto com ele. Mas eu sempre trabalhei, sempre levei a minha vida direita. Então, chegou um ponto em que eu não queria mais, ele ficou preso durante alguns anos, e durante esse tempo, eu decidi que eu não queria mais aquilo para a minha vida. Quando ele foi solto eu não quis mais ele, mas ele não entendia isso. Ele ficava lá dentro de casa, mas eu já não queria mais. Era muita coisa que se falava dele, sempre muita mulher (...), e para todo mundo, eu era mulher dele, já que eu morava na mesma casa com ele. Eu falei: “Senhor, eu não aceito mais isso”. E aí, um belo dia, eu mandei ele embora e ele foi, graças a Deus, sem briga, sem stress (...). Ainda tentou me perturbar um pouco, mas depois ele viu que eu não queria mais mesmo, e pelo fato de eu ter mudado meu ritmo de vida, ele entendeu que não dava mais. Eu já não saia mais, eu não era de bagunça, ia da igreja para o trabalho, de casa para a igreja. Então ele deixou eu seguir o meu caminho.

23) E depois que você se mudou de Manguinhos?

Aí eu me mudei, quis me mudar. Eu não queria ficar morando lá, porque já tinha passado muita vergonha naquele lugar. Aí eu reencontrei o Paulo Cezar, meu atual esposo. Eu já havia namorado ele há anos atrás, no passado. Ele estava na igreja, eu também. Então resolvemos nos casar. Foi quando eu me mudei para cá. Aí eu vim para essa nova igreja que estou hoje.

24) Qual a importância que a fé cristã na sua vida, ela representa um segmento específico ou engloba todas as áreas (sentimental, profissional, etc.)? Como você dimensiona essa fé?

Ela engloba toda a minha vida, todo o meu dia-a-dia, toda a minha rotina. Tudo é baseado dentro da fé cristã. Todas as áreas da minha vida se baseiam dentro da minha religião, dentro do meu Deus, a quem eu sirvo.

25) *E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um ambiente você ou você considera que tenha uma importância maior? É um lugar que você gosta de ir como todos os outros?*

Não. A igreja pra mim é um ambiente especial, onde eu tenho pessoas que eu gosto, que eu amo, pessoas que têm defeitos, iguais a mim, mas que, no final, tudo dá certo, tudo se encaixa. Então, assim, a igreja é um lugar especial pra mim, um lugar onde eu gosto de estar.

26) *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? Positiva, negativa, indiferente? De que modo, em que áreas?*

Eu acho que exerce sim, porque têm igrejas que têm projetos sociais bem legais, que ajudam as pessoas carentes. A Assembleia de Deus não é muito para esse lado, mas têm outras denominações cristãs que ajudam muito, que estão sempre ali buscando ajudar as pessoas carentes.

27) *Considerando que as favelas são comumente associadas a problemas específicos conhecidos, relacionados à desigualdade, à criminalidade, às questões familiares (...), você acha que essas igrejas evangélicas conseguem exercer algum tipo de influência nessas áreas?*

Creio que sim, também.

28) *Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece, seja na área de saúde, centro de reabilitação?*

Sim. Tem algumas igrejas que são centros de recuperação, e isso acaba ajudando bastante à comunidade nesse ponto.

29) *Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário ou prestando serviços?*

Não.

30) *Que impacto você acha que esses projetos sociais imprimem nas localidades onde eles são desenvolvidos? Se muda a visão das pessoas a respeito das igrejas, ou se ajuda as pessoas a buscarem uma vida melhor?*

Eu acho que causa um impacto positivo, porque dependendo do projeto social, ajuda as pessoas a melhorarem as suas vidas. Tem projetos que são de “portas de emprego”, projetos

que ensinam pessoas que não sabem ler a ler, a voltar a estudar. Então, assim, eu acho que são projetos bem positivos.

31) Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? E a visão que você tem dessas pessoas mudou após a sua conversão?

Eu acho que são pessoas normais, de outra religião. A mim, não influi em nada, eu consigo lidar com elas muito bem, cada um na sua religião, um respeitando o outro como sempre, independente da religião.

32) Você considera que a igreja pentecostal exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante à campanhas eleitorais, leis aprovadas e outras coisas?

Creio que sim.

33) E o contrário? A vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?

De certa forma, sim também.

34) Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?

Sim, já tive. Uma “irmã” trouxe um “irmão” na igreja, ele era candidato a vereador, mas as propostas que ele trouxe não agradaram ao pastor, e não foi feita essa união.

35) Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?

Não.

36) Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?

Não.

37) Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?

Não.

* * *

VIII. BRUNO (negro);

Cargo ou ocupação: Membro que exerce ministério itinerante;

Local: Igreja Assembleia de Deus de Padre Miguel, na comunidade da Vila União da Paz (na ocasião, o entrevistado foi visitar a referida igreja);

Data: Domingo, dia 08/11/2020;

Duração: De 21 horas e 30 minutos às 21 horas e 50 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Vinte e cinco anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Terceiro grau, ensino médio.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

Ainda não.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal? Se sim, qual?*

Sim, trabalho informalmente como babá, essas coisas...

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Sim, nasci na Vila Vintém, onde sempre morei e moro até hoje.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessa localidade? Se sim, qual?*

Sim, da Assembleia de Deus Brasa Viva.

7) *A igreja é vinculada a alguma convenção ou é ministério independente?*

É um ministério independente.

8) *Você se encontra nessa igreja atualmente? Se não, durante quanto tempo você congregou nessa igreja?*

Não, congreguei lá durante uns cinco anos.

9) *Você já participou de outra igreja sem ser essa?*

Sim. Já participei dessa, da Assembleia de Deus de Getúlio Vargas¹⁹⁸, que é ministério independente também, e a agora eu estou na Assembleia de Deus de Vila Vintém, que é vinculada à convenção de Madureira (CONAMAD).

10) *Você ficou cerca de quanto tempo em cada uma dessas igrejas?*

Na Ass. de Deus de Getúlio Vargas, eu fiquei por dois anos; na Ass. de Deus Brasa Viva eu fiquei por cinco anos; e o resto da minha vida, congreguei na Ass. de Deus de Vila Vintém.

11) *Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)?*

Não.

12) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante? Se sim, qual?*

Não possuo cargo eclesiástico, só ministério itinerante na área do louvor.

13) *Esse ministério itinerante exige de você dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?*

Não. Prende, mas não é uma dedicação exclusiva.

14) *Você aufera algum tipo de renda com o desempenho desse ministério, por mais que não seja de maneira direta (salário pago pela igreja)?*

Às vezes sim, às vezes não.

15) *Então não constitui sua fonte de renda principal?*

Exatamente. Isso não é o meu hobby. Não é fixo, mas pode acontecer.

¹⁹⁸ Trata-se de uma rua da favela da Vila Vintém, em Padre Miguel (CEP: 21721-360, RJ).

16) Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?

Eu aceitei a Jesus com quinze anos, mas eu me converti de verdade com dezoito.

17) Mas você nasceu “no evangelho” (criação evangélica)?

Sim, nasci. Mas experiência de conversão eu tive aos dezoito anos.

18) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que a sua? E acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?

Sim, possuo. Isso teve muita influência na minha conversão.

19) Influência positiva ou negativa, isso te ajudou a se converter ou te afastou da conversão?

Tem certos tipos de coisas que a gente não precisa dizer. Basicamente, é o caráter. Conforme o tempo, meu caráter foi mudando e eu fui mostrando como estava sendo crente de verdade... E o próprio Espírito Santo veio mostrando, trazendo à tona. Então, aos poucos, eu vim trazendo minha mãe, meu pai, e agora meu irmão. Isso foi com o tempo, através de como eu ia na igreja, como Jesus tem me mudado por dentro, de dentro para fora, como eu tenho aprendido, como eu tenho me convertido...

20) Então você possuía parentes próximos que já eram cristãos, e isso te influenciou, e você influenciou parentes que não eram cristãos?

Exatamente. Eu fui influenciado pelos meus avós, e influenciei os meus pais e o meu irmão.

21) Qual a importância que a fé cristã na sua vida, ela representa um segmento específico ou engloba todas as áreas (sentimental, profissional, etc.)? Como você dimensiona essa fé?

Ela norteia toda a minha vida, a minha vida toda.

22) E a igreja evangélica pentecostal, especificamente, qual é a importância dela na sua vida? É um lugar aonde você vai e tem uma coletividade com a qual você se relaciona, como em outros lugares, ou você considera que seja um lugar especial?

Para mim, é muito importante. Por exemplo, é como se eu fosse um carro, e minha fonte de gasolina é a igreja. Se eu não sentar na minha igreja, e puser colocar o meu combustível ali, eu não consigo viver os outros dias, eu não tenho esperança. Claro que existem igrejas que são difíceis.

23) *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? De que forma? Se sim, você entende essa influência como sendo negativa, positiva ou indiferente?*

Eu acho que depende do líder. Se o líder for um cara que tem visão, visão do Reino¹⁹⁹, até visão na lógica humana, eu acho que dá super certo. Mas não é porque a igreja está na favela que você tem que ser favelado.

24) *Considerando que as favelas são comumente associadas a problemas específicos conhecidos, relacionados à desigualdade, à criminalidade, às questões familiares (...), você acha que essas igrejas pentecostais conseguem exercer algum tipo de influência ou são indiferentes no tocante a estes pontos específicos?*

É como eu te falei, depende do líder, tanto para influência negativa como para a influência positiva. Exerce algum tipo de influência, mas depende da liderança.

25) *Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece, sejam eles assistencialistas ou atuantes em outras áreas, como centros de reabilitação?*

Sim, tenho.

26) *Você sabe a área de atuação destes projetos?*

Não, mas eu sei que eles existem.

27) *Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário, recebendo cestas básicas ou outros donativos, por exemplo?*

Sim.

28) *Já participou prestando seus serviços, de forma voluntária ou remunerada?*

Sim, de forma voluntária.

¹⁹⁹ Referência ao Reino de Deus. A este respeito, vide Bíblia Sagrada, Romanos 14, 17: “Pois o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo”.

29) *Você acha que esses projetos sociais imprimem algum tipo de impacto nas favelas em que são desenvolvidos, mudando a visão das pessoas a respeito das igrejas, ou reduz algum índice de desigualdade, por exemplo?*

É mais ou menos. Eu acho que é 50% sim, 50% não. Tem algumas pessoas que passam a achar que o povo da igreja “abraça a causa”, e tem outros que acham que é obrigação da igreja fazer isso. Mas tem um impacto.

30) *Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra) positivamente, negativamente, ou de forma indiferente? E a visão que você tem dessas pessoas mudou ou permaneceu inalterada?*

Indiferente. Vamos dizer que se tivesse um macumbeiro do meu lado eu o trataria do mesmo jeito que eu trato uma pessoa evangélica.

31) *Isso se deve à sua própria visão de mundo ou a algum ensinamento doutrinário?*

Se deve a ensinamento doutrinário também: “tratar as pessoas bem”.

32) *Você considera que a igreja pentecostal exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante às campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Sim.

33) *E o contrário? A vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*

Não muita.

34) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Sim, de parar um culto para falar sobre política.

35) *Como ocorreu?*

Foi no culto, em uma igreja em Madureira. Estava tendo o culto, normal. E aí, do nada, o candidato Cezar Maia subiu no púlpito, perguntou se poderia falar algo, e aí começou a falar sobre a candidatura dele. Depois desceu e foi embora.

36) *E foi falado somente sobre a candidatura, questões políticas, ou ele também fez pregação?*

Não. Foi política, só isso.

37) *Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?*

Não.

38) *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?*

Sim, já.

39) *Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?*

Não.

* * *

IX. JEREMIAS (negro);

Cargo ou ocupação: Presbítero;

Local: Igreja Assembleia de Deus de Padre Miguel, na comunidade da Vila União da Paz (igreja do entrevistado);

Data: Quarta-feira, dia 11/11/2020;

Duração: De 21 horas e 15 minutos às 21 horas e 30 minutos.

1) *Quantos anos você tem?*

Cinquenta e quatro anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino médio completo.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

Sim, sou porteiro de escola.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal? Se sim, qual?*

Sim, sou técnico de refrigeração e eletricista.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Sim, nasci no Complexo do Andaraí, e hoje eu resido na comunidade Vila União da Paz. Residi no Andaraí mais ou menos até os trinta e cinco anos, aí eu vim para Bangu e depois para Vila União da Paz.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades? Se sim, qual?*

Só aqui em Vila União da Paz.

7) *A igreja é vinculada a alguma convenção ou é ministério independente?*

É ligada à convenção de Madureira - CONAMAD.

8) *Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)?*

Não.

9) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante nessa igreja? Se sim, qual?*

Sim, sou presbítero.

10) *Esse cargo eclesiástico exige de você dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?*

Eu tenho que me dedicar, mas não integralmente.

11) *Você auferir algum tipo de renda com o desempenho desse cargo eclesiástico?*

Não.

12) *Você nasceu na igreja?*

Não.

13) Então, com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?

Eu me converti aos trinta e sete anos.

14) Você se considera cristão atualmente?

Sim.

15) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a fé cristã?

Meus irmãos. Meus pais não, eles já professaram, hoje não.

16) Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?

Sim, positiva.

17) Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?

Eu encontrei o evangelho através de uma situação complicada que eu vivi, e eu vi que aquela situação em que eu vivia estava me levando para o fundo do poço. E quando eu cheguei ao fundo do poço, foi aonde eu vi que não tinha mais solução, e a única solução que tinha era me apegar com Cristo.

18) Mas que tipo de situação foi essa, crise conjugal?

Eu vivi uma vida errada no tráfico.

19) E como aconteceu, alguém lhe convidou pra ir à igreja?

Alguém me convidou, e ali e eu fui visitar, e foi quando Deus começou a fazer a obra d'Ele na minha vida.

20) Você era casado nessa época?

Sim, casado, com três filhos.

21) Mais ou menos quantos anos você tinha nessa época?

Tinha trinta e sete anos.

22) Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas?

Sim, com certeza.

23) *Em que áreas, assistência, combate á criminalidade?*

Nas áreas sociais. Assistencial (...). Eu vejo que em todas as áreas, na área esportiva, na área social, de alimentos, essas coisas (...).

24) *E no tocante à criminalidade, você acha que essas igrejas exercem algum tipo de influência?*

Exerce, e eu sou uma das pessoas que faz esse trabalho, procurando tirar as pessoas que estão na criminalidade e levar para o caminho de Cristo.

25) *Que foi o que aconteceu com você, basicamente?*

Isso.

26) *Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece, sejam eles assistencialistas ou atuantes em outras áreas, como centros de reabilitação?*

Sim, tenho conhecimento.

27) *Você sabe a área de atuação destes projetos, assistencialista, centro de reabilitação?*

Centro de reabilitação.

28) *Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário ou prestando serviços?*

Sim, participo até hoje, prestando serviços.

29) *De forma remunerada ou voluntariamente?*

De forma voluntária.

30) *Qual seria esse serviço?*

Pegar pessoas moradoras de rua, pessoas que estão sem perspectiva de vida, e querem mudar de vida (...). A gente vai em busca dessas pessoas. Vamos em busca de pessoas com a doença da dependência química.

31) *E levam pra o centro de reabilitação?*

Levamos para o centro de recuperação, e lá nós fazemos o acompanhamento. São pessoas que não querem mais viver essa vida e procuram um lugar para se reabilitarem à sociedade novamente.

32) *Que impacto você acha que esses projetos sociais causam nas favelas em que são desenvolvidos?*

Causam um impacto muito grande, porque através desses projetos, pelo que eu vejo aqui na comunidade, você tem muitas pessoas saindo do caminho errado e procurando trilhar um caminho correto através dos ensinamentos (...).

33) *Como enxerga as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? E a visão que você tem dessas pessoas mudou ou permaneceu inalterada depois da sua conversão?*

Para mim não muda nada, é o direito de escolha. Nós vivemos em um país laico. Eu os enxergo como enxergo a mim mesmo, são pessoas normais.

34) *Você considera que a igreja pentecostal exerce algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante às campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Exerce sim.

35) *E o contrário? A vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais?*

No mundo em que vivemos hoje, sim.

36) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada a este tipo de influência, como, por exemplo, a aproximação de candidatos a cargos políticos da membresia da igreja ou de eventos de culto?*

Não.

37) *Você já foi procurado para promover esse tipo de aproximação?*

Sim, já fui procurado.

38) *Como ocorreu, a pessoa pediu para que você a levasse na sua igreja?*

A pessoa pediu, mas só que eu não sou muito a favor disso não.

39) Você enxerga esse tipo de aproximação como sendo positiva ou negativa e por quê?

Eu vejo algo negativo. Por um lado, eu acho negativo, mas por outro eu acho positivo. Positivo, porque não tem como, a igreja, querendo ou não, vai se envolver com política. E negativo porque as pessoas passam a ver a igreja com outros olhos, porque, no entendimento delas, a igreja não poderia se envolver com política.

40) Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?

Sim. Por ele professar a fé cristã, sim. Mas devido a esse tipo de aproximação, não.

41) Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?

Eu me lembro de um fato que aconteceu aqui mesmo na nossa comunidade: vieram parar aqui dentro da igreja dois jovens que iriam ser mortos, assassinados. Mas Deus nos usou e nós os pegamos e os trouxemos para dentro da igreja, e eles não foram mortos por isso. E a igreja abraçou eles.

42) E as pessoas que iriam executá-los respeitaram o fato de eles estarem dentro da igreja?

Respeitaram os irmãos da igreja que foram lá fazer o pedido para que não fizessem aquilo com eles. Respeitaram e respeitam.

43) Então isso exemplifica a influência dessas igrejas por que ela consegue interferir nesse tipo de situação?

Sim, porque ela consegue interferir nesse tipo de coisa.

44) Mais alguma experiência desse tipo?

Tenho várias, muitas. Tem uma experiência que eu mesmo vivi aqui dentro das nossas redondezas (...), de eu chegar e um casal de jovens pronto para ser executado, e nós chegamos ali, conversamos com eles e eles nos respeitaram. E ali eles falaram conosco que era pra nós tirarmos eles dali e levá-los para um centro de recuperação.

45) Por que se não eles iriam morrer?

Sim, se não eles iriam morrer. Não deu nem tempo de trazermos eles para a igreja, só deu tempo de a gente pegar eles, colocar no carro e levar para o centro de reabilitação. Deixar eles lá e fazer o acompanhamento com eles. E um deles é pastor da igreja.

46) E isso não tem nenhum tipo de retaliação por parte das pessoas que ordenam essas execuções, ameaça de morte a quem livrou os jurados de execução?

Não tem, porque a influência da igreja aqui é muito grande com relação a isso.

47) Os chefes que ordenam essas execuções respeitam?

Respeitam. E a maioria deles são tudo afastados²⁰⁰, já conhecedores da palavra de Deus.

48) Então a igreja consegue travar esses mandamentos de execução?

Com certeza.

* * *

X. LUCIA (negra);

Cargo ou ocupação: Membro componente da mesa de oração;

Local: Residência da entrevistada, na comunidade do Batan, em Realengo;

Data: Domingo, dia 15/11/2020;

Duração: De 21 horas e 20 minutos às 22 horas.

1) Quantos anos você tem?

Trinta e quatro anos.

2) Qual é o seu grau de escolaridade?

Ensino médio completo.

²⁰⁰ Termo que faz alusão às pessoas que se afastaram do convívio religioso nessas igrejas evangélicas. Geralmente, são filhos de pais evangélicos.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

No momento, não.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal? Se sim, qual?*

Sim: unha, trança de cabelo (...), estética no geral.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Sim. Nasci e fui criada em Senador Camará, onde morei até os vinte anos. Depois eu fui para Itaipu, Belford Roxo – é favela porque, se tem tráfico, para mim, é favela – e morei lá até os vinte e oito, depois eu saí e vim morar no Batan, onde moro até então.

6) *Nessas comunidades em que você residiu, você já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal? Se sim, qual?*

Sim. Em Senador Camará eu frequentava a igreja batista, que era pentecostal, em Belford Roxo, a Assembleia, e hoje a Assembleia também.

7) *A igreja é vinculada a alguma convenção ou é ministério independente?*

A de Belford Roxo era ministério independente; a de Senador Camará é vinculada à convenção; e a de Realengo também, a convenção de Madureira – CONAMAD.

8) *Já frequentou ou participou diretamente de igrejas evangélicas de matrizes não pentecostais (batista / presbiteriana / adventista)?*

Sim, a igreja batista, mas ela era pentecostal.

9) *Quanto tempo você ficou em cada uma delas?*

A primeira eu só frequentava mesmo, porque minha família toda veio do espiritismo, então eu só gostava, eu ia de vez em quando.

10) *Mas você começou a frequentar com quantos anos?*

Comecei a frequentar com doze anos, mas só frequentava, porque na época eu achava que minha mãe não ia gostar. Eu ia e depois voltava para casa como se nada tivesse acontecido, até que um dia eles foram bater na minha porta para poder me dar estudo em casa. Aí minha mãe ficou sabendo e liberou.

11) E as outras, você começou a frequentar com quantos anos?

Frequentei, mas não participei da membresia. Foi no período de um ano e pouco, no finalzinho, quando já estava saindo de lá. Eu aceitei a Jesus precisamente lá.

12) E nessa última, você ficou mais ou menos quanto tempo?

Já tem onze anos, na Assembleia de Deus.

13) Mas em uma mesma igreja ou no campo²⁰¹?

Não. Depois que eu saí de Belford Roxo, eu vim para Realengo, e vim para uma outra congregação, que era uma congregação de Padre Miguel, dirigida pela Pra.Valnice (congreguei cerca de dois anos). Depois d'ali eu congreguei no Pr. Lorival, ali na subida do monte (congreguei cerca de quatro anos), e depois eu fui para a sede (referência à igreja sede do campo de Realengo), campo em que estou até hoje, só troquei de congregação.

14) Atualmente, você está em que congregação?

Atualmente, congregação de Padre Miguel (a entrevistada também fez referência à igreja do campo de Realengo em que congregou anteriormente, a congregação da Água Branca, na favela do Fumacê).

15) Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante nessa igreja? Se sim, qual?

Não.

16) Você exerce alguma função na igreja?

Sim. Desde o meio do ano passado eu estou na “mesa de oração”. E auxilio as pessoas que chegam, que fazem parte da congregação. Isso é uma rotina normal, abraçar as pessoas.

17) Essa função te exige dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?

Não.

18) Você aufera algum tipo de renda com o desempenho desse cargo eclesiástico?

²⁰¹ As Assembleias de Deus vinculadas ao ministério de Madureira (CONAMD) são divididas por campos, de modo que o campo de Realengo possui diversas congregações, sendo a igreja sede dessas congregações a que se situa na comunidade do Batan.

Não.

19) Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?

Eu acho que foi no período que eu vim para cá, quando a ficha caiu. Eu aceitei a Jesus lá em Itaipu, Belford Roxo, eu tinha cerca de vinte e oito anos. E quando eu tinha uns vinte e nove, trinta, foi que a ficha caiu mesmo. Foi quando eu entendi que eu tinha que seguir isso, e que seria a melhor opção para a minha vida. Mas que tinha que ser de uma maneira bem correta, que eu tinha que ter certeza de como eu iria fazer isso. Antes eu visitava, frequentava, gostava, mas era como uma dipirona: está com uma dor de cabeça, toma que daqui a pouco passa.

20) Era um lugar que você gostava de frequentar?

Sim, não era uma coisa de comprometimento. Mas eu acho que a ficha caiu, a responsabilidade mesmo, eu peguei com uns vinte e nove, trinta anos, quando eu já morava aqui em Realengo, já na igreja sede.

21) Você se considera cristã atualmente?

Sim.

22) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a fé cristã?

Sim, professam atualmente, mas não professaram sempre. A minha família vem toda do espiritismo, toda ela, da parte de pai e da parte de mãe. Meus avós, todo mundo veio de espiritismo. E isso veio se modificando com as novas gerações, que é a minha geração e dos meus irmãos, minhas primas.

23) Mas isso começou através de você ou foi individual, cada um foi seguindo?

Começou comigo.

24) Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?

Não, eu acho que foi uma questão mais de identificação, porque a minha mãe nunca forçou. Eu sou filha de uma mulher que tem quatro filhos, e ela nunca forçou a sua religião para a gente. Ela nunca impôs que a religião dela deveria ser a nossa. Pelo contrário, ela sempre dizia que a gente podia escolher, podia fazer o que a gente quisesse. Tanto que quando ela

descobriu que eu estava visitando, às vezes, a igreja lá em Camará, na minha infância, quando eles foram na minha casa oferecendo o estudo no lar, ela riu e deixou, liberou. E todos os domingos eles iam lá dar o estudo. E acabaram dando estudo para o meu irmão também. Então a minha mãe sempre tirou isso de boa. E minha mãe tinha terreiro, minha avó, todo mundo. Mas minha mãe nunca foi uma pessoa que “encrecasse” com isso não.

25) Então as pessoas da sua família que hoje professam a fé cristã começaram a vir, mas através de você?

Sim.

26) Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?

Eu entendi e abracei o caminho de Cristo através do complexo de inferioridade, eu tinha um complexo de inferioridade muito grande. Com isso, eu tinha dificuldade de me comunicar com as pessoas. Eu tinha dificuldade de me comunicar com as minhas irmãs, porque elas eram muito descoladas, arrumavam namorados, e eu me sentia o patinho feio. Eu era a feia da casa. Então, eu dormia muito. Só comia miojo, e deitava e me cobria, ficava coberta da cabeça aos pés. E a minha vida era assim. Eu passei a minha infância toda assim. E minha irmã mais velha encrecava muito comigo por isso, porque ela era “a top”. Ela era a mais bonita da escola, a mais bonita do bairro, todos os meninos a queriam. E eu falava: “eu nunca vou alcançar isso, então, vou ficar aqui na minha cama mesmo”. Então, eu tinha muita depressão, porque eu perdi meu pai quando tinha cinco anos de idade, e como sentia uma diferença muito grande na criação da minha mãe comigo e os meus irmãos, a falta do meu pai me dava a entender que se ele estivesse, eu seria abraçada, teria essa assistência por parte dele. Então, isso me gerou uma baixa autoestima muito grande. Eu me sentia muito sozinha.

E eu comecei a frequentar os cultos. E ia, me sentia bem. Aquela dor interna que eu sentia, eu não sentia quando estava nos cultos. Então eu entendia que aquilo era bom para mim, e ia, às vezes. Mas como eu sempre tive um temperamento muito forte, eu achava que não ia conseguir ficar. Além da baixa autoestima, eu reagia aos meus traumas com muita agressividade. Eu me tornei uma pessoa muito agressiva, tanto nas palavras quanto nas atitudes. No intuito de entender que as pessoas me repeliam e não me queriam, eu já repelia as pessoas antes. Eu passava a não querer as pessoas perto de mim, para que elas não viessem a se desfazer de mim, porque eu tinha isso no meu subconsciente. Então, eu comecei a agir dessa forma. Eu era uma pessoa muito difícil de as pessoas terem acesso, estava sempre desconfiada de alguma coisa, mas ao mesmo tempo eu acabava mendigando a atenção dessas

peessoas (...). Um exemplo, a minha irmã mais velha faz aniversário dia 10 de outubro e eu faço dia 7. No aniversário dela, a minha tia que é madrinha dela fazia um bolo para ela, e a minha prima fazia um bolo menor para mim. E eu me incomodava muito com isso, de sempre estar na dependência de alguém: eu nunca tive um bolo para mim, eu tinha um bolo que era da minha irmã, aí ela vinha e fazia um bolo pequeno para mim. Então isso, para mim, era uma mendigação muito grande. Devido a essa fragilidade nos sentimentos, era uma necessidade muito grande de depender de alguém. Ao mesmo tempo em que eu não sabia lidar com isso, não sabia atrair as pessoas, e ao mesmo tempo eu também queria isso. Como eu não encontrava isso na minha mãe e nos meus irmãos, comecei a agir truculentamente: eu chegava e batia, discutia (...). Eu não gostava de ser assim, mas era espontâneo, era normal, era automático, quando eu via, já tinha feito.

E conforme o tempo foi passando, e comecei a depositar essa carência, essa dependência, na minha vida sentimental. E foi quando eu conheci o pai do meu filho. Hoje eu entendo dessa forma, devido à maturidade. Por estar envolvida com Cristo, hoje eu entendo dessa forma, que eu depositei toda essa carência que eu tinha do meu pai e da minha mãe no pai do meu filho. Foi quando eu fiquei subjugada a ele. E fiquei com ele, e passei tudo o que eu tinha que passar com ele, tive um filho (...). E para mim, quando eu me separei dele, que foi a primeira coisa que se desfez quando um me converti de fato (...), eu costumo dizer que o primeiro Isaque que Deus me pediu para sacrificar²⁰² foi o meu casamento, minha relação com o pai do meu filho, porque eu acho que se estivesse com ele até hoje, eu não estaria no evangelho. Porque o evangelho te ensina que você precisa estar dedicada a Cristo, e o meu cristo era o pai do meu filho, porque ele me dava a assistência que ninguém me dava. Então, seria muito difícil estar com ele e estar com Cristo, ia ser uma guerra muito grande, porque ele era o cristo da minha vida até então. Foi daí que eu passei a caminhar. Esse relacionamento deu errado, esse casamento acabou e, a partir disso, eu depositei essa fragilidade que eu já tinha, e essa minha frustração do casamento, no evangelho. Foi quando eu aceitei a Jesus. Meu casamento acabou num dia e no mesmo dia, à noite, eu aceitei a Jesus na igreja cristã pentecostal.

27) Você foi morar em Belford Roxo quando casou com o pai do seu filho?

Isso. Eu não cheguei a casar com ele “no papel”, só fui morar junto.

²⁰² Referência à passagem bíblica em que Deus requer do patriarca Abraão o sacrifício de seu filho unigênito, Isaque, em holocausto – Gênesis, capítulo 22, versículos 1 a 12, Bíblia Sagrada.

28) *Seu filho tem quanto anos hoje?*

Dezesseis.

29) *Então você aceitou a Jesus quando terminou o seu relacionamento?*

Não foi bem assim. Começou a acontecer uma série de coisas no relacionamento. A mãe dele era racista, não gostava da gente, de mim e do meu filho.

30) *Ele era branco (o companheiro)?*

Muito branco. Quando eu engravidei do meu filho, eu não estava com ele, a gente tinha brigado. Aí nos encontramos de novo e eu engravidei. Quando ela (a sogra) ficou sabendo disso, ela fez as contas e deu um prazo para o Kauã (o filho) nascer. Ela falou: “esse menino, então, tem até dia 22 de maio para nascer, se ele não nascer até lá não é meu neto, porque eu fiz as contas”. O Kauã nasceu dia 21 de maio, e mesmo assim ela continuou com essa perseguição, porque eu sou negra. E na família dela entraram duas pessoas da mesma família. A Vanessa e o meu filho são primos duas vezes, porque a minha irmã mais velha namorava o filho dela mais novo, e eu namorava o mais velho. Mas o preconceito dela era mais comigo, porque eu tenho a pele mais escura e a minha irmã mais velha não. Então, quando vi que aquilo ficou muito desgastante, ficou muito complicado (...), ele começou a trabalhar e ele tinha uma dependência muito grande dela, ele fazia tudo por ela. Eu não via o dinheiro, não via nada, ela que dominava tudo: quando eu via, as compras já chegavam em casa, porque ela já tinha feito as minhas compras. Então isso tudo foi gerando um transtorno muito grande, até que a gente se separou. E nessa separação, eu depositei essa carência toda no evangelho. E foi o suprimento que me supre até hoje e, graças a Deus, eu estou bem.

31) *Aí você foi caminhado autonomamente, a partir disso?*

Sim, exatamente.

32) *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? Por quê?*

Toda influência, porque aquilo que o Estado, o governo, não consegue fazer, a igreja tem cooperado da melhor forma possível, dentro das suas condições. Eu tive um relacionamento agora que meu atual marido veio da dependência química, e nessa dependência ele foi muito bem amparado, não pelo Estado, não pelo governo, mas pela igreja. Ele tinha surtos, ele parava na rua, virava mendigo, e a igreja fez esse papel de buscar ele várias vezes, de dar

banho, de cuidar, de levar ao médico, de marcar exames. A igreja e todas as pessoas que fazem parte do evangelho se mobilizaram muito em ajudar ele, ele e outras pessoas que eu conheço, também na mesma situação. E em outras situações, como mulheres que venham da prostituição, que geraram filhos e não tiveram condições de criar esses filhos (...). Eu vejo a igreja tratar muito desse tipo de pessoas, como eu também fui muito tratada no sentido de ser mãe solteira. Porque a sociedade também, o governo e o Estado não sabem lidar muito bem com a mãe solteira. E a igreja vem trabalhando muito em cima disso também. Então eu acho que tem uma importância direta.

33) *Você tem conhecimento de projetos sociais de qualquer área, promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece?*

Sim, centros de recuperação. Também tem o “Amigos da Madrugada”, que são aqueles que oferecem alimentos para moradores de rua, dependentes (...). E tem também aquelas equipes que trabalham muito nas portas de prostíbulos, que são daquelas igrejas pentecostais em que as mulheres se vestem com roupões. Tem um trabalho muito forte também que é realizado nas portas dos presídios. Eu também já fiz parte desse trabalho e é muito bom. O resultado é muito rápido.

34) *Em que consistia esse trabalho de porta de presídio?*

A gente chega na porta do presídio na hora que as pessoas costumam chegar, que é às 4:00h da manhã, 6:00h da manhã, e recebe essas pessoas lá na hora que elas chegam.

35) *Os presos?*

Não, os familiares do preso que vão para a visita. E lá na porta do presídio essas pessoas contam suas histórias, recebem oração, são instruídas como lidar com o familiar preso. E é um trabalho que faz uma diferença muito grande.

36) *Com relação ao psicológico das pessoas?*

Sim. Equilíbrio emocional. Como conduzir as situações. Instruir as famílias que são custeadas pelo tráfico – até as passagens das pessoas para elas irem até ali. Muitas vezes, a igreja consegue convencer essa família a criar um mecanismo de não depender mais do tráfico, para que o preso, quando sair, não tenha uma dívida com o tráfico. Isso tudo é bem trabalhado pela igreja, na porta do presídio.

37) *Esses projetos são sempre ligados à instituição da igreja ou tem aqueles que são desenvolvidos autonomamente pelos membros?*

Tem projetos que são pessoas, são os membros que gostam de fazer, como é o meu caso. Tem algumas equipes que eu frequento que são formadas por pessoas de várias denominações, de várias igrejas, que se juntam para fazer uma determinada obra, como também nos hospitais.

38) *Vista a doentes?*

Sim.

39) *Você já participou de algum projeto desta espécie como beneficiário?*

Sim, eu acho que eu já precisei da ajuda da igreja com relação a alimentos no começo da caminhada. Como meu filho era muito pequeno (...). No começo, eu tive um casal que me ajudou muito nesse sentido.

40) *Teve também a questão do seu atual marido?*

Sim. O meu marido precisou muito porque a situação dele era bem complicada.

41) *Você já participou de projetos desse tipo prestando serviços?*

Sim, nas portas de presídio e nos hospitais.

42) *Essa participação foi remunerada ou voluntária?*

Voluntária.

43) *Que impacto você acha que esses projetos sociais causam nas favelas em que são desenvolvidos, positivo ou negativo?*

Eu acredito que seja positivo e acho que não seja só uma questão de mudança de vida, é uma questão de demonstração de que dá para viver uma outra realidade de vida. Acredito que esses projetos demonstram para as pessoas que dá para viver diferente, dá para ser diferente, porque a nossa cultura social numa determinada comunidade nos amostra só um caminho. Quando você conhece esse tipo de projeto, você entende que existem “n” caminhos para você poder guiar a sua vida, administrar a sua vida de outras formas. Aquilo o que você cresce vendo que para ter o dinheiro, para ter o sapato, para ter a roupa (...), você precisa se prostituir, você precisa traficar, você precisa roubar (...). Quando você conhece um projeto desses da igreja, e não tem uma família estruturada que te ensine isso, e você depende de alguém que venha de

fora como a igreja, para te instruir nisso, você aprende que dá para ser apoiado por alguém, dá para ser redirecionado para investir nos estudos, dá para fazer escolhas que não estão inseridos na sua cultura familiar. Dá para você ter uma vida diferente mesmo sendo morador de comunidade.

44) Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? Positivamente, negativamente ou indiferente?

Enxergo positivamente. E eu não tenho nenhum tipo de resistência, porque minha família vem disso. A forma como as pessoas vêm tanto o evangelho quanto o espiritismo é uma forma baseada em conhecimento nenhum. Elas não conhecem e têm um pré-julgamento daquilo que elas não conhecem, elas discutem sobre algo que não conhecem.

Um exemplo: um ignorante no evangelho, uma pessoa que não conheça direito o evangelho e não conheça direito o espiritismo, toda pessoa que vá parar no tráfico de drogas é por conta de demônios, e se é por conta de demônios, todo mundo que faz parte do espiritismo cultua a demônios, então todas aquelas pessoas farão parte do tráfico. E isso não é verdade, isso não é um fato.

Eu costumo até brincar lá em casa, eu falo: “gente, se o diabo fosse o regente e o determinador da vida das pessoas, todo mundo aqui era pra ser traficante”, porque até o Zé pelintra²⁰³ disciplinava a gente. Já teve época da a gente chegar em casa fugido, porque era para chegar em casa no horário certo (ia brincar na rua e tinha que chegar em casa às 22:00h, porque morava em apartamento, mas a gente chegava mais tarde). Aí a minha mãe chegava em casa e “virava no santo”. E o santo chamava a atenção da gente, falava pra nós assim: “minha menina já não falou para vocês não ficarem na rua!”. Porque minha mãe foi mãe solteira e criava quatro filhos dentro de uma comunidade chamada Sapo de Camará. Então lá era muito perigoso, e ela tinha uma preocupação muito grande com isso. E ela “virava no santo” e ele falava: “minha menina já não falou para vocês obedecerem, para vocês não fazerem o que ela não quer?! Vocês não sabem o que vocês têm que fazer?! Então! Se continuar assim, eu vou sumir com vocês na madrugada.” Então, através disso, o meu irmão não se envolveu com o tráfico, não se envolveu com nada. E minha mãe não orava, minha mãe não jejuava, como a igreja faz. A minha mãe era literalmente espirita, ela dava consulta pra nós termos que o que comer. Minha mãe fala pra gente que ela dava consulta para pessoas de muito dinheiro, até pessoas que trabalhavam na Globo, na época. E era aquilo que

²⁰³ Entidade de cultos afro-brasileiros, especialmente os umbandistas.

sustentava a gente. Então, se é para espiritualizar tudo e demonizar tudo, então a nossa mamadeira era endemoniada, o nosso leite era endemoniado, a nossa roupa era endemoniada, tudo. O nosso fio de cabelo tinha demônio, se for para colocar dessa forma. Era para sermos as piores pessoas do mundo.

Então, é questão de escolha mesmo, cultura familiar. Eu tenho o evangelho de base na minha vida pela paz que ele me trouxe. O evangelho me trouxe uma paz que eu não tive. Uma paz que, por mais que eu conversasse com a minha mãe “virada na pomba-gira”, com a minha mãe “virada no sete encruzilhadas”, com a minha mãe “virada no zé pelintra”, aquele preenchimento que precisava dentro do meu ser, eles não me davam. Eles não conseguiam me preencher isso, essa carência, essa dependência. E eles não conseguiam fazer com que minha mãe entendesse a necessidade que eu tinha dela. Eles não conseguiam tirar de mim a revolta que eu fiquei dela, devido à diferença na criação dos filhos. Então, para mim eles falharam. Aquela religião já não me servia. Porque, já que eles eram tudo e a minha família tinha isso como base, que eles eram “os caras”, eles sabiam de tudo, porque eram espíritos e tudo mais, eu achava que esses espíritos tinha que falar.

Eu me lembro que uma vez eu tomei uma coça. A minha prima roubou um danone. Minha mãe fez compra, minha avó fez compra, todo mundo fez compra. E, nessa época, éramos bem pequenininhos, morava todo mundo junto. E minha prima roubou um danone, mas a minha avó disse que fui eu que tinha roubado aquele danone. E eu tomei uma coça da minha avó, e depois quando ela contou para a minha mãe, a minha mãe me deu uma coça também. Aí eu falei: “Por que a senhora não pergunta aos seus diabos, se eles sabem de tudo. Por que a senhora não pergunta para eles se fui eu que tomei o danone?”. Aí aquilo me revoltou bastante, porque eles não eram tudo? Não falavam tudo? Não sabiam de tudo?! Por que eles não contaram para ela que não tinha sido eu quem tinha tomado o danone? Então eu questionava muito essas coisas: “se eles são tudo, por que eles não resolvem tudo?”. E eu comecei a questionar muito isso, a minha fé começou a ser questionada com relação a eles nesse sentido, porque eu via muita diferença, e não via eles fazerem nada com relação a essa diferença. Eu me sentia muito excluída, e eu achava que eles tinham que fazer alguma coisa. Porque me apresentaram que eles eram a solução da minha vida, então a solução da minha vida tinha que resolver meu sentimento de exclusão. E, como eu não consegui ver isso, eu acabei me voltando para o evangelho, e eu senti esse preenchimento no evangelho. Até essa minha aproximação com a minha mãe, eu tive através do evangelho. Com ela, com os meus irmãos. Essa barreira que eu tinha com a minha família foi quebrada através do evangelho, não com o espiritismo.

45) Você acha que essa sua visão do espiritismo mudou com a sua conversão, ou não, se deve à sua própria visão de mundo?

Não, é a minha visão de mundo. Porque eu já pensava dessa forma a partir do momento que eu não concordava com muitas coisas. Como também tem coisas no evangelho que eu não concordo. Mas eu procuro ler aquilo que é de base, de estrutura do evangelho, que é o texto sagrado (Bíblia), para que eu entenda o que é realmente esse evangelho, o que é lei de Deus e o que não é. Porque, às vezes, a pessoa conhece um evangelho que não existe, um evangelho que é um jugo. Parece que é um fardo ser cristão. Ao invés de você ser desligado daquelas amarras, parece que você é amarrado. Porque no tipo de evangelho que eles colocam, você não pode isso, você não pode aquilo, você não pode aquilo outro. Eu continuo sendo a mesma pessoa, eu continuo tendo o temperamento muito forte, e eu vejo que o evangelho na minha vida vem dosando e trabalhando isso aos poucos, na questão do esclarecimento. Eu sirvo a um Cristo que primeiro trabalha e me convence mentalmente. Ele não me obriga a alguma coisa, ele me convence mentalmente de que isso não está certo: “não precisa responder assim, não precisa ser assim, você está descontando uma inquietação sua de uma área em uma outra coisa, você não precisa disso”. O evangelho me esclarece muito meu pensamento com relação a isso, e eu acabo entendendo que isso é instrução divina para a minha vida, e que seguir o evangelho é algo prático e fácil. Não sei para as outras pessoas, mas para mim é tudo muito prático, tudo muito fácil. Eu não sinto esse peso que parece que é.

46) Você considera que as igrejas pentecostais exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?

Acho que hoje, sim. Acho que o cristão está começando a entender que ele tem responsabilidade sobre isso também, que nós somos, como diz a Bíblia, filhos de Deus, mas nós somos seres humanos, e temos responsabilidade humanas que são independentes da fé, da religião. Eu preciso entender como está sendo conduzido o meu país, para que eu possa ajudar da melhor forma diretamente como pessoa. Porque eu posso influenciar o meu país com relação à minha religião, mas também posso influenciar o meu país com relação à minha pessoa. Eu preciso saber como lidar, como pessoa, com o meu país. E eu acho que o evangelho hoje está amadurecendo nesse sentido, eles estão entendendo que precisam ter a mente mais aberta, precisam entender que têm que estar cientes das coisas, conhecer do assunto, se aprofundar no conhecimento, para dar algum tipo de palpite, para falar alguma

coisa, para influenciar de alguma forma, de maneira positiva. Para influenciar, você precisa conhecer. Não como influenciar se você não conhece.

47) Não só os cristãos individualmente, mas as igrejas pentecostais enquanto grupo/segmento, exercem algum tipo de influência na vida política nacional?

Sim.

48) E o contrário? A vida política nacional exerce algum tipo de influência nas igrejas pentecostais? Por quê?

Muita. Pelo preconceito. Porque foi gerado um preconceito com relação ao evangelho. Devido a essa visão distorcida do que é evangelho, se gerou um preconceito. E esse preconceito fez com que os evangélicos pareçam os ditadores. Parece que os evangélicos são pessoas que não respeitam a opinião dos outros, e não é isso o que a Bíblia diz, não é isso que os evangélicos esclarecidos que estudam e que leem praticam. Então influencia muito sim, porque eles começam a criar leis que vai nos impedir de fazer coisas que são necessárias, como evangelização nos ônibus, nos trens (...). É algo que tem um impacto muito grande na vida das pessoas. Como eu vim da depressão, do complexo de inferioridade, para mim, ouvir falar de um Cristo que ama, ouvir alguém falar de um Cristo que tem poder para curar todas as feridas, dentro de uma condução, me aliviava bastante. E quando a política tira isso, ela está atrapalhando, está influenciando de uma forma negativa no papel da igreja e do evangelho na sociedade.

49) Você enxerga essa influência mútua, as igrejas pentecostais na vida política nacional, e vice-versa, positivamente ou negativamente?

Com bons olhos, porque assim como política precisa entender e aprender o que é o evangelho, o evangelho também precisa aprender e entender o que é política. Isso faz com que um procure entender melhor o outro, e faz com que a gente se revele mais, estando mais prontos para poder explicar. Como está sendo a entrevista agora, você dá uma liberdade do evangelho se explicar, e você dá a liberdade de qualquer pessoa da área da política venha, também, a ter esse contato, a liberdade de expor as suas opiniões.

50) Você já teve alguma experiência pessoal relacionada à aproximação de candidatos políticos da membresia ou de ambiente de culto? Se sim, como aconteceu?

Sim. Teve um político que pediu a oportunidade, o Pr. Presidente na época, concedeu a oportunidade para e ele, e ele falou dos projetos, daquilo que ele tinha como proposta na plataforma dele, para a sociedade, e aquilo que também poder ser benéfico para a sociedade cristã. E aquela parte do culto, cerca de uma hora e meia, se não me engano, foi reservada para isso.

51) Você já foi procurado pra promover esse tipo de aproximação?

Sim, esse ano.

52) E você fez? Por quê?

Não. Eu não “senti firmeza”. O que ele me apresentou, eu achei que não tinha nada a ver com a igreja em si. As propostas dele não me agradavam. E, se não me agrada, eu não vou oferecer algo que não me agrada.

53) Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?

Devido a ele professar a fé cristã influencia muito.

54) Então você já se sentiu mais confortável pelo fato de o candidato professar a fé cristã, mas não pelo fato de ele ter promovido algum tipo de aproximação?

Isso. Mais pela fé cristã mesmo. Hoje a gente vê que tem esse embate, essa coisa de as pessoas não entenderem muito do evangelho e a gente sentir a necessidade de ter alguém que nos represente lá.

55) Gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere pertinente ao objeto da pesquisa?

Não.

* * *

XI. FRANCISCO (pardo);

Cargo ou ocupação: Pastor;

Local: Residência do entrevistado, Jardim Paulista, em Campo Grande;

Data: Terça-feira, dia 24/11/2020;

Duração: De 18 horas e 10 minutos às 19 horas.

➤ *Quantos anos você tem?*

Quarenta e oito anos.

➤ *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino médio completo.

➤ *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

Não, no momento não.

➤ *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal? Se sim, qual?*

Não, também não.

➤ *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Nasci e fui criado na comunidade da Mangueira.

➤ *Você saiu de lá com quantos anos?*

Eu saí de lá com vinte e dois anos de idade, aproximadamente. Quando eu me casei, eu saí de lá.

➤ *E foi morar aonde?*

Fui morar em Realengo, no bairro da Mocidade Independente de Padre Miguel, e depois fui morar no Batan, que é outra comunidade.

➤ *Você residiu somente nessas duas favelas?*

Depois dessa eu fui morar em um bairro em Nova Campina, que atualmente é considerado uma favela, embora na época não fosse tanto. Depois eu fui morar em Engenheiro Pedreira, que já é um município da Baixada Fluminense, e lá fiquei dez anos. Depois desses dez anos, eu vim morar em Campo Grande.

➤ *Era favela lá em Engenheiro Pedreira?*

Não, lá era comunidade agrícola, tinha muitas pessoas que vivem da agricultura.

➤ *E Campo Grande, é favela?*

Não, é bairro residencial, lugar onde moram muitos militares, pessoas de baixa renda, porém não é comunidade.

➤ *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades, especificamente nas favelas?*

Particpei. Na Mangueira, desde a infância, depois no Batan. E, do Batan, eu fui participar de uma comunidade evangélica lá na Baixada Fluminense, em Nova Campina, que é no município de Xerém.

➤ *Só essas igrejas que o Sr. Frequentou ou você está em outra, atualmente?*

Depois dessa de Xerém, eu fui frequentar outra igreja lá em Engenheiro Pedreira, durante os dez anos que fiquei lá, e atualmente eu moro em Campo Grande, mas frequento a igreja lá na comunidade do Jacaré, onde estou há três anos e meio.

➤ *As igrejas que o Sr. citou são vinculadas a alguma convenção ou são ministérios independentes?*

A igreja da Mangueira era ligada à convenção de São Cristóvão (Assembleia de Deus do campo de São Cristóvão), a do Batan é Assembleia de Deus ligada ao campo de Madureira – CONAMAD, assim como a igreja de Nova Campina. E a igreja de Engenheiro Pedreira, onde eu passei dez anos, era vinculada ao campo de São Cristóvão. Essa atual é um ministério independente chamado Assembleia de Deus a Palavra é Cristo.

➤ *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante nessa igreja?*

Eu possuo cargo eclesiástico de Pastor.

➤ *Você já o possuía nessas igrejas anteriores?*

O meu ministério começo na igreja do Batan, como diácono. Logo depois, eu fui consagrado ao presbitério, e saí de lá como presbítero. E na igreja de São Cristóvão, onde estive até hoje, foi a minha formação como evangelista, nessa igreja onde eu passei dez anos em Engenheiro Pedreira. Cheguei lá como evangelista e, um ano depois, eu passei a ser pastor, e sou pastor até hoje.

- *Essa igreja em que o Sr. se encontra atualmente, você é um dos que dirige ou é o Pr. Presidente?*

Eu sou o que dirige, eu tenho um Pr. acima de mim, que é o meu Pr. Presidente.

- *Ele é o Pr. da sede e você dirige uma congregação?*

Isso. Esse Pr. presidente dirige a sede, que é em São Cristóvão.

- *Esse cargo eclesiástico te exige dedicação integral, de modo que não consiga fazer outra coisa da vida?*

Olha, eu até tentei trabalhar na vida secular, mas esse ministério atual requer de mim uma dedicação maior. Por conta dessa dedicação, eu não tenho conseguido conciliar a vida secular à vida ministerial.

- *Então é uma dedicação quase integral?*

É quase integral. Eu vivo mais à mercê da vida ministerial do que da vida secular.

- *Você auferê algum tipo de renda com o desempenho desse ministério?*

Sim, eu tenho uma renda para manter a minha estadia no ministério, o dia-a-dia. Então, eu tenho uma renda que me ajuda no combustível, me ajuda a ir e vir (...), para esse ministério.

- *Essa é sua fonte de renda principal ou complementar?*

Ela é uma renda complementar, não é minha renda principal. A minha renda principal advém do meu serviço autônomo, onde eu adquiero uma renda pra sobrevivência.

- *Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?*

Na verdade, eu fui nascido e criado no “berço evangélico”, mas com quatorze para quinze anos de idade, eu me afastei dessa conversão, da minha religião, e retornei a ela com os meus dezessete anos de idade. Com dezessete para dezoito anos de idade foi quando eu verdadeiramente tive uma conversão ao cristianismo, e estou até hoje dentro dessa caminhada. E o meu “tempo de evangelho” eu conto a partir desse verdadeiro encontro com Deus, que foi com dezessete anos de idade. Então eu tenho aproximadamente vinte e nove para trinta anos de conversão

- *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a fé cristã?*

Sim, meu pai, minha mãe, que ainda são vivos, e meus dois irmãos, que são da mesma religião que eu professo.

- *Isso é desde sempre ou foi a partir da sua conversão?*

É desde a nossa existência, desde a nossa infância.

- *Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?*

Sim. Minha mãe e meu pai me influenciaram sempre a caminhar nessa caminhada evangélica. Por conta deles, eu sempre tive esse vínculo, essa ligação ao meio evangélico.

- *Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?*

Na verdade, a minha conversão se deu na minha adolescência. Com dezessete para dezoito anos de idade, quando eu já estava passando para a fase adulta, quando eu já ia para o serviço militar, eu tive a minha conversão. E a minha conversão foi um milagre, porque, eu como adolescente, tive a curiosidade de conhecer o mundo, conhecer a vida que o mundo (...), as baladas (...), comecei a frequentar os bares, e nos bares eu comecei a me enturmar com certas companhias, que me influenciaram a viver uma vida pregressa. E nessa vida pregressa, eu tive uma experiência um tanto amarga, porque eu conheci um lado obscuro da vida: o lado das drogas, das más companhias, que me influenciaram a fazer coisas erradas na vida. Eu vivi um período de aproximadamente dois anos e meio a três anos nessa vida pregressa e, nessa vida pregressa eu tive um encontro com Deus, e nesse encontro com Deus, Ele me deu a oportunidade de poder recomeçar do zero. Eu tive uma experiência com Deus, eu fui influenciado a fazer coisas erradas, como roubos, assaltos, traficar (...). E, com essas coisas, eu acabei parando em situações muito difíceis, em armadilhas, e essas armadilhas me levaram a viver uma experiência de morte, de ser jurado de morte. Mas, graças a Deus, eu tive uma experiência com Deus. Ele não deixou que o tráfico me matasse. Eu tive outra oportunidade, e eu aproveitei essa oportunidade. Com dezessete para dezoito anos de idade, eu tive essa oportunidade de sobrevida, de viver novamente na sociedade, e com essa experiência eu fui amadurecido e tive um real encontro com Deus, e a partir dali é que se deu a minha conversão.

- *Como se deu essa experiência de morte que você citou como sendo o momento marcante da sua conversão?*

Foi esse momento em que eu fui levado para uma casa de execução, porque eu tinha feito algo errado através de um assalto. Esse assalto me levou para uma “furada”, eu fui levado para uma armadilha, fui levado para o “tribunal do tráfico”, vamos dizer assim, por conta desse assalto. Mas eu tive uma oportunidade de sobreviver, porque os mesmos homens que iam me matar resolveram não me matar por conta de se assustarem com a situação que estavam atravessando. Porque eles dispararam uma arma contra a minha vida, por três vezes, e a arma não funcionou. E até digo nesse testemunho que antes disso eu fiz ali um pacto com Deus, que se Deus me desse uma oportunidade de vida ali, eu sairia daquela vida que eu estava vivendo, e me tornaria um novo homem, uma pessoa melhor. E, por conta desse momento, Deus me deu uma oportunidade. Eu vejo que foi um milagre de Deus para a minha vida. Deus fez tudo aquilo acontecer para que hoje eu tenha uma experiência com Ele. E, por conta disso ali, eu tive uma verdadeira conversão a Deus.

- *E a sua trajetória cristã a partir daí, como se deu?*

A partir daí, se deu o início da minha caminhada. A partir dos meus dezenove anos de idade, eu vi verdadeiramente que eu não tinha outro caminho a seguir a não ser o caminho da presença de Deus. E desde os meus dezenove anos até o presente momento, fazem já vinte e nove anos que eu estou nessa caminhada. E posso resumir que foi dali que começou a minha trajetória com Deus, da minha caminhada evangélica, me fazendo chegar hoje aonde eu cheguei, como Pastor.

- *Como você dimensiona a importância da fé cristã na sua vida, você considera que constitui um segmento específico da vida ou que engloba todas as outras áreas (vida sentimental, profissional, etc.)?*

Eu entendo tudo o que ocorre na minha vida, a base é a partir desse momento em que eu tive uma conversão com Deus. Porque desde que eu tive esse encontro com Deus, a minha vida tomou um rumo. Ali Deus já resolveu me abençoar na minha vida sentimental: hoje eu sou um homem casado e pai de quatro filhos, tenho uma esposa muito abençoada, nós já vivemos há vinte e sete anos num matrimônio feliz e sólido. E eu digo que a minha base foi por conta da minha entrega a Deus. Quando eu me entreguei a Deus, Ele deu um rumo a todas as áreas da minha vida: a área sentimental, a área ministerial (...). Porque primeiro eu busquei o Reino de Deus, busquei obedecer ao meu chamado. E por conta disso Deus, na minha trajetória, foi

também me abençoando na área material. Eu tive várias experiências profissionais, e hoje eu tenho deixado um pouquinho essa área profissional e tenho me dedicado mais à área ministerial.

- *Então você considera que essa fé perpassa todas as áreas da sua vida?*

Sim, eu considero dessa forma. Porque através da minha entrega a Deus e da minha conversão, Deus deu sentido a todas as áreas da minha vida.

- *E a igreja, especificamente, (corpo, membresia), qual é a importância da igreja na sua vida, é um ambiente comum a todos os outros que você frequenta e gosta de estar ou é um lugar especial?*

A igreja hoje é a minha filosofia de vida. Eu, por exemplo, me considero uma igreja móvel eu costumo dizer que eu não sou crente, eu sou uma igreja: e onde eu estou a igreja está. Então, eu digo que a igreja é uma realidade na minha vida, é minha filosofia de vida e é o que eu vivo, é o que eu respiro, é a minha dedicação.

- *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? Por quê?*

Eu considero que sim. A igreja pentecostal, como você está dizendo, ela influencia nas comunidades, porque eu vivo isso. Eu sou pastor de uma igreja dentro de uma comunidade, e que vejo o quanto que a nossa igreja exerce influência ali no ambiente onde nós vivemos, ministerialmente falando.

- *Mas você considera que essa influência seja negativa ou positiva?*

Eu considero uma influência muito positiva. A nossa igreja é como se fosse uma porta aberta de refúgio para pessoas que estão aflitas, angustiadas, entristecidas (...). Muita gente viciada, alcoolizada, drogada, sempre procura refúgio na nossa igreja para receber oração, receber uma palavra de conforto, por conta, talvez, da falta de algum sentido na vida dessas pessoas. Então a igreja exerce uma influência muito forte e positiva na vida de muitas pessoas.

- *Mas em que áreas, especificamente? Criminalidade, orfandade, assistencial?*

Eu digo que é em todas essas áreas que você está colocando. Criminalidade, os dependentes químicos e dependentes alcóolicos. E não somente essas pessoas, nós atendemos também pessoas carentes no lado social. Nossa igreja fornece algumas ajudas em cestas básicas,

periodicamente, para pessoas que não possuem nenhum tipo de renda. Então, ela atinge todas essas áreas, não só jovens que estejam ligados ao tráfico, que muitas vezes recebem uma oração, recebem uma palavra, mas a gente atende muitas outras pessoas de outras realidades também, como social, como pessoas dependentes e pessoas carentes, de um modo geral.

- *Você tem conhecimento de projetos sociais de qualquer área, promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas que conhece? E esses projetos são de que tipo?*

Tenho conhecimento. Alguns projetos já foram vinculados à nossa igreja, como por exemplo: o cheque-cidadão, que foi um projeto político, porém vinculado às igrejas aonde eu, como pastor, fui gestor de um projeto como esse, em que nós atendemos algumas famílias.

- *Isso foi em qual igreja?*

Isso foi quando eu estive na igreja de Engenheiro Pereira, comunidade muito pobre da baixada fluminense. E, na época, houve esse projeto – “cheque cidadão” – em que nós tivemos a oportunidade de ser gestor desse projeto, que foi disponibilizado para várias igrejas, e a nossa foi uma que foi contemplada. Não somente esse, logo depois desse, nós tivemos alguns projetos. Eu fui presidente de uma ONG (organização não governamental) chamada AZOQUE, que também tinha por finalidade captar doações de supermercados, de algumas empresas que tinham um vínculo conosco, e através dessa ajuda nós ajudávamos muitas pessoas carentes.

- *Tinha outro tipo de projeto, de outras áreas?*

Assim, especificamente, esses projetos que eu citei foram aqueles em que tivemos toda uma documentação que comprovava o trabalho que era feito. E depois desses projetos, nós continuamos angariando recursos e doações, como por exemplo, no CEASA, aonde eu ia com o nome da instituição e conseguia doações de peixe (...). Eu conseguia doações que eram doações independentes, de lojas anônimas que forneciam doações através da nossa transparência de trabalho, para poder distribuir na nossa comunidade, aonde a igreja era vinculada (Engenheiro Pedreira).

- *Você tem conhecimento de outros projetos que não tenha presidido diretamente?*

Nós tivemos um trabalho um também vinculado à nossa igreja e ao fórum de Japeri, aonde o juiz delegava algumas pessoas que eram abordadas por problemas de (...), pessoas que eram

julgadas a recebiam penas alternativas e tinha que se reportar à nossa instituição, AZOQUE, para pagar essas penas, como por exemplo: cestas básicas, prestação de serviços. Então, tudo isso foi vinculado ao nosso trabalho ali durante dez anos, e foram inúmeras pessoas que foram encaminhadas através desse serviço, pelo fórum, da comarca de Japeri, que foi outro vínculo que nós tivemos. E, com isso, nós também atendemos essas pessoas e recebemos essas [prestações de] penas alternativas.

Até porque, eu quero também ressaltar, que a nossa instituição trabalhava amparando um orfanato e um asilo. E nesse orfanato nós também tínhamos esse serviço social com crianças que eram órfãs, e eu tinha ali aproximadamente setenta crianças. E nós tínhamos um asilo que começamos nesse asilo (...), quando recebemos a sua gestão, tinha quatro idosas, e nós cuidamos dessas quatro idosas até o final da vida delas.

- *Na área da criminalidade, você já conheceu ou soube de algum projeto, algum centro de reabilitação?*

Dentro desses dez anos que estive à frente desse orfanato e desse asilo, nós tivemos dois centros de recuperação que eram no mesmo bairro, e a nossa instituição ajudava, agregava valores a eles. A gente trocava trabalhos, eu dava algumas doações pra essas instituições e, em contra partida, eles mandavam mão de obra. Mandavam os internos para trabalhar fazendo a capinagem e podagem de árvores.

- *Na área da educação esses projetos também atuavam?*

Sim, porque a nossa igreja tinha uma escola. Nós tínhamos a gestão da escola, mas quem usava era a prefeitura da cidade de Japeri, que alugou a escola. Nós tínhamos ali o ensino fundamental. Durante uns seis anos, aproximadamente, essa escola funcionou dentro da nossa gestão também.

- *E era tudo ligado à igreja?*

Tudo ligado à igreja e à nossa instituição chamada AZOQUE.

- *Você já participou de algum desses projetos como beneficiário?*

Já, também.

- *A sua participação como prestador de serviços se deu de forma remunerada ou voluntária?*

Sempre foi voluntária, porque a nossa instituição era uma instituição filantrópica, e por ser filantrópica, o serviço era voluntário da nossa parte. Nós tínhamos pessoas agregadas, e essas pessoas eram assalariadas através da instituição, porém, nós que estávamos à frente éramos voluntários.

- *Você acha que esses projetos sociais imprimem algum impacto nas favelas em que são desenvolvidos?*

Imprimem, porque ajuda muitas pessoas carentes da comunidade, que às vezes não têm condição de trabalho ou de outro tipo de renda. Então essa pouca ajuda já ajuda bastante.

- *Como enxerga as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? Positivamente, negativamente ou indiferente?*

Eu enxergo como pessoas normais. Eu enxergo como coirmãs, são irmãos, pessoas que professam uma fé independente. Na verdade, eles creem que tudo isso leva a Deus. Eu considero como pessoas normais.

- *Você acha que essa sua visão se deve à sua própria visão de mundo ou a algum ensinamento doutrinário?*

Eu creio que é uma visão de mundo, porque cada um tem direito de acreditar em alguma coisa. Então, o mundo oferece isso, mas eu sei que a verdade é Deus, é o único Deus só que existe, mas eu vejo pelo lado do mundo. É o mundo que oferece essa alternativa e as pessoas se apegam a ela.

- *Você considera que as igrejas pentecostais têm algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Sim, tem. Tem, porque hoje, quando nós falamos de política, nós vemos que a política tem uma representação muito forte no que diz respeito aos evangélicos, existe a bancada dos evangélicos dentro da Câmara, dentro do Senado, dentro do Congresso em geral. Então, eu creio que exerce uma influência muito forte.

- *Você entende que essa influência como sendo positiva ou negativa? Por quê?*

Eu considero positiva, porque é algo construtivo para a sociedade: as ideias. Nós protegemos, muitas vezes, a tradição, que é a família, que é os legados que foram impressos desde os

nossos antepassados. E eu vejo os evangélicos, nesse momento, protegendo essa área da vida e da política também.

- *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada isso, como por exemplo, aproximação de candidatos a cargos políticos, ou candidatos a cargos políticos já integrantes do corpo de membros de que você fez parte, aproximação da membresia ou de ambiente de culto? Se sim, como aconteceu?*

Sim. A minha experiência é que a nossa igreja era um referencial dentro da comunidade, de modo que nos momentos de campanha eleitoral, muitos políticos nos procuravam para que a nossa referência como igreja e como indicação (...), ou melhor, eles procuravam o nosso apoio. E, com isso, nós como igreja, nós conseguimos, por exemplo, eleger um prefeito no município de Japeri, conseguimos eleger vereadores, que vieram através da nossa influência, do nosso apoio, da nossa indicação dentro da nossa comunidade, em Engenheiro Pedreira.

- *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a mesma fé cristã?*

Sim, pelos dois motivos, por ele nos procurar, procurar o nosso apoio, e por ser um representante. Por exemplo: o candidato era um pastor. Então, por conta de fazer parte da mesma fé cristã, e por ser um companheiro de ministério, nós demos nosso apoio.

- *Você gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere um exemplo dessa influência das igrejas pentecostais nas favelas?*

Eu só quero fazer uma colocação: que é muito importante a nossa igreja estar existindo dentro das comunidades, porque muitas das vezes, aquilo o que a sociedade não faz, como por exemplo, a polícia que, na verdade, serve para ser uma referência na questão da segurança, a igreja em si, ela consegue converter pessoas que estão à margem da sociedade para um caminho melhor, através do nosso conhecimento de pregação, de evangelho, até mesmo de insistência em buscar aquilo o que a própria sociedade não faz por uma pessoa à margem da sociedade, a igreja costuma fazer. E, com isso, o nosso impacto, nessas pessoas, é muito mais positivo do que se essa pessoa procurasse um centro de recuperação, um hospital, um lugar para tentar se socializar. E através da igreja a gente consegue fazer com que muitas pessoas tomem um rumo de vida diferente e para melhor.

* * *

XII. SANDRA (preta);*Cargo ou ocupação: Pastora;**Local: Residência da entrevistada, Jardim Paulista, em Campo Grande;**Data: Terça-feira, dia 24/11/2020;**Duração: De 19 horas e 10 minutos às 19 horas e 40 minutos.*

1) *Quantos anos você tem?*

Cinquenta anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Segundo grau completo e técnico em contabilidade.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

Não.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal? Se sim, qual?*

Possuo. Eu trabalho em uma igreja dois dias na semana, prestando serviços de organização, limpeza, administração, atendimento (...).

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Nasci perto da favela da Vila Vintém, de onde saí com vinte e três anos, e fui morar em Nova Campina / Xerém; saí de lá com vinte e seis para vinte e sete anos, e fui morar perto da Mangueira, lá morei por seis anos. Quando saí de lá e fui morar em Engenheiro Pedreira, onde morei de dez para onze anos. Depois vim para Campo Grande.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessas localidades, especificamente nas favelas?*

Sim.

7) *Durante quanto tempo em cada favela que você morou?*

Em uma, seis anos, na outra, dois anos (...).

8) *As igrejas em que você congregou eram vinculadas a alguma convenção ou eram ministérios independentes?*

Vinculadas à convenção. Convenção de Madureira – CONAMAD, e Convenção de São Cristóvão – CONFRADERJ.

9) *Mas você já participou de algum ministério independente?*

Já. Em Itaguaí, a Igreja Emmanuel, e em Campo Grande, que é a Assembleia de Deus da Vila Verde, em Capo Grande. Atualmente estou no ministério independente Assembleia de Deus a Palavra é Cristo.

10) *Você possui ou possuiu algum cargo eclesiástico ou exerce algum tipo de ministério itinerante nessa igreja?*

Possuo, eu sou Pastora da Assembleia de Deus a Palavra é Cristo.

11) *Você exerce ministério itinerante?*

Não, hoje não é mais itinerante, mas já tive de pregação, ensino, palestras (...).

12) *Esse cargo eclesiástico, você exerce nessa igreja especificamente ou já exerceu em outras?*

Em outras. Começou na Assembleia de Deus de São Cristóvão. Eu era Pastora lá e também trabalhava em uma filial em um Engenheiro Pedreira.

13) *E quando você saiu de lá você foi para esse ministério independente de Itaguaí?*

Justamente.

14) *E você é Pastora desde então?*

Desde São Cristóvão.

15) *Você já participou diretamente de igrejas evangélicas de matriz não pentecostal (batista / presbiteriana / adventista)? Se sim, durante quanto tempo?*

Não participei. Só pentecostal, Assembleia de Deus.

16) Esse cargo eclesiástico ou ministério que você exerceu te exigiram ou te exigem dedicação integral?

Não. Tem que ter uma dedicação ao santo ministério, mas não exclusiva. A gente se dedica, mas não exclusivamente.

17) Você auferia algum tipo de renda com o desempenho desse ministério?

Não.

18) Com o ministério itinerante, você auferia quando o exercia?

Sim.

19) Mas era uma renda complementar ou principal?

Era uma renda complementar, não principal.

20) Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?

Me converti com quatorze anos de idade, e tenho trinta e seis anos de evangelho.

21) Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que a sua?

Sim.

22) Eles já professavam antes ou foi através de você?

Eles já professavam antes, eu fui a última.

23) Você acha que isso teve algum tipo de influência para a sua conversão?

Não, não me influenciou, fui eu quem decidi, fazendo uma análise própria.

24) Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?

Com quatorze anos de idade, eu gostava de sambar, ganhar campeonatos de samba. E fazia com muita dedicação, mas era muito nova. Meu sonho era desfilar na Mocidade Independente de Padre Miguel, eu já saía nos blocos para desenvolver aquilo o que eu queria. Mas eu senti a necessidade de algo mais na minha vida, e, com quatorze anos de idade, eu já pedindo pra minha mãe, decidindo que eu queria sair na Mocidade Independente de Padre Miguel. A minha mãe não tinha nenhuma objeção, até porque o meu pai mesmo me levava para sambar,

para dançar. Mas eu fui à igreja um dia, a convite de um familiar. Eu fui, mas lá, não foi por causa do convite que eu me decidi a ficar na igreja, foi porque eu senti algo que eu não sentia nem na escola de samba, nem sambando, nem em casa e nem em lugar nenhum. Então eu decidi que aquele era o melhor lugar para eu estar. Aí eu me converti por causa disso, porque na verdade, ninguém nem me fez apelo, ninguém exigiu, ninguém me chamou, ninguém falou nada. Eu que decidi, dentro do meu coração, que aquele seria o melhor lugar. Ninguém me convidou para voltar, mas eu decidi que voltaria e ficaria na igreja.

25) *E sua trajetória cristã, depois disso você permaneceu nessa mesma igreja?*

Nessa mesma igreja eu me batizei, nessa mesma igreja eu me casei, nessa mesma igreja eu tive o meu primeiro filho, nessa mesma igreja eu fui chamada pra obreira da casa do Senhor. Trabalhei muito para a obra do Senhor, e fiquei firme durante todos esses anos.

26) *Essa igreja era qual?*

É uma Assembleia de Deus no Batan, vinculada à convenção de Madureira – CONAMAD.

27) *Depois você saiu e foi para as igrejas que citou?*

Depois eu saí e fui para a igreja de São Cristóvão.

28) *Como você dimensiona a importância da fé cristã na sua vida, você considera que constitui um segmento específico da vida ou que engloba todas as outras áreas (vida sentimental, profissional, etc.)?*

A fé cristã na minha vida me dá suporte para eu fazer as minhas escolhas em todas as áreas da minha vida. Foi através da minha fé cristã que eu fiz as minhas escolhas, que eu tomei as minhas decisões, que eu comecei a me organizar na vida sentimental, na vida emocional, na vida familiar, e na profissional também, porque ela abriu a minha visão, ampliou a minha visão, e me fez entender que eu precisava ter uma direção para a minha vida.

29) *E a igreja, especificamente, (corpo de membros / ambiente), qual é a importância da igreja na sua vida, é um ambiente comum a todos os outros que você frequenta e gosta de estar ou é um lugar especial?*

A igreja na minha vida pra mim é um local diferenciado. Os outros locais são locais de lazer, de prazer, de entretenimento e tantas outras coisas. Mas a igreja, em si, pra mim, é um local de reflexão, de adoração, para mim entender mais as questões da vida. Na verdade, é um local

muito didático para mim. A igreja é um local muito didático, eu aprendo muito estando na igreja e ouvindo a palavra de Deus.

30) Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas em que estão inseridas? Por quê?

Eu acho que elas exercem uma influência tremenda, e é muito positiva, porque a igreja, em si, ela querendo ou não, passa a mensagem do bem, a mensagem do que é bom, do que é certo, do que é correto, sobre família (...). E a igreja passa a ajudar aquele que, na verdade, dentro da comunidade, está meio perdido, meio sem rumo, sem direção, não sabe qual é o caminho, qual é o rumo a tomar. Então a igreja ela traz essa visão de que nem tudo está perdido, tem uma saída, tem uma opção que pode melhorar dia após dia. Então a igreja, para mim, exerce um papel fundamental dentro das comunidades.

31) Em que áreas você considera que se dá essa influência? Criminalidade, assistencialista, familiar, ou em todas?

Eu acho que ela exerce um papel muito influente na área social, e também exerce um papel muito influente na área da criminalidade, mostrando para quem está tomando a direção do crime, que existe uma porta diferente, uma porta de escape, que existe uma saída muito melhor do que a direção da criminalidade. A igreja, pra mim, dentro de uma comunidade, ela é a porta que toda pessoa precisa para poder viver uma vida diferente e ser a exceção no meio de uma comunidade que vive uma regra relacionada à criminalidade.

32) Você tem conhecimento de projetos sociais de qualquer área, promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais nas favelas? E, se conhece, esses projetos são de que área de atuação?

Eu tenho conhecimento, e a área de atuação é a área social: ajuda aos necessitados, e também uma orientação para os drogados, viciados, centros de recuperação, pessoas preocupadas com a recuperação de um viciado.

33) Além desses projetos atuais, você tem conhecimento de outros passados?

Tenho, tenho muito conhecimento. Já fiz parte de um projeto que as crianças órfãs, fazia parte de uma instituição evangélica: elas vinham de dentro de comunidade, na verdade direcionadas pelo Conselho Tutelas (ou CMDCA), para esse projeto social fora da comunidade. Essas crianças, elas vinham do mundo da criminalidade, criadas no meio da criminalidade, e elas

começaram a se socializar, se reintegrar à família, se socializar, estudar, criar um conhecimento, entendimento. E esses projetos eram muito bons, esse projeto em si era muito bom.

34) *Era em que igreja, vinculado a que igreja?*

Assembleia de Deus de São Cristóvão.

35) *Quando você participou desses projetos prestando seus serviços, foi de forma voluntária ou remunerada?*

No início era de forma voluntária, e aí a dedicação era total. E por causa da dedicação total, houve uma visão da diretoria desse projeto de não somente a gente estar servindo voluntariamente, mas também estar mais perto do projeto, e ser remunerado por esse trabalho.

36) *Você já participou de algum projeto desse como beneficiário?*

Não.

37) *Você acha que esses projetos sociais imprimem algum tipo de impacto nas favelas em que são desenvolvidos?*

Sim, claro. Um impacto muito forte, um impacto na mudança de comportamento de alguns cidadãos, crianças e adolescentes que participam. O impacto é uma questão muito firme, muito forte.

38) *Como enxergas as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? Você vê como pessoas normais?*

Para mim, são pessoas normais, da mesma forma que eu também vim do candomblé. São pessoas normais, pessoas que são até muito firmes na sua religião, com a mesma visão que nós, evangélicos, temos de que estamos fazendo o que é certo. São pessoas que até professam uma fé muito grande naquilo que estão fazendo.

39) *Você teve familiares que vieram do candomblé?*

Tenho familiares que vieram do candomblé. A minha família em si, meus pais, e toda a minha família, ela veio do candomblé.

40) *Você acha que essa sua visão se deve à sua própria visão de mundo ou a alguma orientação doutrinária?*

Não, é a própria visão de mundo que eu tenho. Eu procuro não questionar a religião do próximo, nem decidi por ele. Da mesma forma que eu tive o direito de escolha, que ele tenha também o seu direito de escolha.

41) *Você considera que as igrejas pentecostais periféricas e das favelas exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?*

Até exerce, porque hoje tem muito cristão na política, e há uma necessidade muito grande, porque nós precisamos também defender os nossos direitos como igreja, porque temos uma massa muito grande de evangélicos nesse país. Para poder a coisa andar organizada, não desenfreada, a igreja precisa ter os seus representantes para exercer uma influência na área da política, mas não uma influência negativa com exigências e com cobranças, ou a influência negativa de que só nós estamos certos (...), a influência de gritar pelos nossos direitos, porque nós sabemos que temos direitos e temos deveres também. Mas, chegar ao nosso conhecimento quais são os nossos deveres, e gritarem ou levantarem a bandeira dos nossos direitos.

42) *Você já teve alguma experiência pessoal relacionada isso, como por exemplo, aproximação de candidatos a cargos políticos, ou candidatos a cargos políticos já integrantes do corpo de membros de que você fez parte, aproximação da membresia ou de ambiente de culto?*

Já, já tive pessoas da nossa igreja que se candidataram, e até exerciam uma certa influência na igreja. Mas a igreja também tem as suas normas, a igreja também tem a sua visão. E a norma da igreja, pelo menos da minha igreja, é que candidato ou a pessoa que se candidata a questões políticas não pode obrigar uma massa a acompanhá-lo, que ele seja isolado na decisão dele.

43) *Você já foi procurada pessoalmente para promover esse tipo de aproximação?*

Sim, já fui sim, mas não fui levada por isso não. Não promovi essa aproximação, e ainda acho errada essa proximidade. Cada um tem que saber a sua área de trabalho, e a sua área de trabalho não é a igreja, porque a igreja não pode exercer um vínculo político, ela exerce somente a confissão da fé.

44) *Você enxerga esse tipo de aproximação/influência da vida política nacional nas igrejas e vice-versa como sendo positiva ou negativa? Por quê?*

Tem uma parte positiva e uma parte negativa. A positiva é que há algumas coisas que a gente precisa saber para poder se posicionar. A parte negativa é que nós não podemos ser cabresto de ninguém. A parte negativa é que o voto e a influência política não podem ser com alienação, nós não podemos ser alienados.

45) *Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a fé cristã?*

Ele professando a fé cristã, as decisões dele podem ser boas como podem ser ruins. Eu me sinto mais confortável em analisar qual é a proposta política dele. Só me sinto confortável analisando a proposta política dele.

46) *Você gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere um exemplo dessa influência das igrejas pentecostais nas favelas?*

Como eu falei, eu trabalhei em uma instituição em que as crianças eram vindas direto das comunidades do Rio de Janeiro. E essas crianças chegavam na instituição, muitas das vezes (crianças muita pequenas, de sete anos às vezes) com vícios graves, intoxicadas ainda, com uma influência totalmente da marginalidade. E por a instituição ter a visão bíblica, por ser uma instituição evangélica, ela conseguia, ao longo do tempo, com ensinamento, com atenção, com amor, com afeição, trazer para essa criança o que ela tanto precisava. E fazia a criança se recuperar, se desintoxicar, pensar de uma outra forma, querer uma nova vida, querer uma nova história (...). Então, eu acho que as instituições evangélicas, dentro de uma comunidade, elas exercem um papel super importante.

* * *

XIII. CLÁUDIA²⁰⁴ (parda);

²⁰⁴ Mais conhecida como “Tia Cláudia”. Por equívoco, me referi à entrevistada como “Regina” na apresentação (áudio da entrevista).

Cargo ou ocupação: Diaconisa, ex-líder do grupo infantil da igreja e ex-líder comunitária;

Local: Residência da entrevistada, na comunidade do Batan, em Realengo;

Data: Quarta-feira, dia 25/11/2020;

Duração: De 10 horas e 40 minutos às 11 horas.

1) *Quantos anos você tem?*

Sessenta e seis anos.

2) *Qual é o seu grau de escolaridade?*

Quinta série primária.

3) *Você exerce atividade profissional remunerada, tipo CTPS assinada?*

Não.

4) *Você possui outra fonte de renda, algum tipo de trabalho informal? Se sim, qual?*

Só a do meu marido.

5) *Você nasceu, frequentou, reside ou residiu em alguma favela carioca?*

Não, eu nasci no Ceará, casei aos vinte e três anos, e vim morar no Batan, desde então não saí mais.

6) *Você participa ou já participou diretamente de alguma igreja evangélica pentecostal nessa localidade?*

Já. Aos vinte e quatro anos eu aceitei a Jesus, e estou até hoje.

7) *Essa igreja é vinculada a alguma convenção ou é ministérios independentes?*

É vinculada à Convenção de Madureira – CONAMAD (Assembleia de Deus).

8) *Você já participou diretamente de igrejas evangélicas de matriz não pentecostal (batista / presbiteriana / adventista)?*

Não, eu só ia visitar com o grupo da CIBE (grupo de mulheres) mesmo. Desde que eu aceitei a Jesus, estou aí até hoje.

9) *Você possui ou já possuiu algum cargo eclesiástico, ou exerce algum tipo de ministério itinerante?*

Eu sou diaconisa e trabalho na parte social da igreja.

10) *Esse cargo eclesiástico te exige dedicação integral?*

Não. Dá para fazer outras coisas, porque eu trabalhava na associação²⁰⁵, administrava lá, trabalhava na dispensa da igreja, etc.

11) *Você auferia algum tipo de renda com o desempenho desse ministério?*

Não, é voluntário.

12) *Com quantos anos você se converteu ao evangelho, com quantos anos você entende que teve sua experiência de conversão?*

Vinte e três anos, e estou desde então na mesma igreja.

13) *Você possui parentes próximos (pai / mãe / irmãos) que professam a mesma fé que a sua?*

Sim, mas mora tudo em Fortaleza.

14) *Isso é desde sempre ou foi através de você?*

Foi através de mim. Antes eles não tinham religião nenhuma.

15) *Você acha que você teve algum tipo de influência para a conversão deles?*

Tive.

16) *Você pode contar, com detalhes, seu testemunho de conversão e sua trajetória cristã?*

Eu me converti através de um hino. Eu estava em casa jantando com as minhas duas crianças, a Ana, a Adriana e o Alexandre²⁰⁶, o que morreu (o Alexandre) tinha seis meses e a Adriana tinha dois anos. Eu larguei o prato na mesa e fui para igreja. Cheguei lá e depois que terminou o culto, eu aceitei Jesus, através de um louvor.

17) *E sua trajetória cristã, a partir daí a sua vida mudou muito?*

²⁰⁵ Referência à associação dos moradores da comunidade do Batan.

²⁰⁶ Ao que parece, a entrevistada as confundiu: eram três crianças.

Mudou, porque até então eu não conhecia Jesus. A partir do momento que eu conheci Jesus, eu queria saber cada vez mais e mais, e foi muito bom. Desde então eu não pretendo sair nunca, só quando eu for para a glória.

18) *Como você dimensiona a importância da fé cristã na sua vida, você considera que seja um segmento específico da vida ou que engloba todas as outras áreas (vida sentimental, profissional, etc.)?*

Engloba todas as áreas, porque sem Jesus a gente não faz nada. Ele está no centro da minha vida, então tudo o que vou fazer, eu coloco Ele na frente.

19) *E a igreja, especificamente, (corpo de membros / ambiente), qual é a importância da igreja na sua vida? É um lugar comum a todos os outros que você frequenta e gosta de estar ou é um lugar especial?*

Não, é um lugar especial, com certeza, na minha vida e eu creio que na vida de todos que aceitam a Jesus.

20) *Na sua visão, as igrejas evangélicas pentecostais exercem algum tipo de influência nas favelas onde elas estão inseridas? Se sim, você entende que essa influência seja negativa ou positiva? Por quê?*

Com certeza. Positiva, porque elas ajudam a tirar muitas crianças e adolescentes das drogas.

21) *E em que áreas para além da criminalidade, por exemplo, a área social e na área familiar, você considera existe essa influência?*

Também, num todo. A assistência social, as famílias como um todo, aconselhamento, e outros assuntos mais.

22) *Você tem conhecimento de projetos sociais promovidos, custeados ou administrados pelas igrejas evangélicas pentecostais que conhece? E, se tem, esses projetos são de que área de atuação?*

O projeto social de que eu fazia parte funcionava na igreja católica e, também de informática, que englobava todas as denominações. Era a igreja católica e a Nossa Senhora das Graças, que era de informática. A alfabetização de jovens e adultos era aqui na Nossa Senhora Aparecida.

23) *Você fazia parte de que forma, dava aula ou era administradora?*

Eu era coordenadora dos projetos.

24) *Era ligado a todas as igrejas?*

Era, porque todas as igrejas estavam abertas a participar.

25) *Tinha uma administração central esse projeto?*

Tinha. A administração central era a associação (associação de moradores), que na época eu era presidente. Então eu trouxe esses projetos para dentro da comunidade e fiz a integração de várias igrejas para fazer participação, inclusive a nossa.

26) *Então era um projeto de alfabetização que a associação de moradores administrava?*

Sim, e todas as igrejas tinha participação, inclusive a nossa aqui (Assembleia de Deus em Realengo). A irmã Dita participou também, da alfabetização de adultos. E tinha também o projeto da comunidade solidária que veio para cá para fazer essa participação com eles. Inclusive, tem pessoas que fizeram parte do projeto social de jardinagem – o filho do Wagner, ele participou e hoje ele trabalha no parque-jardim. Foram vários projetos aqui dentro, integrados a todas as igrejas.

27) *Tinha algum projeto assistencial também, algum ligado à reabilitação de jovens?*

Tinha, porque fazia encaminhamento para a casa de pessoas viciadas, para Nova Iguaçu, Niterói e Santa Cruz. Aí mandava para esses três lugares.

28) *E assistencial, também tinha projetos ligados à associação de moradores?*

Tinha também, dava assistência à família, arrumava emprego também para o pessoal.

29) *Tudo isso era ligado a igrejas?*

Era ligado a igrejas, todo mundo chegava junto. Eu não quis fazer um trabalho centralizado na associação, então eu abri para todos, sentei com todo mundo. Na época era o Pr. Aleluia, e ele abriu espaço. O Padre Francisco (padre da época, porque muda sempre) também abriu espaço,

lá na Nossa Senhora da Graças também, e até aqui na irmã Missaia, aqui na Rua Engenho Novo, também abriu espaço²⁰⁷.

30) Seu trabalho nesses projetos era voluntário ou remunerado?

A minha parte era voluntária, remunerado eram só os monitores, que davam aula e recebiam.

31) Como beneficiária, você já participou de algum projeto social ligado à igreja?

Não, para mim não. Eu só participei como prestadora de serviços. Para mim não, graças a Deus, eu nunca tive necessidade não.

32) Você acha que esses projetos sociais imprimem algum tipo de impacto nas favelas em que são desenvolvidos?

Com certeza, porque ajuda as pessoas que estão precisando.

33) Como enxerga as pessoas praticantes de religiões de matriz africana (candomblé / umbanda / magia negra)? Positivamente, negativamente ou indiferente?

Eu acho assim: toda instituição que aglomera um grupo de pessoas é um trabalho social. Desde que seja um trabalho social, independente de religião (...), porque você tem que respeitar a religião do outro para poder ser respeitado. Como na diretoria aqui da associação: tinha gente do candomblé, que tocava naquela banda, tinha a Margarida, que é da pastoral da criança (...). Então, tinha várias pessoas de várias religiões. Então, eu acho que isso é indiferente, porque Deus é um só, só que a gente tem que saber o que a gente está fazendo, quem é e quem não é. Não é porque o Eduardo era do candomblé que eu ia “entrar na dele”. E a minha intenção era “ganhar ele” para Jesus, mas já que ele não quis (...). Depois, com o tempo, ele mesmo saiu, se desligou (...) eu também saí da associação. Mas eu não sou indiferente a nenhuma religião, eu respeito cada uma como também quero ser respeitada na minha.

34) Você acha que essa sua visão se deve à sua própria visão de mundo ou a alguma orientação doutrinária?

Não, é eu mesma. É a minha visão de achar que o trabalho social abrange a qualquer tipo de pessoa, independente de raça, religião (...), não importa.

²⁰⁷ Nome de uma rua da favela do Batan.

35) Você considera que as igrejas pentecostais periféricas e das favelas exercem algum tipo de influência sobre a vida política nacional, no que tocante a campanhas eleitorais, políticas sociais desenvolvidas no país, leis aprovadas?

Eu creio que sim, sabe por quê? Porque a nossa vida, dentro da nossa casa, é uma política. Eu creio que sim porque tudo gira em torno de política. Você tem que se reunir com sua família, discutir as ações que você vai fazer (...). Eu creio que todos dependem da política. Até Jesus, quando andou no mundo, tinha uma política.

36) Você já teve alguma experiência pessoal relacionada isso, como por exemplo, aproximação de candidatos a cargos políticos, ou candidatos a cargos políticos já integrantes do corpo de membros de que você fez parte, aproximação da membresia ou de ambiente de culto? Se sim, como aconteceu?

Já. O político chegou e pediu para falar na igreja, foi até um deputado que eu acho que já morreu. Bom, ele poderia até ir, mas não para falar de política. Na verdade, ele já fazia um trabalho social aqui dentro da igreja. Foi até no dia do aniversário do Pr. Aleluia. Aí eu conversei com o Pr. Aleluia, que foi lá conhecer ele, até porque ele já trabalhava na área social daqui da comunidade, e ajudava o Batan em peso. Inclusive a água (sistema de água encanada), foi ele quem botou aqui dentro. Aí, nesse dia, eu falei com o Pr. Aleluia, que ele falou: “não, pode vir, ele só não pode falar de política”. Ele foi na igreja, foi lá em cima, parabenizou o Pr. Aleluia, deu um presente a ele de aniversário. Aí o povo ficou conhecendo, porque ele já trabalhava, já fazia um trabalho na comunidade.

37) Ele não falou de campanha, de política, de nada?

Não, até porque a igreja naquele tempo do Pr. Aleluia, não se podia fazer campanha política dentro da igreja, e o político respeitava. Essa experiência eu tive com o deputado André Luiz, que na época foi a pessoa mais votada aqui dentro do Batan. Ou seja, a nossa vida é uma política, no meu ponto de vista.

38) Você já foi procurada pessoalmente para promover esse tipo de aproximação?

Já.

39) Você enxerga esse tipo de aproximação/influência da vida política nacional nas igrejas e vice-versa como sendo positiva ou negativa? Por quê?

Bom, eu acho positiva, porque infelizmente hoje tudo é através do conhecimento, se você não tiver um político que seja um político honesto, que tenha conhecimento lá fora, o que você precisa e necessita dentro da comunidade, você não vai ter. Eu tenho um exemplo: quando a água (sistema de água encanada) entrou aqui dentro, eu tive que fazer uma aliança com o André Luiz, com a Laura Carneiro e com o Paulo Conde, que era o prefeito na época, e também com o governador. Então eu tive que fazer uma aliança partidária em três esferas do governo para a água (sistema de água encanada) entrar dentro do Batan.

40) Mas você considera que essas pessoas terem algum tipo de ligação com a igreja, especificamente, ou virem da igreja ou estarem na igreja, é um fato positivo ou negativo?

Positivo, eu acho positivo, tanto que beneficiou a todo mundo.

41) Você já se sentiu mais confortável em votar em determinado candidato devido a esse tipo de aproximação ou pelo fato de ele professar a fé cristã?

Não. Depende das ações dele. Independente de ser cristão ou não, se ele for uma pessoa que não for crente, mas tiver boas ações e for bem intencionado com a população, e você ver isso nas ações dele, é nesse que eu voto. Não sei se eu estou errada, mas é nele que eu voto.

42) Você gostaria de fazer mais alguma observação ou contar alguma experiência que considere um exemplo dessa influência das igrejas pentecostais nas favelas?

Tanto tenho boa quanto tenho ruim. Por exemplo, teve uma mãe que chegou lá na igreja – e isso não foi há muito tempo não, tem uns dois anos – coma filha com um monte de problemas. Ele falou assim: “eu ia lá para a Av. Brasil me matar, mas me falaram que a tia Cláudia estava aqui no jardim²⁰⁸. Só a Sra. pode me ajudar”. Aí ela entrou, eu orei por ela, e falei para ela para ela procurar uma igreja, não só naquele momento, mas ficar firma com Jesus, porque só ele pode mudar o quadro da nossa vida. Quero dizer, foi uma coisa positiva. Aí, dias depois, ela retornou e falou lá na igreja. Primeiro veio ela, depois veio ela e os filhos dela, o marido dela, que tinha se separado – que era a causa pela qual ela queria se matar. Aí foi dado todo apoio, as irmãs que estavam ali na oração deram apoio. É positivo sim.

Tem também uma outra experiência em que eu estava descendo da associação – isso foi também comigo – e um rapaz que tinha seis filhos e estava desempregado (...), e não tinha mais solução, o proprietário expulsou ele da casa dele e o colocou no meio da rua, a sogra

²⁰⁸ A entrevistada é encarregada dos cuidados com o jardim da fachada da igreja.

pegou a filha e seus seis filhos e mandou ele “ralar”. Ele ficou desorientado e também ia se matar, aí mandaram ele procurar a igreja, alguém da igreja. Com na época eu era a “tia Claudinha” das crianças, trabalhei muito com vocês aí, aí ele encontrou comigo e falou: “tia Cláudia, a Sra. é minha única solução, me ajuda, porque se a Sra. não me ajudar...”. Aí ele veio contando, e através daí também houve a oração, houve um acolhimento dele, e graças a Deus esse homem não morreu, está vivo, para a glória de Deus. Hoje em dia ele é um pastor da casa do Senhor. Então, foi só coisa de Deus. E hoje ele é Pastor de Madureira (ligado à convenção de Madureira – CONAMAD). Ele era daqui da nossa igreja, aí depois ele foi para São Paulo, porque arrumou um trabalho aí foi trabalhar lá, e hoje ele é Pastor de uma igreja de mil membros lá. A sogra dele é dirigente de oração e a mãe dele líder da CIBER (grupo de mulheres), e de vez em quando ele liga querendo me arrastar para lá. O nome dele é Pedrinho, aquele grandão, maior do que o Carlinhos da Solange.

Anexo 4: Panfletos de Projetos Sociais Evangélicos

**PANFLETOS DE PROJETOS SOCIAIS LIGADOS A IGREJAS EVANGÉLICAS
PENTECOSTAIS PERIFÉRICAS**

1. Projeto Social Mão no Arado

**PROJETO SOCIAL
MÃO NO ARADO**

LUCAS PMA

ACEITAMOS DOAÇÕES

f TERRA PMA

RUA JOÃO GRAVE, 21 - CAPIVARI

(21) 2773-9594 / (21) 99573-9858

FRENTE

PROJETO SOCIAL MÃO NO ARADO

LUCAS PMA

NÓS DO PROJETO, PRECISAMOS MUITO DO SEU APOIO PARA MUDAR A HISTÓRIA DE FAMÍLIAS DESTRUIDAS PELAS DROGAS E BEBIDAS. TODA A SUA CONTRIBUIÇÃO É REVERTIDA EM ALIMENTOS E LEVADOS NAS CRACOLANDIA E COMUNIDADES, RESGATANDO PESSOAS QUE PRECISAM DA NOSSA AJUDA. MESMO UMA PEQUENA QUANTIA FARÁ UMA GRANDE DIFEREÇA

ACEITAMOS DOAÇÕES

DIREÇÃO: Pz. Arlindo Gonçalves e Missionária Alexandra
VICE PRESIDENTE: Obreiro Eduardo
PASTOR: Edvaldo

f TERRA PMA

RUA JOÃO GRAVE, 21 - CAPIVARI

(21) 2773-9594 / (21) 99573-9858

VERSO

2. Instituto Deus Onipotente

INSTITUTO DEUS ONIPOTENTE

CNPJ:20874292/0001-07

“Uma visão de Transformação”

Sede: Rua Aratangi nº 454, Bairro - Coelho Neto - Rj

Tel: (21) 2471-4806

Filial: Rua Arruda nº 02, Alecrim - São Pedro D' Aldeia

Tel: (22) 99979-8676 / 99234-4021

Direção: Pr. Vlamir G. Amaral

Se você tem problemas
com álcool, drogas,
ou em sua família
existe alguém
com este problema.



Deus faz que o solitário

Nós podemos te ajudar.



Ajude-nos a transformar vidas **VIVA EM FAMÍLIA**

SEJA UM COLABORADOR DESTA OBRA
DEPOSITANDO MENSALMENTE O VALOR DE
R\$ 10,00 / R\$ 20,00 / R\$ 30,00 OU R\$ 50,00

BANCO ITAÚ AG:0402 / CONTA 32579-9